A close-up, high-angle photograph of a woman's lips. The lips are coated in a vibrant, glossy magenta lipstick. A matching lipstick tube is positioned diagonally across the lower right of the frame, with its tip resting on the lower lip. The background is dark and out of focus.

Uma história
de fantasmas
que mistura
mistério,
desejo e
obsessão

POSSESSÕES

SARA FLANNERY MURPHY

 Harper
Collins

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

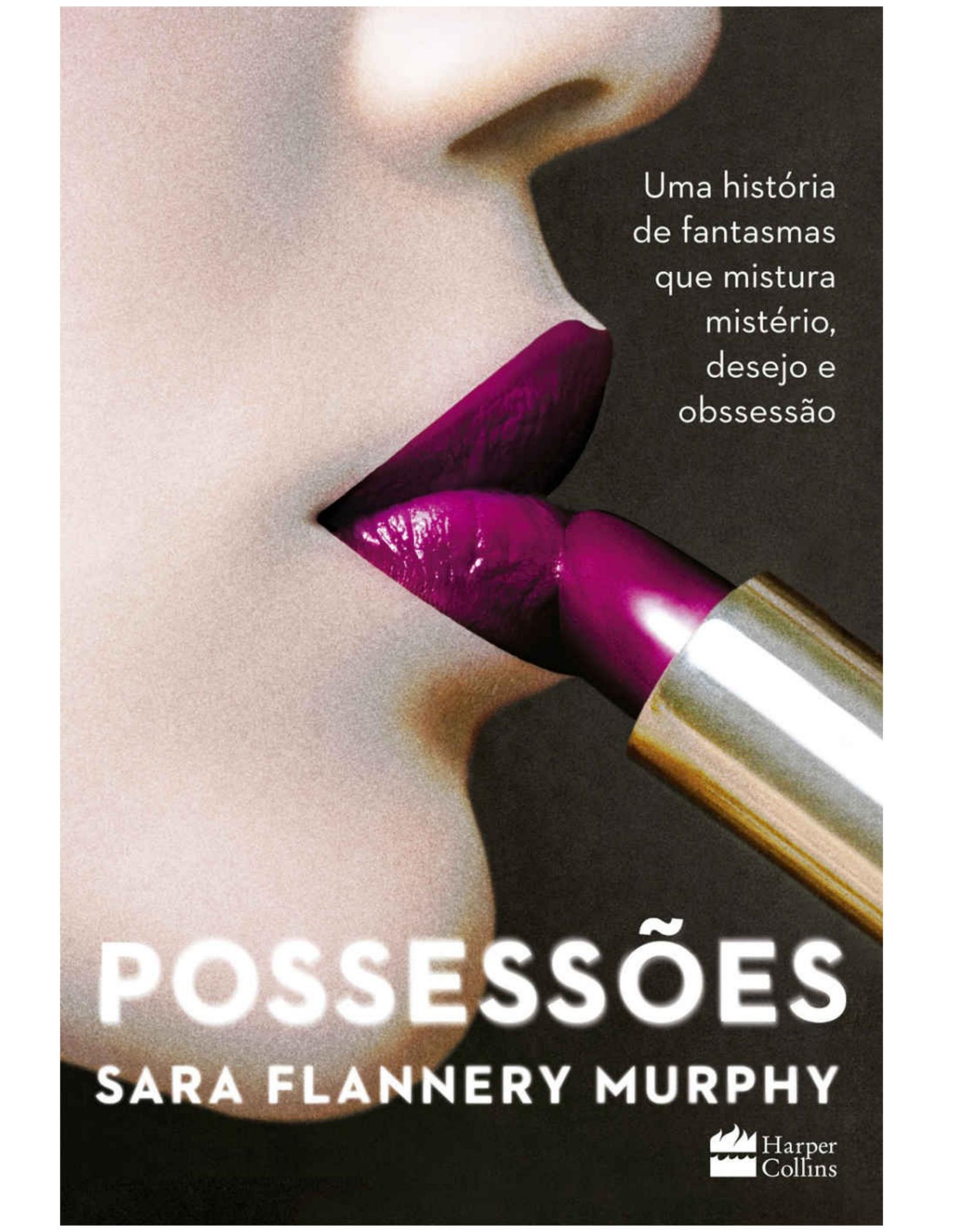
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Uma história
de fantasmas
que mistura
mistério,
desejo e
obsessão

POSSESSÕES

SARA FLANNERY MURPHY

 Harper
Collins

SARAH FLANNERY MURPHY

POSSESSÕES

Tradução de
Paula Cremasco



Rio de Janeiro, 2017

Título original: The Possessions

Copyright © 2017 by Sara Flannery Murphy

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3175-3940

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M96p

Murphy, Sara Flannery

Possessões / Sara Flannery Murphy; tradução Paula Cremasco. – 1. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

Tradução de: The possessions

ISBN 9788595081895

1. Ficção americana. I. Cremasco, Paula. II. Título.

17-42711

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

CAPÍTULO 1	
CAPÍTULO 2	
CAPÍTULO 3	
CAPÍTULO 4	
CAPÍTULO 5	
CAPÍTULO 6	
CAPÍTULO 7	
CAPÍTULO 8	
CAPÍTULO 9	
CAPÍTULO 10	
CAPÍTULO 11	
CAPÍTULO 12	
CAPÍTULO 13	
CAPÍTULO 14	
CAPÍTULO 15	
CAPÍTULO 16	
CAPÍTULO 17	
CAPÍTULO 18	
CAPÍTULO 19	
CAPÍTULO 20	
CAPÍTULO 21	
CAPÍTULO 22	
CAPÍTULO 23	
CAPÍTULO 24	
CAPÍTULO 25	
CAPÍTULO 26	
CAPÍTULO 27	
CAPÍTULO 28	
CAPÍTULO 29	
CAPÍTULO 30	
CAPÍTULO 31	
CAPÍTULO 32	
CAPÍTULO 33	
CAPÍTULO 34	
CAPÍTULO 35	
CAPÍTULO 36	
CAPÍTULO 37	
CAPÍTULO 38	
CAPÍTULO 39	
CAPÍTULO 40	
CAPÍTULO 41	

CAPÍTULO 42
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

Para Ryan, que me vê

Certamente são os meus lábios que recebem o beijo... Ainda assim, como pode ser? É um sentimento terrível, perder o controle da identidade. Desejo estender uma dessas mãos largadas tão impotentes, e tocar alguém apenas para saber se sou eu mesma ou apenas um sonho.

– ELIZABETH D'ESPÉRANCE, *NO PAÍS DAS SOMBRAS*



NA PRIMEIRA VEZ em que encontro Patrick Braddock, estou usando o batom da sua esposa. A cor não combina comigo. Um vinho profundo, quase roxo, o tipo de tom vivo que mulheres atraentes usam para provar que podem escapar de qualquer enrascada. Em descompasso com as minhas características bastante comuns, o batom é tão gritante quanto uma mancha de sangue. Sinto-me como uma criança malcomportada experimentando a maquiagem da mãe.

Ao observar as fotos de Sylvia Braddock espalhadas pelo chão do meu quarto, noto que o batom combina perfeitamente com ela.

A maioria dos meus clientes costuma enviar apenas um apanhado de imagens: fotos 3x4 do anuário, retratos tirados em estúdios em cenários amorfos feitos de tecido. Prefiro as fotos espontâneas incluídas tardiamente. Imagens comuns e meigas, com molduras inclinadas, pupilas vermelhas, mal iluminadas. Não há lugar para se esconder em fotos espontâneas. Presto atenção no tanto de bagunça no chão de uma sala de estar, na inquietante distância entre marido e mulher quando eles não se dão conta de que alguém pode estar observando, e logo acabo sabendo tudo o que preciso a respeito da vida desses desconhecidos.

O sr. Braddock enviou várias fotos, o suficiente para fazer um panorama completo dos seus seis anos casado com Sylvia. O dia da cerimônia de casamento, praias ensolaradas, marcos espalhados pelos continentes; eventos de trabalho exibindo sorrisos cautelosos, festas com risos desfocados. Ninguém é mais presente na cronologia da vida de Sylvia do que seu marido. No trabalho que faço, ordeno o mundo em padrões com a eficaz indiferença de uma máquina — e o padrão do casal Braddock é simples. Eles são apaixonados. Um amor vistoso, que chama a atenção sem necessariamente se dar conta disso.

Sylvia estava usando esse tom de batom em uma única foto. Chequei repetidas vezes, surpresa pela ausência nas outras imagens. Na foto, ela está nua. Deitada em uma cama, sem sorrir, apoiada nos cotovelos. Contrastando com o roxo da colcha, seu corpo é tão pálido que parece ser iluminado por dentro. Certos detalhes destacam-se com alarmante clareza. Suas auréolas precisamente delineadas como as bochechas pintadas de uma boneca. Seu quadril saliente e inquieto como um origami. O batom.

Chego cedo ao trabalho antes do nosso encontro, ainda sentindo o calor do metrô nas mãos. O sr. Braddock é o meu primeiro cliente do dia. Ele havia agendado sua visita em uma quinta-feira. Estamos no meio de março, período no qual a Elysian Society tradicionalmente diminui o rendimento. Sem feriados sentimentais, sem o desabrochar de flores ou primeiros flocos de neve para exprimir culpa ou nostalgia. Apenas a constante calmaria do final de inverno.

Ao abrir a porta examino o quarto número 12 com um olhar clínico. As suítes da Elysian Society têm um toque familiar sem parecer exatamente com a casa de alguém. Piso de madeira; uma pintura emoldurada de vitórias-régias boiando em água cor de pérola reluzente. Duas cadeiras sem braço e de espaldar baixo, uma de frente para a outra, no centro do cômodo.

Qualquer coisa capaz de inquietar essa sensação está escondida em plena vista. Por exemplo: o comprimido pequeno dentro de um copo descartável amassado, assim como outro copo descartável, maior e com água em temperatura ambiente, ambos colocados sobre a mesa de canto. Eles indicam a cadeira na qual sentarei.

Lá fora a neve tardia da estação se acumula nos meios-fios em uma crosta reluzente. O ar dentro da Elysian Society fica em torno dos 18°C. Estou descalça. Meu uniforme de trabalho é um vestido branco

tão fino que minha pele mal registra seu toque. Eu me mantenho estável, suprimindo a necessidade de estremecer de frio.

A porta se abre antes que eu possa reagir. Viro-me, pensando que o sr. Braddock já está chegando. Após memorizar o seu rosto a partir das fotografias, estou curiosa para vê-lo pessoalmente.

Então Jane para na entrada da sala.

— Está tudo bem, Eurydice?

— Claro — afirmo. — Entre.

Devido ao cargo de atendente, Jane tem o luxo de vestir roupas mais quentes do que os corpos. De modo inquietante, ela parece mundana no seu cardigã de algodão manchado, como alguém se intrometendo em um sonho.

— O batom — ela adverte ao esboçar um traço rápido ao redor da boca. — Está meio irregular.

— Não percebi. — Hesito, e então ergo o batom. — Você se importa?

O toque do batom nos meus lábios faz uma pressão delicada e íntima. A ponta está gasta pelo uso. Há um gosto suave que persiste sob a doçura medicinal. Amargo e humano. Eu penso na saliva e partículas de pele que devem estar em sua superfície.

O enjoo trava minha mandíbula.

— Já trabalhou com esse cliente antes? — Jane questiona.

— Primeira vez — respondo. O enjoo passa tão rápido quanto começou. — Ele enviou o batom antes da hora.

Jane fica em silêncio. Ambas sabemos que o ocorrido contraria a rotina. A maioria dos clientes trazem os pertences dos que amam pessoalmente, cedendo-os pelo período de atendimento. O fato de o sr. Braddock ter entregue o batom da esposa a uma completa estranha dá a impressão de confiança ou de descuido incomuns.

— É uma cor e tanto. — Jane tampa o batom. — Namorada? Amante?

— Esposa — asseguro.

— Segunda ou terceira?

— Primeira — digo. — Estavam casados há seis anos.

— Quem diria — reprova Jane, como se suspeitasse que eu estivesse mentindo. — Eu nunca teria chutado primeira esposa. Isso é um batom de crise da meia-idade, se quer saber minha opinião.

Não respondo.

— De qualquer forma, agora você está bem melhor — afirma Jane. — Vou mandá-lo entrar.

No momento em que ela fecha a porta, sinto-me esvaziar. Desde que fui admitida na Elysian Society, minhas emoções evoluíram. Foram de rústicas para finamente sintonizadas. Prontas para adentrar o nulo. O que costumava ser um esforço, agora é um mero reflexo.

A batida na porta é inicialmente suave, quase baixa demais para identificar. Conforme atravesso a sala, a segunda batida é mais firme e segura. Abro a porta.

A maioria dos meus clientes são diferentes pessoalmente do que em fotos, causando desapontamento ora com a pessoa ora com o registro fotográfico. Em meus pensamentos suspeitei que o sr. Braddock seria diferente em carne e osso. Nas fotos, sua boa aparência tem a qualidade de um astro do cinema ou de um jovem político. Um carisma muito refinado para ser real além de uma imagem estática.

Porém, ele é exatamente o mesmo. Eu o reconheceria em qualquer lugar. A única diferença é que o sr. Braddock parece ser estranhamente mais baixo ali de pé na minha frente. Talvez por conta do cansaço evidente em suas profundas olheiras, ou por estar com a barba por fazer. Uma marca vermelha se sobressai no seu maxilar, como se fosse de um beijo. Ou então talvez seja a ausência de Sylvia ao seu lado que o retraia, cortando-o perfeitamente pela metade.

— Estou no lugar certo? — questiona. — Quarto 12. Ela disse que você estaria esperando.

— Você está no lugar certo, sr. Braddock — afirmo.

Após fechar a porta atrás dele, percebo que ele se dirigiu ao centro do cômodo. Ele para em frente a uma pintura com os dedos entrelaçados em suas costas, com a postura de atenção criteriosa de um homem que visita um museu.

Recuo, permitindo a meu cliente seu último momento de normalidade antes que todo o seu mundo mude. O primeiro atendimento é sempre delicado, uma dança astuta que deve ocultar toda sua astúcia. Faz parte do meu trabalho sentir o temperamento dos clientes sem que eles se deem conta. Alguns fingem que é tudo uma piada; alguns ficam mais desconfiados, hostis, como se esperassem que um vulto se revelasse por trás da cortina; outros são dolorosamente honestos, desejando que tudo se dê tranquilamente. Porém, antes de tudo, todos eles, todos mesmo, ficam aterrorizados.

O sr. Braddock aponta em direção à pintura.

— Monet?

— Acredito que seja de um artista anônimo. — Gesticulo em direção à cadeira. — Por favor.

Assim que nos acomodamos, os olhos do sr. Braddock fixam-se em meus lábios escurecidos com o batom da sua esposa.

— Poderia me dizer quem espera contatar hoje, sr. Braddock?

O tempo já está rolando. Ele agendou um horário convencional. Meia hora, conduzida de forma precisa e comedida, tal qual ministrar um medicamento.

— Minha esposa — ele diz e recosta. — Minha esposa — repete, um tanto espantado. Ele olha fixamente à frente, como se as palavras estivessem suspensas entre nós.

— Você tem alguma mensagem especial para ela?

— Não tenho certeza. — Ele senta mais na beirada da cadeira. — Deveria ter?

— Alguns clientes acreditam ter uma experiência melhor se estiverem preparados com uma mensagem. Mas a decisão é sua, sr. Braddock.

— Eu quero falar com ela novamente. Da forma como costumávamos falar antes que ela...

Permito que a parte suprimida da sua afirmação paire no ar antes de eu prosseguir:

— Gostaria que você compartilhasse comigo uma memória. Uma memória sobre Sylvia. — Ele se contrai instintivamente à menção do nome dela, como se eu tivesse acabado de proferir uma ofensa. — Seria melhor que você contasse uma memória o mais recente possível. Sei que isso deve ser doloroso — acrescento ao ver que o sr. Braddock enterrou o rosto entre as mãos.

Porém, quando ele olha para cima seus olhos estão tão secos e transparentes quanto cacos de vidro.

— Estávamos em um lago — começa ele. — Lago Madeleine, fora da cidade. Foi a nossa primeira visita ao local. Sugestão da Sylvia. Havia janelas enormes nas salas de estar dos chalés. Me senti como um peixe em um aquário, atento a tudo. Ou talvez todos estivessem olhando na minha direção. Para nós. — Ele pausa. — Exagerei?

— De forma alguma, sr. Braddock — asseguro. — Detalhes são de grande ajuda.

Ouçõ sem interrompê-lo enquanto fala. A maior parte dos meus clientes são precipitados e hesitantes, reconstituindo memórias com a franqueza desajeitada de crianças que tentam lembrar-se de um sonho. Mas o sr. Braddock fala sobre o último final de semana partilhado com a esposa como se o evento estivesse passando em uma televisão à sua frente.

Quando ele termina de falar, o silêncio se dissipa como se fosse neblina. Coloco o comprimido na palma da mão. Entre nós, os corpos, nos referimos aos comprimidos como flores de lótus, um apelido estabelecido antes de eu começar. Não há um nome oficial para as cápsulas, que não tem gravação ou

marca alguma nas suas superfícies poeirentas, então o apelido se encaixa tão bem quanto qualquer outra designação.

Estico minha mão livre em direção ao copo d'água.

— Podemos dar início, sr. Braddock?

— Espere.

Paro de me mover. Sinto a frieza da borda encerada do copo contra meus lábios.

— O que estamos prestes a fazer... não vai machucar você, certo?

Nenhum dos meus clientes me fez essa pergunta antes.

— O processo é completamente seguro, sr. Braddock.

— Tudo bem. — Ele ergue uma das mãos na minha direção. — Apenas quis me certificar. Por favor.

Prossiga.

Coloco a flor de lótus entre os lábios e engulo. A sensação agora é tão familiar para mim quanto inspirar ou adormecer. Um entorpecimento se espalha pelo corpo, o sangue circula mais lentamente. As pálpebras ficam pesadas. O corpo se reestrutura para abrir um novo espaço, meu nível de consciência oscila como pássaros receosos que percebem uma presença desconhecida.

O sr. Braddock se aproxima, seu joelho pressionando com firmeza o meu. Ele deve ter notado seu erro, afastando-se quase na mesma velocidade em que registro o toque. Porém, quando o joelho dele encontra o meu, que estava descoberto, sinto sua rótula através do tecido e um calor breve, vibrante. Sou puxada para dentro do meu corpo, todo o trabalho feito para me tornar outra pessoa sendo desdobrado.

Ele recua no meu campo de visão, movendo-se para trás tão rápido que não consigo alcançá-lo. Abro meus olhos para alertá-lo, mas é tarde demais.

Já não estou mais ali.

ABRO OS OLHOS. Por um momento vacilante, meus membros não estão no lugar certo. Então me restabeleço em meu corpo como poeira se reassentando em uma superfície após ser espanada. As palmas das mãos e as solas dos pés pinicam, encaro o quarto 12 como se nunca o tivesse visto antes: a água cintilante na pintura, os copos descartáveis vazios.

Arrebatada por um senso de urgência, olho para a cadeira à minha frente. Patrick inclina-se como se quisesse levantar. As mãos pressionadas entre os joelhos, o maxilar tensionado, toda sua figura retesada. Quando nossos olhares se cruzam o rosto dele se ilumina com uma esperança que começa a se esvaír novamente em questão de instantes.

— Sr. Braddock — digo.

Patrick expira abruptamente e volta a recostar-se na cadeira, relaxando a postura. Acena uma vez com a cabeça, como se tivéssemos decidido algo. Quando se põe de pé, inclino minha cabeça para absorver seus detalhes: a altura, o brilho de seus olhos retraídos visível por entre os cílios.

— Agradeço — diz Patrick. Ele é calmo. Cortês.

Há perguntas que devo fazer a ele. Tenho uma lista para seguir de modo a facilitar a transição entre as identidades de um e outro, certificando-o de que sou novamente uma desconhecida. Porém, algo me impede. Levanto-me sem dizer nada e caminho para abrir a porta, ficando ao lado para dar passagem a Patrick. Nossos olhares se encontram enquanto ele anda pelo corredor. É impossível ler seu olhar, propositalmente inacessível a mim. Ignoro o instinto de segui-lo.

SYLVIA BRADDOCK MORREU há pouco menos de 18 meses.

Ela deu seu último suspiro em algum momento entre o último dia de agosto e o primeiro de setembro. A viagem do casal ao lago havia sido ideia sua, um breve retiro antes do final do verão. O lago Madeleine fica a uma hora da cidade: um corpo d'água espalhado por cerca de 3.500 hectares, margeado por uma floresta coberta de vegetação densa. Ao longo do perímetro sinuoso do lago, espíritos audaciosos conquistaram nichos de civilização com o passar das décadas. O resort é, na sua essência, rústico, evocando cenários nostálgicos de acampamentos de verão, chalés antiquados de família sendo passados de pai para filho, porém ajustados a uma ótica de luxo.

O resultado final é uma atmosfera asfixiante demais para atrair uma clientela mais sofisticada, e cara demais para turistas com manchas brancas de protetor solar. Sylvia tinha ouvido dizer que os chalés ofereciam aos moradores da cidade uma chance de fugir do cotidiano, porém sem ir muito longe. Inspirar uma dose ponderada de ar fresco, absorver a natureza e a solidão para só então retornar à vida normal.

Logo após os Braddock terem chegado ao lago Madeleine naquele mês de agosto, reconheceram o casal do chalé ao lado. Um colega de Patrick, casado com uma amiga da família. Uma das muitas uniões de sucesso que se deram por influência de Sylvia no seu círculo de conhecidos. Ela logo sugeriu a ideia de os quatro passarem algum tempo juntos, incluindo o outro casal nos planos dos Braddock com tremenda naturalidade, como se ela já esperasse encontrá-los. Patrick não conseguiu encontrar uma forma educada de protesto, apesar de saber que Sylvia se comportaria como anfitriã. Extrovertida e deslumbrante, naquele momento estava pouco inclinada às intimidades referentes ao seu papel de esposa.

No sábado à noite, Patrick estava esgotado: exausto de conversas casuais, do brilho intenso dos raios de sol, da noite anterior regada a bebidas, cercados por lanternas que produziam um manto ácido de citronela. Ele inventou desculpas enquanto Sylvia aventurava-se na cidade mais próxima com os amigos.

Ela voltou do jantar mais tarde do que Patrick esperava, com hálito cheirando a vinho. Ele tentou convencê-la a deitar na cama; porém o álcool deixara Sylvia irritável. Na última vez em que a viu ela estava sentada na beirada da cama para tirar os sapatos. Cabeça inclinada. O cabelo escuro cobria o rosto e deixava à mostra parte da sua nuca graciosa.

Na manhã seguinte, ela não estava mais lá. Patrick esperou. Seus calçados ficaram do lado de fora do quarto. Sandálias de salto agulha, perfeitamente alinhadas, como se a qualquer momento ela fosse calçá-las. Sua toalha estava úmida e embolada desde o banho da noite anterior, cheirando a xampu. Quando Patrick ligou para a esposa, o celular vibrou vigorosamente no parapeito da janela.

Já passava do meio-dia quando a tênue impaciência e preocupação de Patrick se transformaram em medo. Sylvia havia acordado antes de o sol nascer na manhã anterior para nadar um pouco nas águas rasas próximas à margem. Ela havia voltado a tempo de tomar café da manhã.

Naquela tarde, ele caminhou o perímetro do lago. Quando retornou três horas depois, com a pele irritada das picadas de pernilongo e arranhões pronunciados, seus amigos o esperavam. Eles pareciam vacilantes em cruzar olhares com Patrick enquanto discutiam quais seriam as próximas medidas. Alarmado com a ausência do contato visual deles, Patrick parou de ver sentido nessas tentativas, um hiato temporário entre o não saber e o saber.

Metade de um dia se passou até recuperarem o corpo de Sylvia. Durante esse tempo, Patrick se tornou alguém a ser protegido e distraído, em companhia do delegado local. O delegado e sua esposa acompanhavam uma novela, e ele explicava pacientemente a Patrick a confusa trama do episódio anterior: uma mulher que coagiu sua gêmea idêntica a assumir uma vida que ela não queria, apenas para invejar a inesperada felicidade da irmã.

— A grama do vizinho é sempre mais verde — entou o delegado. Patrick balançou a cabeça repetidas vezes em concordância, enquanto imaginava sua esposa sendo puxada das profundezas do lago como uma bandeira de rendição.

Mais tarde ele veio a descobrir que o corpo de Sylvia havia sido recuperado em meio às algas do centro do lago. Foi considerado um afogamento acidental — uma nadadora amadora sem muita habilidade, que arriscou ir longe demais. Provavelmente, disseram a Patrick, ela devia estar perdida em pensamentos, incerta das suas habilidades na água, até ser tarde demais.

SOU ARREMESSADA DE volta à lucidez tal qual um peixe com o anzol preso na boca. Imediatamente reconheço os sinais de um sono longo e sem sonhos: minha garganta queima e meus cabelos estão grudentos de suor.

Ainda deitada na cama, permito que o dia anterior volte à minha memória em partes. A horda de clientes que atendi depois de Patrick, seus tiques e maneirismos. O sr. Sawyer passando delicadamente o lenço abaixo de cada olho. O sr. Kent com as mãos uma na outra, palma com palma, no colo. Uma estranha pose de adoração.

Fui embora da Elysian Society tarde ontem. Como de costume, fui a última a sair. O pôr do sol se fez em uma camada quente que parecia derreter na parte inferior do céu. Passei pelos pontos conhecidos entre a Elysian Society e meu apartamento. Uma mercearia de esquina, sempre reluzente com certa fluorescência úmida, como uma estufa. Um *outdoor* exibindo um novo anúncio que descasca em tiras e deixa entrever um sorriso branco. Durante o trajeto de carro, um apresentador de programa de rádio falava, em um tom que misturava animação e melancolia, sobre um corpo descoberto próximo a uma subdivisão cruzando a cidade. Permito que os detalhes me fisguem, buscando um ponto pacífico nessa situação desconfortante, apesar de banal. *Sem sinais de combate. Lesões produzidas por golpe contundente. Caso alguém tenha mais informações, por favor, apresente-se...*

Minhas memórias ficam mais turvas ao tentar lembrar o que aconteceu depois de chegar em casa. Lembro-me de ir deitar mais cedo do que costumo. Às seis da tarde, ou mais cedo. Devo ter adormecido. Agora o relógio me mostra que devo ter dormido por 14 horas completas.

Relutante, levanto e vou para o banheiro. Meu corpo está rígido e desconjuntado. Cada centímetro da minha pele está sensível tal qual um machucado exposto sem atadura. Em algum lugar no saguão, um vizinho toca música. O baixo ecoa pesado, o batimento de um coração gigante. Dentro desse apartamento estou cercada pelos vícios das outras pessoas. Gemidos teatrais durante o sexo, fumaça de cigarro, discussões indesejáveis, a batida enérgica dos programas de televisão; eles permeiam meu apartamento o tempo todo.

No banheiro, abro a torneira. O chuveirinho estremece antes de liberar um jato irregular de água. Nos cantos da boca percebo um gosto diferente. Água do lago. Parada e sedimentar, como o ar em um dia quente antes de a chuva começar.

Tomo distância da beirada da banheira. No espelho acima da pia meu reflexo contra o cenário do banheiro parece errado. Levo um tempo para entender o motivo. O batom de Sylvia ainda está nos meus lábios, tornando-os menores e mais proeminentes ao mesmo tempo.

Esfrego minha boca com as costas da mão. Não sai. Tento novamente, com mais intensidade. Enquanto a água faz barulho atrás de mim, pego um pedaço de papel higiênico e esfrego os lábios, com força, até a pele arder como se fosse um arranhão. Há uma camada brilhosa e chocante de cor no papel.

Jogo o papel manchado no vaso. Ele desabrocha lentamente antes de eu dar a descarga.

O CASAL BRADDOCK está espalhado por todo meu quarto, e o rosto de Sylvia abandonado pelas tábuas do assoalho. Me abaixo para pegar as fotos, depois sento na beirada da cama para dar uma olhada nelas. Dessa vez com mais calma, com uma paciência metódica. Quero ver e entender cada imagem por si só. Sinto-me má ao desejar que os Braddock repentinamente tenham mudado. Desejo então que fossem mais típicos, sem tanto brilho, para que me revelassem ser pessoas não mais notáveis que qualquer um dos meus outros clientes.

Mas o padrão reaparece, com sua frustrante consistência. São apaixonados. Encantados por suas próprias vidas. Paro na fotografia do casamento. Sylvia olha direto para a câmera, o véu colocado para trás, em um arranjo translúcido, descendo pela sua testa em forma de V e dando destaque ao rosto em formato de coração. Patrick está ao lado da noiva. A formalidade da pose dos dois realça a ternura do olhar vagante dele, como se não conseguisse resistir à atração da beleza de Sylvia. Como se não pudesse acreditar que ela estava ali sem antes ter provas concretas.

Hesito antes de chegar à última foto da pilha. Aquela da cama. Enquanto as outras estão perfeitamente alinhadas, retangulares e em tamanho uniforme, essa transgride o padrão. Um contorno quadrado. A borda branca da polaroide lhe dá a importância de uma relíquia: fugaz e formal ao mesmo tempo.

A diferença também está na imagem em si. A discrepância entre aquela noiva vivaz e essa mulher nua é arrebatadora. Sylvia não parece envelhecer com o passar das fotografias. O cabelo negro sempre abaixo das omoplatas e o estilo sofisticado ficam inalterados. Porém, a mulher com batom escuro está despida e exposta de uma forma que não combina em nada com seu corpo. Está tudo na expressão dela: retidão. Agressividade.

Minha mente é inundada por algo proveniente de uma antiga ilustração médica. A pele de Sylvia dobrada para trás como uma cortina para revelar seu interior, órgãos rosados e carnudos e músculos retraídos. Acima disso, ela sorri, despreocupada, me desafiando a olhar.

A nudez é proibida na Elysian Society. Já passaram pelas minhas mãos inúmeras imagens assim durante os anos e eu as considero sobretudo inofensivas. Coxas brancas com veias aparentes e seios fartos, comuns como objetos domésticos. Apesar disso, sempre reporte as fotos, me recusando a trabalhar com os clientes. As pessoas podem se precipitar em testar os limites na Elysian Society ao notar fragilidades e brechas nas regras. Qualquer infração nos estágios iniciais é um risco. E eu sei disso.

Lembro-me da pressão do joelho de Patrick contra o meu. O senso de urgência do seu corpo. Calor se espalha pela minha espinha.

Levanto-me da cama. As fotos são despejadas outra vez ao chão em uma pressa escorregadia, e meu salto cobre o sorriso do dia de casamento de Sylvia enquanto ando pelo quarto para me arrumar para o trabalho.

A ELYSIAN SOCIETY localiza-se no limbo de um bairro. A região tem a fama de ser toleravelmente perigosa, os crimes sendo mais insinuados do que de fato vistos. As ruas são preenchidas por casas abandonadas e prédios condenados. Cobertas por tábuas de madeiras, as janelas pintadas na mesma tonalidade do que as paredes de tijolos dão um ar inexpressivo ao conjunto. Naturalmente, o bairro

oferece à Elysian Society privacidade. Aqui nossos clientes tem pouca possibilidade de encontrar alguém conhecido.

Muitas décadas atrás, o prédio que abriga a Elysian Society deve ter pertencido a uma família abastada. Na parte exterior, os tijolos brancos e as janelas fechadas dão a exata impressão que os clientes desejam quando vêm a um lugar assim. Elegante, mas não fúnebre; antigo e estabelecido, porém alheio a escândalos ou bruxaria. De certo ângulo, poderia até ser encarado como uma igreja ou museu.

Os horários de atendimento são cuidadosamente encadeados, cada cliente é enviado a um quarto assim que chega. Cada cliente deve sentir como se estivesse entrando em um ambiente privativo. A sala de espera da Elysian Society não é para eles; é o espaço no qual os corpos se reúnem entre encontros. Diferente das suítes para atendimento, a sala de espera guarda os sinais do passar dos anos. Manchas de infiltração adornam o teto, o carpete está solto sobre as tábuas envelhecidas do assoalho e com alguns pedaços mais afundados que os outros. Sofás ocupam o espaço em frente à televisão, que passa vídeos chuviscados com paisagens aleatórias acompanhadas de um fundo musical relaxante. Uma distração agradável, sem palavras.

Nesta manhã de sexta-feira eu chego cedo o suficiente para encontrar a sala de espera praticamente vazia. Uma ruiva vê televisão com desinteresse. Um rapaz com as maçãs do rosto marcadas esconde um bocejo com a mão, seus olhos vítreos como os de uma boneca devido aos efeitos prolongados de uma flor de lótus. Vejo também uma mulher mais velha e grisalha com o rosto suavemente enrugado, como se a pele dela tivesse sido toda dobrada e depois esticada novamente.

— Edie.

Viro-me. Leander se aproxima, sorrindo. Alguns corpos usam o uniforme claro e liso da Elysian Society de forma tão rígida ou desconfortável que realçam sua estranheza do uniforme até que ele seja tudo o que se destaca. Corpos como Lee complementam a simplicidade do uniforme: seus olhos verdes, grandes e profundos, seu rosto imberbe. As calças brancas, a camisa confortável e até mesmo os pés pálidos e descalços parecem uma extensão da sua beleza jovial.

— Soube que você está sendo requisitada — diz Lee.

Meneio a cabeça de leve. Faz dois anos agora que Lee é um corpo, um recorde que aos poucos se aproxima do meu. A simpatia que desenvolvemos um pelo outro deve-se em maior parte à paciência dele. A primeira vez em que eu instintivamente sorri de volta a Lee, a primeira vez em que me senti grata por ver um rosto familiar na sala de espera, foi quase como se ele tivesse pregado uma peça.

— A sra. Renard precisa falar com você — esclarece. — Quando tiver tempo.

— Sabe do que se trata? — questiono.

— Sou apenas o mensageiro. — Lee está distraído. Seus olhos passeiam pelo meu rosto. — Há algo de diferente em você hoje — acrescenta. — Você cortou os cabelos?

Coloco a mão nos fios. Loiros, ásperos e propensos a ressecamento. Presos em um coque simples junto à nuca. Eu mesma corto o meu cabelo, passando a tesoura sem rodeios na altura dos ombros, uma vez ao ano. No momento, ele já atingiu seu maior comprimento.

Minha mente vagueia para o cabelo de Sylvia nas fotografias. Preto azulado como as asas de um corvo, cintilante como óleo no asfalto. Imagino sua textura. Sedoso e macio. Como um veludo nos dedos.

— Devo estar parecendo cansada. — Abaixo a mão rapidamente. — Não tenho dormido bem.

— Não, não, você parece bem — diz Lee. — Estou imaginando coisas, me desculpe.

— Deve ser reflexo da luz — sugiro.

Lee sorri.

— Seja o que for, não foi uma mudança ruim.

A voz dele sustenta um tom convincente sob seu discurso. Eu espelho o seu sorriso.

— É melhor eu ir lá para ver o que ela quer — digo.

Andando pelo saguão inferior que interliga os escritórios, tento dissipar o arrependimento que sinto sempre que não consigo corresponder ao afeto de Lee. Ele faz parecer tão fácil. Um pequeno detalhe dito sobre a vida dele, seguido de vários momentos de silêncio. Nessas situações me sinto grata pelas desculpas que posso dar em função da Elysian Society. Transformo minha reserva em virtude.

A porta do escritório da sra. Renard está entreaberta, um feixe de luz bate na borda da superfície de carvalho. Eu bato.

— Entre — chama a sra. Renard.

Ela está sentada atrás da mesa, cotovelos separados e as mãos apertadas uma na outra. Colocou vários suportes para lenços na beirada da mesa para que os lenços ficassem posicionados verticalmente. Eles parecem algum tipo de fumaça estática. O cômodo inteiro está repleto de livros, alguns tão velhos que descamam feito cobras. Os livros, tal qual o abajur com contas brilhantes, foram posicionados ali em benefício da clientela mais supersticiosa. A cruz de estanho em uma das paredes conforta clientes que chegam aqui vindos de serviços de igreja, confessionários. Caso contrário o escritório poderia muito bem pertencer a uma terapeuta de luxo.

— Eurydice — diz a sra. Renard. — Obrigada por vir me encontrar.

Eu hesito próximo a porta, ciente de uma terceira presença na sala. Em um primeiro momento pensei ser uma cliente, mas logo vi que estava usando um vestido branco igual ao meu.

— Essa é Pandora — prossegue a sra. Renard, acompanhando meu olhar. — Ela acabou de se juntar a nós. Estava lhe contando que há um cliente interessado em trabalhar com ela. Você vai gostar do sr. Womack — acrescenta, agora se dirigindo a Pandora. — Ele perdeu a esposa cinco anos atrás. Eles foram casados por muito tempo antes de ela partir. A moça estava na faixa dos trinta anos. Uma perda terrível. Muito inesperada.

— Suicídio? — indaga Pandora.

— Um AVC — emenda a sra. Renard. — Não trabalhamos com suicídios aqui na Elysian Society.

— A senhora precisava falar comigo, sra. Renard? — pergunto.

— Claro — diz ela. — Pandora, acredito que precisaremos de privacidade.

Quando Pandora passa por mim, ela olha na minha direção e sorri. Devolvo o sorriso com um segundo de atraso, um reflexo que me deixa alarmada.

Quando ficamos a sós, a sra. Renard suspira.

— Bem, Eurydice... Já faz um tempo desde que nos sentamos para uma boa conversa, não é mesmo? — A voz dela ecoa um tom surpreso. — Você parece estar muito bem.

— Você também. — Não consigo deixar de notar que ela está diferente. O cabelo tingido de bordô mostra a raiz grisalha, como poeira acumulada em uma toalha clara, e as rugas surgem mais profundas dos cantos dos olhos. Ela lembra a alguém que está se recuperando de um longo período de doença.

— Vou direto ao ponto, Eurydice — afirma ela. Levanto o queixo para demonstrar que estou atenta. — Você alcançou um marco importante. Gostaria deixar claro o quanto sou grata por isso. — Um sorriso generoso se abre.

A janela atrás da mesa da sra. Renard é uma das poucas no prédio que não foi encoberta por grossas camadas de cortinas. Aqui a luz do sol sempre parece mais escassa do que do lado de fora. A luz que passa através dos vidros da janela é brilhante e pura, enfeitada com partículas de poeira.

A sra. Renard reclina-se na cadeira.

— Já faz cinco anos, Eurydice. Cinco anos desde que você se sentou na minha frente e disse que gostaria de se tornar um corpo.

Conforme ela fala, eu recorro. A consciência desse aniversário já estava circundando minha mente há alguns meses. Até o momento havia guardado isso apenas para mim.

— Ainda me lembro desse dia com bastante clareza — continua a sra. Renard. — Você era uma mulher muito diferente naquela época. Uma garota, na verdade.

Cruzo as mãos na minha frente. Um leve tremor atravessa meus músculos e eu aperto os dedos com cada vez mais firmeza, como se pudesse anular essa reação através da força.

— Na última semana entrevistei seis moças que se encaixaram nesse mesmo perfil — acrescenta a sra. Renard. — Recém-chegadas na cidade. Desejando uma nova oportunidade. O que é notável a seu respeito é que você não só encontrou uma nova oportunidade aqui dentro. Você encontrou uma vida completa.

Meu eu passado paira no canto da sala, me observando e analisando. Medindo quais partes de mim mudaram. Quais partes continuaram as mesmas.

Se a sra. Renard notou meu desconforto, o ignorou.

— Quantos de seus colegas de trabalho podem dizer o mesmo? — questiona ela. — Você enxerga o verdadeiro potencial de ser um corpo. Entende coisas que alguns dos outros nunca entenderão: isso é um talento. Uma habilidade.

Meus músculos ficam menos tensos. A memória se dissolve e espalha. Dessa vez quando sorrio, pareço mais autêntica.

— Obrigada, sra. Renard.

— Claro, eu adoraria ver você passar mais tempo com os demais. Os outros corpos poderiam aprender algumas coisas com você.

A culpa se espalha por mim, deixando um rastro negro. O rosto de Patrick reluz na minha mente, seguido pelo de Sylvia; o batom, o joelho contra o meu.

— Fico honrada com o fato de você ter fé em mim — acrescento.

Ela se levanta, indo na minha direção, ao lado da porta. Estou tão habituada a ver a sra. Renard por trás da mesa que me espanto com a estatura dela, mais de um palmo mais baixa que eu. Seus dedos reluzem com um monte de anéis; ela veste uma bata toda elaborada, sobrepondo camadas de tecido. Percebo um pequeno hematoma meio escondido na sua gola, mesclas de tons escuros de tecido em contraste com a pele grossa devido à exposição ao sol. Então ela me envolve em um abraço.

Tento não ficar tensa, inundada por sua solidez e seu perfume doce e encorpado. Ninguém me toca há um bom tempo. Seu abraço é forte e seguro, quando ela me solta e dá um passo atrás eu perco o equilíbrio por um momento. Como se eu fosse flutuar para longe dali.

— Estou orgulhosa de você, Eurydice — a sra. Renard diz. Ela arruma a gola. A parte visível do hematoma desaparece. — Por favor, lembre-se de que pode sempre recorrer a mim. Em qualquer circunstância.

Sou uma exceção na Elysian Society. A maior parte dos corpos mal aguenta um ano. A maioria desiste após um mês. Alguns desaparecem depois de uma semana ou até mesmo um único dia. Sempre sem avisar. Nas minhas primeiras semanas eu mal me dirigia aos outros. Passava despercebida, aprendendo sobre o funcionamento do lugar como alguém jogado na água para aprender a nadar à força.

Após um mês eu já havia conquistado uma lista de clientes. Gostava da sensação de acalmá-los com as perguntas certas. Naquela época o meu sucesso não se devia a uma ética de trabalho impecável ou a um talento recém-descoberto. Fui simplesmente envolvida pelo alívio que o trabalho me proporcionava. A habilidade de escapar de mim mesma.

Outro corpo me encurralou na sala de espera certa manhã, exigindo uma explicação. Tratava-se de uma senhora de meia-idade, suas bochechas repletas de cicatrizes deixadas pela acne. Já a tinha notado

antes. Ela era espalhafatosa, sempre falante. Seu hálito às vezes cheirava a uma mistura pungente de cigarros e menta, ambos proibidos.

— Qual é o seu segredo? — Foi assim que ela colocou as palavras, e meu coração bateu rápido demais até eu me dar conta de que não havia como ela saber. Ela continuou: — Você tem a aparência certa. Um daqueles rostos que poderia pertencer a qualquer um. As pessoas sempre a confundem com alguém que já conhecem, não é?

— Na verdade, não — menti.

Uma semana depois, a mulher tinha ido embora. Na época me pareceu pouco ameaçador. Mas então comecei a entender a frequência com a qual novos trabalhadores começavam na equipe e então desapareciam. Depois de passar um ano na Elysian Society, mais ou menos um terço dos meus colegas iniciais permaneceram.

A observação da sra. Renard de que eu deveria passar mais tempo com os outros corpos me aflige. Talvez ela tenha deixado de considerar ou ignorado uma parte essencial de quem eu sou aqui. Meu sucesso consiste em manter distância, empregando meu tempo em silêncio, sem distrações. Eu observo os outros. A forma como falam, fofocam e flertam, colocando suas identidades discretas em evidência, e o quanto essas circunstâncias tornam tudo mais difícil quando engolem uma flor de lótus e permitem que um estranho se aloje dentro de seus corpos.

Da minha forma é mais simples. Enquanto estou dentro da Elysian Society, eu me anulo. Perco-me na repetição das tarefas, na monotonia. Durante anos as regras indicaram meu norte, fornecendo algo sólido para me apoiar quando a tarefa que estou realizando abre-se em uma vala escura e sem fundo sob meus pés.

E agora, em uma fração de segundo, eu escorrego escuridão adentro.



QUANDO COMPLETEI QUATRO anos na Elysian Society, a sra. Renard fez uma pequena concessão. Havia passado anos indo de lá para cá como o restante dos corpos, às vezes no quarto 3, outras no 15. Após quatro anos de trabalho, todos os meus atendimentos foram concentrados no quarto 12. A sra. Renard nunca mencionou isso diretamente para mim e, por isso, nunca a agradei, porém toda vez que entro no quarto 12 sinto que pertença àquele lugar. Um espaço pequeno e organizado que foi todo dedicado a mim.

No entanto, hoje alguma coisa está diferente. Não consigo me desfazer da sensação de que agora volto, sorradeira, à cena de um crime. Tudo parece igual, mas uma névoa desordenada de lembranças impregna cada superfície, modificando o ar.

O batom de Sylvia chama minha atenção após um instante. O tubo em forma de projétil está em cima da mesa de canto. Esqueci de devolvê-lo a Patrick após o atendimento.

Pego o batom e sinto seu peso delicado na palma da mão. Pede-se aos corpos que usem os pertences dos entes queridos contatados durante os atendimentos. Desde suéteres desgastados de tanto uso até colares manchados. Segundo a sra. Renard a ideia é fazer com que os mortos sejam atraídos e confortados pela presença dos objetos estimados em vida. Assim como cães seguindo odores conhecidos até suas casas.

No meu íntimo, sempre acabo lembrando de uma história que li na infância, de uma mulher gananciosa que rouba um pedaço de osso do cemitério e o coloca na cozinha. Naquela noite, é assombrada pelas lamentações de um fantasma. Mesmo quando pequena, já achava a história tanto triste quanto assustadora, com essa ideia de os mortos ainda serem apegados ao mundo material dos vivos.

Fecho os dedos ao redor do batom.

Por um segundo incerto, Sylvia está no quarto comigo. Uma figura afogada, a pele branca se soltando como a casca de uma fruta, as pálpebras carcomidas, marcadas pelas investidas dos peixes.

A sensação se inverte e eu me torno a mulher afogada. Minha pele está encharcada e pingando, pendurada em trapos à minha volta.

Quando ouço uma batida na porta, deixo o batom cair, como se ele tivesse me queimado. Ele rola para baixo da mesa de canto, para dentro da escuridão.

— Sra. Mendoza — digo ao abrir a porta. Fico aliviada que minha voz soa segura e despreocupada. — Por favor, sente-se.

Essa cliente tem trabalhado comigo por três anos. Hoje ela está usando um colar de pérolas justo no pescoço e seu cabelo com mechas grisalhas está preso em uma trança elegante. A maioria dos clientes se arruma para os atendimentos, afinal de contas, não querem que os entes queridos os vejam desalinados ou descuidados.

Pego o frasco de perfume que a sra. Mendoza me estende e esfrego um pouco da fragrância nos pulsos, de forma rápida e profissional. Um aroma de rosas preenche o ambiente.

A sra. Mendoza inala o perfume.

— Ah, esperei tanto por essa visita.

— E já faz um certo tempo desde que a vimos pela última vez — digo. A sra. Mendoza é o tipo de cliente que anseia por socialização antes do atendimento, e eu me permito desfrutar desse afeto superficial.

— Tem sido difícil para eu vir até aqui ver Verônica ultimamente — justifica a sra. Mendoza. — Assuntos pessoais. Espero que ela entenda.

— Estou certa que sim.

A sra. Mendoza então fica em silêncio, com as mãos juntas no colo, observando-me com expectativa. Coloco a pílula na mão e paro, sentindo uma repentina confusão. Meu coração é inundado por um súbito pânico.

— A senhora me daria um instante, por favor? — peço.

— Claro, querida — entoa a sra. Mendoza, não sem antes eu notar um leve gesto de impaciência.

Fecho os olhos e respiro fundo. Forço o vazio para dentro do meu cérebro teimoso. No momento seguinte os sintomas aparecem: o batimento cardíaco lento, o peso do corpo ao meu redor. O redemoinho de medo se esvai da minha mente, os últimos fios de água escorrendo e girando ralo abaixo.

Abro os olhos e pego o copo com a flor de lótus, engulo-a. Leva quase tempo nenhum até que eu não esteja mais ali.

ABRO OS OLHOS. Tenho a sensação de sons e luzes raspando no fundo da minha cabeça. Uma mulher fala comigo com a voz baixa. Painéis frios de luz reluzem um a um enquanto sou empurrada ao longo de um corredor, suspensa pelas costas.

A sra. Mendoza procura por algo dentro da bolsa. Seu olhar ainda parece ressabiado, vulnerável e choroso.

— Foi adorável — afirma. — É tão bom restabelecer o vínculo.

A irmã gêmea da sra. Mendoza havia morrido três anos atrás. Uma morte lenta. Leucemia. Inicialmente houve uma onda de esperança interrompida por notícias ruins, uma perfuração lombar sugeriu que o câncer tinha entrado em metástase. De acordo com a sra. Mendoza, conforme o fim se aproximava ocorreu o oposto: o progresso da morte foi atrasado por momentos de esperança. Os tratamentos experimentais tornaram-se ofensivos demais na tentativa de suspender o inevitável. Técnicas de tortura. Mesmo assim, mal havia passado uma semana quando a sra. Mendoza compareceu à Elysian Society.

Isso não é incomum. Já testemunhei pessoas não perderem tempo algum, a ponto de chegarem ao quarto 12 com as pálpebras inchadas de tanto chorar no funeral. Para alguns clientes, trabalhar comigo é como retomar uma conversa após uma breve interrupção, pouco notando que algo está diferente. Uma frase começa a ser dita pela boca de uma mulher e depois é finalizada pela minha.

Também conheço pessoas que esperaram por décadas, permitindo que todos pensassem já terem superado a perda. Elas cumprem cuidadosamente os estágios do luto, planejando novas vidas no espaço deixado vago. E então acordam um dia com uma necessidade simples e irresistível de conversar com suas esposas, melhores amigos, filhas. Quando isso acontece, a Elysian Society está à espera para oferecer corpos que amadureceram no intervalo de tempo perfeito e permitir à garota falecida aos 18 anos de idade a sensação única de ter rugas e cabelo grisalho. Ou então corpos tão jovens e intocados quanto as memórias mais estimadas.

Agora analiso a sra. Mendoza. Os movimentos agitados com que limpa abaixo do nariz, a forma que dobra o lenço em um quadrado volumoso. Não sinto nada em relação a ela. Nada de curiosidade ou familiaridade. É apenas uma mulher. Uma cliente pagante.

ANTES DE SAIR da Elysian Society, verifico a programação que Jane preparou para mim. Vejo alguns nomes conhecidos (Park, Brown, Loudermilk). Ali está: Braddock, Patrick. O próximo agendamento dele é na terça-feira seguinte.

Ainda é muito cedo para um segundo atendimento. A maioria dos clientes necessita de algumas semanas antes do grande desconforto da ausência ser remediado outra vez. Pressiono meu dedo contra o nome dele. Lá no fundo, uma inquietação leve e rápida toma conta de mim.

O sol está se pondo quando vou embora. O ar traz um frescor translúcido ao céu noturno. Quase tropeço em alguém sentado no começo da escadaria. Ela se vira para olhar na minha direção, surpresa como se fosse eu quem estivesse deslocada.

— Pandora — digo, fazendo certo esforço para lembrar o nome dela. — O que está fazendo aqui?

Suas bochechas estão brilhantes devido ao frio e a postura está rígida e tensa. Seu joelho balança para cima e para baixo.

— Oi — cumprimenta ela. — Você, de novo.

— O ponto de ônibus é a algumas quadras daqui — explico.

Ela está vestindo uma jaqueta leve de couro sintético por cima do vestido branco, um par de botas com forro que dão às suas pernas aparência franzina.

— Gostaria que alguém me desse uma carona — afirma.

— Infelizmente eu sou a última a sair.

Pandora apenas balança a cabeça em concordância, cruzando os braços ao redor de si de um modo mais firme.

— Você precisa que eu deixe você em algum lugar? — pergunto com relutância. Antes mesmo que eu terminasse a frase, ela já estava em pé.

Entro na rua principal.

— Para onde estamos indo? — Meu carro é organizado mas gasto, um modelo antigo. A saída de ar do aquecedor jorra calor nas minhas mãos e joelhos, deixando o restante do corpo bastante frio.

— Sycamore — responde Pandora. — Eu aviso você quando estivermos mais perto.

— Sycamore? — Meus dedos automaticamente enrijecem no volante; olho para a frente de modo furtivo em direção aos focos de luz provenientes dos carros na direção contrária. — Você quer dizer a Sycamore 801?

Ela se vira para olhar na minha direção.

— Eu mesma já morei lá uma vez — explico. — Anos atrás.

Quase consigo ouvi-la debatendo internamente se deveria ou não ir a fundo nesse tópico, uma pontada aguda de curiosidade.

— Renard também ajudou você? — ela finalmente arrisca.

— Sim, ela ajudou. — Passamos em frente aos destroços de um restaurante vítima de incêndio no mês anterior, com escombros em extremidades pontudas e negras. À noite, a silhueta me remete a copas das árvores em uma floresta. — Anos atrás.

— Quantos anos?

— Alguns — respondo, indelicada. — Eu era nova na cidade.

— Bem, eu sou nova aqui também — acrescenta Pandora, como se tivéssemos nos deparado com uma incrível coincidência. — De onde você é?

Meu peito aperta.

— Você provavelmente nunca ouviu falar — digo.

Ela não se dá conta da súbita frieza na minha voz.

— Ah, você quer dizer uma cidade pequena? Porque...

— Eu prefiro não falar sobre isso — interrompo. — Foi muito tempo atrás.

— Ai, desculpa. Eu só ia dizer que também venho de uma cidade pequena.

Não voltamos a conversar por alguns minutos. Estou me preparando para ver Sycamore novamente. Até mesmo a estrada em que refaço o antigo trajeto do ônibus escolar acrescenta um ar inquietante de *déjà-vu*. Depois de um tempo Pandora inclina-se e liga o rádio. A voz do apresentador ecoa dentro do carro, cheia de palavras estáticas e aleatórias no meio de uma fala.

— ... suspeita de assassinato deixa proprietários preocupados com segurança. Autoridades ainda tentam identificar a vítima. Apelidada Desconhecida Esperançosa, estima-se que a jovem tenha entre 17 e 20 anos de idade, e...

Eu me inclino para desligar o rádio novamente, deixando um silêncio atordoante.

— Desconhecida Esperançosa — repete Pandora. — É sério? De onde veio esse apelido?

— É como Fulana de Tal — explico. — Uma forma de humanizá-la, acho.

Ela suspira com desdém.

— Deve haver uma forma menos brega de fazer isso.

Estamos mais perto. Reconheço a igreja na intersecção de ruas, a loja de bebidas alcoólicas na margem, no outro lado da rua, decorada com grafite em um padrão de flores ornamental.

— Já que estamos nesse tópico — diz Pandora —, você tem algum apelido? Parece que todo mundo tem apelido lá. Sou chamada de Dora.

— A maioria das pessoas me chama de Edie — acabo cedendo.

— É fofo. Mais gracioso do que Eurydice.

Ela fica em silêncio de novo, mas sinto que me observa. Toda vez em que fala algo, Dora parece muito afoita, como se tivesse acumulado palavras e precisasse ditar seu próprio ritmo de fala, um claro sintoma de solidão. Eu mesma levei muito tempo para me livrar dele.

— É muito triste — arrisca Dora. — A garota que encontraram. — Ela pausa. — Você pode me explicar uma coisa?

O condomínio está logo à frente. Uma construção pequena de tijolos, decorada com escadarias metálicas que me remetem a rolos de arame farpado. Em uma das janelas uma tela azul de televisão reluz contra as cortinas, piscando como em código Morse.

— Posso tentar — digo.

— Por que não podemos contatar suicidas? — A franqueza da pergunta de Dora, sua falta de escrúpulo quase infantil, me surpreende. — Lá no escritório — prossegue ela. — Você lembra? Perguntei à sra. Renard se alguém havia se suicidado, e ela...

— Eu lembro. — Como se estivesse revivendo a cena em um sonho recorrente, estaciono em um vaga e desligo o motor do carro. — Não é o que oferecemos na Elysian Society — afirmo. — Nunca foi.

— Certo, mas as pessoas vão até lá em busca de respostas. Após um suicídio é quando as pessoas mais precisam de respostas, sabe? — As dobras rígidas e brilhantes da jaqueta que envolvem seus ombros me lembram as asas amassadas e úmidas de um pássaro que sai do ovo.

— É possível — afirmo. — Mas é um risco. É muito perigoso.

Dora franze o cenho como uma criança tentando entender uma parábola difícil ou um sermão entediante.

— Pensei que esse lugar fosse diferente dos outros, mais seguro.

Há uma nota pungente de desafio na sua voz. Sei que ela se refere a intervenções pequenas de fundo de quintal, que crescem como fungo em porões suburbanos, em salas de estar familiares, na sala dos fundos de pequenos comércios. Incorporações amadoras: corpos inexperientes engolindo misturas tão fracas quanto aspirina infantil, ou então comprimidos tão fortes que deixam os corpos com os olhos esbugalhados e a boca espumante. A Elysian Society eliminou essas pequenas tentativas da cidade e dos bairros subjacentes, porém elas ainda acontecem em pequenos nichos país afora.

— A Elysian Society é mais seguro — garanto. — Mas só é assim devido às regras. Por conta do que não fazemos. Os riscos ainda existem, e as consequências ainda são igualmente perigosas.

— Quão perigosas?

Com o aquecedor desligado o carro volta a esfriar, tão rápido quanto água vertendo por uma fenda. Quase conto para ela sobre o que aconteceu no quarto 7; explico porque usamos copos de papel para a água, em vez de copos de vidro. Porém, apenas tomei conhecimento desses detalhes através de rumores, sussurros sobrepostos para compor um conjunto assustador. As histórias sempre pareceram mais poderosas em vislumbres na escuridão.

— Olha, eu tenho de acordar cedo amanhã — digo, ao invés de tudo o que pensei.

Depois da minha fala, Dora começa a mover-se e abre a porta do carro, saindo noite adentro.

— Obrigada pela carona — clama sua voz antes de fechar a porta.

Após deixar Dora, as memórias ficam mais vívidas e próximas. Quando comecei a trabalhar na Elysian Society estava morando em um quarto de motel. A sra. Renard ofereceu um apartamento mobiliado de sua propriedade para eu ficar, próximo à Elysian Society e perfeito para uma estadia temporária. Mensalmente ela subtraía um pequeno valor do meu salário em função disso. Mais do que justo em troca de morar em um lugar no qual eu não precisaria assinar uma papelada nem me preocupar com coisas básicas. Era um mero esboço de uma vida que estava à minha espera.

Mas, mesmo reconhecendo a generosidade da sra. Renard, comecei a odiar o lugar. Tudo que eu continha durante o dia de trabalho e que se esvaía quando engolia a flor de lótus era acumulado nos cantos da minha mente. Apenas quando voltei a Sycamore que me lembrei. Passava a maior parte do tempo na cama. Desesperada por me distrair, olhava pela janela para a estrada, os faróis dos carros passando e me imaginava em cada um dos carros. Cada um me levando a um destino diferente, vidas com suas próprias possibilidades. Tornava-me uma pessoa naquele carro sedã luxuoso e imponente e uma outra totalmente diferente em uma picape marcada pela ferrugem.

Agora, enquanto volto à rua, olho apenas uma vez para trás em direção ao prédio. Meus olhos automaticamente pousam na terceira janela da esquerda, do andar de cima. A janela do meu quarto. Agora está escuro. Nenhum lampejo de vida.

JÁ EM CASA, enquanto espero o sono chegar, busco por mais informações sobre a garota que morreu. Por ninguém ter reclamado o cadáver, não há fotos da Desconhecida Esperançosa enquanto estava viva. Nada de fotografias da época da escola ou de festas de aniversário com rostos de amigos borrados. No lugar, sites e canais usam um desenho melancólico esboçado pela polícia. É fácil imaginar o rosto rabiscado a lápis da Desconhecida Esperançosa vagando no corredor iluminado de uma escola. Há uma qualidade intimista na imagem, como a de um autorretrato sincero feito por um futuro orador da turma.

A Desconhecida Esperançosa foi encontrada à margem do que pretendia ser um condomínio fechado. Apenas algumas famílias haviam se estabelecido ali, vivendo suas vidas cercadas por casarões vazios em variados estágios de construção. Esqueletos enormes. A casa ocupada pela Desconhecida já mostrava a passagem dos anos, pois tinha sido construída décadas atrás. Desocupada durante muito tempo, ultrapassada e irregular, sua demolição já estava agendada.

Na noite anterior à destruição, uma adolescente do condomínio saiu de casa para explorar. O cadáver que posteriormente seria chamado de Desconhecida Esperançosa estava em um armário no cômodo dos fundos dessa casa condenada. Ela estava usando um vestido de verão e um único brinco de diamante. De acordo com os relatórios, quando a adolescente viu pela primeira vez as pernas da Desconhecida Esperançosa juntas uma à outra, ela pensou serem de um manequim de loja. Quem quer que tenha

deixado o corpo ali deve ter esperado que ele passasse despercebido por completo e a identidade da garota encoberta pelos escombros e destroços.

Clico para voltar ao desenho esboçado pela polícia, me aproximo mais da tela. A garota falecida parece familiar. É uma associação rápida e intuitiva, um reconhecimento que faz sentido apenas por um instante para depois a sensação se esvaír. Toda vez na qual tento fazer essa associação de novo, a Desconhecida Esperançosa desliza um pouco mais para longe, desintegrando sob o meu olhar, até que o rosto dela se torna o de uma completa estranha mais uma vez.



CONSIGO SENTIR. PEQUENOS lampejos de uma sensação estranha emanando de dentro de mim. Acontece quando estou acordando ou adormecendo ou quando realizo uma tarefa sem importância que não exige atenção. Uma confusão mental transforma o que está a meu redor em algo muito intenso, como se eu estivesse olhando para uma nova paisagem. Toda a familiaridade costumeira e confortável é despida para revelar o lugar em que estou, de modo inquietante, diferente em cada ângulo, nítido e vibrante.

Cada vez após retornar penso no nome dela: *Sylvia*. *Sylvia*. Lembro quando o joelho do seu marido tocou o meu no quarto 12 e como esse momento foi como um puxão no centro do nó engenhoso da minha vida. Liberando algo.

Sylvia.

Quando era um corpo novo havia um tópico de conversa que sempre chamava minha atenção quando sentava sozinha na sala de espera. Era o único assunto que me apurava a audição distraída para então bisbilhotar conversas alheias. Possessão era um tópico raro, sempre sussurrado: uma pessoa ria, outra censurava, outra desdenhava. As histórias não passavam de anedotas incertas, insinuações e alusões. Porém, já eram o suficiente para dar asas à minha imaginação. Esses corpos que se abriam para os entes queridos e que nunca mais retornavam. Suas moradas sendo tiradas deles por hóspedes dissimulados.

À noite, deitava na cama e imaginava. Meu corpo não mais me pertencendo. Minhas mãos não sendo mais minhas, minha boca entoando palavras de outra mulher. Questionava: será que isso acontecia de uma vez só? Será que fecharia os olhos enquanto a flor de lótus descia garganta abaixo e então nunca mais os abriria? Ou seria esse um processo lento, desgastante? Uma invasão gradual de impulsos, sonhos, instintos, preferências e pensamentos?

Há cinco anos a ideia de isso acontecer não me fazia sentir medo algum. Apenas certa curiosidade indiferente. Conforme os anos foram passando e continuei a ser eu mesma, esqueci essa preocupação; independente de quantas flores de lótus eu ingeria, acordava na minha própria cama, presa de modo firme à minha própria carne. Deixo esse medo dissipar, esquecido da mesma forma que todas as outras coisas que ignoro e deixo de lado.

NA TERÇA-FEIRA, FIQUEI doente. Sou atingida sem nenhum aviso. Minha mandíbula enrijece, sinto vertigem, meu corpo pede repouso. Saio correndo do quarto 12, e mal há tempo de chegar ao banheiro antes de começar a vomitar.

Depois, reaplico o batom de *Sylvia* nos lábios enquanto olho meu reflexo no espelho. Meu rosto está muito pálido e úmido e vejo algo estranhamente novo nele, como a pele que se reconstitui depois de machucada. Em contraste, o batom de *Sylvia* parece mais escuro do que nunca. Drenando a mim para manter sua cor densa.

A porta do banheiro abre com um rangido. Um corpo com cabelo curto e preto entra e para ao meu ver. Seu rosto reflete a minha própria surpresa.

— Ana — digo. — Não sabia que você estava trabalhando de novo.

— Bom dia para você também, Edie — cumprimenta Ana. Além de Lee, ela é um dos poucos corpos com os quais converso com regularidade. Somos amigáveis uma com a outra por mero acidente. Ana vem e vai, trabalha por alguns meses e então desaparece, sua frequência é secreta e imprevisível.

— Sem ofensa — Ana continua. — Mas não acho que essa cor funcione para você.

Levo um momento para compreender.

— É para um cliente — respondo. — Era da esposa dele.

Ela dá risada.

— A esposa dele tinha um péssimo gosto. — Ana passa por trás de mim para se olhar no espelho. Passa os dedos pelo cabelo tingido. — Ah, vamos lá. Não me olhe com essa expressão. A cor é um pouco exagerada para uma pessoa pálida como você, só isso.

— Isso não diz respeito a mim.

— Não, claro que não — diz Ana. — Claro que não. — Ela tira um grampo do cabelo próximo à têmpora e o coloca entre os lábios. O grampo fica igual à língua de uma cobra. — Sabe que dizem por aí que cores marcantes fazem parecer que você acabou de ter um orgasmo? — afirma Ana, em um tom abafado. Ela remove o grampo preso na boca. — Estava lendo em uma revista que as mulheres usam batom para lembrar os homens dos seus lábios. — Ela enfatiza a última palavra, projetando os lábios como se estivesse com um pirulito na boca.

De repente sinto meus lábios maliciosos e obscenos. Baixo o olhar e por trás da vergonha há um ímpeto de empolgação.

— Não é apropriado — digo.

— Não vejo por que não.

— Você sabe por que não. — Apertando firme o batom de Sylvia, me sinto tola e descoberta. Como se um estranho tivesse deslizado uma mão boba por debaixo da minha saia.

Ana vira seu rosto de um lado a outro, sugando as bochechas para dentro, e então arruma o cabelo. Bem ao lado dela no espelho, meu reflexo parece divergente. Fantasmagórico.

— A propósito — diz Ana. — Estava me perguntando se você viu Thisbe por aí ultimamente.

— Thisbe — repito.

Ela suspira.

— Por favor, me diga que a conhece. — Quando não respondo, ela continua: — Baixinha. Loira? Tem o seu tom de pele, acho. Ela começou no início do ano.

— Sei quem é.

— Então, você a viu por aí? Ela está me devendo dinheiro.

— Ela foi embora. Não muito tempo depois de você.

Pelo espelho, o olhar de Ana encontra o meu. Ela parece à beira de falar algo, mas então se move e sai do banheiro, tão rápido quanto havia entrado.

— Boa sorte com o seu cliente — diz Ana.

— SR. BRADDOCK. Bem-vindo de volta.

Percebo que estou observando com atenção os movimentos de Patrick até se sentar, eles carregam uma segurança automática, a memória muscular de dias melhores. Ele se torna mais vulnerável e poderoso ao mesmo tempo. Imagino as mulheres na sua vida trazendo tortas caseiras enquanto usam vestidos decotados e prometem fazer *o que puderem para ajudá-lo a passar por essa fase difícil*.

Coloco meus joelhos fora do alcance dele.

— Um pequeno aparte, sr. Braddock — afirmo. — Você deixou o batom da sua esposa aqui na Elysian Society na semana passada.

Ele pisca com naturalidade.

— Deixei aqui para você. Gostaria que ficasse com ele.

— Entendo. — Meu rosto não deixa transparecer nada. — Você tem alguma mensagem especial para sua esposa hoje?

Ele passa o dedão sobre o queixo rapidamente.

— Na verdade, não. Só gostaria de falar com ela de novo, assim como na última vez. — Ele sorri. — Ajudaria você se soubesse o que eu vou dizer à minha esposa?

— Isso é entre você e Sylvia. Não precisa pensar em mim.

O sorriso de Patrick se acentua.

— É difícil de fazer, já que você está sentada bem aí.

— Pense em mim como um meio para se alcançar um objetivo.

— Isso parece um tanto extremo — diz ele. — De qualquer forma, com quantas pessoas você trabalha em um dia?

— Depende — respondo, após hesitar por um segundo. — Em alguns dias, cinco ou seis. Em outros, menos.

— E não é difícil fazer isso com tantas pessoas?

Parece que Patrick está tentando ganhar tempo. Com alguns clientes homens, noto certa atitude de posse em relação a como olham para mim. Porém, lembro-me do sorriso envergonhado de Patrick nas fotos e algo muda: vejo nele traços de um homem abatido pela própria vida, que tenta, de modo meticuloso, encontrar equilíbrio entre os diferentes polos que fazem parte dela.

E aqui estou eu, uma mulher sentada em frente a ele usando um vestido tão fino quanto um lenço de papel.

— Não é difícil, de forma alguma — afirmo. — Eu gosto do meu trabalho. E agora, sr. Braddock, devemos começar.

Seu rosto esboça surpresa.

— Claro, peço desculpas.

Depois de engolir a flor de lótus, observo Patrick pelo maior intervalo de tempo possível. Enquanto minhas pálpebras se fecham, minha mente se afasta do corpo, leve e à deriva. Ele não se move dessa vez. Contido em si, mantendo uma distância segura.

ABRO MEUS OLHOS e encaro diretamente os de Patrick. Estou sorrindo. A superfície da minha pele está morna e cintilante e a cabeça pesada por um torpor oportuno.

— Senti sua falta — diz Patrick, com a voz baixa. — Você não sabe o quanto eu senti sua falta.

mas eu estive bem aqui

Um fragmento afiado de confusão invade minha felicidade.

estive aqui o tempo todo

Ele se inclina para a frente. Sei que vai vir até mim, pegar minha mão e passar seu polegar pela minha pele. Algo acontece. Meu sorriso endurece no rosto. Um membro dormente. Ele se torna um cliente mais uma vez, e eu sou um corpo, intocável e temporário.

— Sr. Braddock — digo com algum esforço.

Patrick recosta-se. Ele não esconde o movimento do seu olhar passeando pela minha boca, pelas minhas mãos sobre o colo, pelos pés descalços no chão. Fico ali sentada e mal consigo respirar enquanto permito sua ajuda em me recompor.

— Não está sentindo frio? — pergunta ele. — Sinto frio só de olhar para você. Está congelando aqui dentro.

— De forma alguma. Estou bastante confortável.

Ele fita meus braços nus.

— Sinto que devo lhe oferecer meu casaco.

— Isso não será necessário. — Noto algo inesperado nas minhas palavras. Quase um tom de flerte; uma aura radiante se incorpora à minha voz.

Patrick sorri, mas está distraído, a seriedade tomando forma por trás do sorriso.

— Me diga — ele começa, quase sussurrando agora. — Você se lembra?

Balanço minha cabeça.

— Depois de ingerir aquilo — continua ele, indicando a flor de lótus com a mão —, você se lembra do que diz? Do que ela diz? — corrige.

— Sr. Braddock, os corpos não têm acesso ao conteúdo dessas interações. É um processo particular, não se preocupe.

— Eu sei, mas...

Ouve-se uma série de batidas ritmadas e então Jane abre a porta do quarto 12 e inclina-se para dentro, com uma expressão branda.

— Sr. Braddock — diz Jane. — Seria uma grande satisfação guiá-lo até a saída, caso o senhor tenha esquecido onde fica.

— Não — ele diz de uma vez, de repente mais formal. — Agradeço. Eu lembro onde é.

Ao sair do quarto 12, Patrick hesita por um breve momento na soleira, como se quisesse virar e olhar para mim. Porém, enquanto ele caminha pelo corredor, há uma parte do meu cérebro que o acompanha, magnetizada, alerta a todos seus movimentos, persistente no seu encaicho.

— Bastante tagarela, não é? — comenta Jane assim que ele sai do nosso alcance.

Endireito os ombros.

— Não mais do que alguns dos outros clientes — digo, atrevendo-me a mirá-la com calma e equilíbrio.

— Hmm. — Ela lança o olhar para minha boca. — Ele é aquele com a esposa e o batom?

— O sr. Braddock é um bom cliente. Confiável e educado. Ficarei feliz se permanecer comigo.

— Ah, ele vai — afirma Jane com desdém. Ao sair, Patrick havia deixado a cadeira de lado. Com ambas as mãos ela pega a cadeira pelo encosto e a recoloca no lugar com um movimento simples e agressivo. — Esse tipo de cliente sempre fica com um mesmo corpo.

EM CASA, FICO agitada. Levo minha rotina como de costume: jantar, lavar a louça, assistir televisão, dobrar roupas. Tento focar nas tarefas, mas começo a divagar, aperto uma blusa meio dobrada como se fosse um enfeite que alguém me forçou a ficar segurando.

A pergunta de Patrick dentro do quarto 12 ecoa na minha mente pelo restante do dia. Normalmente eu encaro os entes queridos dos clientes como aparições abstratas e transitórias. Fragmentos tênues, porém intensos, de outras vidas.

Hoje fui evasiva com Patrick. A verdade é que as memórias de Sylvia prolongaram-se além do esperado. Uma imagem em especial, clara e profunda. Eu me lembro da mão de Patrick na minha cintura. Os pelos dourados do seu pulso, os dedos longos que já tinham dado adeus ao bronzeado do verão. Uma ou duas unhas desgastadas de modo sutil, como se ele as roesse quando ninguém estivesse olhando. Conseguia adentrar essa memória, entrelaçar meus dedos com os dele, sentindo os calos nas pontas de seus dedos.

No banho, deito na banheira e deixo a água me cobrir. Minha forma parece distorcida abaixo da superfície. Coloco uma mão entre as pernas. Apesar de fazer meses que não me toco dessa maneira, meus músculos começam o movimento automaticamente.

Quando todo o meu ser enrijece e transborda freneticamente de desejo, afundo meu torso na água. Sinto o seu calor nos lábios. Contra as orelhas, tudo o que consigo ouvir é uma pulsação e ruído

distantes. Meus quadris erguem à sua própria vontade, desejosos por mais.

Afundo toda a cabeça. Meu nariz formiga. Abro os olhos e encaro, através da água, as manchas crescentes no teto, até que meus pulmões comecem a queimar. Quando sinto que meu corpo vai estourar como se fosse uma bexiga, subo à superfície, ofegante.

Ao olhar meu reflexo na torneira prateada, meu rosto está tão distorcido que poderia pertencer a qualquer pessoa. O cabelo molhado, os olhos frenéticos, minha boca aberta em um rasgo negro que tenta recuperar o fôlego de novo e de novo.

O CHÃO DO quarto. Volto a mim mesma de uma forma tão calma e natural que inicialmente não percebo algo estranho. Então me dou conta do que está errado.

Pela abertura da cortina vejo o céu se iluminando. Ajoelho no chão, uma pose de reverência, como uma criança rezando. Minhas mãos, uma na outra, sobre as coxas. Olho ao redor para os pontos familiares do quarto, buscando amparo. Minha escrivadinha bem na minha frente. A cama do outro lado do cômodo. As fotos dos Braddock em cima da mesa de canto. Das sombras o rosto de Sylvia se sobressai.

tente lembrar

tente

Na minha própria cama agora, espero o sono chegar. Repasso minhas memórias. Não sei se já tive algum episódio de sonambulismo antes. O que faço durante o sono, meus tiques e hábitos subscientes, como eu fico aos olhos dos outros: são uma parte de mim mesma que não consigo descobrir sozinha. Precisaria de um parceiro, um observador.

Viro para encarar a parede, impedindo-me de fazer a conta: quantos anos faz desde que tive alguém ocupando essa posição na minha vida.

DIFERENTE DA MAIORIA dos meus clientes com suas roupas formais e levemente fúnebres, a cliente que eu atendo na quinta-feira pela manhã veste uma calça legging preta e apertada como pele de cobra e uma jaqueta esportiva aveludada. O fecho do zíper em forma de coração balança próximo à pele flácida do pescoço.

— Bem-vinda à Elysian Society. — Acerto a saia sob as coxas. — Esta é a primeira vez trabalhando conosco, senho...? — Hesito.

— Sra. Fowler — emenda ela, balançando os pés. — Candace Fowler.

Faço um breve aceno de cabeça me desculando.

— E quem você gostaria de contatar hoje, sra. Fowler?

Seu tom de voz abaixa em um sussurro conspiratório.

— Primeiro, preciso saber se posso confiar em você.

— Nós temos uma política de confidencialidade rígida aqui na...

Mas a sra. Fowler ergue uma mão no ar.

— Na-na-não, eu sei de toda essa baboseira. Estou perguntando se eu posso confiar em *você*, pessoalmente. Não no lugar todo, mas em você.

Por um breve momento, fico paralisada por seus cílios. Grossos de tanto rímel, vacilantes como os membros de um inseto.

Ela parece tomar meu silêncio como uma atitude de cooperação.

— Quero contatar a Desconhecida Esperançosa. Eu menti — acrescenta, com orgulho. — No formulário disse que queria entrar em contato com meu primo. Mas estou aqui para trazer o assassino daquela garota tão meiga à justiça. Obter algumas respostas.

— Temo não ser possível contatar um falecido a menos que o tenha conhecido pessoalmente durante a vida.

Ela contrai os lábios com força.

— Esse assassinato afeta a mim pessoalmente, mocinha — diz ela. — Afeta minha família. Ela foi encontrada perto da minha casa. Foi minha filha quem a encontrou. Minha menina, forçada a ver algo como aquilo. — A sra. Fowler se aproxima de mim como se pudesse transmitir o terror da situação por meio da proximidade física. — Eu sei como essas coisas funcionam. A polícia perderá o interesse. Enquanto isso eu vou dormir toda noite pensando em quem está do lado de fora.

— Sra. Fowler, eu entendo sua preocupação. Porém, se ler a nossa política...

— Ah, está bem. — Sua voz fica mais melosa; como se fôssemos duas garotas fofocando no horário do café. — Sempre venho preparada. — Ela pisca, uma batida rápida de pálpebra, como faria uma boneca inclinado para trás. — Não sei quanto eles pagam a você, doçura, mas tenho certeza de que não é o bastante. O pagamento nunca é o suficiente para esse trabalho, não é mesmo? Não consigo nem imaginar como deve ser para vocês, meninas. — Enrijeço na cadeira. — Independente de quanto paguem, eu dobro, triplico o valor. Não me importo.

— Acho que a senhora não está entendendo. — A frustração me deixa mais brusca. — Garanto que não encontrará as respostas que busca, sra. Fowler. Você trouxe um objeto que pertenceu à Desconhecida Esperançosa enquanto estava viva? — Antecipo, sabendo que a resposta seria negativa. — Além disso, vítimas que morreram de forma violenta não costumam cooperar, ficam confusas. As memórias podem ficar bagunçadas, imprevisíveis.

A sra. Fowler ergueu cabeça, graciosa como um cachorro de madame.

— Não tem como ignorarmos esse detalhe?

— Creio que não.

Depois disso, a sra. Fowler sorri como se tivesse pego a mim em uma mentira evidente.

— Acontece que eu fiz uma pesquisa, mocinha. Eu sei que você pode ingerir mais daquilo. — Ela gesticula para a flor de lótus no copo. — Dois ou três.

Abro a boca e então volto a fechá-la, deixando as palavras de lado com a mesma rapidez com que expiro o ar. Há fragmentos de informação dispersos entre nós, compartilhados por amadores, empresários em começo de carreira, ex-corpos vingativos ou arrogantes o suficiente para dividir com outros o que sabem. Algumas informações são precisas, mas a maioria não. Todavia, a imagem da sra. Fowler se modifica a meus olhos — de dona de casa justiceira para alguém mais minucioso. Uma mulher acostumada a ter as coisas à sua maneira.

— A Elysian Society simplesmente não trabalha nesses termos — afirmo. — Caso esteja interessada em correr esse tipo de risco, estou certa de que poderá encontrar alguém disposto a colaborar em outro lugar.

— Encontrar um charlatão online, você quer dizer? Ir a um prédio abandonado e ser morta durante o processo? — A sra. Fowler funga profundamente, como se estivesse tentando identificar a fonte de algum odor. — Este lugar não aparenta ser grande coisa, mas ouvi dizer que é o melhor que se pode conseguir.

— Não tenho certeza de que a senhora entendeu muito bem o que está em jogo. Ingerir mais do que uma flor de lótus não é seguro. Pode prejudicar o corpo.

Ela me esquadrinha de cima a baixo.

— Você me parece bastante saudável.

Os pelos da minha nuca se eriçam.

— Certamente você não espera que eu me coloque em risco.

— Você escolheu trabalhar nesse ramo. Você escolheu tratar seu próprio corpo dessa forma. Por que não fazer o bem, ao menos?

Levanto muito rápido, como gás hélio.

— Terei de pedir que se retire.

Por um momento parece que ela não vai se mexer. Então ela se transforma em pura agitação, erguendo-se em direção à saída. Ela continua:

— O que vocês fazem aqui muitos chamariam de bizarro, só que pessoas poderiam ser ajudadas. Mas o fato de você não fazê-lo? É uma vergonha. — Ela olha dentro dos meus olhos. — O sangue daquela pobre criatura está nas suas mãos.

Quando Jane entra no quarto 12 alguns minutos depois, ela para entre a cadeira e eu.

— Ela queria contatar a Desconhecida Esperançosa — digo, cansada. — Eu a mandei embora.

Jane fica inexpressiva por um momento e então muda para um foco mais sombrio.

— Você fez a coisa certa ao mandá-la embora. Vou me certificar de que a sra. Renard tome conhecimento.

— Obrigada — digo.

— Você tem acompanhado o caso?

— Um pouco. É bem triste.

— Muito triste. — Jane olha na direção da cadeira vazia, como se algum vestígio da sra. Fowler ainda estivesse ali. — Você fez a coisa certa — repete.

AO ENTRAR NA sala de espera após o atendimento da sra. Fowler, percebo um murmúrio de vozes. Uma delas se sobressai do emaranhado de palavras, seguida de uma risada abafada.

Curiosa, me dirijo para o outro extremo da sala. Eles estão aglomerados no chão, com as pernas cruzadas. Noto que escolheram esse local porque ficam parcialmente escondidos por um sofá; Jane não os veria ao entrar. Ana está sentada contra a parede, a cabeça inclinada exhibe as linhas do seu pescoço. Um odor azedo a envolve, inundando o ar suave da sala de espera.

— Podemos ajudar você? — Ana pergunta.

Os outros corpos haviam parado de falar. Eles me examinam com uma hostilidade perplexa, como crianças em um parquinho ao ver uma outra criança mais nova se aproximar. Quando faço contato visual com a moça sentada à minha frente, ela sorri. Reconheço-a: Dora.

— Meu Deus, senta logo — diz Ana. — Estou ficando irritada só de olhar pra você. — Ela dá uma batidinha no chão com uma das mãos, como se chamasse a um cachorro.

De forma automática sento à margem do grupo, dobrando os joelhos sob o peso do meu corpo.

— O que você dizia? — uma mulher mais velha pergunta a Dora.

— Ah, sim. — Dora coça o pescoço. — O sujeito que perdeu a mulher. Sua esposa tinha trinta e poucos anos de idade quando morreu, então não entendo o motivo de ele escolher a mim. Acabei de completar vinte. Achei que seria o canal de comunicação de netas ou filhas ou amigos do ensino médio.

— Pessoas na casa dos vinte, trinta anos — diz a mulher. — Qual a diferença? Espere até chegar à minha idade. Você só contata velhinhas. Metade dos homens que passam por aquelas portas tem minha idade ou mais, mas você não pensaria isso ao olhar minha lista de clientes.

— Você está falando de Womack? — Ana pergunta a Dora. Quando Dora acena com a cabeça, ela continua: — O Womack é como um rito de passagem por aqui. Se você for mais ou menos bonita, vai atendê-lo em algum momento. Ele fica atento aos novos corpos. Experimenta todas. — Ela pisca. — Um verdadeiro conhecedor.

— Será que a esposa dele era uma libertina? — pergunta a mulher mais velha. — Vai ver era isso que ela queria. A cada vez ter um corpo mais bonito. Não me parece tão ruim.

Os outros dão risada.

— É, ou talvez ela não quisesse isso de forma alguma — diz Ana. Não consigo identificar se sua seriedade é sincera ou zombaria. Ela consegue ser assim, dissimular suas emoções em versões exageradas de si próprias, como máscaras caricatas. — Talvez ela tenha sido uma boa esposinha e Womack nunca a tenha traído. Agora ele tem a chance de fazer algo novo, sente-se todo virtuoso ao visitar a esposa falecida e, ao mesmo tempo, vê uma garota bonita sempre que o faz.

Dora coloca os braços em volta do corpo. Lembro-me de como foi difícil me habituar à leveza do vestido, a sensação de estar nua em uma sala cheia de estranhos.

— Ele pode simplesmente fazer isso? — questiona.

— Claro — responde a outra garota. Pequenas marcas pontuam seu nariz e a pele acima dos lábios, cicatrizes deixadas por *piercings*. — Pagando.

— Pensei que clientes prefeririam ser atendidos por apenas um corpo — diz Dora.

— A maioria não consegue — explica Ana. — Não temos um bom índice de retenção de empregados.

— Se você durar por um ano ou dois, terá clientes regulares — acrescenta a mulher mais velha. — Mas até lá você estará atrelada a quem quer que conseguir.

— Gostaria de ter clientes regulares — diz Dora.

— Cuidado com o que deseja. — Ana ergue uma das mãos em direção a boca. Está segurando um cigarro delicadamente entre os dedos. Faz um breve contato visual comigo, como se me desafiasse a reagir. — A meu ver — ela prossegue assim que abaixa o cigarro —, os clientes que não se importam são os verdadeiros românticos. Eles conseguem olhar para um rosto aleatório e enxergar a pessoa que amam. É meigo, se você parar para pensar.

— Os clientes regulares devem se importar mais. — Dora persiste no assunto. — Você não é apenas um corpo.

— Mas é apenas um corpo para eles — replico. — Você sempre é. Tem que ser.

Os outros se viram para mim em um movimento coletivo, como se tivessem esquecido que eu estava ali.

— Eu tenho mais clientes regulares do que qualquer corpo — continuo, apesar de a atenção deles ser um peso desconfortável e áspero. — Ser um corpo tem tudo a ver com a sua receptividade para com os clientes. Com seus entes queridos. — Hesito, vendo a beleza grandiosa de Sylvia sobreposta a meu rosto comum. — Se começar a acreditar que seu cliente precisa de você, especificamente, então está falhando na sua função.

Os olhos ponderados e hesitantes de Dora encontram os meus. Sua mão vai de encontro aos cabelos, como se ela quisesse separar os cachos da sua identidade.

— Obrigada por essa informação de utilidade pública — ironiza Ana.

A mulher mais velha dá um sorriso afetado e olha para baixo. A garota das cicatrizes se inclina para tomar o cigarro dos dedos de Ana.

— Estou apenas tentando ajudar — rebato.

— Há quanto tempo já está aqui mesmo? — pergunta Ana. — Dez anos? Cem? — Ela ri. — Você decorou cada uma das regras idiotas. Então caso alguém precise de um curso para refrescar a memória, vamos nos certificar de que procure você.

A garota inclina-se no espaço entre nós e estende o cigarro para Dora. Noto que suas unhas estão com esmalte antigo, o vermelho descascando nas bordas. Com uma olhada rápida de culpa na minha direção, Dora aceita o cigarro.

— As regras são para a nossa proteção — digo.

— Aaah, minha proteção — repete Ana, com uma voz exagerada, as palavras infladas como balões. — Parece sério.

— Veja o que aconteceu com Thisbe.

Não tenho certeza do motivo de ter dito isso. Talvez tenha sido uma cutucada com o intuito de teste, ou talvez como uma forma de feri-la. Os olhos de Ana brilham com mais intensidade por uma fração de segundo e então a expressão dela volta a ser de habitual descaso.

— Quem é Thisbe? — pergunta Dora, olhando ora para mim, ora para Ana.

— Esqueça — diz Ana. — Edie não sabe o que está dizendo. — No entanto sua boca se retorce como se sentisse um gosto amargo.

Após algum silêncio, Dora estende o cigarro para Ana. Agora resta só uma ponta com um brilho laranja. Ana levanta um pedaço do tapete próximo ao rodapé, revelando uma saída de ar parafusada ao assoalho. Ela solta o cigarro entre um dos vãos.

— Você acha que é muito melhor do que o restante de nós — diz Ana de repente. — Um modelo perfeito a seguir. Nunca pisa fora da faixa.

A nicotina me deixa tonta.

— Talvez você esteja encarando isso tudo da maneira errada — continua Ana. — Eu costumava namorar um sujeito que se achava esperto por fazer essas perguntas pseudofilosóficas. — Sua voz fica mais grave, baixa e entorpecida. — As mulheres feias são fiéis? É realmente considerado fidelidade caso ninguém mais a deseje? — Ela volta a falar com a voz habitual. — Um verdadeiro babaca, não é? Mas ele tinha razão em um aspecto. O mesmo princípio se aplica a você, Edie. Será que é melhor do que nós por evitar a tentação ou será que nunca foi tentada?

Posso sentir o peso do olhar dos outros em mim.

— Nem sempre foi fácil para mim seguir as regras — digo em voz baixa.

Ana encolhe um dos ombros.

— Já que você diz. — Seu tom era leve e zombeteiro.

— Hoje mesmo — continuo. — Houve uma cliente que veio até mim com o intuito de contatar uma vítima de assassinato. O corpo encontrado naquele condomínio. A Desconhecida Esperançosa.

Todos ficam em silêncio por um minuto, as palavras assentando em suas mentes. Percebo que a garota com as cicatrizes deixadas pelos *piercings* observa um a um, tentando esboçar a reação certa para a situação.

— É sério? — pergunta Ana. — Alguém passou pela Renard. Faz alguns meses desde a última tentativa.

— Candace Fowler — digo. — Quase não consegui convencê-la a ir embora.

— O que ela queria? — pergunta a mulher mais velha. — Jane me contou sobre um homem que achava que a Dália Negra era sua alma gêmea. Ela era um deles? Das que ficam superesquisitas com o assassinato de uma criança anunciada no noticiário e vêm até aqui na esperança de ser uma mãe de aluguel?

— Não, não — respondo. — Mais direta. Ela queria resolver o caso.

— Ah, uma detetive — conclui a mulher com ar sábio. — Devia ter imaginado.

— É uma pena — diz Dora. — Aquela pobre moça. — Ao encontrar meu olhar, continua: — Eu sei que é contra as regras, mas poderia tê-la ajudado.

— Teria sido extremamente perigoso — rebato.

— Onde está seu senso de aventura, Edie? — pergunta Ana com tom de provocação na voz.

— Então o que você teria feito? — pergunto a ela.

— Se ela tivesse vindo até mim? — Ana esmaga o cigarro, esfarela contra o metal da abertura de ventilação para então lançar a bituca na escuridão. Vejo a última fumaça da brasa apagada por um breve segundo. — Quem sabe? Você está certa. Provavelmente seria muito perigoso trabalhar com ela aqui.

Quando ela levanta, os demais seguem o exemplo; a mulher mais velha se distancia. Continuo sentada, minha saia retorcida sobre as coxas. Quase tinha me esquecido como Ana consegue me fazer sentir uma estranha no ninho, o quão facilmente consegue trazer à tona minha rigidez e embaraço.

Eu o verei novamente em cinco dias. O pensamento é súbita e profundamente reconfortante.

— Um aviso — diz Ana, olho para cima e noto que seus olhos suavizaram. — Tudo deve ser feito com moderação. Dedique muito tempo e energia a um trabalho assim e você pode muito bem acabar virando um fantasma de si mesma.



A SENSACÃO DA presença de Sylvia brota e depois desaparece, como ao observar, com o canto dos olhos, o movimento de um vulto. Estou escovando os dentes, pisco e o meu reflexo se torna o de alguém estranho; pisco novamente e volto a ver eu mesma. Ao lavar a louça de repente minhas mãos não são mais as minhas próprias. Tornam-se grandes demais, ressecadas e rosadas. Tento me acalmar identificando uma pinta que tenho próxima a base do dedão.

Breves momentos. Fáceis de justificar e ignorar.

Entretanto, penso em Thisbe. Naquele dia quando Ana fez menção a ela, acabou desenterrando das profundezas da minha memória uma série de detalhes, resíduos presos a uma rede de pesca.

Thisbe não era uma pessoa notável. Um corpo com cabelo loiro claro. Bonita de uma forma branda, a mudança da luz remodelando seus traços. Cheguei a vê-la com Ana algumas vezes, ambas na sala de espera, apoiando a cabeça uma na outra. Sabia que Thisbe não ficaria muito tempo. Ela demonstrava uma carência que destoava da sua imagem serena. Uma vez a vi chorando no banheiro, ela levantou os olhos marejados e avermelhados, mas não me viu.

Naquela época, quis dizer a ela que deveria deixar seus problemas pessoais em casa. Em vez disso, fui embora e dei a ela o espaço necessário para se recompor. E quando ela saiu da Elysian Society alguns dias depois, lembrei-me daquele momento e não me surpreendi com sua saída.

Os boatos começaram várias semanas depois da sua demissão. As fofocas na Elysian Society surgem em estouros repentinos, com intervalo de alguns meses. A curiosidade e o tédio recaindo aleatoriamente sobre qualquer corpo que saiu nos últimos tempos. A história de Thisbe foi bastante inofensiva. Alguém a viu em pé em frente ao espelho do banheiro, puxando a pele das bochechas e da testa como se não a pertencessem. Como se pudesse remover uma máscara.

Rapidamente, o rumor perdeu força. Apesar disso, agora penso em Thisbe puxando a própria pele. Isso pode ter sido como tudo começou para ela. E não o toque de um dedo gelado na coluna ou uma sombra em forma de garra projetada contra parede, mas, sim, algo convidativo e caloroso como o que sinto quando penso em Patrick.

— PRECISAMOS PARAR de nos encontrar assim.

É a terceira vez que sentamos juntos no quarto 12. Hoje me dei ao luxo de observar os detalhes com calma. A pose automática que Patrick assume. Joelhos separados, braços cruzados sobre o peito. As roupas que prefere: camisas de botão, sapatos mocassim, traçados simples, mas que sugerem vestimenta cara.

— Foi uma piada — afirma Patrick quando eu não reajo. — Pode rir.

Sorriso depois de o momento passar.

— Você tem uma mensagem para sua esposa, sr. Braddock?

— Pensei que poderíamos falar sobre você.

Uma pontada de medo.

— Se há algum problema com o meu desempenho, a Elysian Society ficaria satisfeita em providenciar para o senhor uma substituta...

— Por Deus, não — diz ele. Meu coração se enche de gratidão. — É injusto você saber sobre mim quando não sei nada a seu respeito. Então... — Patrick estende uma mão na minha direção. — Me conte

sobre você.

Cruzo e descruzo as pernas.

— Não precisa ser sobre você — continua com a voz mais gentil. — Isso fere o protocolo daqui, não é? Pode ser sobre qualquer coisa.

Entretanto, minha mente vagueia por uma imensidão. Não sei mais como ter uma conversa normal. Todas as semelhanças, detalhes e experiências que as pessoas usam para criar vínculos com as outras não existem na vida que criei para mim.

Então minha mente resgata um assunto e fico tão agradecida que começo a falar sem pensar:

— O que você acha sobre a Desconhecida Esperançosa?

— O que eu acho dela?

Disse a coisa errada. As sobrancelhas de Patrick estão franzidas, seus lábios ainda sustentam um sorriso como se ele não soubesse se levava o tópico na brincadeira ou como algo ofensivo.

— Bem — ele finalmente começa a responder, ponderado. — É terrível a perda de alguém tão jovem.

Sinto vontade de arrancar as minhas palavras do ar e enfiá-las de volta por entre meus lábios. Deve ser assombroso para ele ver o rosto da Desconhecida Esperançosa estampando os jornais. Cometi um pecado imperdoável na Elysian Society. Trouxe para dentro do quarto o luto, quando deveria extingui-lo.

— Quando Sylvia se foi também acabou se tornando notícia — diz Patrick. — Talvez tenha visto.

— Na verdade, não me lembro — digo com cautela. Agora me parece quase uma traição o fato de ter tratado Sylvia Braddock como uma estranha e mudado de canal para ver uma notícia de morte mais interessante.

— Tive sorte — prossegue ele. — Foi um acontecimento tratado com pouco alarde. Mas qualquer morte que atraia atenção... É um inferno quando você está envolvido. Lidar com a sua dor enquanto todos ficam com o rosto pressionado contra o vidro por mais detalhes.

— Você deve ter se sentido grato por estar na companhia de amigos naquele fim de semana.

— Amigos? — repete ele.

— O casal que também estava no lago.

— Você se refere aos Damson? — pergunta ele após um instante. — Não foram de grande ajuda. Eles tentaram, mas acabaram sendo envolvidos pela situação. Viv começou a frequentar um terapeuta antes de mim.

Monto o nome dela na minha cabeça: Viv Damson. Tem um toque familiar, como o nome de um colega de classe dos tempos de escola ou de um vizinho que conhecia de vista.

— Toda vez em que algo do tipo acontece — continua Patrick —, eu me lembro de como foi. Tirou todo o meu interesse por essas coisas.

— Mas a perda da Desconhecida Esperançosa não teve nada em comum com a da sua esposa.

Mais uma vez, disse exatamente a coisa errada. Seus olhos desviam. O quarto 12 parece expandir, ficando mais arejado e frio. Um espaço impessoal nos distanciando ainda mais.

— Sr. Braddock, me desculpe — digo de modo impulsivo. — Podemos recomeçar?

Leva um instante. Então a postura de Patrick descontrai. Ele olha novamente para mim, sua expressão mais animada, apesar de cautelosa.

— Bem, não se tem uma chance assim sempre — afirma ele. — Deve aproveitá-la enquanto pode.

— Estava na expectativa de termos mais neve, antes de o clima quente chegar. — É uma observação branda, insignificante. Mas as palavras soaram certas, aquecendo o cômodo como uma chama.

Patrick sorri.

— Concordo.

Respiro profundamente e sinto o alívio animar meu espírito.

— O inverno não costuma ter muitos fãs — prossegue Patrick. — Ninguém quer ver o fim do outono ou da primavera. Quando o verão chega ao fim há quem lamente. Mas o inverno só... — Ele dá de ombros. — Acaba. Sem olhares saudosistas por cima do ombro.

— Sempre amei o inverno.

— É o momento mais privado do ano. Todos ficam dentro de casa, focam em suas buscas pessoais. Talvez por isso nós gostemos dele. — Gesticula de mim para ele. — O inverno faz a tarefa de passar despercebido mais fácil para os introvertidos.

A forma como ele disse *nós*, essa forma simples com que nos uniu na frase, cresce dentro de mim. Ele havia me reconhecido, me colocado a seu lado. Sinto uma linha partir o meu entendimento de onde me posiciono no mundo: nós dois e então todos os outros. Uma ruptura rápida e perfeita.

— Podemos dar início? — questiono.

FAÇO UM ESFORÇO consciente para realizar bem o atendimento dos meus outros clientes. O batom escuro de Sylvia está guardado dentro do meu armário de remédios e assim contrasta com o meu prático conjunto de analgésicos e colírios. Motivada pela culpa devido ao quanto de espaço ela ocupa na minha mente, reviso os arquivos e fotos dos entes queridos dos meus clientes.

Bethany, morta em um acidente, alcoolizada atrás do volante. Sua irmã mais velha, Mary, concordou em comprar bebidas alcoólicas para a festa de debutante de Bethany. Ela ficou em coma por um ano entre o acidente e a morte. Desde então, sua irmã lentamente se afastou da família. Até onde sei, Bethany é o único membro com quem Mary ainda conversa.

Elinor, cujo filho já adulto inventava qualquer desculpa para evitar visitas na casa de repouso em que ela estava. Ele visita Elinor uma vez por mês, sem falta, agora que ela morreu.

Tracey, que morreu enquanto pedalava sua bicicleta sobre um viaduto, no trajeto para visitar sua melhor amiga. Sua camiseta preta combinada às cores do anoitecer impediram que o adolescente ao volante de um Camaro 1983 a visse quando ela deu uma guinada para virar à esquerda. O motorista do Camaro e a melhor amiga de Tracey acabaram casando-se, a culpa compartilhada misturando-se em algo próximo ao amor.

Fico grata pela chance de poder me deixar levar pelo peso da rotina. Engolindo uma flor de lótus seguida da outra, subindo à superfície como uma nadadora que toma fôlego antes de submergir novamente.

Em casa, é quando fico desprotegida. São os momentos em que aquilo acontece com uma frequência crescente. Vai além do físico. Não ser capaz de reconhecer meu próprio rosto no espelho é uma discrepância com a qual poderia me habituar com o tempo. Não tenho pertencido a mim mesma durante anos; por trabalhar na Elysian Society eu encaro meu corpo como um objeto em empréstimo permanente. Uma porta sem fechadura.

Porém, vai além disso. Uma noite vi uma ameixa no balcão, pequena como o punho de uma criança, vermelho-acinzentada. Senti o ímpeto de rir. É uma reação natural do meu cérebro, como uma memória de uma piada interna de tempos atrás que permaneceu em mim. Mas não há apelo cômico. Toda vez que via a ameixa precisava lutar contra a vontade de alguma outra pessoa de rir. Por fim, joguei-a no lixo.

Certa noite, durante o banho, massageando meus cabelos, tomo consciência de que estou tocando o corpo de um estranho. Tão lânguido e pesado quanto o couro arrancado de um animal. Os cabelos de um cadáver.

Diferente das outras impressões, essa não se esvai com rapidez. Saio do chuveiro e deito, ensopada, debaixo das cobertas, mantendo meu corpo desconexo e avulso. Nenhuma parte tocando entre si. Sinto vontade de puxar um zíper nuca abaixo para então poder caminhar, imaculada, para o mundo externo.

isso não pertence a você

nada aqui é seu

As horas passam até eu me sentir segura na minha própria pele novamente. Deixei o chuveiro ligado; a água pinga na minha mão quando desligo a torneira, fria o suficiente para arrancar o fôlego dos meus pulmões.

APÓS UM LONGO inverno, o clima não tarda a se adequar à nova estação. Já é abril e o calor de cada dia adquire um caráter exploratório. Flores surgem em profusão, ocupando certos lugares nos quais já havia esquecido que flores brotavam. Botões aparecem ao longo de galhos durante a noite para abrirem-se em flor na noite seguinte. Tudo carrega o aroma de solo negro e argiloso.

A cidade toda parece cheia de vida. Um memorial brota em uma intersecção não muito longe da Elysian Society. Um arranjo floral em formato de coração está à mostra próximo a uma cruz de madeira compensada. Escrito horizontalmente no centro da trave da cruz lê-se: ORAMOS POR VOCÊ, DESCONHECIDA ESPERANÇOSA.

— É como se ninguém nunca tivesse morrido nessa cidade — diz Ana ao entrar na sala de espera, transbordando profundo repúdio.

Eu havia acabado de atender um cliente. O colar da esposa dele deixou um formigamento desconfortável na minha pele.

Ana hesita antes de vir na minha direção.

— Quais são seus planos para o final de semana?

Fico em silêncio, tentando entender qual seria sua intenção.

— Tenho certeza de que você já tem planos incríveis — continua ela. — Pular de paraquedas. Conhecer estranhos para fazer sexo em posições bizarras. Os quietinhos sempre acabam sendo problema.

— Você precisa de alguma coisa, Ana? — pergunto.

Ela arranca um pedaço saliente de cutícula.

— No caso improvável de que você esteja livre no fim de semana, você poderia sair com a gente. — O tom de Ana é despreocupado, mas noto uma mudança na sua expressão: um leve aumento de cor que a torna vulnerável.

— Por que eu faria isso? — As palavras saem da minha boca antes que possa impedir.

— É meu aniversário.

Esse fato me surpreende; não consigo me lembrar da última vez em que tomei consciência do meu aniversário. Tornou-se apenas uma sucessão de números. Identificação habitual, tão significativa quando minhas impressões digitais.

— Seu namorado estará lá — prossegue ela.

Meu coração titubeia.

— Não sei do que você está falando.

— É claro que sabe. — Ana abaixa a voz. — Leander?

— Não há nada entre nós.

— É, é, você nunca se rebaixou a um caso com um colega de trabalho. Mas ele não se cansa de falar de você. — Ela cutuca o interior da bochecha com a ponta da língua. — Vocês dois formariam um belo par.

— Quem mais vai? — pergunto, sem morder a isca.

— Sua pequena protegida. Dora. Eu a convidei para que você tivesse alguém com quem conversar. Viu o que estou disposta a fazer por você?

Mal a estou ouvindo. O corpo que entrou na sala de espera preencheu o ambiente com uma colônia bastante perfumada, penetrante, semelhante ao cheiro de couro. Conforme o cheiro penetra minhas

narinas fico tensa de volúpia. Sou consumida pelo calor de uma respiração contra meu pescoço, o suor na pele de Patrick.

— Quando vocês vão se encontrar? — pergunto a Ana.

— Por volta das nove horas, na sexta-feira — responde ela. — Divertido e cedo.

— Talvez eu vá — concludo.

Ela abre um sorriso irônico.

— Bem, bem... — diz Ana. — Fico feliz que tenha mudado de ideia.

— QUERO DIZER a ela que ainda sou apaixonado por ela.

O homem na minha frente, Kenneth O'Brien, é um cliente novo. Atraente, porém de um jeito tímido, que corre o risco de perder seu vigor a qualquer momento.

— Deve ter havido um erro de comunicação, sr. O'Brien — digo. — Você está aqui para contatar Margaret Ross?

Círculos rosados se destacam nas bochechas dele, mas seu contato visual é tão fixo que chega a ser imprudente.

— Correto.

— Os formulários indicam que você ainda é casado, com Lindsey O'Brien.

Eles estão casados há quatro anos. Em metade das fotos que mostram Margaret e ele juntos, a esposa do sr. O'Brien também está presente; animada, loira e robusta quando comparada à figura esguia de Margaret. Quatro meses atrás, Margaret Ross morreu durante o sono, vítima de um problema cardíaco não diagnosticado. Apesar do relatório do sr. O'Brien não comprovar nada, com os olhos desfocados, deixo a pergunta passear pela minha mente ao avaliar os cotovelos frágeis e os ossos visíveis no peito de Margaret. E me questiono em silêncio.

— Nunca disse a ela como me sinto. Nunca houve um momento oportuno. Ela estava com alguém, eu estava com alguém. Casei com Lindsey enquanto Margaret estava em um relacionando que parecia ter futuro. Por que colocar minha vida em espera? E eu amo Lindsey. Ela é uma mulher maravilhosa. — Ele olha para mim com olhos acusadores.

— Certamente — digo.

— Ela acha que estou na sessão de terapia. Lindsey tem sido tão compreensiva desde que Margaret morreu... — O sr. O'Brien fica inquieto, mexe o relógio em volta do pulso e então fica imóvel. — Costumava pensar: o que eu farei caso algo aconteça e eu nunca tenha tido a chance de dizer a ela? Torturei a mim mesmo, imaginando se nunca teria a coragem de dizer algo. — O sr. O'Brien aperta uma mão contra a outra. — Mas não poderia magoar Lindsey desse jeito.

O sofrimento de repente corta a superfície do vazio tão seguro que ergui para mim mesma. Ainda que pequeno, atinge de forma chocante e afiada, como a ferroada de uma vespa ou um corte feito por papel.

— Era tudo o que eu conseguia pensar quando recebi a ligação — diz ele. — Pensei: preciso revelar isso a ela. É melhor contar antes que seja tarde demais.

— Sr. O'Brien — digo. Ele ergue o olhar na minha direção, inexpressivo e enevoado. — A Elysian Society existe para que você sempre tenha tempo de dizer essas coisas.

Ele pondera essa informação.

— Você acha que eu sou uma pessoa terrível, não é?

— Juro que não. — Estendo a mão para pegar a flor de lótus. — Podemos dar início?

UMA VOZ CONHECIDA se sobressai em uma multidão de corpos desconhecidos e música agitada. Chamando meu nome.

Movimento-me através da escuridão. Fumaça de cigarro e o cheiro de perfumes criam uma nuvem na iluminação laranja. Mulheres vestindo tops colados ao corpo, variações do mesmo estilo de roupas, enfileiradas no bar com as costas curvadas exibindo suas silhuetas. Algumas pessoas se viram, voltando o olhar para mim.

— Você conseguiu vir — Lee diz assim que chego à mesa.

Por um segundo penso ter visto um lugar vago entre os estranhos. Todos parecem tão diferentes sem os uniformes da Elysian Society, a simplicidade substituída por indicadores da individualidade, íntimos, a ponto de se tornarem constrangedores. A blusa regata de Ana é decotada, os olhos dela aparentam ser duas vezes maiores devido às camadas de maquiagem sombreando-os. Dora, do outro lado da mesa, está com os cabelos soltos em um delicado monte de cachos.

Ana estava conversando com um corpo que não conheço bem, um homem mais jovem com um corte de cabelo curto, mas ela se inclina perto da beirada da minha cadeira. Seu rosto está com um corado febril.

— Ah, meu Deus — diz ela. — Você só pode estar de sacanagem comigo. Você ainda está usando o uniforme?

— Não pude... — começo a explicar, mas não tenho nada para dizer e entro em pânico.

Ela dá risada.

— Eu teria dito pra você não usar, mas achei que *saberia* disso. Meu Deus, Edie. Você não tem outras roupas?

— Certo, certo — diz Lee. — Foi sem intenção.

Ana afasta-se, reprimindo um sorriso.

Agarro inutilmente a parte da frente do vestido branco.

— Você está ótima, sempre está — Lee elogia. — Bem, posso pegar algo para você? Uma cerveja?

— Obrigada — digo. Quando se levanta para ir até o bar, seu joelho pressiona o meu. Recuo rapidamente; Lee murmura um pedido de desculpas.

O joelho de Patrick contra o meu. Olho ao redor do bar, como se ele pudesse estar sentado em uma mesa no canto, esperando para se aproximar. Prendo a respiração até ter certeza de que ele não está. Claro que não. Porém, na minha mente Patrick está em todo lugar, o mundo inteiro inundado da perspectiva de tê-lo presente.

Dora inclina-se na minha direção. Sem querer, encaro o vão brilhante de suor entre seus seios.

— Você quer o meu bolero emprestado? — Ela não espera por uma resposta ao começar a liberar os braços da peça de roupa. Eu aceito a malha, comovida com o conforto que sua oferta me proporcionou. Não combina comigo, fica grande e é escarlate, com tiras brilhantes no tecido.

— Você fica bem de vermelho — diz Dora. Ela usa aquele tom generoso que mulheres bonitas usam com as menos atraentes. Não me importo. — Você deveria usar cores vivas com mais frequência.

— Bem, não tenho muitas ocasiões para me arrumar — argumento.

— É, eu não trouxe muitas roupas comigo — diz Dora. — Estou cansada de usar as mesmas todos os dias. Talvez pudéssemos ir às compras, que tal?

— Talvez — respondo após um segundo de surpresa. Não sei dizer se sua sugestão é uma abertura para amizade ou uma tentativa de receber um favor.

— Ainda não conheço a cidade — prossegue Dora. — Pensei que teria tempo pra explorar, sair e conhecer pessoas. Porém, essa é a primeira vez que eu faço algo fora do trabalho. Bem triste, não é?

Lee retorna. O copo que ele coloca na minha frente está cheio até a borda com um amarelo denso e translúcido. Dou vários goles, a cerveja vai se assentando no meu estômago.

— O que está achando do trabalho até agora? — pergunto a Dora.

Ela mexe a boca para um lado, olha de relance para o teto.

— Ah. Tudo bem. Acho. Minha colega de quarto foi embora. Ela só ficou lá por uma semana e então eu acordei hoje e todas as suas coisas tinham sumido. — Ela fecha os dedos para então abri-los, como um ilusionista ao revelar uma ausência mágica. — Ela simplesmente desapareceu.

— Isso é típico — diz Lee. — Muitas pessoas descobrem que o trabalho não é o ideal para elas. Ter certos traços de personalidade contribui.

Ana esteve lançando olhares na nossa direção. Agora se inclina sobre a mesa para dirigir-se a Dora.

— O que você quer é ser como ela... — Ana aponta um dedo para mim — ... e não se apegar a nada. Ou ninguém. Ser reclusa. Uma freira.

A cerveja para no meio da minha garganta como uma risada presa antes de explodir.

— Foi o que Lee realmente quis dizer — continua Ana. — Mas ele é muito bonzinho para falar.

— Não foi o que eu quis dizer — Lee rebate.

Ana levanta-se, tocando a superfície da mesa para buscar equilíbrio.

— Já volto. Não conversem sobre nada interessante na minha ausência. — Em movimento, ela é ágil e cintilante. Atrai abertamente os olhares masculinos.

— Renard disse algo — recomeça Dora. Viro-me na sua direção. — No final da minha entrevista, ela disse que conseguia sentir quando as pessoas tinham algo de especial. E ela pensou que eu tinha isso. — Com os cabelos soltos, Dora parece extremamente jovem. — Mas é provável que ela diga para todos. — Ela tenta falar em tom de brincadeira; noto uma pontada de esperança.

— Não para mim — comenta Lee, bondoso.

Hesito por um longo momento enquanto recupero a memória da primeira vez em que estive no escritório da sra. Renard.

— Não me lembro.

— Eu tomaria isso como um elogio — Lee diz a ela.

Dora abre um sorriso largo. Seu coquetel é brilhante e mistura-se com o gelo. Quando abaixa o copo, lambe os lábios, inconsciente de si mesma.

— A maioria dos meus clientes não são tão ruins — continua. — Pensei que seriam esquisitões. Assustadores, talvez. Mas muitos deles são meigos. Eles só querem falar de novo com suas filhas.

— Consigo vê-la no papel de filha — diz Lee.

Ana se apoia no bar de modo que seus seios e quadril ficam voltados para o cômodo. Ela fala com o barman por sobre o ombro, e tanto ela quanto eu notamos ao mesmo tempo quando um homem levanta da mesa e se aproxima para se colocar em frente a ela.

— Você é mãe? — Dora pergunta.

Percebo que se dirige a mim. Sou tomada por um calafrio intenso que cresce, me tornando alienada a todos ali. Neutralizando as luzes como um dedo posto em cima de uma chama, suprimindo as vozes e a música de tal forma que perdem o significado.

se foi, tudo se foi

Então me forço a focar de novo; em um estalo o mundo volta à claridade.

— Só de vez em quando — respondo. — Sou esposa. Nem sempre, mas geralmente. — Eu me pergunto se estou corando. Para meu espanto, quero falar sobre ele. — Um dos meus melhores clientes no momento tem contatado a esposa com quem foi casado por seis anos. Ela se afogou no lago Madeleine.

Dora murmura de modo solidário e atencioso, mas quem olha para mim é Lee.

— Espere um momento. Lago Madeleine? Sei de quem você está falando.

— Acho que não — respondo.

Lee aponta para mim, estreitando os olhos.

— O nome dela era, hum, Célia? Espera, não, não me diga. — Ele ergue uma mão espalmada. — Sylvia? Parece que era Sylvia. — Meu couro cabeludo formiga. — Lembro o que aconteceu. Acompanhei por um tempo.

— Apareceu no noticiário? — pergunta Dora.

— Brevemente — responde Lee. — Pelo que me lembro, a questão era se eles iam processar o resort em que ficaram por negligência ou não. Havia certa questão sobre ela ter se afogado por culpa própria ou por conta do resort, por não sinalizarem as áreas perigosas do lago. Mas todo o assunto deixou de ser comentado. Acredito que tenham se acertado fora do tribunal.

Patrick nunca havia mencionado isso. Um sentimento de traição despenca sobre mim, pesado como uma pedra, ao me dar conta de que ele manteve certos detalhes da morte da esposa ocultos de mim.

Um barulho chama minha atenção. Um elevar agudo de vozes. Quando olho de relance, Ana está em pé com os braços envolvendo o peito. O estranho se inclina sobre ela, sua mão apoiada no balcão do bar. Ele é cerca de um palmo e meio mais alto que ela. Seus contornos por baixo do casaco de inverno incomum sugerem alguém enérgico.

— O marido trabalha em um escritório de advocacia — Lee continua. — Me pergunto como ele está lidando com a situação. — Seus olhos se estreitam na minha direção. — Não muito bem, imagino.

Estive bebendo continuamente. Tudo está começando a ficar inclinado e estático, como um quadro torto.

— Sabe quem é aquele? — pergunto para Lee, gesticulando na direção do bar. — Um dos clientes da Ana?

Relutante, ele segue meu olhar.

— Duvido — conclui ele. — Escolhemos esse bar para não esbarrar com clientes.

Ana agora volta para a mesa com o estranho a acompanhando. Ele estende a mão para tocar a parte inferior das costas dela. Sua expressão é frenética, radiante e tensa, como um fio desencapado.

— Edie. — Viro-me para Lee. O olhar dele está sério, o rosto próximo ao meu. Seu hálito é quente contra meu pescoço; como vapor saindo de uma xícara. — Caso eu esteja certo sobre quem seu cliente é, ele não deveria estar frequentando a Elysian Society — diz ele, baixo na minha orelha.

— Por quê? — questiono.

Porém, Lee se inclina de volta no assento, sua expressão ficando mais formal novamente. Ana chega à mesa. Atrás dela, o estranho não se importa em disfarçar seu olhar. Os olhos dele demoram-se em Dora. Ele é um homem de meia-idade, atraente de um modo bruto. Há arrogância na sua expressão: sorri como alguém que acabou de descobrir um segredo.

— Todos eles...? — ele pergunta a Ana, quase baixo demais para ouvir.

Ana o ignora.

— Então, surgiu uma coisa — diz ela. — Eu sei, sou uma furona. Mas o restante de vocês deveria ficar. Divirtam-se. Só Deus sabe como precisamos de umas bebidas.

Fixo meu olhar na mão do estranho no cotovelo dela. Gesto conveniente que demonstra posse.

— Seus amigos podem vir conosco — afirma o homem. — Não me importaria. — Seu olhar desviou para mim. Os olhos lacrimejantes, marcados por veias rosadas. — Será que não nos conhecemos? — ele me pergunta.

Ana dá risada.

— Ela? Não. Rob, ninguém a conhece. Ela nunca sai de casa.

— Não — insiste ele. — É sério. Você me parece muito familiar.

Não entro em pânico. Mantenho minha expressão imparcial, acesso os rostos que tenho gravado na memória, os que com o tempo ficaram empoeirados e indistintos. Mesmo depois de tentar imaginá-lo cinco anos mais jovem, ele continua sendo obscuro para mim. Não o conheço. Meu estômago descontrai, aliviado.

— Não a provoque — diz Ana e dá um puxão na manga dele. — Vamos sair daqui.

Quando eles saem o restante de nós permanece sentado em um silêncio incerto. Percebo que Lee está esperando pela oportunidade de voltar ao assunto anterior, e sua paciência se manifesta como se fosse uma coceira leve. De repente, não consigo respirar. O cômodo se torna esmagador, a vibração da música, os cheiros provenientes de diversos corpos em aglomeração. Pela janela ainda chego a ver a mancha preta dos cabelos de Ana.

— Acho que devo ir embora também. — Ignoro o desapontamento evidente de Lee, não permitindo que nossos olhares se cruzem ao me despedir.

Alcoolizada, vejo o bar como um obstáculo a transpor. Corpos acomodados em bancos, ao redor de mesas, mirando a tela de celulares. Tudo que consigo pensar é em como eles são estranhos. Tão solitários, ocupados por um coração. Uma mente, devorando a si mesma como uma cobra engole o próprio rabo. Essas pessoas parecem estar tão solitárias que eu mal posso suportar, e então um homem empurra meu cotovelo, de forma tão acidental que não tenho certeza se chegou a me ver e me sinto menos do que uma pessoa. Uma lasca de gente.

Do lado de fora, já na calçada, o ar úmido da noite me traz de volta à realidade. Ana acende um cigarro, uma mão curvada para proteger a chama do vento. Quando se volta para mim, sua expressão é tanto desafiadora quanto encabulada. Uma criança esperando ser repreendida.

— Ele só foi buscar o carro — explica, exalando uma nuvem de fumaça.

— Você trabalha com ele? — pergunto.

— Não exatamente. — Ana olha para o outro lado da rua, como se estivesse se dirigindo a outra pessoa e eu por acaso estivesse por perto. — Não tem nada a ver com a Elysian Society, está bem? É problema meu. — Ela dispersa a fumaça com um gesto gracioso. — Eu sei que deve ser difícil para você imaginar alguém ter uma vida fora daquele lugar, mas alguns de nós têm.

Ana teve outro emprego no decorrer desses anos. Imaginei que esse tivesse sido o motivo de seus sumiços periódicos, para então retornar como um gato que volta para casa após aceitar comida de estranhos. Saber que, para ela, a Elysian Society não passa de um emprego sempre me deixou inquieta, melhor nem pior do que qualquer outro. Ao olhar para a curva exposta de seus seios, recordando a mão do estranho no seu cotovelo, pergunto-me qual seriam as atribuições do seu outro trabalho.

Devo ter deixado a dúvida estampada no meu rosto.

— Não é o que você tá pensando, Edie — diz Ana.

— Eu sei — digo, rápido demais.

Ana bate suavemente o cigarro. A ponta cai e se esfarela no asfalto.

— Bem, fico feliz que tenha vindo hoje — emenda. — Desculpe se não foi tão empolgante quanto esperava. Ou se foi empolgante demais. — Sorri, irônica. — Sobre o que estavam falando na minha ausência? Algo interessante?

— Não — respondo e replico seu sorriso. — Na verdade, não.

Um carro estaciona junto à calçada. Caro e de cor prateada, rebaixado e com as janelas tão escurecidas que não se vê o motorista. Sem olhar para mim novamente, Ana desliza para dentro do carro. Noto um relance do seu sorriso rígido, uma mistura peculiar de vazio e esplendor, como o filamento no centro de uma lâmpada.



EM CASA, NÃO consigo relaxar. Estou esgotada: o álcool, as conversas, os olhares alheios em mim. Distante dos padrões impostos pela Elysian Society, o mundo exterior não tem amarras. Qualquer pessoa pode dizer o que quiser, fazer o que bem entender. É uma subdivisão constante de caos que, peculiarmente, todos os outros são capazes de ignorar.

Mesmo antes de me tornar um corpo, podia discernir aspectos que outras pessoas não conseguiam. O chamado imprevisível que fica à margem de nossas vidas e ameaça nos tragar. A Elysian Society concedeu a esse temor uma estrutura, transformando-o em um alicerce para a rotina, permitindo-me dar um passo atrás do meu próprio corpo e tornar-me uma espectadora silenciosa do luto das outras pessoas.

Tinha 25 anos de idade quando comecei a trabalhar como um corpo. Atualmente sinto como se não tivesse envelhecido, e o mundo seguido sem mim. Entendo o que as pessoas querem dizer quando falam sobre solteironas. Mulheres cujos corações ficaram suspensos no tempo, trancados e seguros atrás de um vidro, como artefatos em um museu.

Eu queria exatamente isso cinco anos atrás.

Olho ao redor do meu apartamento com os olhos omissos de um estranho. Toda minha mobília foi barata e montada às pressas, como mostruários de uma loja. Passa a impressão de vigor, porém, se olhar mais de perto, é possível notar lascas de madeira descascando. Metade da minha sala de estar acomoda caixas e um pequeno gaveteiro. Todas as fichas e fotos que reuni dos clientes, suas memórias ocupando o espaço das minhas próprias.

Na verdade, isso foi uma melhoria para mim. Depois de apenas um ano de trabalho, aluguei meu próprio apartamento. Todos os avanços que realizei na vida desde então seguiram um viés semelhante. Um carro usado em vez de um passe de ônibus, um casaco de inverno modesto para substituir um que estava com as costuras se desfazendo. Minha vida é organizada, contida, operacional. Algo para ocupar espaço.

Hoje à noite, o silêncio se torna uma força que pode me sufocar, como um travesseiro forçado contra meu rosto.

ESTOU NO CARRO, há vinte minutos do meu apartamento. Estacionada em uma esquina escura.

Do outro lado da rua uma pequena cafeteria ainda está aberta. Uma moça com cabelos escuros inclina-se, solícita, sobre o telefone. Próximo à cafeteria, uma livraria já encerrou as atividades pelo dia, e as silhuetas das prateleiras são visíveis escuridão adentro. Há uma porta de entrada que estou observando, espremida entre uma série de edifícios baixos. Há uma longa escadaria com corrimão espiralado em ferro forjado. Uma placa reluz do lado de fora na parede da entrada, um lampejo em meio às sombras, CASTLE & CLARK LTDA.

O bairro se localiza em um sistema imprevisível de portões trancados, casas cercadas de jardins sofisticados e varandas espaçosas, como convidados em uma festa que desejam ser admirados, mas não abordados. Já passei por aqui algumas vezes. Talvez por isso esse local tenha voltado tão rápido à minha memória após Lee mencioná-lo no bar.

Fecho os olhos. Ela me aguarda dentro das minhas pálpebras. Sylvia, ágil e virtuosa ao cumprimentar o marido após um dia de trabalho. Seus cabelos escuros puxados para trás, revelando o pescoço de

bailarina.

ele não me ama mais

Abro os olhos. Como se conjurado por magia negra, Patrick surge do outro lado da rua, suas costas viradas para mim enquanto tranca a porta. Os cabelos dele um pouco compridos na base do pescoço, um fio de cabelo se ergue, exposto. Como uma criança sem cuidados maternos.

Em algum lugar atrás de onde estou, um barulho de vidro estilhaçado quebra o silêncio. Viro a cabeça. Ao sair de um restaurante do outro lado da rua, um garçom de avental verde joga uma série de garrafas no lixo.

Quando volto o olhar, Patrick está parado. Seu olhar sobre mim. Na luz dispersa das lâmpadas do poste, o rosto dele é tão vago quanto se o estivesse vendo em uma tela chuviscada. Devo brilhar na escuridão. O vestido branco, meus cabelos descoloridos. Não consigo me mover. Seus olhos em mim me empurram para trás, segurando-me onde estou, como uma restrição física. Mãos nos meus ombros.

olhe para mim

Então Patrick se move com a cabeça curvada, até virar a esquina e sair do meu campo de visão.

Quando dou a partida rumo a meu apartamento, minha mente está tão arrasada que mal consigo encontrar o caminho. Não consigo parar de imaginar o que teria acontecido se eu tivesse saído do carro, se tivesse chamado por ele. Parte de mim fica animada com a ideia.

Calma. Calma. Fora do quarto 12, um homem como Patrick Braddock jamais notaria uma mulher como eu.

FUI INSTRUÍDA A usar uma roupa simples na entrevista da Elysian Society. Nada formal, nem brilhante e sem acessórios em excesso. No espelho do hotel, apertei minhas bochechas para ficarem rosadas e preendi os cabelos em um rabo de cavalo úmido.

Minha vestimenta foi o melhor que pude fazer com o que trouxe comigo. Camiseta branca, saia na altura do joelho. Ao me aproximar do edifício da Elysian Society pela primeira vez com a face livre de maquiagem, senti vergonha. Naquela época, era raro sair de casa sem nada no rosto.

A sra. Renard não sugeriu que eu me sentasse. Fiquei em pé no meio do escritório, entrelaçando os dedos na minha frente. Sem qualquer distração, fiquei estranhamente consciente do meu próprio corpo. A batida profunda do meu coração. As solas dos pés contra o chão.

— Você não é daqui, certo? — perguntou, por fim, a sra. Renard.

— Não.

— Mas você tem família ou amigos nessa região?

— Mudei para cá há uma semana.

— Você se mudou sozinha? É casada, está em um relacionamento? — Ela pausa. — Tem filhos?

Hesitei.

— Estou solteira no momento.

— No momento — repetiu ela. — Mas você gostaria de conhecer alguém. — Seu tom adquire a leveza de uma fofoca, com certo limite. Um pedaço de folha laminada com extremidades cortantes.

— Prefiro ficar sozinha.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— É uma preferência rara em garotas da sua idade. Revigorante.

Sem saber como processar essa informação, eu apenas acenei com a cabeça em concordância.

— Você deve achar essas perguntas invasivas para uma entrevista de emprego — disse a sra. Renard.

A verdade é que não tinha reparado. Na época em que não era experiente, parecia natural alguém inspecionar meu passado.

— Me perdoe pela pergunta que estou prestes a fazer — disse a sra. Renard. — Você já sofreu muitas perdas?

Fitei o chão e o padrão incomum do tapete. Seus enfeites subindo como cipós, se enrolando em meus tornozelos e pernas, puxando-me para baixo, além da superfície do chão.

— Minha jovem. — Quando ergui o olhar, notei que a atitude da sra. Renard era mais gentil. Seus olhos em mim eram misericordiosos; poderia contar a ela meus segredos, lançar meus pecados nela como moedas em um poço. — Esse aposento é particular. Nada dito aqui irá além dessas paredes.

Então contei tudo para ela. Senti cada confissão se desprender da minha língua e deixar meu corpo mais leve, mais puro. Melancólico, um feixe de luz queimou minha pele ao entrar pela janela. Quando terminei, eu me senti oca.

— Sabe o que fazemos aqui? — questionou a sra. Renard.

— Sim — respondi. — Eu sei.

— A ideia de outras pessoas falarem através da sua boca não assusta? A ideia de suas mãos mexerem quando você não estiver ali?

Olhei para baixo e imaginei as mãos movendo-se sem meu consentimento. Nesses últimos meses, minha pele ficou ressecada e branca, como algo removido do contato do sol por décadas. Os ossos dos meus pulsos se sobressaindo dolorosamente.

— Não — falei. — De forma alguma.

— Talvez devesse assustar. Assusta a maioria das pessoas. — Correu os olhos por mim, de cima a baixo. — Por que não preocupa você?

Deixando-me levar pelo momento de confissões, eu contei a ela. Contei que às vezes esquecia que meu corpo sequer estava ali. Que havia outros dias, mais difíceis, nos quais eu queria apenas ignorá-lo. Se meu corpo pudesse se tornar algo útil para pessoas que precisassem dele, então eu não recusaria a oferta.

— Altruísta — disse a sra. Renard. Não usou um tom de admiração ou aprovação, mas como se estivesse colocando um rótulo em mim. — Acredito que se sairá bem aqui.

Depois, ao andar pelo estacionamento, vi um casal de idosos, seus olhos irritados e tensos de tanto chorar. O homem ajudou a mulher a entrar no carro do lado do passageiro. Eles viraram a cabeça ao ouvir meus passos. Seus olhares me atravessaram. Então, naquele momento, já me senti invencível. Meu rosto livre de maquiagem, a máscara perfeita.

— TROUXE PARA VOCÊ. — Patrick sorri como se estivesse em um encontro e a caixa que me estende fosse um coração cheio de chocolates.

Ao colocá-la no meu colo, fico surpresa com o peso. Não consigo me lembrar da última vez em que abri um presente. Levanto a tampa e olho o conjunto de objetos. O forte cintilar de um par de brincos contra um pedaço rendado de seda. Uma caixa cheia até o topo com presentes românticos. Mais do que românticos: íntimos.

— Pensei que você poderia usar alguns deles — diz Patrick. — Durante nossos encontros.

Agora estou fitando um frasco multifacetado de perfume em forma de coração. O frasco está quase vazio, apenas um centímetro de líquido resta no fundo do vidro fosco. Todos os sinais de uso são visíveis. Cabelos longos e negros presos nos dentes de um pente de casco de tartaruga, as impressões digitais turvas na superfície do espelho de pó compacto.

Sinto o estômago revirar. Fecho a tampa rápido demais.

Patrick estica a mão e a coloca no topo na caixa. Seus dedos ficam próximos aos meus. O espaço separando nossa pele nua é o de uma unha. Calor emana entre nós, cintilando.

Mexo meu dedo. Tenho tempo o bastante para registrar o calor da sua pele, o contato da sua aliança de casamento, antes de segurar a caixa com mais firmeza e colocá-la em cima da mesa.

Ele se afasta, acomodando-se na cadeira.

— No entanto, você ainda usará o batom?

— Se assim o desejar, sr. Braddock — respondo.

— Ele fica bem em você.

Perto assim, noto que os olhos de Patrick são verdes, permeados por um tom pálido de castanho que dão a impressão de serem dourados. Sou inundada pela sensação de que pertenço a algum lugar, tão forte quanto um abraço.

É a forma como ele está olhando para mim. Mesmo os meus clientes mais gentis têm uma certa maneira de encontrar meu olhar, antes ou depois dos atendimentos. Algumas vezes ainda me sobressalta. A sensação de ser olhada de modo tão penetrante, oscilando entre familiaridade e desapontamento. Apenas à espera que eu me torne um outro alguém. E durante anos, eu aceitei. Desejei isso.

Patrick, todavia, hoje olha para mim como se eu estivesse bem ali em frente a ele. Como se visse uma pessoa que já é plena e completa.

Sinto cada centímetro do meu corpo vivo, em brasa, enquanto pego a flor de lótus.

— Podemos dar início, sr. Braddock?

APENAS TARDE DA noite examino o conteúdo da caixa mais de perto, passando os dedos pelos resquícios recuperados da vida de Sylvia.

Brincos de esmeralda, estilo princesa, balançando em um suporte estreito. O fundo da caixa é forrado por uma grande quantidade de grampos de cabelo pretos, que se destacariam no meu cabelo loiro como se fossem cicatrizes de uma cirurgia.

O objeto mais estranho é um pedaço pequeno de plástico claro, curvado como uma lua crescente. Levo um instante para perceber que se trata de um molde ortodôntico. Um registro perfeito dos dentes

superiores de Sylvia. Seguro o molde na palma da mão, analisando a crosta branca que demarca as extremidades dos molares inclusos. Um cheiro bolorento alcança meu nariz, como se fosse leite azedo. Prova de que Sylvia já possuiu um corpo com vida, que respirava e era imperfeito, com partes que secretavam e expeliam substâncias.

Imagino Patrick andando pelos cômodos silenciosos de sua casa, sentindo a presença de Sylvia em cada um. Alguns clientes sentem dificuldade de confiar a mim os pertences dos entes queridos, mesmo que por meia hora. Outros clientes, por outro lado, entregam a mim coisas demais. Eles me cobrem de suéteres cheirando a naftalina, pares de tênis ainda com terra presa nas solas. Entregam-me itens que não tenho como usar durante os atendimentos. Escovas de dente e pentes velhos, bichos de pelúcia favoritos. É possível que Patrick tenha doado para caridade os vestidos de Sylvia e distribuído os livros favoritos dela entre os familiares de luto. Talvez eu seja outra alternativa para limpar o espaço.

Ou então talvez eu seja sua forma de devolver os pertences da sua esposa, os detalhes que nunca entendeu muito bem, de volta à dona legítima. Aquele fantasma insaciável, agarrado às ruínas materiais do seu corpo.

Me dê meu osso.

Não consigo lembrar como a história acaba, eu penso, enquanto caio no sono. Não consigo lembrar se foi a mulher ou o fantasma que foi vitorioso no final.

NA TERÇA-FEIRA À noite, estou completamente exausta. Minha última cliente do dia foi Abilene Osgood, uma mulher que perdeu a filha de 15 anos de idade. A maioria dos clientes se recompõe até eu voltar a mim mesma. Após os atendimentos, estão mais calmos do que quando chegaram. Com a sra. Osgood, eu despertei para ver seu rosto retorcido em um pesar e luto tão grande que fiquei constrangida de testemunhá-lo. Ela olhou para mim como se fosse eu o espírito invadindo o corpo da filha.

Quando entro no meu apartamento essa noite, ouço algo vibrar. Quando localizo o celular em cima da mesa da cozinha, a tela acusa cinco ligações perdidas. Não reconheço o número.

Como se sentisse minha presença, o celular vibra novamente, agora na minha mão.

Atendo imediatamente.

— Alô?

— Meu Deus. Já estava ficando desesperada.

— Ana?

— Preciso de um favor.

Sinto o desapontamento despencar sobre mim ao ouvir a voz dela, e não a dele. Mas escuto.

— Você tem todo direito de recusar. — As palavras dela são rígidas e objetivas. — Você poderia vir me buscar? Não tenho dinheiro pra pegar táxi.

Sigo as instruções apressadas que Ana me dá, procurando por um hotel chamado Apple Blossom. O nome exótico não combina com a parte da cidade pela qual estou dirigindo. Um trecho próximo às rodovias. Uma passagem superior a distância detém um desfile reluzente de faróis. Passo em frente a prédio baixos e sem janelas, com cercas desmanteladas.

A placa indicando o hotel Apple Blossom está parcialmente acesa contra a luz do pôr do sol, tiras fluorescentes visíveis na estrutura de plástico. HOTEL SSOM. Estaciono em uma vaga. O hotel consiste em uma série de quartos em formato de L ao redor do estacionamento.

Uma porta na minha frente abre em um estrondo e Ana sai por ela. Ela se move rapidamente, cabisbaixa, como se estivesse esbarrando nas pessoas ao abrir caminho na multidão.

Atrás da porta que Ana deixou aberta, há um pedaço visível de colcha amarrotada. Uma sombra ocupa a entrada. O estranho do bar. Ele a segue em um passo mais tranquilo. Há discordância entre seus corpos, urgência contra serenidade. Isso dá a impressão de que foram ambos colados na moldura errada, recortes de duas cenas diferentes.

Inclino-me para abrir a porta do passageiro. Ana desliza para dentro, úmida de perfume e suor. Estou tão habituada a sentir o aroma suave dela na Elysian Society que fico mais alarmada com seu cheiro do que com o vestido tubinho colado ao corpo.

— Vamos embora — ela diz.

Porém, o estranho se dirige à janela do motorista. Com o vidro entre nós, fico como um animal enjaulado. De modo curioso, sua presença parece ser reforçada devido à camada de vidro que nos separa.

— Ela é sua substituta? — ele pergunta a Ana. — Nada mal.

— Ignore-o — Ana interfere.

— Ei, acabei de me dar conta, loirinha — ele diz com a voz abafada. — Sei quem você me lembra. Aquela garota. Aquela que aparece no noticiário toda bendita vez.

Meu coração afunda, mas sustento o olhar na direção dele. Ele me fita através do vão da janela. Então ri e dá as costas, balançando a cabeça.

— Apenas vamos embora — chia Ana.

Tiro o carro e olho de relance pelo espelho retrovisor. Ele permanece parado no meio do estacionamento, estático e tranquilo.

— Ele estava no bar ontem à noite — digo, enquanto a placa do hotel desaparece na distância.

— Ah, muito bem — ironiza Ana. — Merece uma estrela dourada.

Ela parece tão pequena no banco do passageiro que seu sarcasmo perde força.

— Onde você mora? — pergunto.

— Poplar. — Ela suspira. — Isso vai parecer muito maluco, mas... Posso ficar com você? — Ela fita uma das unhas. — Não quero ficar sozinha.

— Você é bem-vinda — respondo, escondendo minha surpresa.

— Olhe, me desculpe por ter ligado — diz Ana, após alguns momentos. Estamos passando em frente a edifícios industriais irregulares, com suas extremidades adornadas com hera. — Você foi a única pessoa em quem pensei que de fato viria. Todos os outros têm seus próprios perrengues pra resolver.

— Como você conseguiu meu telefone?

— Eu sempre dou meu jeito. — Ela suspira e se ajeita. Agora parece mais relaxada; ela volta a se reclinar no banco. — Céus, que doente, dizer aquilo pra você. Me desculpe, Edie.

Quando destranco a porta do meu apartamento, Ana passa por mim e entra. Fico para trás, nervosa, como se eu fosse a visita. Durante o crepúsculo, o apartamento fica lamentável, mas Ana parece não se importar. Ela se senta no sofá, pega o controle remoto e coloca em um canal que passa um *talk show*. O apresentador inclina-se para a frente e dirige-se ao público, seu rosto contorcido de solidariedade.

— Vou pegar cobertores — afirmo.

Retorno alguns minutos depois e encontro a televisão no mudo. Quando paro na porta, Ana estende a palma da mão para mim.

— É uma amiga sua?

Ela está mostrando uma foto de Sylvia com o braço ao redor de Patrick enquanto olha intensa e diretamente para a câmera. Como se me desafiasse a contar a verdade.

— Não. — Deixo os cobertores em cima da mesa de canto e estendo a mão. — Apenas a esposa de um cliente.

Ana ignora a resposta.

— Ela era bonita. Meio magra para o meu gosto.

— Ana, por favor — digo, e ela me entrega a fotografia. Aperto-a contra o peito de forma protetora, como se assim pudesse defender Sylvia da avaliação superficial de Ana.

— Sabe, eu devo um pedido de desculpas — diz Ana, observando-me. — Estava errada a seu respeito.

— Errada como?

— Você se importa com seus clientes.

Incerta sobre o que responder, dou um aceno fraco com a cabeça.

— Eu também me importo. — Sua voz adquire um tom cauteloso que me remete a um adulto negociando com uma criança. — É por isso que você e eu somos mais parecidas do que imagina. Eu só vou um pouco mais a fundo. — Ela dobra um joelho próximo ao peito, revelando um pedaço da calcinha. — Rob era um cliente da Elysian Society. Ele parou de frequentar lá talvez uns seis meses atrás. Entrei em contato. Começamos a trabalhar juntos, por conta própria.

Na tela da televisão, um homem com um sorriso estranho está sentado entre duas mulheres com penteados idênticos. VOCÊ DARIA UMA SEGUNDA CHANCE A QUEM TRAI?

— Meu Deus, Edie — diz Ana. — Tá se fazendo de estúpida pra eu ter que desenhar? Você deve saber. Está trabalhando na Elysian Society há séculos. — Ela suspira. — Eu faço o que fazemos lá, exceto que meus clientes recebem algo a mais. Conseguem o que realmente querem quando vêm contatar suas esposas e namoradas.

— Você dorme com eles. — Preciso dizer em voz alta.

— Não use esse tom — replica Ana, apesar da minha voz ter soado neutra. — Não é muito diferente do que todos fazem. Você nunca fantasiou com outra pessoa enquanto estava na cama? Imagine estar com um estranho gostoso, seu vizinho bonitinho. Transforme o corpo com que você está em um substituto. Bem... — Ela sorri de modo áspero. — Estou certa de que *you* nunca faria isso. Mas nós, mortais, fazemos o tempo todo.

Não tenho uma resposta à altura desse golpe de Ana. Seu argumento soa como uma justificativa que ela ficou repetindo na cabeça.

— Sinceramente, não sei por que todos os corpos não fazem isso — prossegue ela. — Você senta em uma sala com um pobre coitado que só quer ficar com a namorada de novo. Depois de um tempo você se sente como uma babaca por impedir. — Ela dá uma risada breve e estranha. — Eu me sinto assim, pelo menos.

Sento-me perto dela, certificando-me de que nossos corpos não se toquem. Um vislumbre de quadris em movimento, pele suada, olhos vidrados. Na tela, os lábios do apresentador do *talk show* se movem sem parar.

— É contra isso que a sra. Renard nos protege — digo. — É o que ela não quer para a Elysian Society, todo o motivo pelo qual fundou um local assim...

— Por favor — corta Ana, bastante ácida. — Você não precisa me dar todo esse sermão. Estou ciente da declaração de missão. Mas, vamos lá... A Renard dá uma olhada ao redor e vê que tem algumas pessoas ganhando dinheiro por canalizar falecidos segundo suas próprias regras. Tomam as decisões, trabalham fora de suas casas. Uma coisa coletiva. E ela transforma isso em uma fábrica. Agora todos nós temos que realizar os procedimentos de acordo com as regras dela. Se ela não vai dar a eles o que eles querem, eu vou.

— Você não precisa envolver a Elysian Society nisso. Faça segundo suas próprias regras.

— De jeito nenhum — rebate Ana. — Você quer que eu morra de overdose, engolindo calmantes? Ao menos as flores de lótus não trazem ameaça. Eu tenho alguns critérios. Quando você acrescenta as lótus

e elimina as regras da Renard... — Ela balança as mãos como em um gesto de apresentador de um programa de gincanas. — Bem, é quando a magia acontece.

Através de rumores incertos correndo entre os corpos, e fragmentos descartados de rumações dela própria, compreendo que a sra. Renard tem o monopólio das flores de lótus, através de um acordo com a distribuidora farmacêutica. Até chegar à próxima cidade com uma organização semelhante à da Elysian Society leva 20 horas de carro. Entre lá e cá, os focos menores onde se canalizavam entes queridos foram sendo extintos, morrendo à míngua. Qualquer um interessado em se tornar um corpo ou em usar um, dirige-se, por fim, à Elysian Society.

— Como você consegue as flores de lótus? — pergunto.

— Com a Jane.

— Fala sério.

Ana dá risada.

— Não a subestime. Jane é como eu. Uma empreendedora à moda antiga. Você acha que ela permaneceria naquele emprego mesquinho se não estivesse ganhando algum dinheiro extra?

Não tenho certeza do que eu espero de Ana. Parte de mim quer vê-la falhar, mas outra parte se sente emocionada pela falta de arrependimento dela.

— Você deve ficar com medo — digo. — Sozinha com aqueles homens.

Uma sombra estranha recai sobre suas feições.

— Não julgue pelo que aconteceu hoje à noite. — Ana arranca um pedacinho de pele seca no tornozelo. Uma gota de sangue brota, triplicando de tamanho até escorrer por seu tornozelo. — Robert não é um sujeito ruim — explica. — É difícil para ele estar tão perto dela e ainda assim ter que lidar com essa distância.

Não respondo.

— Foi uma briga estúpida — diz ela. — Ele quer coisas de mim que não posso dar.

Estou prestes a perguntar o que mais Ana poderia dar, mas ela está se transformando no seu eu habitual, superficial e impenetrável.

— Olhe, vou embora amanhã logo cedo. Fico devendo uma. — Ela pega os travesseiros e cobertores.

Ao levantar, uma pergunta se forma na minha cabeça.

— Você é a única que faz isso?

— Não, Edie. Não sou a única. As pessoas têm feito isso por anos. Engraçado, né? — Sua boca se contorce em ironia. — Renard arranca as ervas daninhas do gramado da frente e senta-se para admirar a perfeição do seu jardim. Ela nem sequer se dá conta de que as ervas daninhas retornam, crescendo por debaixo das tábuas do assoalho, bem debaixo do nariz dela.

— Você poderia entrar em uma enrascada — digo ao imaginar corpos em quartos de hotel pela cidade; uma rachadura fina que mostra ser, após inspeção mais minuciosa, uma rede complexa de fraturas. Um dano tão profundo e generalizado que não há como conter.

— É assim que você me vê? Aquela que está dificultando a vida de todos nesse negócio? — Ela se inclina para a frente para tirar um sapato, atrapalhando-se toda. — Se alguém é um ponto fora da curva naquele lugar, esse alguém é você.

Na tela, uma das mulheres chora. Com a televisão no mudo, a forma exagerada com que sobe e desce os ombros dá a impressão de que está rindo com o rosto entre as mãos, de modo que o público não veja.

— Boa noite, Ana — digo, por fim.

EM MEU QUARTO, não consigo mais resistir. Minha mente turva com imagens: os dedos de Patrick dentro de mim, seus lábios nos meus. A sensação de desejo é dolorosa, como ser partida ao meio

lentamente. Sei qual o gosto da boca dele e a exata pressão do seu corpo dentro e contra o meu.

Deslizo a mão por debaixo do cobertor. Sinto o sono chegando. Meu lado racional desliga, substituído pela volúpia de memórias muito antigas.

Quando viro sobre o colchão, o rosto de Patrick muda. Ele se transforma em Rob, com os olhos vivos e examinadores. Quero parar, mas não consigo. Então deixo de querer. O rosto de Rob vacila, muda. Agora o homem me pressionando com seu peso é o sr. Morris, com os lábios repletos de sardas e a testa brilhante; e então o sr. Deehan com sua eterna pele vermelha de sol; depois o sr. O'Brien com suas feições traiçoeiras; e rosto após rosto, homens que perderam suas amantes, namoradas ou esposas. Seus rostos giram ao meu redor combinados com o movimento sonolento da minha mão.

E então, quando estou quase chegando ao clímax, não consigo de jeito nenhum ver seu rosto. Ele poderia ser qualquer um. Suas proporções distorcidas em ângulos impossíveis, uma sombra se alongando contra a parede. Ele não está mais ofegante em cima de mim, mas sim, muito distante, parecendo cabisbaixo ao me observar. Afundo rapidamente. Ele cintila acima de mim, uma silhueta vista através da superfície da água em movimento.

Vou até ele.

Ele se afasta.

ELA DORME NO sofá usando seu vestido apertado. O formato do seu quadril marca o cobertor.

Inclino-me para a frente para sentir seu hálito morno e azedo.

— *Acorde* — digo.

Ela suspira e muda de posição.

— *Acorde*.

Seus olhos abrem, piscando. Ana senta-se abruptamente, apoiando-se na sua mão. Os olhos dela adquirem uma repentina desconfiança.

— *Você o tirou de mim* — digo.

Ana balança a cabeça repetidas vezes.

— *Você não precisava ter feito aquilo*. — As palavras saem da minha garganta como em um truque de mágica, um lenço sem fim tirado de dentro dela.

Ela estende a mão, as pontas dos dedos geladas no meu braço.

— *Você achou que tinha vencido*. — Empurro sua mão para o lado. Sou delicada, mas ela se retrai.

— Edie — diz ela. — Você está tendo um pesadelo.

— *Ele é meu* — afirmo.

— Claro que ele é — diz Ana, suavemente. — Claro que sim.

Fico em silêncio. A sala de estar começa a entrar em foco com a claridade que entra pelas cortinas. De repente me sinto exausta, como se tivesse ficado acordada a noite toda. Consigo sentir mais palavras congeladas no fundo da minha garganta, tentando sair.

— Desculpe, Ana — consigo dizer.

Ela sorri, mas seus olhos permanecem tensos.

— Nossa, você me assustou.

— Eu falo durante o sono — explico. É uma mentira. Mas agora que a contei, começa a parecer real. Consigo convencer a mim mesma que as palavras foram ditas quando estava confusa de sono, indistintas. Consigo esquecer a verdadeira sensação de falar: minha mente tanto fora de controle quanto clara e agitada, totalmente desperta. — É sério, deveria ter avisado você. — Levanto-me, fraca e trêmula.

Ana balança as pernas na lateral do sofá, buscando seus sapatos. Os saltos agulha se destacam como se fossem armas.

— Não é meio cedo pra isso?

— Pra quê?

— Eu mal reconheci você. — Ana desliza um dos pés na entrada terrivelmente afunilada do sapato. —

Você se maquia durante o sono? Nada mal para uma sonâmbula.

Vou até a cozinha, onde o pequeno espelho se destaca, um dos poucos itens de decoração. O meu reflexo na superfície irregular do espelho é alarmante: não por conta dos meus cabelos desgrenhados ou pálpebras inchadas, mas por causa do batom de Sylvia. Está perfeitamente aplicado, como se eu tivesse usado essa cor durante toda a vida.

As passadas cuidadosas de Ana aproximam-se por trás de mim.

— Passei a gostar desse batom — conclui ela. — Essa é mesmo a sua cor, Edie.

– ESTOU ASSUSTADA.

Os olhos da sra. Young estão no mesmo nível dos meus. Após uns instantes, concluo que ela não é o tipo de cliente imprevisível que perde o controle, sua tranquila fachada escondendo ataques de choro, acusações e descontrole movido pelo luto. Em vez disso, a sra. Young elabora sua confissão com um toque atencioso. É como se ela própria tivesse acabado de dar-se conta de seus sentimentos.

— Alguém deveria ter informado você sobre esse processo, sra. Young — digo. — Não há motivo para ficar aflita.

— Ah, eu sei — responde ela, a voz em tom de desculpa. — Não se trata de... você, ou esse lugar, ou nada assim. Trata-se de mim e dela.

A sra. Young tem os cabelos pretos e opacos e veste uma blusa recém-passada. De acordo com os formulários, ela está aqui para ver sua filha. Uma jovem que morreu muitos anos atrás, aos 20 anos de idade. Esse fato me surpreende; a sra. Young me parece ter por volta de 40 anos. Não muito mais velha do que eu.

— Estava no ensino médio quando a Tiffany nasceu — começa a sra. Young. — Todos disseram que colocá-la para adoção era a melhor coisa a se fazer. Isso daria a ela uma oportunidade na vida melhor do que a que eu poderia fornecer. Voltei para a escola, e então para o trabalho, tentando construir uma vida para mim mesma. Apenas a coloquei para adoção porque as pessoas me disseram que eu ainda não tinha uma vida de verdade. Porém, comecei a sentir que... Não sei como descrever isso. Empacada. — Ela pondera a ideia. — Empacada.

Enquanto minha cliente fala, não consigo olhar para ela. Em vez disso, presto atenção no canto do cômodo, no encaixe irregular da moldura do teto, as finas e luminosas teias de aranha presas ali.

— Eu ficava pensando... Se tivesse conseguido estabelecer uma boa vida para mim mesma, assim poderia tê-la mantido comigo — prossegue a sra. Young. — Não fazia sentido. Mas não conseguia me desprender dessa obsessão. Eu tinha de manter minha vida simples e modesta porque se Tiffany algum dia viesse me procurar e visse que eu era uma mulher de sucesso, questionaria a si mesma sobre o motivo pelo qual não permiti que ficasse comigo.

Com algum esforço trago os olhos de volta à sra. Young. Ela olha fixamente à sua frente, os lábios cerrados em uma linha rígida. Os segundos se passam.

— Foi uma adoção aberta — diz a sra. Young, por fim. — Mas mantive distância. Não queria criar nenhum tipo de confusão. Ela me enviou uma pulseira da amizade quando tinha uns 9 ou 10 anos de idade. A ideia de falar com ela era demais para mim. Eu posterguei. Dizia a mim mesma que esperaria até o aniversário de 18 anos dela para fazer contato. Acredite, não tenho orgulho disso. Mas você ficaria surpresa ao saber quão rápido a vida pode passar quando está se escondendo de algo.

Emito um fraco som de encorajamento.

— Na época em que Tiffany tinha 19 anos, recebi uma ligação de seus pais — prossegue ela. — Câncer de ovário. É raro em alguém tão jovem. Nenhum sintoma se manifesta até que já esteja muito avançado. Depois descobri que tinha algo relacionado com a mutação do gene BRCA. Do meu lado da família.

A sra. Young coloca os cabelos atrás de ambas as orelhas, um gesto metódico. Percebo que suas mãos tremem levemente.

— Cheguei a conhecer Tiffany. Todos nós nos unimos, no final. Os pais dela e eu. Era difícil para eles a verem tão diferente da pessoa que conheceram. Mas era difícil para mim também. Nunca cheguei a conhecer outra versão dela. Havia sentido falta de Tiffany durante seus anos saudáveis. Tanta perda. E tenho medo que ela fique irritada. Irritada que sou eu a vir visitá-la em vez dos pais dela. Eles não fazem a menor ideia de que estou aqui. Gostaria de ter esse contato entre nós.

— Não fique assustada — digo. — Esse é um lugar no qual você não precisa morar no passado.

Minha cliente passa um dedo embaixo de cada olho. Não estava chorando; me pareceu ser um gesto habitual.

— E quanto a você? — pergunta ela, e levo um segundo para me dar conta de que se dirige a mim. — Você está bem? Parece um pouco pálida, moça.

— Estou bem — asseguro. Uma pulseira da amizade toda trançada está amarrada no meu pulso, apertada o bastante para beliscar de leve os ossos. Os fios rosa e roxo estão desgastados. Quando a sra. Young coloca seus cabelos por trás da orelha, presto atenção e noto de relance cores que combinam com minha pulseira por debaixo do punho da sua blusa: ela está usando o par da pulseira.

Estendo o braço na direção da flor de lótus, segurando com firmeza as extremidades do comprimido entre os dedos.

— Vamos começar — digo.

NA SEXTA-FEIRA, ENTRO na livraria um pouco antes de o relógio soar meio-dia. Quando a porta faz barulho, o homem atrás do balcão ergue os olhos.

— É só chamar se precisar de alguma coisa — diz ele.

Através do reflexo da vitrine, noto certa agitação dentro da loja e viro-me. Uma senhora caminha com seus cachorrinhos. Meu coração desacelera. Inclinando meu corpo de modo que a vitrine fique na minha visão periférica, retiro um livro da prateleira e meus olhos correm pelas palavras, sem lê-las.

Nessa manhã, comprei uma revista de moda em uma farmácia, tão sorrateira quanto se estivesse comprando pornografia. Após passar cinco anos cooperando para que as pessoas não notassem minha presença, não lembro mais como fazer para atrair olhares. O conjunto que encontro no fundo do guarda-roupa não é usado há muitos anos. Uma blusa preta com botões de pérola, uma saia cinza. Não foi cara, e tem algumas fibras de tecido que pinicam nas costuras. Porém, sem olhar de perto, criam uma boa ilusão de elegância. Passei um batom vermelho nos lábios, que comprei junto com a revista.

Quando olho para cima, o homem atrás do balcão me observa. Devido à forma como inclinou a cabeça posso dizer que não foi uma olhada ao acaso e sinto uma mistura de triunfo e timidez. Uma sensação que eu quase tinha esquecido.

Ele passa pela vitrine da livraria. Sei que é ele antes mesmo de virar a cabeça. Ele agora está gravado na minha memória: seu jeito de andar, seus gestos. Patrick lança um olhar através da vitrine. Nossos olhares se cruzam. E, como em um passe de mágica, ele desaparece.

Contenho as palavras antes que pudessem sair da minha boca, congeladas no ato, ridículas. Então devolvo o livro à prateleira e corro para fora da loja. O ar típico de mês de abril está úmido e bastante agradável, de uma forma embriagante.

No mesmo instante, avisto as costas esbeltas de Patrick.

— Sr. Braddock. — Sinto que minha voz mal me pertence.

Patrick olha para trás. Ele para e se vira para me encarar. Examinamos um ao outro. Por mais que pareça estranha nas minhas roupas escuras e chamativas, ele também está diferente. Nunca o tinha visto à luz do dia, ou usando essas roupas: sua camisa desabotoada próximo à gola. A luz do dia revela, sem

escrúpulos, as dobras das rugas nos cantos dos olhos, o cansaço estampado abaixo dos cílios inferiores. Tinha me esquecido disso: o quanto o corpo de um homem marcado pelos anos é atraente.

— É você — reconhece Patrick, e as palavras cantarolam dentro de mim: *é você, é você*. — O que faz por essas bandas?

— Ah, eu estava só... — Gesticulo para a vitrine da livraria.

— Encontrou o que procurava? — Ele espia minhas mãos vazias.

— Na verdade, não — respondo. — Esperava encontrar um exemplar de... — vasculho a memória em busca de um nome — ...*Villette*. — É um livro que li no ensino médio; não me lembro de quase nada dele. — De uma das irmãs Brontë.

Por trás de seus olhos noto um distanciamento curioso surgir.

— O que acontece nesse livro? Algo sobre uma governanta? — Ele não espera pela resposta. O que quer que tivesse mudado no seu rosto, se esvai. — Olhe, eu estava indo almoçar, se quiser juntar-se a mim... Caso não esteja ocupada.

— Sim — respondo. — Estou livre. — Como se pensasse se seria possível. E essa fosse uma de muitas opções.

Ele abre a porta de uma cafeteria e gesticula para mim de forma exagerada, como um *maître*: uma rápida reverência com o braço estendido.

— Depois de você.

Após entrar, vejo de relance o lampejo da sua aliança de casamento.

Na cafeteria, o cheiro de pão fresco me envolve. Música clássica toca como som ambiente. Toda a área parece estar banhada em mais luz do que a calçada.

Quando pegamos a comida, servida em delicadas bandejas de vime, Patrick indica uma mesa isolada em um canto. Nossos joelhos quase se tocam quando sentamos. Fico de frente para os fundos da cafeteria. Patrick é tudo que meu campo de visão alcança. A distância entre nós é menor do que quando nos sentamos juntos no quarto 12. Sinto cada parte do meu corpo. Equilibro essa sensação com a batida ritmada do meu coração.

Ele abre um guardanapo e coloca-o sobre o colo.

— Espero que goste — diz. — Costumava vir aqui com minha esposa. — Seu tom de voz não se altera. Sua esposa poderia muito bem ser uma conhecida em comum, uma mulher que certa vez conheci em uma festa ou então concentrada na sua mesa no trabalho.

Retiro um pedaço de pimentão vermelho do sanduíche. Minha coragem ainda não diminuiu, mas sinto certa preocupação se formar dentro de mim aos poucos.

— Você trabalha nessa região? — pergunto.

Patrick mexe a cabeça em concordância ao engolir.

— Descendo esse quarteirão. Em um escritório de advocacia. — Ele sorri, desconcertado, reconhecendo uma piada implícita. — Eu sei.

— Você é advogado.

— Sou. — Outra careta; uma pausa. — Sério? Nada?

Imagens da programação da tarde na televisão, filmes melodramáticos, me vêm à mente; o tribunal abafado, o advogado inquieto andando em frente à bancada do juiz, reorganizando as determinações inflexíveis do mundo em algo mais perdoável.

— Você dá às pessoas uma segunda chance — digo.

— Uma boa forma de encarar. — Ele parece surpreso e então satisfeito, como um professor cujo aluno mais quieto fez uma observação inteligente. — Mas não sou do tipo que faz grandes discursos. Advogado

corporativo. Isso envolve mais chamadas em conferência e revisão de documentos do que você pode imaginar.

— Entendi.

— Há pontos positivos e desvantagens. Estava considerando mudar de trajeto profissional, mas então aquilo aconteceu. — Ele dá de ombros. — Me senti mais seguro em território conhecido.

Aquilo. Aquilo. Mexo em uma fatia de tomate próxima à casca do sanduíche.

— Então você é uma rata de biblioteca — Patrick comenta.

Levo um segundo para ligar essa informação à nossa conversa de antes.

— Bem, eu leio quando posso.

— Eu também. Há um lado bom e inesperado da insônia. Ao que parece, deve-se evitar olhar para telas de eletrônicos à noite. Algo relacionado ao ritmo circadiano. Então tenho colocado em dia a leitura de livros que comprei anos atrás.

— Algum bom? — pergunto.

— Nada tão intelectual quanto as irmãs Brontë — explica Patrick. — No começo, tentei leituras mais densas. Mas funciona melhor se eu ler algo que eu queira. Se acabo fazendo muito esforço para chegar ao capítulo seguinte, isso logo me desmotiva. — Sorri. — Um traço da minha teimosia.

— Faz sentido — comento.

— Agora vamos ver o que sei sobre você — continua ele. — Sei que gosta de ler. Prefere os clássicos. Sei que se mantém a par das notícias. E que prefere o inverno ao verão. Estou certo?

É um contorno rascunhado de quem sou. Quase nada. Mas estou impressionada que se lembrou desses detalhes.

— Sim — respondo. — Isso mesmo.

— Que bom. Fico contente de ter lembrado.

Passa pela minha mente o pensamento de que ele está aguardando, convidando-me a entrar na sua vida. Tento formar uma pergunta inocente. Envolvente, em tom de flerte. Uma pergunta que sua esposa não tivesse de perguntar. Uma foto em preto e branco da Torre Eiffel está pendurada acima da nossa mesa, ofuscada por uma moldura detalhada.

— Já foi para lá? — pergunto, gesticulando para a fotografia.

— Para a França?

O tom surpreso da sua voz é breve e evasivo, de uma forma educada. Mas me dou conta do quão tola a pergunta é, e o quão deselegante deve parecer para uma pessoa como ele. Uma pergunta tão ampla; em vez de *quando* ou *qual cidade* ou *como foi a experiência*. O abismo entre a vida dele e a minha, tão profundo que apenas as circunstâncias mais estranhas poderiam tê-lo amenizado para nós.

No entanto, se notou meu deslize, Patrick foi gentil o bastante para ignorá-lo.

— Sim — começa. — Paris. A Torre Eiffel só quando era pequeno. Voltei para lá algumas vezes. O bastante para explorar meus pontos favoritos. Há jardins escondidos por toda a cidade. Não muito cheios de turistas, então é uma boa forma de explorar a vida local. Pessoas em horário de almoço ou passeando ao ar livre com os filhos. — Ele sorri. — Minha esposa sempre perguntou: e se todos nos jardins fossem, secretamente, turistas? Somos todos de Idaho e Alabama, ocupando bancos nos parques na companhia uns dos outros, achando que somos autênticos parisienses.

Dessa vez, a menção do nome de Sylvia não me belisca tão forte. Consigo dar uma risada.

— E você? — pergunta Patrick. — Já viajou muito?

Nunca saí do país. Esse parece um defeito lastimável, de repente se torna uma prova de que eu sou limitada e atrofiada. Satisfeita com a mesma fatia amarga do mundo.

— Não, não tenho viajado muito ultimamente — respondo.

— Seu trabalho a mantém ocupada — diz ele, de forma atenciosa. Ele começa a falar e então hesita. — Posso ser franco? Tenho muitas perguntas sobre o que você faz.

Poderia fingir que ele está me perguntando sobre meu trabalho como caixa de banco, professora, mas não consigo continuar imaginando isso.

— É um trabalho estranho — amenizo. — Você acaba por se acostumar.

Quando ele se inclina sobre a mesa, fico ruborizada. O calor que a minha pele emite parece que provém do corpo dele, como se estivesse próxima de uma fogueira.

— Há quanto tempo está trabalhando lá? — pergunta Patrick.

— Alguns anos.

— Gosta do que faz?

— Há pontos positivos e desvantagens.

Trocamos sorrisos, de modo rápido e conspiratório.

— Toda vez que dirijo depois de sair de lá — comenta Patrick —, não consigo parar de pensar em você pelo resto do dia.

Congelo.

— Sobre o quão difícil deve ser para você — prossegue ele. — Como consegue fazer aquilo durante o dia inteiro?

Forço-me a voltar a respirar.

— Bem, eu sei como me separar do serviço.

Ele acena em concordância.

— Deve haver muitos trabalhos assim. — Ele hesita. — Minha esposa era fotógrafa. A princípio, ela quis algo mais sério. Fotojornalismo. Antes de nos casarmos ela trabalhava como freelancer para sites e revistas menores. Ela se dedicou muito ao trabalho. Passava tempo com os sujeitos, entrando nas suas mentes. Ficava próxima da vida das outras pessoas. Ela dizia que era necessário certa distância. Talvez você se identifique.

Meu sorriso parece estar fixo no rosto com alfinetes.

— Ela parece ser maravilhosa. — Poderia ter recortado as palavras de um papelão e as colocado em frente à minha boca; faço outro esforço. — Mas então ela perdeu interesse pelo trabalho?

— Bem, a Sylvia... — percebo que é a primeira vez que ele menciona o nome dela — ... ela era muito dedicada. Assim que nos casamos eu estava passando por um período muito estressante no trabalho, e Sylvia suportou muito desse fardo por mim. Sobrava pouco tempo livre para ela dedicar a seus próprios interesses. Sei o tamanho do sacrifício — acrescenta. — Talvez não desse valor a isso naquela época, era jovem e estúpido. Deveria tê-la apreciado. Nem sempre se conhece pessoas altruístas assim.

Olho ao redor da cafeteria, fazendo contato visual com um homem mais velho. Apenas por tempo o suficiente para satisfazer-me com o fato de ele ter-me visto, de que ainda estou aqui, usando meu batom vermelho explícito e barato.

— Já sei o que você está pensando — continua Patrick, levemente autodepreciativo. — Todo mundo fala das suas esposas do mesmo jeito. Ninguém vai falar dos maus hábitos ou das discussões sobre quem vai lavar a louça.

— As pessoas certamente podem ser mais suscetíveis a perdoar depois de uma perda.

— Eu frequentei um grupo de apoio — confia Patrick. Ele alonga os braços acima da cabeça. Uma sombra brota abaixo dos braços. — Percebi que todos nós falávamos da mesma forma. Competitivos: qual esposa morta era mais santa? Como se estivéssemos brigando um com o outro para ver qual companheiro era menos merecedor da morte.

— Essa é uma reação normal do luto, sr. Braddock — justifico.

— Pode me chamar de Patrick. Por favor.

Ele ergue o sanduíche até a boca. Quando abaixa as mãos, a bochecha está suja de gordura. Ele passa o dedo na mancha e depois o chupa. Olho para a ponta do seu dedo úmida e cruzo as pernas debaixo da mesa.

— Como você descobriu a Elysian Society, Patrick? — pergunto, testando falar seu primeiro nome.

— Uma amiga me falou. Ela costumava frequentar. O pai de Jenn faleceu um tempo atrás.

Um casal entra na cafeteria, deixando um rastro de conversa pelo caminho. Patrick olha seu relógio. De repente fica todo profissional, amassa o guardanapo e pergunta a mim se estou satisfeita. Meu sanduíche mal foi tocado, apenas mordido na casca.

— Odeio sair assim bruscamente, mas tenho uma reunião — explica.

Do lado de fora, ficamos em pé diante das janelas de vidro. O sopro do vento joga cabelos nos meus olhos e os afasto com a mão. Quando volto a ter a visão livre, vejo a mão dele recuando, como se a tivesse estendido para mim naquele mesmo instante.

— Você está ótima — diz. — Quase não a reconheci nessas roupas.

Fico desorientada de deleite, com o coração acelerado despudoradamente a seus pés.

— Eu nem sei como te chamar. Aqui. No mundo real. — Ele sorri, e a luz do sol penetra fundo nos seus olhos.

Meu nome verdadeiro pulsa na ponta da minha língua antes de responder.

— Edie.

— Bonito. Combina com você. — Ele estende a mão para mim; pego-a. — Estou feliz de ter tido a oportunidade de te conhecer melhor.

— Estou feliz também.

Ele não solta minha mão. Sinto a súbita firmeza e energia por trás do aperto dele. Todo meu corpo se revira em torno da área em que nossa pele se toca.

Patrick sustenta meu olhar. Noto que assim, de perto, seus cílios são muito longos.

— Posso perguntar uma coisa? Você pode encontrar seus clientes fora do ambiente de trabalho?

Não sei dizer se ele esteve se perguntando isso o tempo todo ou se a pergunta acabou de lhe ocorrer.

— Não exatamente — confesso.

— Imaginei que não.

— Mas não me importo, se você não se importar.

— Não me importo de forma alguma — responde Patrick. Ele solta minha mão. — Nos vemos em breve, Edie.

E quase permito a mim mesma acreditar que é realmente a mim que ele quer encontrar.

SENSAÇÃO DE PESO. Um inchaço que toma cada parte do meu ser, como um toque explorador. Lá longe, muito longe, a luz do sol projeta seus raios sob a superfície da água.

Costumava acreditar que se afogar seria pacífico, apenas menos do que morrer durante o sono: um deslizar, morte que me pegaria com a guarda baixa. Porém, minha morte foi iminente. Aterrorizante. Meus pulmões queimaram com o desejo de fazer algo tão simples quanto puxar fôlego, exatamente o que fiz no momento em que cheguei chorando a esse mundo.

Lembro que afogar-se inclui um momento de traição simples e infantil, em que uma ação tão simples e necessária nos é arrancada. Em um momento você está ali e no seguinte, não mais.

NA SALA DE espera, alguém toca meu ombro nu. Senti um impulso preguiçoso de me aconchegar a esse toque, da mesma forma que viro o rosto em direção ao sol em um dia frio.

— Lee. — Dou um passo atrás e permito que a mão dele pouse suavemente no meu ombro.

— Venho tentando encontrar um bom momento para conversarmos.

Lembro-me da nossa última interação, a preocupação esboçada em seus traços enquanto se inclinava na minha direção no bar.

— Há alguma coisa errada? — pergunto.

Lee hesita.

— Esperava poder conversar em um lugar mais privado — diz ele. — Quem sabe hoje à noite. Poderíamos ir a algum lugar perto para jantar ou beber alguma coisa.

Começo a abrir a boca para recusar, inventar desculpas, porém, como se visse a cena há uma certa distância, ouço a mim mesma dizer:

— Claro. Hoje à noite, então.

Sua expressão se ilumina com uma animação vulnerável que quase me faz sentir culpada.

— Há um lugar não muito longe daqui — prossegue. — Perto o bastante pra ir a pé.

— Encontrarei você lá fora — digo.

Depois de ele sair permaneço ali plantada, encarando a televisão. Uma cena outonal, folhas avermelhadas refletindo, resplandecentes, na superfície de um lago. Minha mente retorna à familiaridade do toque de Lee. Geralmente o máximo que trocamos é um aperto de mãos. Apesar de ter sido um gesto pequeno, houve um registro de intimidade automático. A mão dele no meu ombro. Questiono-me se alguma parte de mim está mudando sem que me dê conta. Emanando receptividade, uma maior abertura. Como se um porta há muito trancada tivesse sido aberta em uma fenda, o bastante para permitir a passagem de um fio de luz.

NÃO ESPERO QUE o livro seja novo. Preparo-me para ver páginas repletas de orelhas e rabiscos a lápis nas margens. Mas a capa está sem marcas. Uma mulher de uma pintura do século XIX olha fixamente à frente, com olhos sem cílios e pálpebras pesadas. Em contraste com seu vestido ilustre, há certo ar dissimulado que surge na expressão dela.

— Ela me lembra você — Patrick diz. — Essa garota na capa. Espero que encare como um elogio. Foi essa a intenção.

Estanco a onda de deleite com firmeza como se segurasse uma atadura sobre uma ferida.

— Devo lembrá-lo que presentes pessoais não são permitidos — digo.

Patrick une as mãos, um símbolo de arrependimento.

— Eu sei. Expliquei para a mulher, Jane, que o livro costumava pertencer a Sylvia. Porém, se você achar melhor não, eu compreendo.

Deslizo o dedão pela capa. Não consigo imaginar me separar dele agora. *Villette*.

— Sylvia estava lendo esse livro quando aconteceu — diz ele. — Eu o encontrei aberto na nossa mesa de cabeceira quando retornei do lago. Um momento tão estranho, ver aquele livro e saber que ela nunca viria a descobrir como ele termina.

Não vou conseguir suportar se ele chorar.

Quando Patrick prossegue sua voz é estável e piedosa.

— Mas, em todos aqueles livros, o final é mais ou menos o mesmo. Ela se apaixona por um rapaz, ela muda-o, eles vivem felizes para sempre. Algo assim.

— Algo assim — ecoo a fala dele. — Obrigada por me confiar o livro, Patrick. — Coloco-o na mesa de canto, próximo ao comprimido.

— Você deve saber o quanto eu valorizo tudo o que está fazendo por mim. — Patrick cruza o espaço entre nós e toca minha coxa: pousa a mão no meu joelho. Seus dedos param debaixo da bainha da minha saia, quentes e firmes.

Ele desenha um círculo rápido com a ponta do dedo. Deve ter deixado uma marca chamuscada na minha coxa nua. Um sinal da sua presença.

Então ele tira a mão e nos sentamos um de frente para o outro, seu rosto sério, exceto por um sorriso intencional. Consigo respirar, algo que me surpreende; consigo respirar e é o que eu faço, inspiro, expiro. Respiro mesmo que vá desintegrar, um pedaço de papel consumido em instantes pela chama.

O RESTAURANTE FICA bem ao extremo norte da vizinhança da Elysian Society, beirando o trecho seguinte de civilização. Lee e eu andamos por esse trecho mantendo uma distância segura entre nós; o ar noturno ainda guarda um pouco do calor do dia. Lee trocou de roupas: uma camisa de botões e calças escuras que ele veste com leve rigor. Vesti um cardigã por cima do vestido branco e soltei o cabelo, mas tomo cuidado para não passar a impressão de esforço na escolha.

O restaurante fica em uma esquina tranquila, as janelas formadas por um mosaico de menus laminados, panfletos ultrapassados e brilhantes a oferecer pedidos especiais e descontos. Uma vez lá dentro, noto que o lugar está praticamente vazio: teto baixo, conjuntos de mesas e cadeiras revestidos em couro sintético vermelho, as partes de cima das mesas coloridas de dourado. Uma garçonete sonolenta coloca copos plásticos com decoração de pedrinhas na nossa frente.

— Esse lugar provavelmente é uma fachada para tráfico de drogas — diz Lee, baixinho. — Mas servem um café bom.

Quando coloco o livro em cima da mesa, ele inclina a cabeça para ler o título.

— *Villette*. Nunca li. É bom?

— Faz muito tempo desde que li — respondo.

— Foi um cliente quem deu? — pergunta Lee. Pisco algumas vezes, irritada com a facilidade com que ele consegue identificar a presença de outro alguém. — Perguntei porque havia uma cliente que costumava me trazer presentes — prossegue. — Uma mulher que vinha contatar seu filho. Ele morreu ainda jovem, vítima de um sério acidente de carro ao qual ela sobreviveu. A mãe dele trazia para mim coisas que tinha comprado, ainda novas, só para mim. Coisas caras. Um relógio de pulso, uma colônia. Ingressos para concertos. Nunca poderia aceitar nada daquilo.

— O que você fez?

— Tive que me afastar — prossegue Lee. — Tentei convencê-la de que aquilo não era apropriado. Queria ajudá-la. Mas é claro que não podia correr o risco. — Ele dá de ombros.

A garçonete aparece novamente, seus olhos fixos no meu vestido finíssimo. Ela desliza duas canecas de cerâmica para cima da mesa. O interior delas respinga café em nós. Dou um longo gole; após o efeito esvaziante causado pelas flores de lótus, o café desce pela garganta ácido como veneno. Fico trêmula até os ossos.

— Quando comecei a trabalhar na Elysian Society, era curioso. — Lee manuseia a alça, virando a caneca sem parar. — Ouvi dizer que era mais difícil manter os corpos homens. E então eu pensei, sabe, deve haver pessoas que não conseguem contatar seus maridos e filhos. Seus pais. Quis ajudar. Parecia uma forma em que poderia intervir.

Sei que corpos homens são mais raros dentro da Elysian Society. Ana os trata com desdém.

— Pobres garotos — eu a ouvi dizer certa vez, flertando com um dos novos. — Quanta desvantagem. Eles não têm o treinamento que as mulheres têm para esse trabalho.

Mas, ao sentar frente a Lee, observo a paciência que se manifesta como luz e sombra sobre seus traços e penso que ele deve ter encontrado algum vácuo dentro de si. Um vazio amável. Um tanto sem querer, coloco o rosto de Lee de lado e um outro surge no lugar. Minha mente ajusta os gestos adequados. A expressão exata: o conjunto da boca, a tranquilidade do olhar.

Viro a cabeça de forma brusca para então encarar um aglomerado de poeira acumulado entre pisos. Quando ergo o olhar, Lee volta a ser ele mesmo.

— Nem sempre é fácil. Aquela mulher não tinha más referências. Mandá-la embora antes que ela levasse as coisas adiante... Pode não ter parecido uma ajuda. Mas foi.

— Ajuda para você? — Dou às palavras um tom levemente cortante.

— Ajuda para ela. — O olhar dele continua fixo no meu. — Você sabe que é verdade, Edie. Às vezes, ajudar nossos clientes significa dar um passo atrás da situação deles. Libertando-os antes que machuquem a si mesmos ou a nós.

Através de uma fresta entre os panfletos fluorescentes colados na janela, o céu exhibe um tom manchado de cinza escuro.

— O que você quer conversar comigo, Lee?

— Isso tem me preocupado durante um tempo. Desde aquela noite.

Do outro lado do salão, a garçonete inclina-se contra o balcão; ela poderia de fato fazer parte do pano de fundo. Os conjuntos de mesas e cadeiras alinhados com as janelas, as mesas espalhadas no centro do salão com montes de utensílios em cima, tudo dá a impressão de um cenário montado às pressas.

— Patrick Braddock pode ser perigoso — diz Lee.

Nem sequer fico surpresa.

— Perigoso de que forma? — pergunto com uma voz gentil.

— Verifiquei os detalhes. As circunstâncias acerca da morte da esposa dele. Tem algo de estranho, Edie. Fora do comum.

— Fora do comum — repito, tornando a expressão, de repente, ridícula.

— Os detalhes não se complementam. A história é que ela foi nadar sozinha no começo da manhã e se afogou. Ela estava bêbada ou esgotada. Mas, se olhar mais a fundo, enxerga discrepâncias. Você sabia que ela estava nua quando a encontraram?

Consigo sentir meu batimento cardíaco preso dentro do peito, como se fosse um inseto encurralado dentro de um punho.

— E não é só isso — continua Lee. — Percebi que aparentemente ele abandonou o processo contra o resort. A coisa toda desapareceu.

— Ele não quis levar isso adiante depois da perda que sofreu.

— Talvez. Ou talvez não quisesse uma investigação mais apurada. Um processo por homicídio culposo poderia ter trazido à luz detalhes que Patrick não queria que viessem a público.

Dou mais um longo gole no café, o amargor deixa meus dentes semicerrados.

— Tudo isso pode não significar nada — Lee prossegue —, ou pode indicar um lado diferente da história. Um crime.

A última palavra rodopia pela minha cabeça, dura como pedra.

— Esses são só rumores infundados — digo. — A sra. Renard confia no sr. Braddock. Por que colocar em dúvida o julgamento dela?

— Você não sabe que tipo de vida Sylvia levava com Patrick, que problemas estavam tendo. Deixar Patrick continuar a vê-la, a ficar perto de você... — Ele hesita. — Isso pode acabar mal.

Quando olho para baixo e vejo a capa do livro, ela está transformada: o rosto da mulher havia perdido qualquer traço indomável antes detectado e agora se mostra ilegível, silenciosamente dócil como a de um sonhador.

— Já estou trabalhando com o sr. Patrick há semanas. Ele não tem sido nada além de profissional.

— Por que você decidiu se tornar um corpo? — indaga Lee.

— Pelo mesmo motivo que você. Ajudar pessoas.

— Quando eu falo para você sobre mim, não oferece nada em troca. Já conversamos há dois anos e nunca diz nada sobre seu passado. É como se tivesse caído do céu.

Começo a falar.

— Não é da minha conta — interrompe ele. — Eu sei. Mas pensei: é muito estranho que ela esteja fazendo isso, saindo com alguém como Patrick Braddock. Você nunca se arrisca. Então me dei conta de que não sei o bastante para pressupor isso. Talvez haja algo que eu precisasse saber.

Ao ficar em pé, uma onda de vertigem quase me empurra para trás.

— Lee, se você se importa comigo, pare com isso — digo. — Por favor.

— Como você quiser. — No entanto seus olhos permanecem com a mesma expressão de que ainda não foram convencidos, como se eu insistisse em não estar machucada enquanto ergo a mão ensanguentada entre nós.

Saio apressada do restaurante, sem olhar para trás. O céu noturno parece espesso e muito próximo da minha cabeça, como se ameaçasse chover.

Paro na metade do quarteirão. Uma garotinha espera no cruzamento de duas ruas mais abaixo. Em meio a essa escuridão seu rosto parece suave e indistinto, um conjunto genérico de traços. Seus cabelos lustrosos emoldurando o rosto, a forma como balança os braços: a visão dela me atravessa como uma bala. Ela é jovem demais para estar aqui sozinha. Ela poderia ter-se materializado, trazida à vida apenas por conta do meu olhar.

A cabeça da menina está abaixada, mas enquanto estou aqui, em pé, a observando, ela olha para cima. Seus cabelos claros afastam-se das bochechas. Não suportarei olhar o rosto dela.

Então uma mulher mais velha caminha em sua direção, surgindo por trás da esquina de um prédio. A garota balança a cabeça e vai saltitante até a mulher. Ambas começam a atravessar a rua e eu respiro fundo, acompanhando-as com o olhar. Olhando de trás, a mulher e a garota são simples e comuns. Rostos na multidão. Não as conheço, lembro a mim mesma. Não conheço ninguém nesta cidade.

LAGO MADELEINE. AGOSTO.

Hesito por um segundo. *Crime*. Deleto as palavras, como se pudesse esfregar o termo da minha mente para digitar no lugar: *Afogamento*.

O número de resultados não é grande. Artigos em sites de notícias locais, um punhado de sinopses artificiais com fontes nacionais. Alguns não se referem a ela por nome. *A esposa de 32 anos de idade*. Três deles mostram a foto de Sylvia, a mesma em cada uma das vezes. Uma foto profissional, um sorriso tão ensaiado e inexpressivo quanto uma foto de arquivo. Poucas fontes utilizam uma fotografia de Sylvia e Patrick juntos em um evento formal, o pescoço dela enfeitado com pérolas, a mão dele firme na cintura dela. Uma cópia dessa foto está no chão do meu quarto.

Leio e releio os artigos, ansiosa por qualquer detalhe. *Braddock foi acompanhada até a casa no lago por seu esposo e dois amigos próximos*. Os nomes dos amigos são suprimidos, mas após um instante relembro o nome da esposa: Viv Damson.

Sylvia fora nadar sem avisar ninguém, infringindo o regulamento do resort. Entrou na água após consumo de bebida alcoólica, cedo pela manhã, sem mais ninguém por perto. Apenas um dos artigos reitera o que Lee disse sobre a nudez de Sylvia na ocasião.

No momento, é desconhecido o fato de Sylvia estar ou não vestida quando entrou nas águas do lago.

Lembro-me da reação de Patrick quando garanti a ele que não havia nada de estranho na morte da esposa. Sua leve hesitação que poderia significar dúvida, vergonha. Raiva.

As informações brutas e não filtradas são restritas a fóruns repletos de detetives amadores. Pessoas com nomes codificados e anônimos que parecem ser capazes de realizar uma aritmética estranha. Divisão reversa: conseguem pegar as pistas mais sutis e dissecar os detalhes até se tornarem teorias de várias páginas.

Os Braddock aparecem brevemente, mencionados aqui e ali. Leio cada um dos fóruns com um calor crescente no peito e um aperto por trás das costelas.

O que achamos desse aqui? Há algumas coisas estranhas, incluindo o fato de o marido ter abandonado o processo. Com medo? O que vocês acham?

É, obviamente não foi um acidente.

O cara é totalmente culpado mas parece que é cheio da grana, então duvido que pague por isso.

Os relatórios mostram que a autópsia não acusou nenhum sinal de violência???. Parece que a vagabunda só encheu a cara e achou que era boa demais pra seguir as regras.

Não sei. Não ligo. Parecem superarrogantes nas fotos. Talvez ela tenha se afogado pra escapar dele. Talvez ele a matou pra escapar dela. Não vale a pena discutir.

Fico em pé, retirando-me da conversa cheia de autoridade fria e passageira desses estranhos que resumiam a morte de Sylvia como se estivessem estado lá. É como encontrar uma lembrança frágil marcada com as impressões digitais de um desconhecido.

São pessoas alheias à situação. Turistas, acumulando-se ao redor de algo maior que eles próprios, com a expectativa de ter um breve momento de conexão.

Acabo indo para o quarto. Passeio pelas fotografias. Os rostos de Sylvia e Patrick correm pelos meus olhos, sorrisos largos, brilhantes e risadas com bocas entreabertas, uma após a outra. Ela aconchega a cabeça no ombro dele. Encaixa o braço no dele. Não há sinal de infelicidade ou de discórdia. Sei exatamente como decifrar as tragédias alheias. Reconheceria de cara.

Chego a uma das fotos e paro. O batom. Os seios alvos e arredondados e a cintura fina são convidativos, resplandecentes. Olho o verso da foto.

Meu querido. A grafia cursiva é elaborada e infantil. Tinta azul desbotada. *Nem sempre é fácil, não é: estar loucamente apaixonada? Mas pertencço a você hoje e para sempre. Nada pode nos separar.*

Com amor, sua borboleta.

Leio as palavras outra vez, e mais uma, e outra vez mais, até o mundo se estabilizar ao meu redor.

NÃO LEVO MUITO tempo para localizar o número de telefone dela. Uma consulta rápida de um diretório online foi o bastante. Suas informações básicas estavam agrupadas em um único local, jogadas de forma displicente, cheias de vida. Uma pessoa com nada a esconder.

Disco o número e espero alguém atender. Logo me acalmo, tornando-me a mulher que de fato serei assim que ela atender.

— Oi, alô?

— Poderia falar com a sra. Damson? — pergunto.

— Aqui é ela.

— Ótimo — digo, rápida e estável. — Fico feliz por ter o número certo no arquivo.

— Por favor, quem fala?

— Notei que você esteve em acompanhamento de um orientador para lidar com o luto cerca de um ano atrás, e estava considerando se estaria interessada em uma sessão complementar. — Ergo a voz, para suprimir com eficiência outras perguntas. — Faz parte de um estudo sobre o processo de recuperação do luto e regeneração a longo prazo.

— Ah — diz Viv. Ouço uma pontada de incerteza, sua surpresa muda. — Como conseguiu meu número? Não me lembro de...

— Meus registros mostram que você cumpriu uma avaliação ao sair e indicam, ainda, que estaria aberta a estudos adicionais.

— É sério? — Segue-se um longo silêncio e então ela dá uma risada, como quem se desculpa por um lapso. — Foi uma época maluca. Acabei assinando tanta papelada, que só... Devo ter esquecido.

— A senhora ainda estaria aberta a essa proposta?

— Céus, eu não sei. Quando eu estava em acompanhamento tudo era diferente. Estou em casa com meu bebê agora.

— Seu bebê — repito, suavizando o tom das palavras. — Qual a idade dele?

— Está com 11 meses.

Faço um cálculo rápido. Quando Sylvia morreu, a gravidez era recente. Um segredo provisório, uma centelha de vida negociável e incapaz de fazer-se conhecida. Pergunto-me se Patrick contou a passagem do tempo após a morte de Sylvia ao admirar, zeloso, as fotos da esposa do seu colega com a barriga crescendo.

— Onze meses é uma idade maravilhosa — digo.

— De qualquer forma, estou muito melhor — informa. — Estamos deixando tudo isso para trás.

— Na verdade, sra. Damson, o propósito deste estudo é exatamente esse. O processo de recuperação. Assim que você perdeu sua amiga... Sylvia Braddock, certo?

Um momento de hesitação.

— Sim.

— No período seguinte à sua perda, seu orientador ficou impressionado com a sua superação — digo. — Esperamos dedicar maior atenção aos clientes que apresentaram os quadros de recuperação mais promissores e usar nossa pesquisa para ajudar outros na mesma posição dos participantes.

— Precisaria conversar com meu marido — diz Viv. No entanto consigo sentir que a estou convencendo. Seu tom polido está se transformando em alívio moderado. — Qual seria a duração desse

programa complementar?

— Apenas algumas sessões — digo. E sinto Sylvia dentro de mim, açucarando as palavras, tornando minha monotonia e frieza habituais em um convite caloroso. Quando Viv ouve a mim, devo soar como alguém que os Damson já conhecem a anos; alguém a quem eles confiariam as próprias vidas. — Duas ou três, talvez.

— É, tudo bem — concorda, por fim. — Não parece tão ruim. Henry não se importaria.

— Posso fazer visitas a domicílio, caso seja preferível. — Como se eu estivesse oferecendo um favor simples.

— Isso seria de grande ajuda — admite. — Posso saber seu nome?

Hesito, voltando à minha pele anterior em um instante.

— Meu nome — digo.

Ela aguarda na linha.

— Lucy Woods — respondo, o nome surgindo com facilidade na minha mente.

— Tudo bem, Lucy — diz Viv. — Bem, obrigada por entrar em contato.

ESTA MANHÃ, EXPLORO os pertences de Sylvia. Minhas mãos demoraram-se sobre os alfinetes e o perfume, então ergo os brincos e os coloco na minha bolsa antes que eu possa mudar de ideia.

Sentada em frente aos meus clientes de costume, desfruto do breve descanso que cada flor de lótus proporciona. A cada vez que desapareço e ressurjo, fico mais próxima de vê-lo.

— Há alguma coisa engraçada?

— De forma alguma, sr. O'Brien — digo ao engolir meu sorriso.

— De repente, você parece divertir-se.

— Peço desculpas — digo. O sr. O'Brien é um daqueles clientes que me observa de perto, focado de modo obsessivo em qualquer sinal de individualidade que possa surgir. — Não voltará a se repetir.

Depois da sessão do sr. O'Brien, pego os brincos de Sylvia. O brilho negro das esmeraldas passa uma sensação de perigo. Meus lóbulos protestam quando encaixo neles as pequenas hastes dos brincos, que tem a espessura de agulhas.

No instante em que Patrick entra na sala, preenche cada pedaço dela com sua presença. Nós nos sentamos um de frente para o outro. Viro a cabeça e espero que ele repare, como uma dona de casa tímida exibindo um corte de cabelo novo.

— Você está usando os brincos. — Seus olhos movem-se pelo meu rosto, desde meus lábios escuros até o notável cintilar em minhas orelhas, descendo para o pescoço e então de volta aos olhos. Vejo-o recuar um pouco. É como se esses resquícios de Sylvia já tivessem conjurado o restante dela sala adentro. Mariposas reunindo-se em volta de uma única chama, obstruindo meus contornos.

Agito-me, sentindo tanto ciúmes quanto deleite. Duas frequências cardíacas em conflito.

— Tem uma pergunta que queria fazer — Patrick diz. — Por quanto tempo as pessoas costumam vir até aqui?

Isso me surpreende.

— Não tenho certeza do que quer dizer.

— Conversei com minha amiga — prossegue ele. — Ela me ligou ontem, inesperadamente. Geralmente não falamos sobre esse lugar. Uma regra implícita. Mas Jenn mencionou... Ela mencionou que ainda frequenta aqui. — Ele olha para mim como se isso devesse significar algo.

— Nossos clientes são leais — explico.

— Achei que para ela já tivesse acabado — continua Patrick. — Imaginei que ela tivesse sido... Não sei. Curada? Estabilizada. Qual é o termo correto? Ao saber que ela estava há tanto tempo frequentando

aqui... — Ele balança a cabeça. — Fiquei surpreso.

— Todos possuem um tempo diferente.

— Quanto tempo costuma levar? Semanas, meses? — Ele está levemente entretido. — Mais tempo ainda?

— Às vezes — digo. — Às vezes mais.

— Anos?

— Anos — admito. — Geralmente.

A expressão de Patrick é inatingível. O quarto 12 não mais me pertence. O espaço todo pertence a ele e eu sou uma intrusa, desesperada, implorando por algo que provenha dele. Por algo além.

não me abandone

— Podemos dar início, sr. Braddock? — pergunto, de forma tão vaga quanto no primeiro dia, quando o conheci.

SOU A ÚLTIMA a sair. Contra o pôr do sol, o edifício da Elysian Society lembra um templo. Com as luzes apagadas, as janelas parecem uma fileira superficial de marcas, como impressões digitais feitas na cera. Durante o dia inteiro fiquei repassando a última conversa com Patrick enquanto encaixava palavras diferentes em nossas bocas.

Teria sido tão fácil tranquilizá-lo dizendo que estaria curado em breve. É uma promessa não dita que define cada interação com nossos clientes: que estão trabalhando com um propósito discreto em mente. Um momento de conclusão, paz. E se esse momento continua retrocedendo como uma miragem incerta, sempre à mesma distância, não o reconhecemos.

Deveria ter mentido para Patrick e dado a ele a esperança pela qual está pagando.

Quando sinto alguém segurar meu cotovelo fico mais aliviada do que receosa. É ele. Havia voltado para uma segunda chance. Posso explicar tudo.

Viro para ele, já com um sorriso no rosto.

— Você é um daqueles corpos. Não é?

Continuo sorrindo, um impulso impotente e estúpido. O homem é um estranho. Mais velho do que eu, com poros escuros pelas bochechas, uma veia grossa definindo uma linha através da testa. Ele não solta meu cotovelo. Apesar do toque ser leve e frágil, como se uma luva encostasse em mim, não consigo me mexer. Seu hálito é mentolado e forte.

— Quero saber o porquê. Eu mereço isso. Tentei conseguir uma boa resposta daqueles outros, mas não tive sucesso. Eles me mandaram embora como se eu não fosse nada. Então estou perguntando a você agora. É uma coisa simples de se fazer, moça. Me diga por que vocês me rejeitaram sem nem sequer me deixarem falar com meu menino.

A ansiedade aperta meu peito. Não estou preocupada com o que ele poderia fazer comigo. É a noção do que eu terei de fazer por ele.

— Eu nunca cheguei a me despedir — prossegue o homem. — Não sabia que isso ia acontecer. Ele estava mais feliz do que jamais estive durante anos. Se eu soubesse, teria feito as coisas de forma diferente. Poderíamos ter feito alguma coisa divertida juntos. Mas ele era feliz e eu fiquei tão aliviado de tê-lo de volta que o tratei como meu filho novamente. Eu o aborreci falando de coisas como arrumar um emprego e se estabelecer. Discuti com ele por motivos estúpidos. Tudo o que eu quero é uma forma de dizer adeus, um adeus de verdade dessa vez. Eu vou pagar. Pago o que for preciso. Não é justo me recusarem.

— O seu filho tirou a própria vida? — pergunto.

Seus olhos se fecham como se eu tivesse direcionado uma luz forte nas pupilas.

— Sim.

— Bem, receio que seja verdade — digo. — Não podemos trabalhar com vítimas de suicídio. Desculpe.

— Isso nos faz sofrer mais ainda. — A voz do homem é, de modo surpreendente, bem mais grave em comparação à sua estrutura franzina. — Vocês olham para pessoas que sofrem e dizem que não somos bons o bastante. Não somos como as outras pessoas que ficam de luto. Merecemos sofrer. Merecemos ficar sozinhos.

— Não é bem assim. — Mantendo minha voz sob controle. — É uma política nossa.

— Então me explique o motivo.

Ele pressiona meu antebraço contra o vidro frio da janela do carro e meus cabelos, após o longo dia de trabalho, estão soltos em cachos ressecados e despontados ao redor do pescoço. O homem diminui a pressão no meu cotovelo, a mão dele agora se pendura de modo gentil, quase polido. Poderíamos ser avô e neta.

A forma convencional de responder esse tipo de pergunta é através da indução clínica da sensação de perigo, deixando de lado os riscos aos quais os corpos ficam expostos. Negar responsabilidade. Porém, não posso fazer isso.

— Quando alguém escolhe tirar a própria vida — digo —, nós respeitamos isso. Não os forçamos a voltar em um corpo se quiseram partir. Seria cruel.

O homem abre os olhos, encarando um ponto além do meu ombro.

— Esse é o motivo — explico. — Me desculpe por não ser capaz de fazer mais pelo senhor. Mas agora a situação foi esclarecida.

De modo gentil me afasto, e os dedos dele escorregam e saem do alcance do meu braço, como um homem pendurado que solta os dedos presos à beirada de um penhasco.

— Espero que isso possa proporcionar algum conforto ao senhor.

— Será que eles nunca mudam de ideia? — o homem pergunta. — Talvez voltar uma última vez para cá pudesse ser a melhor coisa do mundo.

— Não tem como sabermos.

Ele concorda com a cabeça algumas vezes e a boca se abre como se estivesse preparando-se para falar.

— Preciso mesmo ir — digo. — Posso oferecer uma carona para algum lugar? Posso...

— Isso não é desculpa. — Seus olhos fixam-se nos meus pela primeira vez. A claridade penetrante do seu olhar me deixa muito inquieta. É como se ele tivesse aberto minha testa para observar lá dentro e colocado um dedo nas dobraduras do meu cérebro para explorar. — As pessoas que morreram de outras formas também não querem voltar. Se você traz uma de volta, traz todas. É apenas o justo, moça.

TOCO MEU ROSTO. Minhas bochechas estão úmidas e os olhos apertados e inchados, com as bordas doloridas. Sento na cama, atrapalhando-me para encontrar o abajur. No meu estado ainda sonolento, imagino água por toda parte. Ensopando o colchão, acumulando-se em poças pelo chão, pingando constantemente dentro dos meus pulmões.

como pôde fazer aquilo comigo

No banheiro, examino meu reflexo. Estive chorando. Minhas pálpebras estão rosadas e minha pele contraída e grudada com lágrimas secas. As evidências do choro deixam minhas feições estranhas. Meu nariz está mais fino do que me lembrava; uma pálida pinta marrom acima do lábio chama a atenção. Puxo para cima meu lábio superior para examinar meus dentes. Os incisivos são tortos. É como se alguém tivesse aberto minha boca e os empurrado para que ficassem assim.

Já faz tanto tempo desde que chorei. Nunca chorei após o ocorrido. Nunca me permiti.

De volta à cama, encolho-me em uma bola, agarrando meus cotovelos para ficar o menor possível. As lágrimas cessaram; nem parecem minhas lágrimas, mas, sim, algo resgatado de dentro de mim à força. O que me perturba é a sensação que se apodera do meu cérebro durante aqueles breves momentos iniciais depois de acordar. A certeza absoluta de que ninguém viria procurar por mim.

– VOCÊ SABE o que é perder alguém antes mesmo de a pessoa morrer?

A voz de Beth Olsen não mascara uma vontade persistente, como se ela finalmente estivesse soltando palavras há muito tempo guardadas no escuro.

— As pessoas têm sido tão gentis desde que Amber morreu — prossegue. — Recebi desde refeições congeladas até flores, tudo. Fiquei grata. De verdade. Mas eu quase quero que as pessoas parem de falar sobre ela. — Um olhar rápido é lançado para avaliar minha reação. — Amber era exatamente o que todos esperavam que fosse. Seus amigos diziam que ela era inspiradora, ou uma guerreira. Amber deixou de frequentar a igreja ainda na adolescência, mas havia voltado a rezar. E qualquer coisa que a fizesse feliz era o bastante para mim. — Ela olha para as mãos, pressionadas uma contra a outra no colo. — Apenas agora, que ela se foi, consigo admitir que isso me fez muito infeliz algumas vezes.

Os cabelos da sra. Olsen são grossos e castanho-avermelhados. Seu rosto sério é suavizado por sardas. Na minha foto favorita dela com Amber, ambas estão sentadas na beirada de uma sacada durante uma festa, e os outros convidados são rostos indefinidos ao redor. Vejo a forma como a cabeça da sra. Olsen se curva, como se estivesse colocando todos em volta no mudo para então focar na sua namorada, e o sorriso doce e reservado de Amber.

Mudo de posição na cadeira. Patrick não agendou um novo atendimento nos próximos três dias. Desde que colocou os pés dentro do quarto 12 se tornou a presença mais contínua na minha vida. A sessão dele é aquela pela qual espero. E apesar do fato dos meus clientes serem imprevisíveis, e agendarem sessões baseados em suas próprias necessidades de dor e otimismo, a rapidez da partida de Patrick abriu um buraco no meu peito.

— Ambas éramos pontos fora da curva — prossegue a sra. Olsen. — No ensino médio ficávamos sempre à margem. — Ela dá uma risada abafada. — Juntas, a gente tinha um senso de humor ácido. Era tão viciante. Mesmo o pior pensamento que passasse pela minha cabeça, Amber não só ouvia, mas também o compreendia.

Seu olhar se torna fixo com as lágrimas suprimidas.

— Realmente sinto falta desse lado da Amber — continua. — Era a batalha dela. Mas, nossa, como sinto falta dela, do jeito que ela costumava ser. Aquele senso de humor negro. E o pior de tudo é que ficam dizendo que agora ela está em um lugar melhor. O que havia de tão errado em permanecer aqui?

Sua voz adquiriu o tom de um apelo singelo. Pego a caixa de lenços e a estendo para ela, como se a estendesse para outra pessoa e ela por acaso estivesse próximo. Porém, a sra. Olsen sorri e balança negativamente a cabeça, erguendo uma mão.

— Veja bem, eu daria tudo para ter uma hora com ela, para assim podermos ser duas babacas de novo — explica. — É como se eu tivesse perdido tempo com ela antes mesmo de ela morrer. Fui enganada. Entende o que eu quero dizer?

Pela primeira vez em anos, a distância que mantenho entre a vida dos meus clientes e a minha própria deixou de existir, deixando-nos próximas de um jeito desconfortável, respirando o mesmo ar sufocante.

— Vamos dar início, sra. Olsen — digo.

PATRICK NÃO RETORNA à Elysian Society há mais de uma semana.

Tudo na minha vida se tornou uma tentativa de distração. As noites após sair do trabalho são as mais difíceis. Tirei a bateria do relógio de parede. Comecei a beber, goles de uísque queimam, e taças de vinho descem cortantes pela garganta. Após beber, meu cérebro se torna um lugar mais seguro, como se alguém o tivesse empalhado com algodão. Consigo lidar com meus pensamentos de modo mais direto. Mesmo os mais instáveis.

Eu afastei Patrick Braddock. Fui muito ambiciosa, dirigindo-me a ele de forma muito aberta. Nossa última conversa deve ter esclarecido uma dura realidade para ele.

E Sylvia. Sylvia.

Se Patrick for embora, não sei o que será da sua esposa. Quando ficasse claro que ele não voltaria, ela poderia permanecer dentro de mim, alterando a composição dos meus órgãos até que ninguém fosse capaz de distinguir-nos, ou então iria embora. Um parasita que abandona seu hospedeiro faminto, um passageiro clandestino que deixa para trás, a nado, o navio afundando.

A presença de Sylvia na minha vida é ao mesmo tempo íntima e imprevisível. Mesmo que eu a sinta se agitar sob minha pele, há uma desconexão. Não sei se é atraída por mim ou se sua presença é inextricavelmente presa ao marido como uma sombra projetada pelo corpo dele.

E não tenho certeza sobre qual destino é preferível, caso chegemos a esse ponto. Deixar Sylvia me consumir ou ficar totalmente sozinha de novo, abandonada dentro de mim mesma.

MINHA ESCOLHA DE roupas combina o anonimato do vestido da Elysian Society com uma suave respeitabilidade. Uma jaqueta clássica de tecido pesado, por cima de linho cinza. Combinadas com a minha falta de cor, as roupas me apagam por completo. Passo o batom de Sylvia na ponta de um dos dedos para então colocá-lo sobre os lábios e ver meu rosto ganhar vida.

Os Damson vivem em um lugar que não reconheço. Um tipo de riqueza ponderada, que disfarça as regalias em uma demonstração de elegância antiquada. Casas mais antigas, pequenos jardins floridos na entrada. Vejo brinquedos de corrida coloridos sobre o gramado, abaixo de telhados decorados e treliças de hera. Amarrado ao portão da varanda de alguém, vejo um feixe de balões de gás hélio com mensagens de aniversário balançarem, começando a cair.

Viv Damson abre a porta quando alguns minutos de espera já se arrastaram após o toque da campainha. Ela está vestindo uma camisa larga com um dos botões na casa errada, deixando um vão na

sequência de abotoamento. Seus cabelos loiro-amarelados estão presos em um coque no alto da cabeça e as bochechas brilhantes com uma camada de pó compacto.

— Lucy, certo? — pergunta. — Entre, entre, por favor. Desculpe a bagunça.

Ela me conduz à sala de jantar, um ambiente amplo que leva à cozinha. Viv precisa colocar de lado uma pilha de revistas prestes a cair e uns livros ilustrados grossos para abrir um espaço na mesa; coloco um caderno em branco sobre a mesa enquanto ela pega algo para eu beber. É uma casa desorganizada, mas de forma agradável; o cheiro que perdura no ar é a combinação de leite azedo, sabonete líquido e lenços umedecidos. Uma boneca está jogada no chão, uma das pálpebras fechada com os cílios rígidos à mostra. Sinto uma pontada de inveja, algo como saudade de casa surge dentro de mim.

— Obrigada por concordar em fazer parte desse estudo, sra. Damson — digo assim que Viv retorna com um refrigerante diet.

— Ah, nossa! Sem problemas — diz Viv com um abano de mão: suas unhas estão pintadas de verde-hortelã e um pequeno diamante enfeita seu anel. — Isso está acontecendo no momento perfeito. Por algum motivo andei pensando nela nos últimos dias. Então foi uma grande sorte você — ela gesticula para mim, como se eu não fosse entender sozinha sua fala — aparecer agora, Lucy. — Uma pausa. — Tudo bem chamar você de Lucy, certo?

— Claro. — Ignoro o incômodo que o nome causa no meu peito. — Já passou um ano e meio desde a sua perda?

— Bem, na verdade mais tempo. Hum... 20 meses? — Viv cruza os braços sobre o peito, descruza-os e coloca as mãos sobre os joelhos. Notando meu olhar, ela dá risada. — É difícil saber o que fazer com as mãos quando o bebê está tirando uma soneca.

O dia avança, já são quatro e meia. Estive me perguntando onde o bebê ou o sr. Damson estariam. Estou curiosa em conhecer Henry pessoalmente. Esse colega de Patrick; alguém que o encontra diariamente deve ter um ponto de vista mais significativo dele do que eu.

— Quando perdemos Sylvia, eu tinha acabado de descobrir que estava grávida — diz Viv. Ela diz isso aos sussurros e com um tom mais sério, de propósito. — Foi estranho. Algo tão bom acontecendo e então, algumas semanas depois, uma coisa tão terrível. Estava radiante por causa do bebê. — Sua mão vai de encontro à barriga como se uma versão do filho permanecesse ali para sempre. — Então encontramos Sylvia por acaso naquele final de semana. Inclusive, ela foi a primeira pessoa além de Henry que contei sobre o bebê, sabe?

— É mesmo?

— Eu pedi para ela ser a madrinha — declara Viv. Os olhos dela brilham, o conhecido cintilar de lágrimas. Todos os meus clientes têm uma forma particular de lidar com as lágrimas: bloquear, deixá-las fluir. Viv é do tipo que as deixa fluir. Seus cílios ficam úmidos. — Eu apenas queria que ela fosse parte da vida de Ben. Sylvia ainda não tinha filhos, mas eu via a forma como os filhos dos outros gostavam de ficar próximos dela.

— Ser madrinha é uma honra — concluo.

Viv olha para o teto.

— Nossa, estou divagando. Você precisa me orientar sobre o que dizer.

— Poderia compartilhar mais elementos a respeito de Sylvia, caso não seja muito doloroso? A personalidade dela, a vida que levava em casa. — Ao ver a expressão de Viv ficar confusa, eu me previno ao dizer: — Saber mais sobre a pessoa que você amava poderia me dar uma imagem mais clara do seu processo de recuperação.

— Bom, é claro — diz Viv. — Patrick e meu irmão mais velho cresceram juntos. Quando Patrick e eu acabamos por optar pela mesma área, meu irmão nos colocou em contato. Os Braddock e eu começamos

a nos reunir mais vezes, apenas casualmente. Sylvia e eu nos dávamos bem. E Henry, meu marido? Ele trabalha com Patrick. Nós nos conhecemos através dos Braddock. Então, de fato devo a eles tudo o que tenho.

— Vocês têm mantido contato próximo com Patrick desde...?

Viv pressiona os lábios um contra o outro. Seu rosto se enrijece um pouco.

— Ultimamente não o temos visto. Só pelo choque da situação toda... E o bebê. Tem sido difícil.

Tomo nota.

— É compreensível. Às vezes o luto pode separar os relacionamentos que permaneceram. Você diria que Patrick e Sylvia eram um casal feliz, de um modo geral?

Viv espera um momento antes de começar a responder, as palavras ficam presas entre os dentes. Inclino-me, atraída por essa pista referente à vida dos Braddock. No entanto, ouve-se um barulho repentino atrás de nós. A batida de uma porta, passos firmes. A atmosfera do cômodo se modifica para abrir espaço à nova presença. O rosto de Viv se ilumina como se a libertassem de um encantamento.

— Henry — diz ela, virando a cabeça para olhar atrás de mim. — Essa é a Lucy, a moça que disse que viria? Lucy, esse é o meu marido.

Por um momento estranho, não quero virar a cabeça. Não quero encontrar seu olhar. E então eu o faço; adoto um sorriso profissional e distante. O sr. Damson tem os cabelos escuros e usa barba, é mais corpulento do que Patrick. Bonito de um jeito rústico.

— Peço desculpas por interromper vocês dessa forma — diz ele.

Um aperto de mãos. Seu toque é firme e enérgico.

— Como está indo? — Ele está se dirigindo à sua esposa, porém seu olhar vagueia pela minha boca. Lembro que apliquei nos lábios uma camada do batom de Sylvia. Não deveria ter usado uma cor tão forte; Viv aparentemente não notou, mas o olhar inquisidor de Henry me torna alguém suspeita.

— Ela acabou de perguntar sobre Patrick — informa Viv.

— Você já trabalha com ele há algum tempo, sr. Damson? — pergunto, demonstrando uma curiosidade hesitante.

— Nossa, já faz cerca de quatro anos — diz Henry. — Neste verão completa quatro anos.

Eu o imagino rabiscando sua assinatura em um cartão de condolências passado de mão em mão pelo escritório. Uma mensagem breve e inadequada: *Sinto muito pela sua perda.*

— Estava contando a ela, amor, que não estivemos em contato com Patrick nos últimos tempos — diz Viv. Ela bate na superfície da mesa com as unhas. — Será que deveríamos convidá-lo para jantar?

— Braddock? Não. — Por um segundo, a recusa de Henry ofende, como se tivesse sido proferida para mim. — Ele não viria. Anda muito introspectivo nos últimos dias. Mal fala com as pessoas.

Viv lança um olhar envergonhado na minha direção.

— Sim, mas agora ele precisa dos amigos mais do que nunca.

Isso fica parecendo uma demonstração tardia de compaixão, em sua maior parte devido à minha presença. Henry está inclinado diante da geladeira, a frente do seu corpo banhada em um tom de azul-claro.

— É, bem, se você acha que isso vai ajudar, convide. Mas eu poderia apostar que ele não vai vir.

Viv fica alerta como se tivesse recebido um choque.

— Preciso ir lá. — Apenas quando ela sai apressada do cômodo e sobe as escadas que eu ouço o som irregular do choro do bebê.

Henry vagueia até a mesa da sala de jantar, ficando próximo a mim como um guarda enquanto deslizo o caderno de volta à bolsa. A presença dele me faz ficar apreensiva, consciente de uma carga

estranha no ar entre nós. Endireito-me para mirar diretamente os olhos de Henry: ele é mais baixo do que Patrick, mais próximo da minha altura.

— De qualquer forma, o que ouvi você perguntando? — questiona. — Quando eu cheguei.

— Ah. — Retrocedo na conversa. — Acredito que estava perguntando se os Braddock eram felizes.

A expressão dele muda, quase rápido demais para notar. Como uma forma escura debaixo da superfície da água, que desaparece antes mesmo de você ter certeza de ter visto seus contornos.

— Pergunta estranha.

— Ao entender essas interações, todo o processo de superação de uma perda fica esclarecido.

Ele fixa o olhar no meu.

— Então você vai perguntar a mim?

Em silêncio, eu o encaro.

— Me pergunte se eles eram felizes — esclarece.

Ouçó Viv e o bebê no quarto do andar de cima, os murmúrios e sussurros reconfortantes dela. A luz do sol penetra pelas janelas para iluminar as leves manchas nos estofos das cadeiras, uma vasilha com alguma substância viscosa em cima da bancada. Essa imagem monótona de uma vida comum machuca. Sinto uma vibração de nostalgia que há anos não se manifestava.

Já na porta, viro com a intenção de agradecê-lo por me receber. Henry me observa como se quisesse me classificar; lança para mim o tipo de olhar que as pessoas geralmente tentam disfarçar quando são pegas. Porém, ele não vacila o olhar.

A pergunta é lançada boca a fora antes que eu pudesse impedir.

— Eles eram felizes, sr. Damson?

— Não — ele responde antes de fechar a porta.

– ULTIMAMENTE TENHO notado algo engraçado no ar, sabe?

Confusa, ergo o olhar para a sra. Mendoza.

— É provável que seja apenas a forma como as pessoas estão depois de um inverno longo — diz ela. — Elas não sabem o que fazer consigo mesmas.

Ela está vestindo seu cardigã; as mangas esticam até os cotovelos dela como as asas esquisitas de um pássaro.

— Espero que tenham tido um encontro agradável hoje — digo.

A sra. Mendoza hesita antes de responder.

— Eurydice, querida, talvez eu não volte tão cedo. Mas não quero que pense que isso é culpa sua.

— Caso a senhora queira trabalhar com outro corpo...

— Ah, não. Jamais. É que... — Seu olhar dissipa enquanto mexe nos botões de pérola do cardigã. — São assuntos pessoais. Financeiros.

— Acredito que Verônica sentirá sua falta.

Pareceu ser a coisa certa a se dizer, mas os olhos da sra. Mendoza ficaram marejados.

— Tentei fazer cortes em outras áreas da minha vida — explica ela. — Tenho feito ajustes há anos, mas tenho despesas médicas e contas para pagar. E não estou ficando mais jovem.

Vejo-a partir com os ombros curvados. Tenho um lampejo não desejado da vida dela: um apartamento abraçado pelo luto, destituído de qualquer luxo, cada centavo contado. Os minutos.

— Sra. Mendoza — chamo. Ela vira. — Você acredita que seus encontros com Verônica ajudam a senhora? — Quando ela franze o cenho, delicada e confusa, continuo: — A senhora se sente mais feliz após vê-la?

— Bem — começa. — Bem, é claro que sim. Sempre. É por isso que volto, sabe? Minha irmã sempre será a melhor parte da minha vida. Porém, apesar de tudo, preciso continuar vivendo. — A sra. Mendoza ergue o queixo em uma frágil afronta. — Às vezes parece egoísta da minha parte, mas eu realmente preciso viver.

SAIO DA ELYSIAN Society e, de repente, paro. Ela está esperando por mim no estacionamento, encostada contra a lateral do meu carro, sorrindo de modo convincente.

— Dora. — Vou em direção à porta para destrancá-lo. — Precisa de carona outra vez?

— Perdi o ônibus — explica. — Minha cliente não conseguia parar de chorar depois que despertei. Me senti mal em deixá-la sozinha lá. O que eu deveria ter feito?

Deslizando para dentro do carro, estico o braço para destrancar a porta do lado do passageiro.

— Enfim — diz Dora ao entrar no carro. — Lembra o que você tinha dito sobre fazermos compras juntas? Talvez pudéssemos fazer isso agora.

Estou prestes a recusar, mas sei o que me aguarda em casa. O silêncio, o peso das horas me pressionando de uma forma esmagadora.

Quando já estamos a alguns quarteirões da Elysian Society, Dora abaixa o vidro ao seu lado. Ar fresco rodopia janela adentro. Respiro fundo, apreciando o frescor.

— Onde você quer ir? — pergunto. — Há uma loja de consignação não muito longe daqui.

— Consignação? Tipo, com coisas de segunda mão? — Os cantos da sua boca inclinam para baixo. — Nah, estou ficando cansada de usar as coisas de outras pessoas.

Acabamos indo a um pequeno centro comercial. Dora escolhe a loja da esquina: a fachada de pedras falsas, manequins sem cabeça dispostos na vitrine. Tem o estilo errado para nós. Os vestidos são visivelmente formais. Vestidos de formatura com corpetes enfeitados com contas, como couraças impenetráveis, saias bufantes que me remetem a águas-vivas. Não consigo imaginar qualquer uma de nós numa ocasião em que uma dessas vestes seja necessária, mas sigo Dora para dentro.

O interior é agradavelmente frio, iluminado por uma luz fluorescente forte como a dos hospitais. Comparado às vestes plenas de joias, o ambiente é de uma aspereza contraditória. Uma garota está em pé em frente ao mostrador, puxando um vestido de noiva por cima dos membros imóveis do manequim. Um dos braços duros e estendidos do manequim chacoalha, débil. A moça se vira quando entramos, absorvendo nossa presença por um silencioso instante para então olhar em outra direção sem nos cumprimentar.

Dora habilmente entrou por trás do círculo de cabides, escondendo-nos da visão do balcão dianteiro. Um vestido vermelho está pendurado no cômodo adjacente. Justo, com padrão de listras que me remete a bandagens ensopadas de sangue.

— Você acha que parecemos esquisitas para ela? — cochicha Dora.

— Duvido que ela saiba o que fazemos — digo.

— Antes de trabalhar lá, você sabia sobre os corpos?

— Acho que sim. — Memórias acotovelam-se na minha cabeça. — Estava ciente dessa possibilidade.

— Alguma vez você imaginou que trabalharia como um?

— Não. — Passamos por um trecho de espelho e capto um vislumbre de nossos reflexos com o canto do olho. Dora, pequena e cheia de vida, e eu indo atrás como a fraca mancha que se forma no reflexo de uma joia. — Por quê? — pergunto. — Você imaginava?

Ela puxa um vestido cor de lavanda do cabide. Quando ela o segura contra o corpo, a bainha esparrama pelo chão.

— Já queria fazer isso há algum tempo.

— É sério? — Não escondo minha surpresa.

Dora recoloca o vestido no lugar. Seu olhar não encontra o meu nesse momento, está lentamente circundando o feixe de cabides, esticando a mão para tocar uma manga aqui, uma saia ali.

— Minha mãe costumava se consultar com uma mulher que canalizava na sala dos fundos da livraria dela. Ficava em outra cidade. Minha mãe tinha de dirigir por horas. Ela passava o dia inteiro fora. Sabia que não podia falar sobre isso com meu pai, fingíamos que não acontecia.

A música ambiente é uma intensa lamentação combinada com um conjunto vibrante de instrumentos discordantes.

— Minha irmã mais velha morreu quando eu tinha... nove? Dez anos? — O tom de Dora sugere que eu talvez saiba melhor do que ela. — Elas sempre foram muito próximas, minha mãe e ela. Não sobrava espaço para mim. Quando minha irmã morreu, eu cheguei a pensar... — Ela corre os dedos sobre um corpete rosa adornado com contas claras e lantejoulas prateadas. — Mas... então minha mãe encontrou aquele lugar, e ficava ausente o tempo todo.

— Dora — interrompo.

Mas ela gira para me encarar. Sua expressão ficou absolutamente animada, mas quase rígida.

— Ei, você deveria experimentar alguma coisa — declara. — Você nunca se arruma.

Aceito o vestido que ela puxa dentre a bagunça. Dora me guia aos provadores, tendas apertadas fechadas por cortinas que mal chegam até meus joelhos. Não é possível escapar dos espelhos de corpo

inteiro. Sou forçada a olhar para mim mesma de múltiplos ângulos enquanto tiro a roupa, removendo por sobre a cabeça o meu uniforme da Elysian Society.

Quando meu rosto se liberta do tecido branco, eu paro, chocada. A mulher no espelho está errada. Ela é alta e seus cabelos, descoloridos. Mirrada, seios firmes tal qual lágrimas; a curva acentuada de seus quadris, desproporcionais em relação às pernas longas de menino. Eu abrigo essa estranha.

— Como ficou? — pergunta Dora.

— Espere um minuto. — Dou as costas ao espelho e pego o vestido verde. Quando comparado ao meu uniforme, o tecido é muito requintado. Passo os braços pelas tiras.

— É por isso que eu quis o emprego — diz Dora. No corredor dos provadores não há música. Assim, é mais fácil ouvi-la. Permaneço em silêncio; é como se ela precisasse estar separada de mim pela cortina para então poder continuar. — Costumava imaginar como era para minha mãe. Uma mulher que talvez parecesse um pouco com minha irmã sentada em uma sala, e minha mãe a amava. Queria uma chance para estar do outro lado dessa situação.

Pego o zíper.

— A sua mãe sabe que você está na Elysian Society?

— Não. — Ela ri de forma triste e cansada. — Não temos conversado muito ultimamente.

Fico chocada com o quão bem o vestido me serve, acentuando meus quadris, ajustado na altura do peito. Corro as mãos pela maciez escorregadia do tecido. Imagino-me na frente de Patrick. Como seus olhos avaliariam meu corpo: a delicadeza dos meus seios, o arco dos quadris. Fico enfurecida com a imagem, mesmo quando uma fagulha de excitação percorre meu corpo todo.

— Então, você gostou do vestido? — pergunta Dora. — Vai comprar?

— Acho que não. Não combina comigo.

JÁ FAZ QUASE duas semanas que o vi.

Depois do trabalho, deito-me na cama com as fotos dos Braddock. Há uma certa humilhação sedutora em ser reduzida a olhar a imagem dele como uma intrusa. Levo os dias um após o outro de modo superficial. Destrancar minha caixa de correio para pegar contas desgarradas e panfletos, lavar a louça e dobrar roupa lavada, colocar roupa de cama no colchão. Os mecanismos automáticos para sustentar a vida cotidiana. Não consigo acreditar que essa era a vida que eu não conhecia o bastante para poder odiar. Pior, a vida pela qual era grata. É a sensação de neblina dispersando para revelar que estive em pé na beirada de um penhasco íngreme.

Mantenho o livro e a caixa com os pertences de Sylvia próximos à minha cama. Provas concretas de que o que tive foi real. A mulher na capa de *Villette*, com o rosto encoberto e astuto parece ora bonita, ora feia. Tentei pegar o livro e acompanhar a intensa linha do enredo. Porém, cada vez que o fazia, minha mente se afastava.

Sem a presença dele na minha vida volto à estratégia antiga. Durante cinco anos, o meu acesso à vida das outras pessoas se deu por meio de pistas involuntárias deixadas para trás. As fotografias oferecem um código complexo, mas obscuro, de seus hábitos. Do ritmo de suas vidas juntos, da silenciosa subcorrente que nunca antes haviam notado, puxando-os de um lado para o outro.

Hoje à noite, miro a mão de Patrick entrelaçada com a de Sylvia. A pele de um contra a do outro. Quase consigo sentir o calor da sua mão pressionada, os movimentos pequenos e impensados dos seus músculos enquanto ele se move. Uma pequenina chama acende dentro de mim, porém, eu a apago; não quero sentir a dor de desejá-lo.

Mudo para a segunda foto do monte: o braço de Patrick ao redor da cintura de Sylvia. Em outra foto, ele esconde os dedos por entre os cabelos dela; na seguinte, ela se empoleira no colo dele, acomodada

com perfeição contra ele. Os lábios dela pressionados contra a bochecha dele, a mão dele no ombro dela. Em quase todas as fotos dos Braddock juntos, Patrick está tocando Sylvia. Ela o toca. Eles são como um casal de uma lenda urbana, mantidos vivos pelo contato físico de um com o outro. Elimine esse toque e eles definham.

O espaço entre as cadeiras do quarto 12 deve ser uma provocação constante. Ficar tão perto, e ainda assim se manter separado por uma distância fria e comum. Mesmo no primeiro dia de contato com ele, Patrick rompeu esses limites. Aquela sensação do joelho dele contra o meu: talvez não tenha sido uma atitude de rebeldia, mas um instinto profundo e impensado, seu corpo sendo automaticamente atraído para o dela.

Fico mais calma. A percepção do que devo fazer se forma em mim tão facilmente, de modo tão completo, que sei que esse plano esteve em estado de espera dentro de mim desde o começo, aguardando a hora certa.

CHEGO CEDO À Elysian Society, antes do horário marcado com o cliente, e vou diretamente até a sala de Jane. Trouxe dinheiro comigo apertado e úmido na mão. Meus batimentos estão acelerados com a sensação das notas dobradas dentro do punho.

Jane mal ergue o olhar quando entro.

— Posso ajudá-la?

Fecho a porta atrás de mim.

— Gostaria de falar com você em particular.

A sala de Jane é perfeitamente decorada com sinais de uma vida comum. Um cartão de aniversário preso ao quadro de cortiça, um copo de papel cheio de café exala um cheiro forte. Uma foto emoldurada de um adolescente com as bochechas marcadas por acne na formatura.

— Preciso de flores de lótus — digo.

— Hã? — Jane lambe a ponta do dedão, vira uma página de uma fina pilha de papéis amarelos.

— Para fins pessoais — acrescento, desencorajada pela falta de interesse.

— O controle das flores de lótus é rígido. De todas as pessoas, você deveria saber.

A voz de Jane não soa surpresa ou acusatória. Ela fez como uma atriz que recita as linhas previstas, testando-me com a sua tranquilidade.

— Estou disposta a pagar — digo. — O que for preciso, eu pago.

Jane mantém a cabeça curvada. Suas bochechas estão com muito blush, uma camada artificial cobrindo a pele, e ela cheira a sabão em pó e spray de cabelo. Pergunto-me se ela usa esses emblemas para lembrar aos corpos de que é melhor do que nós. A cada dia, volta para casa e encontra um marido, filhos e amigos, certa de que nunca será confundida com algo diferente do que é.

— Cinco anos — ela diz, por fim, ainda sem erguer o olhar. — Depois de cinco anos sendo a funcionária modelo, você quer fazer parte disso? Por que a mudança de pensamento?

— Quero me abrir para novas oportunidades.

— Você quer abrir algum negócio — diz Jane. — Não fique toda poética comigo. Faça isso há anos também, lembre-se. Já ouvi todas as justificativas.

Seu rápido desprezo é como um golpe. Abro e fecho os olhos, permitindo-me ficar imune.

— O que eu tenho de fazer? — pergunto. — Apenas me diga.

— Não há nada que possa fazer.

— O que Ana faz?

Jane não aceita o desafio.

— Não sei do que você está falando.

— Se você trabalha com ela, pareceria justo que também trabalhasse comigo.

— A vida não é justa.

— Você tem razão. — Endireito as costas. — Por exemplo, o que você tem feito, não soaria nada bem caso viesse a público. Você própria pode não estar fazendo nada de errado, mas a vida não é justa. Outras pessoas poderiam discordar.

Ao ouvir isso, Jane ergue o olhar.

— Você não está tentando me chantagear, está? — Ela solta um riso breve.

— Quantas outras pessoas sabem o que você tem feito aqui? — questiono. — Sou a única pessoa não envolvida que sabe. Os outros não podem te expor sem revelar a própria participação. Porém, se não me vender as flores de lótus, não existe nenhuma motivação para proteger você.

É um argumento inconsistente, mas em minha boca as palavras são tão inflexíveis quanto armas.

O silêncio cresce entre nós. E então Jane levanta abruptamente, abre uma longa gaveta do lado oposto à sua mesa.

— Suponho que não importa, de qualquer forma — diz ela, frágil. — Fique à vontade, se isso significa tanto para você.

Olhando por cima da extremidade da mesa, vejo um cesto de lixo e um amontoado de papel amassado. Um par de olhos. Uma foto que foi rasgada em pedaços, deixando a tira do rosto com a distância entre a testa e o nariz intacta. Reconheço o estilo da fotografia: eu mesma já fiquei nessa pose, uma vez por ano. O cabelo puxado para trás, rosto limpo, em pé em frente a uma parede lisa e branca.

Essas imagens são organizadas em um álbum de fotos para possíveis clientes, nossos rostos agrupados entre capas de couro branco. Imaginei estranhos sentados no escritório da sra. Renard, suprimindo lágrimas e tensos com aquele orgulho teimoso que pessoas manifestam em momentos dolorosos. Imagino-as me esquadrinhando para então decidir, *sim, ela vai servir*, ou passando por mim sem interesse.

Os olhos no cesto de lixo alfinetam minha memória. Eu a conheço. Mesmo ao ver só uma parte de seu rosto, eu a reconheço. Olhos azuis enevoados ornados por sobrelanceiras tão finas quanto um traço de caneta.

— Aqui estamos nós. — Jane retira a mão, segurando um frasco plástico laranja. Tênuas silhuetas de flores de lótus se aglomeram como impressões digitais. — Vou dar a você oito para começar. — Ela pausa, olhando-me de cima a baixo. — Trouxe dinheiro, imagino?

Quando Jane me diz o preço, sei que está me observando para medir minha reação, sentindo um prazer maldoso nisso. Inclino a cabeça para ocultar o rosto. Equivale ao pagamento de três semanas, sem rodeios. Ana não havia comentado sobre esse lado do acordo.

— Não se preocupe — afirma. — Você conseguirá esse valor de volta e muito mais, se for esperta.

Enquanto ela conta o dinheiro, espio novamente os olhos. Eles trazem um esboço de sorriso, uma qualidade distante. A sabedoria encerrada de uma antiga foto guardada em um necrotério ou um santo de mármore.

Jane coloca as flores de lótus da extremidade da mesa na abertura de um envelope.

— A única regra que eu espero que você siga acima de todas as outras, Eurydice, é esta. — Ela pausa para lambe e selar o envelope; sua língua tem um tom rosado alarmante e úmido. — Tome cuidado. Fique de olhos abertos. Depois não venha chorando para mim para dizer que não era o que você esperava.

— Claro — digo. — Não vou. Eu não faria isso.

Jane me estende o envelope. Após um breve momento de hesitação, seguido da compreensão de tudo que estou prestes a fazer fervendo na minha mente, aceito-o.

— É uma verdadeira pena que você não tenha o perfil para esse tipo de trabalho — acrescenta Jane. Ela fala de modo tão categórico que não consigo identificar se está fazendo uma previsão ou uma ameaça. — Sempre tive esperança de que ficaria longe disso. Você vai ser comida viva.

LIGO PARA O escritório dele. Já está anoitecendo, porém ligar para ele de um espaço público pareceu ser uma concessão segura. O telefone toca cinco vezes antes de ele atender.

— Alô?

Estava esperando ser amortecida pela voz de uma secretária. Por um momento, é como se meus lábios tivessem sido costurados.

— Sr. Braddock?

— Por gentileza, quem fala?

Ele não me reconhece.

— Edie — digo. — Da Elysian Society.

Patrick fica em silêncio. E então:

— Certo. É claro. Olá.

Sinto vontade de segurar a voz dele dentro da minha boca para saboreá-la.

— Agora é uma hora ruim?

— Não, tudo bem. — Um ruído do outro lado da linha. Um chiado, como se ele estivesse acomodando seu peso na cadeira. — Então, do que se trata? Apenas uma ligação social, ou estou encrencado?

É o tom cuidadosamente jovial que deixa todos a distância. Educação como uma armadura.

— Eu gostaria de... — começo, mas as palavras ficam alojadas na minha garganta. — Gostaria de me certificar que o senhor está bem — digo, reconsiderando.

— Bem, estou sim, obrigado.

— Não temos visto você ultimamente.

— Ando muito ocupado no trabalho. — Há um breve silêncio e eu mordo o interior escorregadio do meu lábio. — Não me dei conta de que fiquei ausente por tempo suficiente a ponto de notarem.

— Sentimos sua falta lá na Elysian Society.

— Quanto tempo já faz? Uma semana? — Sua voz suaviza-se ainda mais, o falso tom amistoso afiado como uma agulha.

Já fazem duas semanas. O final de abril se aproxima agora. Há um tempo teria concordado com ele que 14 dias não são nada. Porém, desde que conheci Patrick, a passagem do tempo adquiriu um peso inquietante.

— Sr. Braddock... — começo a falar.

— Apenas Patrick. Não precisamos ser formais.

— Patrick — repito. — Estou ligando porque nossa última conversa me preocupou e gostaria de abordar isso.

— Certo.

— Ao me perguntar por quanto tempo as pessoas ficam na Elysian Society, notei que você ficou desapontado com a minha resposta. — Poderia ser arriscado dizer isso em voz alta. É possível que ele não tenha ficado de forma alguma desapontado, e que minhas palavras plantem essa semente na mente de Patrick.

— Não diria que fiquei desapontado — ele fala após um momento. — Surpreso, talvez.

— Você não se sente mais próximo de Sylvia — prossigo. — E receia que nunca mais se sentirá assim.

Segue-se um longo silêncio.

— Acho que é verdade. — Ele dá uma risada abafada. — Sou assim tão transparente?

— Estou ligando porque tive uma ideia. — E então eu conto a ele, apresentando tudo da forma mais nítida possível: uma proposta de negócios. Um contrato legal.

Quando termino, um silêncio toma conta do outro lado da linha. Esfrego a unha do dedão na coxa enquanto sento na minha cama com as pernas cruzadas, pressionando fundo a unha na pele. Fecho os olhos e cores surgem na parte interna das minhas pálpebras. Abro-os novamente e encaro os círculos marcados pela unha na parte interna e macia das coxas.

— Eu aceitaria isso — Patrick diz, por fim.

NA TARDE SEGUINTE encontro Ana na sala de espera. Está desmoronada no assento assistindo à televisão, seus olhos castanhos captam o breve reflexo das águas de uma cachoeira rolando na cena. Ela brinca com uma mecha de cabelo entre os dedos, repetidamente; observo as mechas escuras deslizarem por entre eles em um ritmo hipnótico.

Quando sento a seu lado, ela começa a falar, olhando para mim como se eu a tivesse despertado de um sono profundo.

— Como tem passado? — pergunto.

— Ah, bem, obrigada. — Ela dá continuidade a meu tom formal com exagero, o bastante para oscilar da sinceridade à zombaria.

Analiso a disposição delicada de seus cílios e seus cabelos curtos e sem corte arrumados para trás com grampos. Ela parece exausta, com olheiras à mostra.

— O que aconteceu com o seu cliente naquela noite? — pergunto, abaixando a voz em um sussurro. — Vocês ainda estão se encontrando?

— Meu Deus — diz Ana. Ela dá um riso abafado. — Um favor seu e já se torna minha mãe?

— Se ele ainda estiver incomodando você, pode recorrer à sra. Renard. Eu confirmaria isso, vi a forma como ele age.

— E você acha que ela me ajudaria? — pergunta Ana. — De qualquer forma, obrigada. — Ela suspira. — Não é nada. O Rob apenas quer mais do que eu posso oferecer no momento.

— O que mais ele poderia querer?

Vejo Ana estremecer, um movimento rápido, como se ela estivesse tentando aliviar uma dor muscular.

— Ele quer que eu faça isso em tempo integral. Para sempre. Ele já tem me atormentado com isso há um tempo, mas ultimamente está pior.

Na televisão, um campo enorme de flores amarelas circundado por picos de montanhas distantes. Milhares de flores, brilhantes de modo tão uniforme que fazem meus olhos doer.

— Ele quer que eu seja ela — Ana prossegue. — More com ele. Vista as roupas dela. Por alguns meses. O suficiente para que ele possa estar com ela um dia depois do outro, não apenas uma noite por vez.

— Ana... — Na tela, a brisa sopra as flores, agitando-as em uma massa só. Como ondas movimentando a água.

— Eu preciso do dinheiro. Não consigo mais nem atender meu celular porque receio que seja um dos credores, e... — Ela para, um olhar teimoso se forma no seu rosto. — Enfim. Foi por isso que brigamos. Agora já sabe. Satisfeita?

Ana, com os cabelos tingidos de loiro claro, ou vermelho cintilante, aconchega-se próximo a um estranho à noite e desperta para beijar a bochecha dele, vestindo uma blusa pequena demais, que jamais escolheria por vontade própria. Uma sensação de profundo entusiasmo toma conta de mim: muitas portas abrindo-se ao mesmo tempo.

Ela me observa.

— Bem, você parece terrivelmente calma — diz ela. — Não vai me dizer para não fazer isso? Que eu tenho ainda tanto a viver pela frente, que não deveria desperdiçar minha vida por causa de um babaca de coração partido? — Quando não ofereço uma resposta, ela tenta apenas sorrir, mas acaba recuando. — É, acho que não. Talvez seja um bom plano para uma garota como eu.

— Eu nunca disse isso.

Mas perdi a concentração na conversa com Ana, que agora está com a boca frisada em uma linha inflexível, encarando a televisão. Após um segundo levanto e saio de lá. Apenas quando já estou me

dirigindo de volta ao quarto 12, me dou conta de que queria perguntar a ela sobre aqueles pálidos olhos azuis, descartados no cesto de lixo.



SENTO-ME NO SOFÁ de Patrick, com os joelhos dobrados de modo que meus pés fiquem embaixo de mim. Já está de noite, é o último dia de abril. Poderia tomar uma atitude para dar um fim nisso tudo, na sala de estar cor de creme, no corpo de Patrick ao lado do meu, o mundo escuro além da janela. Porém, estou aqui. O mundo está aqui.

Estou usando um vestido novo, aquele que experimentei quando estava com Dora. Voltei à loja esta manhã para comprá-lo. O tecido é verde como um botão de flor ainda fechado, o decote é aberto o bastante para expor parte dos seios. Meus lábios estão escuros, cheios do batom de Sylvia.

Patrick segura a fina haste da sua taça de vinho. Seus dedos são longos e finos, a disposição dos ossos é bastante visível. Ergo os olhos para pegá-lo me encarando. Ele sorri e eu desvio o olhar rápido demais.

A casa dos Braddock tem janelas imensas ocupando a maior parte da entrada, como uma casa de bonecas com um dos lados abertos e expostos. É uma casa vistosa, que valoriza mais o orgulho à privacidade. Do lugar em que estamos sentados agora, qualquer um poderia olhar janela adentro e nos ver acomodados aqui. Um casal comum. Um homem e uma mulher após o primeiro encontro. Marido e mulher cujo bebê dorme no quarto um andar acima. Amantes se reconciliando; amantes se separando.

De perto, as imperfeições aparecem. Posso ver que Patrick está tentando transformá-la em uma casa novamente, e para um observador eventual, nada está tão obviamente fora de lugar. É como se Patrick fosse um curador de museu, refazendo uma réplica convincente de um passado que apenas ele conhece por meio de livros. No entanto, os detalhes informativos mostram-se, um a um, quanto mais eu olho ao redor da sala.

A casa tem um cheiro intocado. As lâmpadas do corredor não funcionam; tivemos de encontrar o caminho no escuro. A casca rígida e brilhante de uma vespa morta, desmanchada em pernas e asas, se alojou contra uma das pernas da mesa de centro.

Quando Patrick abaixa sua taça de vinho, há uma leve mancha em seus lábios rachados. Sinto um impulso de pressionar minha boca contra essa marca.

— Todos os seus colegas de trabalho fazem atendimentos a domicílio assim? — questiona.

Sorrio, incerta, mas os olhos dele sobre a beira da taça parecem leves e conspiratórios, convidando-me a participar também.

— O serviço que estou prestando hoje à noite é por conta própria.

— Bem, eu respeito uma mulher que sabe tomar a iniciativa. — Ele ergue a taça em um pequeno brinde.

Há fotos em porta-retratos espalhados pela estante contra a parede. Sylvia olha para mim duplamente. A música tocando ao fundo encobre o breve silêncio que paira entre nós.

— Sua casa é adorável — admito.

— Sylvia foi a responsável por maior parte da decoração — diz Patrick ao olhar em volta como se, pela primeira vez, se desse conta da própria sala de estar. — Não posso levar crédito algum.

Imagino o que Sylvia deveria ter sentido, durante as festas e noites silenciosas, inspecionando a casa que tinha projetado. Uma criança com uma casa de bonecas, escolhendo as decorações como bem entendesse. E com seu marido sorrindo ao lado.

— Posso levar você em um passeio pela casa? — diz Patrick. Ele repousa a taça de vinho; já está vazia. — Provavelmente me lembro de como fazer isso.

A casa inteira é linda, apesar de notar sinais marcantes de abandono. Na cozinha, um aglomerado de garrafas âmbar estão em cima da bancada, uma mosca zumbe com voracidade na boca de uma das garrafas abertas e depois em outra. Uma porta do armário está aberta, exibindo prateleiras vazias. Reparo em uma pilha grande de correspondências acumulada na mesa de canto, com envelopes caindo no chão.

Porém, foco nas evidências que prevalecem do gosto de Sylvia: o tapete tão delicado e macio que sinto um arrepio quando passo por ele descalça. As janelas são altas e simples, fatiando o mundo lá fora em pequenas obras de arte.

Minha mente volta às fotos. A forma através da qual eu visualizei pela primeira vez as vidas dos Braddock, ofertada em pequenos pedaços. Um canto de uma porta, uma extremidade de janela. Montei minha própria versão da casa deles. Voltando à realidade agora, as diferenças continuam me surpreendendo. A sala de estar é mais ampla do que eu esperava. Na cozinha, o corredor desemboca para o lado esquerdo ao invés do direito. Sinto a outra versão da casa deles tremular e dissipar.

Estendo a mão e passo a ponta dos dedos em uma das paredes para me tranquilizar.

Chegamos a um segundo corredor. Patrick toca um interruptor que acende luzes acima de nós como se fossem auréolas. Estamos lado a lado, seu cotovelo quase toca o meu. Minha respiração é ágil e curta. Sinto que algo se desenrola dentro de mim, algo antes rígido e inflexível que, por fim, afrouxa.

— Essas são todas as fotos que ela tirou — diz Patrick aos sussurros. É quase como se Sylvia estivesse adormecida em algum cômodo próximo e pudéssemos acordá-la. — Todo ano saíamos de férias bem na época do nosso aniversário de casamento. Sylvia escolhia sua foto favorita de cada viagem.

As seis fotos emolduradas ocupam metade do corredor, interrompendo-se como uma frase inacabada. Uma das fotos mostra soldados feitos de terracota, suas feições estáticas, porém vivas e alertas. Na foto seguinte, os traços desajeitados de Stonehenge contrastam com um céu cinza e tristonho.

Patrick para em frente a uma estreita rua de pedras arredondadas, há violetas vermelhas e úmidas nos beirais das janelas.

— Queria mostrar a ela tudo de que ela havia sentido falta antes de nos conhecermos. — Ele estica a mão para espanar a poeira da borda da moldura, deixando uma faixa lustrosa e escura.

Quando ele fala, sua voz é cautelosa.

— Enfim... Para terminarmos o tour.

Há uma porta parcialmente aberta no final do corredor. Sigo Patrick, mas ele para na entrada e empurra a porta para que ela termine de abrir. Vejo uma cama que parece ocupar quase todo o espaço de uma das paredes.

Se há um momento para mudar de ideia, esse momento é agora. Patrick e eu nos entreolhamos. Não desviamos o olhar. Sinto como se não estivesse de forma alguma aqui e ao mesmo tempo fosse a única mulher que já viveu nesse planeta. Em todos os meus anos trabalhando como um corpo, havia me esquecido como era sentir-se desejada.

Eu o desejo para mim. É pura cobiça que elimina todo o restante. Eu o quero. Parece impossível a ideia de canalizar o que sinto em outra busca, ou qualquer outra direção sem destruir tudo pelo caminho.

Patrick me toma em seus braços. Por um momento, a intensidade do desejo se esvai, e fico surpresa com a simplicidade de sentir um outro corpo contra o meu. O contato que tenho com outras pessoas tem sido tão superficial, compartilhado em toques não premeditados. A essa distância consigo sentir o coração de Patrick bater contra o tecido da sua camisa. Sinto a aspereza do queixo dele contra minha bochecha.

Sou eu quem o beija primeiro.

Quando recuo, ele me impede ao segurar meus pulsos.

— Onde você está indo? — pergunta. Apesar de já estar sem fôlego, a voz dele permanece macia e calma.

— Pensei que quisesse ela.

— Quero estar com você primeiro.

Hesito.

— Isso não era parte do acordo.

— Mas é o que você quer?

— Sim — afirmo. — É o que eu quero. — Sinto como se nunca tivesse dito algo tão verdadeiro assim antes. Até a própria ideia de admitir que eu quero algo é excitante.

Patrick me segura com mais firmeza e me puxa em sua direção.

— Se é o que você quer, então é o que deve receber — diz ele, como se as coisas sempre tivessem sido assim tão simples.

O VESTIDO QUE estava usando está jogado no chão do quarto, verde reluzente, como a casca da qual um inseto se desfaz. Estamos deitados na cama. Os lençóis carregam muito do perfume dele. Os travesseiros estão marcados, manchados e deformados. Ainda não me saciei. É incrível o quanto tudo isso parece habitual. Comparado ao frio anonimato do quarto 12, o quarto de Patrick é recheado de cheiros e desordem.

Ao olhar no espelho em frente à cama, noto que meus cabelos estão desgrenhados e meus olhos úmidos e vivos. Pareço selvagem. Uma criatura desperta depois de longa hibernação.

Em sequência, deito transversalmente na cama. Estou surpresa e inquieta, alguém deixado em uma praia desconhecida que aos poucos recobra a consciência. Quando olho meu corpo estendido, poderia muito bem estar encarando o corpo de uma estranha. Não reconheci a voz que escapou da minha garganta enquanto estávamos juntos.

Patrick afasta os cabelos que cobrem minha testa. Quando me beija, sinto um gosto diferente em seus lábios e me dou conta de que é o meu gosto.

— Gostei disso. — Ainda me sinto vulnerável o bastante para dizer essas coisas sugestivas.

Ele dá uma risada baixa e íntima. Estamos deitados juntos, Patrick me envolve em um abraço leve. As janelas sem cortina dão para o jardim. Há uma sugestão da folhagem espessa e do breu da noite através dos vidros, como se estivéssemos sozinhos em meio a uma floresta encantada. De repente, sinto-me cansada e minhas pálpebras pesam.

Sinto uma água escura pingar no limiar da minha consciência, para então tornar-se um estrondo fluindo pela minha cabeça.

isso não pode durar

nunca dura

— Edie.

Com algum esforço, abro os olhos. Patrick me encara de cima, metade do seu rosto em meio à escuridão.

Ele não diz mais nada. Ele não precisa. Eu me lembro. E ao passo que estava obediente antes, surge agora uma faísca de teimosia. Não quero que isso acabe agora. Nós dois.

Saio da cama e os braços de Patrick se soltam de mim. Passo em frente ao espelho e vejo refletido nele uma figura esguia cruzando a escuridão, pego uma flor de lótus.

— Vou precisar de água.

Patrick ergue-se apoiado em um cotovelo.

— Você vai tomar isso?

— É o mesmo que tomo quando você vai até a Elysian Society.

Patrick levanta. Ao se mover seu cotovelo esbarra em mim de forma áspera e me choca. Em apenas um instante fui reduzida de sua amante a uma inconveniência, um mero obstáculo.

Quando ele retorna com uma taça de vinho, estou sentada na beirada da cama, coberta com os lençóis. Ele a entrega a mim.

— Tome cuidado — adverte.

Sua preocupação se faz tão gentil quanto um buquê de rosas. Uma promessa tão romântica quanto um anel de diamante. Sentindo-me encorajada, toco a mão dele.

Coloco a lótus na boca. Talvez por conta do vinho o efeito dela tenha se manifestado mais rápido do que o habitual, ou talvez por conta do meu estado de excitação e sonolência, mas eu apago quase no mesmo instante. A última imagem que tenho é do rosto de Patrick, os olhos dele me fitando, os lábios levemente abertos, esperando. Esperando.

QUANDO VOU EMBORA, logo antes de amanhecer, o céu parece denso e pálido. Quando vi meu reflexo no espelho da porta de entrada, notei que estava toda amarrotada. Minha maquiagem, que antes já estava malfeita, agora estava borrada.

— Quanto devo a você? — A voz de Patrick surge por trás de mim. Seus olhos não encontram os meus e sua voz é indiferente.

Viro-me contra o espelho. Ele está contando um maço de notas do interior da sua carteira. É impossível acreditar que ele é o mesmo homem cuja cabeça estava entre as minhas pernas algumas horas atrás, de modo que podia olhar para baixo e notar, daquela distância, a forma como seus cabelos estavam começando a rarear no topo da cabeça. Seu escalpo exposto pareceu uma revelação tão íntima quanto a presença da boca dele contra a minha.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Já tivemos essa conversa — diz Patrick.

— Você tem razão — digo. Ele me entrega o dinheiro. Aceito, segurando as notas como se fossem um buquê murcho. — Obrigada.

Agora que essa parte ruim da noite já passou, escondido ali, Patrick volta a relaxar. Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Mesmo depois de tudo o que já fizemos, a simplicidade desse gesto faz meu coração acelerar.

— Nos vemos em breve — diz.

SINTO COMO SE tivesse adentrado um mundo secreto para então ser forçada a voltar, despreparada, para a limitação da minha realidade. Ando pelo meu apartamento e me espanto com as relações evidentes entre uma vida e a outra: o copo de água que está esquecido sobre a bancada da cozinha há dias; minha escova de dentes guardada dentro do armário de remédios; uma escova com fios de cabelo dourados emaranhados entre as cerdas. Esses vestígios da minha presença são a única forma pela qual consigo conectar a mulher que sou agora com a mulher que eu era antes de entrar na casa de Patrick.

Uma coisa ainda me incomoda, um desconforto que não consigo entender. Não faz sentido para mim até entrar no meu quarto e deitar sob minha roupa de cama sem cor. A foto não se encaixa mais. A polaroide de Sylvia, nua, usando aquele batom escuro demais. De modo subconsciente, sempre preenchi os detalhes de acordo com o quarto da foto. Comparado a isso, a realidade do quarto deles parece muito pálida e comum.

Depois, lembro a mim mesma. Depois, depois. Posso pensar nisso depois.

NOVAMENTE ACORDO NO chão. Amassada contra a parede, como se tivesse sido empurrada.

Meus pulmões se enchem de ar de modo doloroso, como se fossem feridas dentro de mim. Espero até que retorne totalmente a mim mesma: minha mão apoiada contra o chão, as pernas cruzadas embaixo de mim. Meu joelho esquerdo pinicando. Cautelosa, levanto. Tenho que me segurar no alto da cômoda para me estabilizar. A tontura me castiga.

Imagino o que Lee pensaria e diria se me visse deitada aqui, ainda úmida, molenga e quase machucada devido ao toque de Patrick, como um fruto muito maduro. Essa ideia me suscita uma vergonha comedida, porém, mais forte do que isso, triunfo. Entusiasmo.

Lee só conhece a minha versão que existe dentro do ambiente da Elysian Society. Uma mulher governada pela cautela. Controlada e receosa, nunca permitindo mais do que pudesse, de modo seguro, trazer para minha realidade. Ele não tem noção da rapidez com a qual a cautela pode virar do avesso. O desejo me torna inconsequente, faminta. Preciso reaprender a controlar minha volúpia, como eliminá-la tal qual uma fera perigosa que poderia destruir as outras áreas da minha vida.

AO ENCONTRAR COM o sr. O'Brien, ordeno que meu cérebro se acalme e ignoro a agitação que corre por mim. Ele tem vindo encontrar Margaret quase com a mesma frequência com a qual Patrick encontra Sylvia. Hoje, imagino como ele reagiria se soubesse o que eu poderia oferecer. Caso se desse conta de que agora o acesso que ele tem a Margaret é tão pequeno quanto o que teve enquanto ela ainda não tinha morrido.

Durante todo esse tempo me sentei em frente aos meus clientes enquanto eles conversavam com seus amantes, ainda que separados. Costumava sentir-me generosa ao permitir que pegassem meu corpo emprestado. Agora que sei o que mais eu poderia dar a eles, minha negação chega quase a ser um poder.

Enquanto a flor de lótus desce pela minha garganta, penso no meu estoque próprio em casa. Visualizar o envelope cheio das pequenas pílulas é o suficiente para me desorientar. Enquanto caio para trás, escuridão adentro, percebo que é errado. Totalmente errado.

ESTOU NUA. SINTO o ar noturno úmido contra a pele. O lago se estende, escuro e cintilante; a lua está suspensa sobre as águas como uma gota prestes a cair.

Ergo-me e flutuo até ele, leve como uma borboleta. Quando fico próxima, suas mãos contra as minhas, o calor e energia do seu toque quase atravessa a fina camada de minha pele. Apesar de estar perto o bastante para que sua respiração entre na minha boca, seu rosto permanece um vulto.

Deveria ir com ele, deixar esse lugar para trás. Porém, uma pontada de medo me detém.

Quando olho novamente, a janela ocupa metade do céu. Patrick está deitado na cama, com as costas viradas para mim. Reconheço a grande constelação de sardas e pintas no intervalo de suas omoplatas, o fraco tom dourado-esbranquiçado de seus cabelos à luz da lua. Escondida da minha vista devido ao corpo dele, do outro lado da cama há uma mulher. Sua mão está pousada na cintura de Patrick.

A mão se agita. O corpo dela ergue-se à vista. Cabelo desgrenhado. Suas feições têm uma simplicidade que a tornam muito familiar. Como se ela fosse uma atriz secundária em uma peça, o mesmo rosto insignificante que reaparece no decorrer da história. A empregada, a freira, a amante, a tola. A mulher encara-me diretamente nos olhos. Ela sou eu; percebo, hesitante e em choque.

Estou presa na extremidade do lago, incapaz de me mover, incerta sobre qual corpo eu ocupo. Assisto enquanto me inclino sobre Patrick, sorrindo. Minha mão desliza pelo peito dele, parando antes da dobra do lençol. Então, rápido demais, minha mão agora já está no rosto dele. Pressiono minha palma contra seu nariz e boca. Um pequeno esboço de movimento passa pelo corpo de Patrick, um protesto. E então, cessa.

Vejo a mim mesma pressionar minha bochecha contra a dele, meu rosto modificado do vazio a uma beleza selvagem e específica. O rosto de uma mulher que tem tudo o que sempre desejou.

– QUEM É Patrick?

O estalo elétrico de revolta me desperta imediatamente.

— Quem ele é? — Seu cenho está franzido. — Nunca conheci ninguém com esse nome.

— Me desculpe — digo. O sr. O'Brien está, por hora, contido, mas a sua quietude não passa de uma camada que encobre a tensão latente. Preciso controlar isso antes que a raiva do sr. O'Brien penetre o edifício como se fosse fumaça. — Devo entender que Margaret mencionou esse nome? — pergunto.

— Sim — diz o sr. O'Brien, em tom de zombaria. — É isso que deve entender. Tudo estava normal e então de repente é Patrick, Patrick, Patrick. — O nome escapa de seus lábios com uma batida que soa errada. — Quem diabos é ele?

Examino meu cliente por um instante enquanto corro a língua pela parte interna e escorregadia dos meus dentes.

— Talvez fosse um amigo de Margaret — arrisco. — Esse processo pode não ser muito exato, pode...

— Margaret e eu sempre fomos abertos um com o outro. Ela nunca teria guardado um segredo de mim.

A solução me ocorre rapidamente, como se em meio à multidão a mão de alguém tateasse em busca da minha para então me entregar algo.

— Nesse caso, sr. O'Brien, devo me desculpar. Parece ter havido um engano.

— Eu pago um valor alto para evitar enganar.

— E eu entendo isso. Se o senhor estiver disposto a deixar essa indiscrição de lado, ficaria feliz de aliviar esse fardo para você.

Ele pisca com seriedade.

— Isso quer dizer...?

— Estaria disposta a encontrá-lo novamente, sem qualquer custo extra para o senhor. — Posso poupar uma flor de lótus. Uma lótus não é nada. — Poderíamos compensar pelo tempo que o senhor perdeu.

Ele corre a língua sobre os lábios.

— Aqui? — questiona.

Hesito. Se eu agendasse outro encontro aqui dentro, poderia atrair muita atenção. No decorrer dos anos houve corpos que ficaram incapazes de esvaziarem-se o bastante, ou corpos que se esvaziaram por completo. Sei das histórias: falavam as palavras erradas durante os encontros, confundiam nomes e se equivocavam com os detalhes, como se fossem o chiado sem sentido que surge de uma frequência de rádio inoperante. Nenhum desses corpos durou muito na Elysian Society.

— Nos encontraremos em particular — declaro. — Em um local da sua escolha.

— Isso é permitido?

— Pode ser. — Meu corpo fica tenso com a espera, preparado para uma súbita batida na porta, a presença de Jane me sobressaltando como se fosse uma ave de rapina triunfante.

— Certo — concorda o sr. O'Brien, por fim. — Essa parece uma boa solução.

Apuro a audição para identificar passos no corredor além do quarto 12. O sr. O'Brien ainda não se deu por satisfeito:

— E caso você esteja interessada, quando você disse o nome de Patrick, pareceu apavorada. — Ele estreita os olhos para mim. — Pareceu furiosa.

PARO NA ENTRADA da sala de espera. Corpos se aglomeram em uma extremidade com os rostos inclinados para a frente, banhados pelo brilho desfavorável da televisão. Várias pessoas estão com os braços cruzados sobre o peito ou as mãos erguidas sobre a boca, poses que me parecem bastante teatrais.

Eu me aproximo, avaliando os rostos em busca de algum que seja familiar. O olhar de Lee encontra o meu e se distancia do grupo.

— Edie — diz ele. — Não se preocupe. Estou certo de que isso não é nada, sério.

— O que está acontecendo?

Ele toca meu braço.

— Não é nada — repete.

As costas largas de alguém ainda bloqueia a tela da televisão de mim. Imagino o que estariam assistindo. Patrick e meu corpo no quarto 12. Sua mão erguendo-se para mim, meu corpo imóvel, aceitando o que quer que viesse em seguida.

Vou para o centro do grupo, de onde consigo enxergar a televisão poeirenta. Uma repórter fala para a câmera, seus olhos lendo cartões ocultos do público. A cadência ordenada da voz dela se recusa a formar uma mensagem inteligível. A luz do sol é intensa e ela está em pé na frente de um edifício muito familiar. As paredes de tijolos brancos, as sebes bem aparadas surgindo ao fundo.

— Não é uma transmissão ao vivo. — Lee paira atrás do meu ombro. — É apenas um trecho.

O murmúrio da voz da repórter cessa. Ela sorri para a câmera por algum tempo e então desaparece. O grupo de corpos se dispersa imediatamente. Um corpo se inclina atrás da televisão para ajustar algo. Um segundo depois, a imagem de uma floresta imaculada ao amanhecer substitui o canal de notícias.

— Não entendo — digo.

— Um corpo da Elysian Society fez um trabalho com alguém — diz Lee. — Alguma mulher tentando conseguir informações sobre o caso da Desconhecida Esperançosa. Ao que parece, ela acabou de acionar as autoridades.

Durante anos, a sra. Renard tem se protegido de traições desse tipo, e o fato de ter por fim acontecido é mais surpreendente do que deveria. O golpe que acerta bem quando os músculos relaxaram. Olho de relance para o grupo de corpos que agora conversam em voz baixa. Poderia ter sido qualquer um. Por trás do esvaziamento treinado deve haver uma série de segredos em ebulição.

— Quem fez o trabalho com ela? — questiono. — Eles mencionaram nomes? — Saber os nomes não ajudaria em nada, percebo, com uma vontade estranha de rir. Não sei o nome de nascimento de ninguém que trabalha aqui.

O rosto de Lee se torna cauteloso, tão distante quanto se estivesse me segurando para trás pelos ombros.

— Não sabemos — diz ele. — Ele não disseram. Pode ser qualquer um.

Analiso os traços dele assim que ouço uma frieza inesperada na sua voz.

— Você está achando que eu poderia ter feito isso, Lee? — pergunto.

— Como eu disse, ninguém sabe. — Ele hesita. — Mas, de fato, eu ouvi dizer que você foi o primeiro corpo de quem a Fowler se aproximou.

Eu respiro fundo.

— Entendo — digo.

— É o único corpo do qual ela se aproximou, até onde sabemos.

— Mas é só isso — rebato. — Eu mandei a Fowler embora. Conte para Jane. Havia me esquecido completamente dela, até agora. — Minhas palavras não soam convincentes. Deveria ter-me lembrado: um único segredo contamina tudo ao seu redor e transforma momentos sinceros em coisas a se esconder. — Você precisa acreditar em mim.

A decisão de Lee paira sobre nós e então se esvai.

— Acredito.

— Eu nunca colocaria a Elysian Society em risco — afirmo. E então acrescento: — Lee, sou eu. — Como se isso ainda significasse alguma coisa, como se ainda fosse verdade.

LAURA HOLMES. ESSE é o nome verdadeiro da Desconhecida Esperançosa. O único detalhe que a sra. Fowler conseguiu coletar do encontro, a única informação que a Desconhecida forneceu. Fico estranhamente triste ao saber que isso foi tudo o que ela disse sobre si mesma. Um detalhe que uma criança perdida poderia oferecer em meio ao desespero de tentar encontrar o caminho para casa. *Esse é meu nome. É quem sou. Me ajude.*

Laura Holmes desapareceu da sua própria vida no começo do ano passado. Morava em uma cidade há 18 horas de distância daqui. Os pagamentos do aluguel começaram a atrasar, ela começou a perder muitos turnos no seu trabalho de caixa de uma farmácia, seus poucos contatos passaram a não ter mais notícias. O desaparecimento de Laura foi mais um sumiço gradual do que um momento específico de ausência.

Mais detalhes sobre a morte de Holmes ainda estão sob investigação no momento.

Percebo várias inconsistências na narrativa inocente da Desconhecida Esperançosa. Laura Holmes tinha 19 anos e estava a um passo da vida adulta. Ela era desinteressada, mantinha sempre relacionamentos superficiais. Tentar conciliar a sonhadora Desconhecida Esperançosa com a realidade áspera de Laura Holmes é como colocar duas transparências, uma sobre a outra. Para cada detalhe que se alinha com perfeição, há uma extremidade disforme, uma curva que não se encaixa. O resultado disso é encarar duas pessoas ao mesmo tempo, nenhuma das duas permanece a mesma, mas, ao mesmo tempo, nenhuma é exatamente a outra.

VIV PEDE QUE eu segure o bebê, colocando-o nos meus braços antes mesmo de ouvir uma resposta. O bebê é um conjunto de contradições: encorpado e úmido, e, ainda assim, surpreendentemente leve. Ele é forte e chuta na minha direção com suas pernas inquietas, ainda que desarticulado e frouxo em seu corpo rechonchudo.

No rosto do bebê, encontro os traços do nariz largo de Henry e do queixo anguloso e marcado de Viv. De modo impulsivo, visualizo uma criança com meu cabelo loiro claro, os olhos esverdeados de Patrick e sardas aleatórias. Envergonhada com a imagem mental, quase deixo o bebê escorregar. Ele firma os pés nas minhas coxas e um fio de baba escorre pelo seu queixo.

— Venha aqui comigo, Bennzinho. — Viv estica os braços para o filho.

Hesito. Minhas mãos pressionam em volta do bebê; sinto a inspiração dele através da sua barriga. Sou tomada por um impulso incomum. Não tenho certeza se é violento ou carinhoso. Não quero abrir mão do bebê.

O momento se alonga, parecendo se tornar mais denso e profundo do que a passagem de tempo normal. A expressão de Viv muda de espera cordial para impaciência, e em seguida para confusão.

não tente tomá-lo

ele não pertence a você

Meus músculos afrouxam e o momento volta à normalidade. Sorrio abertamente e estendo Ben para sua mãe. Com habilidade, ela o retira das minhas mãos.

— Você tem filhos, Lucy? — Viv está sendo calorosa de modo cuidadoso, na esperança de dissipar a estranheza.

— Eu? Ah, não. Não — respondo. — Ainda não.

Viv acomoda o bebê no colo. Ben dá tapinhas no braço dela: pequenos toques, como se a pele dela pudesse machucá-lo. Ela se inclina e beija a cabeça do bebê, e eu desvio o olhar.

— Mas você quer ter filhos? — ela pergunta ao erguer o rosto.

— Assim que colocar minha vida em ordem — respondo com o mesmo tom otimista dela.

— Não faz sentido postergar muito — diz Viv. — Tanta gente acha que pode esperar pelo momento perfeito. Você tem que dar um salto. Já conheci mulheres que esperaram e arrumaram problema. — Viv segura o fôlego e arregala os olhos. — Nossa, me desculpe.

— Tudo bem — digo. — Você pode falar abertamente.

Sentamos na sala de estar, de frente para uma fileira de fotos do dia do casamento dos Damson e do pequeno Ben. Estou tendo bastante trabalho para manter a fachada neutra de Lucy. Agora que já estive com Patrick, esse saber caloroso cintila forte por debaixo de tudo.

— Sylvia era assim, sabe — diz Viv. — Ela queria ter filhos, mas ficava postergando. E então engravidar também passou a ser difícil para ela. Sei que isso a chateava.

Esse novo conhecimento se encaixa na imagem geral que tenho dos Braddock, abrindo mais lacunas do que fechando, tirando tudo da ordem. Patrick nem sequer havia mencionado filhos.

Viv passa o braço por Ben com mais firmeza.

— Odeio pensar que ela nunca chegou a ter um filho. — As palavras saem em um tom emocionado. — Essa ideia me deixou obcecada. Então eu pensei, mas e se ela *de fato* tivesse tido um filho, e agora esse bebê estivesse sem a mãe? Não consigo decidir qual seria pior. Será que eu ia preferir morrer sem chegar a conhecer Ben, ou ia preferir que ele ficasse sozinho, sem mim?

De repente me sinto furiosa com Viv. É o pouco esforço com que passa da sua vida para a de Sylvia, como se Sylvia não fosse nada além de um espelho para Viv mirar. Medindo a própria infelicidade com a de Sylvia, imensurável.

— É normal se afligir com essas questões após uma perda — tento explicar. Mas minha ira cresce, cintilando como uma fagulha de fósforo em um rastro de gasolina. Pego a mim mesma encarando a cabeça do bebê. Seus ossos estão claramente delineados por baixo da penugem de cabelos; a luz registra uma pequena marca no topo do crânio. Outra vez, uma mistura desenfreada de cobiça, raiva e perda cresce dentro de mim.

— Viv — digo —, preciso mesmo ir embora.

Incerta, ela levanta, ajeitando o bebê com seu quadril.

— Nos vemos depois?

— Sim — respondo. — Se você quiser.

Do lado de fora, na garagem dos Damsons, a estranheza de uma gravidez é tudo no que consigo pensar. Compartilhar um corpo com um ser invisível, amontoando-se a fim de abrir espaço para outra mente. Coloco a mão na parte inferior do abdome. Sinto um certo estremecer em algum lugar dentro de mim, e tiro a mão rapidamente como se tivesse sido picada.

— VOCÊ CHEGOU a terminar aquele livro? — Ele acaricia meus cabelos. O movimento me aquieta.

Estamos no seu jardim; uma cerca alta envolve a propriedade. Árvores crescem próximo à margem e assim oferecem cobertura o bastante para podermos ficar a sós, com exceção das janelas do segundo andar e da pequena sacada da casa do vizinho.

Com algum esforço, recordo sobre qual livro ele se refere.

— Ainda não.

As cadeiras do terraço estão marcadas pela ferrugem. Foi preciso que Patrick limpasse a camada de chuva acumulada junto às folhas mortas dos assentos. Ele se desculpou dizendo que não vinha até aqui

desde o último verão. Apesar de parecer que o jardim tenha sido planejado, a grama está descuidada e sua altura ultrapassa meus tornozelos. Flores despontam nas extremidades dos canteiros.

Estava preocupada quando vim até aqui hoje à noite; preocupada que o nosso tempo juntos tenha sido único e impossível de repetir; que Patrick perderia a coragem ou que eu não conseguiria me deitar de novo na cama de Sylvia. Porém, mal tínhamos nos cumprimentado e ele já estava me beijando, pescoço, ombros, com uma vontade tão grande quanto a minha própria.

Um chiado chama minha atenção. Viro minha cabeça de modo que o pulso de Patrick pressiona minha orelha e olho em direção à casa do vizinho. Uma mulher está em pé na entrada da sacada, seu rosto ainda oculto pela escuridão. Ela ainda é, de certo modo, jovem, deve ter mais ou menos minha idade. Bonita de um jeito chamativo e caro.

— Eu devia tentar reorganizar esse espaço — diz Patrick.

Ele não acompanhou meu olhar. Recuo, meu rosto tenso de vergonha. É como se Sylvia tivesse viajado e essa mulher, sua aliada, tivesse me flagrado com a mão do marido dela em meus cabelos.

Curvo a cabeça até os dedos de Patrick se desprenderem.

— Sylvia sempre ficava aqui fora à noite. Com um livro e uma bebida. — Ele inspira. — Adoraria ver esse espaço ser próspero de novo.

A porta da sacada se fecha com um clique.

— Na primeira vez em que viemos olhar esta casa — recomeça —, eu me lembro de Sylvia dizer que poderíamos colocar um balanço. — E ele aponta, fechando um dos olhos, para um canto do jardim. O lugar mencionado de repente parece desproporcional e simples, cruelmente escavado.

— Você queria filhos — arrisco.

— Um dia. Você já pensou em ter filhos?

— Talvez — respondo. — Quando era bem mais nova tive um relacionamento e nós... — Hesito. Falar sobre isso é como mexer em uma ferida recentemente cicatrizada, pelas bordas menos rígidas. Forço um tom casual. — Nós brincávamos de dar nomes aos nossos futuros filhos.

— Quais nomes?

— Lucy — digo, após uma pausa. — Esse era o favorito dele.

— É bonito.

— Não ficamos juntos por muito tempo.

— Esse é o objetivo de namorar quando se é jovem — diz Patrick. — Você constrói futuros com elas sabendo que não vai dar certo. Tive uma namorada assim. A última antes de eu conhecer Sylvia. Inventamos vários futuros. Morar próximo ao rio Sena. Sermos artistas famosos em Nova York.

Tento imaginar a precursora de Sylvia; se esbanjava uma beleza implacável ou se era mais como eu, salva do senso comum apenas com muito esforço.

— Ainda penso nela de vez em quando — admite. — Me pergunto como ela estaria.

— Por que você terminou?

Segue-se um longo silêncio. Estou à beira de repetir a pergunta quando ele responde.

— Foi ela quem terminou. Mas foi minha culpa. Nos relacionamentos antes de Sylvia eu era muito ciumento. Uma vez que gostava de alguém colocava muita pressão na pessoa. Exigia demais.

Um breve arrepio percorre meu corpo. Esfrego meus antebraços com força.

— Devíamos entrar — declara ele. — Está escurecendo.

Dentro da casa, a sensação de frio e o silêncio tomam conta de mim. Um contraste com a diminuição gradual da temperatura no decorrer do dia. É como estar à beira de um declive: o calor ainda abraça metade do meu corpo enquanto o restante dele é impregnado com a frieza do que está por vir. Fecho a porta enquanto tento esquecer a expressão da vizinha nos observando. A ausência de surpresa, como se

ela estivesse habituada a ver Patrick com mulheres desconhecidas. Como se eu não passasse de mais um corpo em uma longa lista.

— EURYDICE — DIZ A sra. Renard. — Fico feliz que tenha encontrado um tempo para me ver.

Estou em pé em frente à mesa, com os dedos entrelaçados. Estou consciente de todos os vestígios de Patrick que permanecem no meu corpo. Tive um sono pesado na noite passada e acordar foi um esforço, apesar de agradável. Mal tive tempo de jogar uma água no rosto amassado do travesseiro. Agora, o brilho do suor está secando em meu pescoço, a saliva dele permanece nos meus lábios e corpo: tudo parece reluzir e iluminar um mapa detalhado das minhas transgressões.

— O plano é encontrar cada um dos empregados individualmente — diz ela. — Não é o que eu gostaria de passar o dia todo fazendo. Brincar de diretora e encontrar alunos travessos. É uma perda de tempo. Mas, infelizmente, não tenho muita escolha.

Mantenho a postura dos ombros e o olhar pacífico.

— Evidentemente, fui comunicada que a sra. Fowler abordou você primeiro — prossegue a sra. Renard. — Também estou ciente que você a denunciou para Jane. Você não está sob julgamento aqui, Eurydice. Mas eu preciso da sua ajuda. Você é como meus olhos e ouvidos aqui dentro.

Atrás da sua mesa, vejo um pássaro voar em frente à janela, um rastro negro.

— Os demais vão encarar isso como uma intervenção disciplinar — diz a sra. Renard. — É verdade que não tolero funcionários que desrespeitam as normas. Quem quer que tenha trabalhado com a sra. Fowler está nos arrastando para o alvoroço da mídia e representando errado o serviço que oferecemos. — Ela entrelaça os dedos. — Porém, vai além disso, Eurydice. Quem quer que tenha feito isso, saiba ela ou não, pode precisar da minha ajuda.

— Não sei se entendi bem.

A sra. Renard inclina a cabeça, semicerrando os olhos para mim.

— Você sabe o que aconteceu no quarto 7?

Não esperava essa pergunta.

— Sim — respondo após um instante. — Ouvi boatos.

— Me conte.

— Ouvi dizer que houve um cliente que mentiu sobre a morte da esposa — digo, relutante. — A versão que ouvi foi a seguinte: segundo ele, a esposa caiu na escada e quebrou o pescoço, mas na verdade tinha sido culpa dele. Ele costumava abusar dela. — Olho para a sra. Renard para checar se ela confirmaria isso tudo, mas o rosto dela permanece imóvel. — Quando o corpo engoliu a flor de lótus no quarto 7, tudo deu errado. Ela esmagou o copo d'água. Atacou o próprio corpo. Atacou o cliente.

Ouvir a história pela minha própria voz faz com que ela pareça exagerada e infantil. Uma história do passado para servir de lição, que se foca em um detalhe tão inocente quanto usar copos de papel em vez de vidro. Mas há alguma coisa inquietante e real nesses detalhes exagerados, como vislumbrar a frieza de um par de olhos por trás de uma máscara chamativa de dia das bruxas.

— É tudo que sei — encerro.

A sra. Renard mexe a cabeça em concordância.

— Quando era jovem não havia lugar algum como a Elysian Society. Um lugar seguro e respeitável para se reconectar aos entes queridos. Canalizá-los era um segredo sujo. Uma atitude repulsiva para pessoas desesperadas. E perigoso. Extremamente perigoso. Cheguei a ouvir histórias de clientes maltratando os corpos de formas terríveis enquanto estavam apagados. Corpos canalizados por tempo

demais, longos períodos de tempo. Na maior parte dos casos acabavam destruídos. Tomava conhecimento de todas essas coisas e me questionava sobre o porquê de essa dádiva ter que ser tão perigosa. Tão ilícita.

Não é a primeira vez que a sra. Renard traçava a história da Elysian Society. Ela retrata a origem do hotel com termos imprecisos, floreios de detalhes. Toda vez as mesmas palavras, como uma fábula contada inúmeras vezes. No entanto, hoje a ouço como se fosse a primeira vez.

— Fundar a Elysian Society foi uma experiência de tentativa e erro — diz a sra. Renard. — Anos de desilusões e trabalho duro. Tive de batalhar com unhas e dentes para que as pessoas passassem a levar esse lugar com seriedade. Durante vinte anos tenho dedicado minha energia a esse lugar. Ajudei milhares de pessoas de luto. Curei vários corações partidos. Mas às vezes fico acordada à noite e penso se não ultrapassei o limite. Talvez tenha feito as coisas serem muito seguras. Arrancado as garras do monstro. Agora as pessoas olham ao redor e não existe consequências possíveis para as ameaçarem. As regras começam a parecer antiquadas.

A voz dela emana uma proximidade que se limita apenas a si mesma, não se estende a mim. Eu poderia muito bem estar ouvindo uma conversa privada.

— De um modo perverso, estou grata que a história do quarto 7 tenha sobrevivido — prossegue ela. — Apesar de ríspido, é um aviso eficaz aos novos contratados. Os clientes são outra questão. Sempre iremos nos resguardar das perguntas: por que damos as costas às almas mais desesperadas para se comunicarem?

Um relance do lago. O corpo nu de Sylvia encolhido como uma criança adormecida, enrolado em algas. Os cabelos escuros reluzindo com um milhão de pequenas bolhas, os olhos cegos.

— Olhe só para todo esse caso indecente — acrescenta a sra. Renard. — Laura Holmes. Sabemos seu nome. Quase nada, mas mesmo assim, esse pouco ainda é surpreendente. Essa não é a primeira vez que clientes agem por trás das minhas costas. Eles são arrogantes. Certos de que vão se sentar para ouvir uma confissão perfeita: o professor, no escritório com a faca. — Ela ri. O som provoca meus ouvidos. — Nossos clientes não se dão conta do que morrer violentamente faz com alguém. Forçar os mortos a resolver suas próprias mortes é como interrogar sonâmbulos, na melhor das hipóteses. Na pior, é como despertar um monstro.

— Você acha que a informação da sra. Fowler é falsa, então? — pergunto, incerta se isso me causa desapontamento ou alívio sórdido.

— Sendo falsa ou não, ela vai continuar tentando. Por isso é essencial descobrir quem trabalhou com Fowler. A cada vez que esse corpo canalizar Laura Holmes, ela estará mais próxima de se perder.

A luz do sol entra com constância pelas vidraças. Agora ela bate contra meus olhos como um holofote.

— Nenhum dos corpos deixou a Elysian Society desde que a notícia surgiu — diz a sra. Renard. — Suponho que eles saibam o quão suspeito isso pareceria. É um golpe de sorte para nós. Preciso que fique atenta, Eurydice. Observe qualquer comportamento incomum deles.

— Como o quê?

— Bem, qualquer um que pareça diferente. Alguém que não pareça consigo mesmo.

A luz me deixa tonta. A sra. Renard se torna um contorno escuro na minha frente, seus traços incertos. Não consigo distinguir sua expressão.

— Os sinais serão sutis — prossegue ela. — O quarto 7 serviu muito bem a seu propósito de aviso, mas se procurar por sangue e violência, pode-se deixar de notar o que está bem à sua frente.

Não consigo dizer nada. Minha boca ficou seca.

— Eurydice? — pressiona ela.

— Farei meu melhor — respondo.

ELE ANDA PELO corredor escuro com a confiança impensada de alguém que conhece cada centímetro do seu espaço.

— Gostaria de uma bebida?

— Por favor — digo ao manter o passo, como se também me sentisse exatamente em casa aqui.

Na cozinha, Patrick ergue a mão para abrir um armário acima da geladeira e sua camisa ergue, expondo os pelos bastante escuros do seu umbigo. Tímida, desvio o olhar como se nunca o tivesse visto sem roupas.

Quando passamos pela sala de estar, instintivamente endireito uma moldura torta, empurrando de volta ao prumo o sorriso brilhante de Sylvia no dia do casamento.

— As coisas andam difíceis? — pergunta Patrick.

Coloco as pernas sob mim no sofá, ciente de que a bainha curta do meu vestido vai subir pelas coxas.

— O que você quer dizer?

Patrick senta-se próximo a mim. Observo o olhar determinado que recai sobre meu rosto, que não oscila para baixo em direção à minha pele exposta.

— A publicidade que seu local de trabalho está ganhando ultimamente — diz ele. — A tal mulher que foi às autoridades.

Levo meu copo à boca para evitar uma resposta. Não havia planejado abordar nada disso com Patrick. Quando estou com ele me sinto tão à parte do resto do mundo que eu não notaria se caísse fogo do céu ou a rua inundasse com a chuva.

— Parece que você não está sob os holofotes — diz Patrick, e levo um instante para me dar conta de que ele se refere à Elysian Society como um todo e não a mim, especificamente.

— Pensei que você tinha dito que não via o noticiário — replico.

Estava tentando provocá-lo de forma suave, mas ele não retribui meu sorriso.

— Jenn mencionou o fato — explica. — Também a esteve incomodando.

— Patrick, não é nada de mais. — Meu corpo todo tenciona, como se estivesse me preparando para correr. — Essa história deve sumir a qualquer momento. Vamos proteger a confidencialidade dos nossos clientes.

— Não é esse o problema.

— Então qual seria?

Patrick se aproxima abruptamente, correndo seu dedão pela superfície da minha mão. É mais reconfortante do que sensual, seu dedão quente e áspero esfregando minha pele repetidamente. Não consigo saber qual de nós dois ele está tentando acalmar.

— Essa mulher nem ao menos conhecia a garota morta. Certo? Ela trouxe de volta uma estranha.

A rua de Patrick está muito silenciosa. Um silêncio penetrante.

— Ela está quebrando as regras — digo.

— Sim, mas é uma possibilidade — diz ele. — Uma que não tinha considerado. Será que um estranho poderia pagar para trazer de volta minha esposa?

— Isso não vai acontecer — digo rápido. — Não vamos permitir que isso aconteça. — Porém, estou pensando nas acusações que li, o senso de posse irresponsável que circundava a especulação, como se esses estranhos merecessem saber da história de Sylvia apenas por mérito de curiosidade.

A voz de Sylvia emergindo de outra garganta, suas palavras deslizando de uma língua diferente. Alguém perguntando a ela: *O que aconteceu com você? Me conte. Me conte.*

Você pode confiar em mim.

O toque dele ganha maior pressão e ritmo, é quase doloroso. Resisto à urgência de mover minha mão.

— Isso poderia acontecer e eu nem ficaria sabendo — diz Patrick. — Ela ficaria desamparada. Um estranho poderia dizer qualquer coisa a ela. Fazer qualquer coisa. — Ele para. — Perguntar a ela qualquer coisa.

— Patrick — digo. — Você está preocupado sem motivo.

Ele não responde.

— Essa mulher apenas está trazendo Laura Holmes de volta porque se trata de um caso de assassinato — afirmo. — Laura é como um quebra-cabeças, algo a ser resolvido. Não vai acontecer isso com alguém como Sylvia.

Apesar de manter minhas palavras neutras, há um apelo velado. Quero que Patrick concorde comigo. Quero que ele diga: *Você tem razão, você tem razão.*

Não há mistério envolvido na perda dela.

— Como você pode garantir? — ele questiona e me solta. Quando abaixa a cabeça e encara o chão, o relevo de sua coluna se destaca na maciez do seu pescoço. Mesmo essa parte tão banal do corpo dele me excita. Quero passar os dedos por cada vértebra exposta. O desejo aflora em meio à seriedade do momento.

— Me desculpe, de verdade — digo. — Odeio pensar que você está preocupado.

Ele ergue a cabeça e seu rosto cansado se abrandava em um sorriso.

— Não. Estou sendo injusto. Você não tem nada de se desculpar. Meu Deus, você já fez tanto. Não deixe que eu jogue minha frustração em cima de você.

Como uma corrente elétrica um espasmo percorre minhas terminações nervosas. Ignoro a sensação; busco sua mão novamente e entrelaço nossos dedos, então vou de encontro a ele, pressionando meu rosto contra seu pescoço.

— Quero protegê-la. Eu já falhei uma vez.

— Ela está a salvo, Patrick — afirmo, sentindo o calor da pele dele. — Ela é sua.

A firmeza do seu aperto aumenta e os dedos dele vão para a parte inferior das minhas costas. Ele é como um homem sob o efeito de hipnose, que aceita sem temor ou questionamento o que quer que surja à sua frente. A respiração dele acelera. Ele murmura um nome, e eu o beijo, e o beijo de novo, sem permitir a mim mesma registrar o nome que foi pronunciado.

EU COMPREENDO MEU corpo de uma forma diferente quando estou com ele. Normalmente meu foco cairia indiferente nas minhas falhas, nas estrias esbranquiçadas nos quadris. Tudo o que eu pude atenuar ou reduzir para que não fosse notado, eu o fazia, durante muitos anos. Até mesmo as partes do meu corpo que os clientes nunca viam.

Com ele, meu corpo se torna completo. Admiro a minha barriga retilínea, a elevada sensibilidade das minhas auréolas. Falhas se tornam marcas de quem sou. Quando Patrick, preguiçoso, percorre com os dedos uma pequena mancha de nascença marrom que tenho na parte interna da coxa, quando ele se encaixa no contorno dos meus quadris ele está experimentando uma versão única de quem sou. Nesses momentos, é fácil imaginar que mais ninguém poderia tomar meu lugar na cama ao seu lado.

Houve alguns breves momentos inquietantes de pânico ou dúvida. Quando me despi em frente a ele, após a loucura inicial de ficarmos juntos ter se aquietado, eu parei, de repente exposta. Caso Patrick olhasse para meu corpo mais atentamente, com um olhar mais crítico, será que notaria? Será que veria as cicatrizes que o passado deixou em mim? Mas ele não disse nada, e eu me permiti relaxar novamente. Agora, as marcas quase desapareceram; mas meus dedos sabem instintivamente onde pousar, apenas pela memória.

O corpo de Patrick me é totalmente familiar. Estou menos tímida e mais ousada e possessiva quando estamos na cama juntos. Não vejo qualquer problema em senti-lo dentro da minha boca, ou em beijar suas coxas em meio à camada de pelos claros, macios e espetados, ao mesmo tempo. Eu anseio por ver a concentração que toma conta do rosto dele enquanto me penetra.

Hoje à noite, quando acordo em meio à pálida escuridão do quarto, viro a cabeça e encontro Patrick acordado. Seu braço está acomodado por baixo da minha bochecha e seu batimento cardíaco contra a minha pele, levemente em descompasso com o meu.

— Devo trazê-la para você? — pergunto.

Após um instante, ele concorda com a cabeça.

Ao sair do quarto, sou arrebatada novamente. De repente entendo. O quão exposto o quarto é, como é diferente do cômodo escuro e de teto baixo da fotografia.

À noite, as sombras desfazem os traços rústicos da cozinha. Posso fingir que as luzes se acenderiam caso apertasse o interruptor. Posso fantasiar que a geladeira está cheia de comida. Que a louça suja da noite anterior está alinhada dentro da máquina lava-louças. Que há vida à espera logo adiante, como um palco antes de as cortinas serem erguidas. Encho um copo com água da torneira.

ele não me ama mais

Sinto alguém deslizar os braços ao redor da minha cintura e apoiar o queixo no topo da minha cabeça. Sinto o medo se inquietar dentro de mim. Não sabia que ele tinha me seguido. Então relaxo nos braços de Patrick.

— Eu estava sonhando com o lago — diz ele, abafado por meus cabelos.

— Ela estava lá?

— Não. É sempre a mesma coisa. Estou sozinho naquele chalé. Esperando por ela, que nunca aparece. É como uma piada de mau gosto.

Minha mente ganha tempo enquanto busco por algo reconfortante para dizer.

— Só estive lá uma vez — prossegue ele —, mas me lembro melhor daquele lugar do que da casa em que cresci. Você acha isso justo?

— Você já pensou em voltar lá?

A pressão com que me segura aumenta.

— Voltar lá — repete.

— Ao chalé — explico. — Talvez fosse de alguma ajuda. — Banhado pela luz do luar, o copo d'água parece prateado como uma poção mágica.

— Não sei se funciona desse jeito.

— Você nunca quis voltar lá?

— Não. Não vejo motivo. Não mudaria nada. Eu não...

Espero para ver se ele vai terminar a frase. Quando ele não o faz, fico aliviada, como se as extremidades de algo enorme tivessem se lançado contra mim e depois recuado.

— Olhar para o lugar novamente poderia eliminar um pouco do poder que ele exerce sobre você — explico.

Patrick não responde por um longo tempo.

— O que você saberia sobre isso? — ele, por fim, pergunta.

Meu coração se contrai.

— Nada — digo. — Você está certo.

— Algumas coisas devem permanecer no passado.

As palavras preenchem a cozinha ao nosso redor, com todas as suas implicações. Janela afora, a vizinhança adormecida parece um lampejo de um mundo completamente diferente.

— Você não precisa fazer isso hoje à noite se não quiser — diz Patrick com uma voz suave enquanto eu olho para baixo e encaro a flor de lótus presa entre meus dedos.

— Eu sei. — E a coloco entre os lábios e engulo. Naquele momento foi um alívio apagar a mim mesma. Nesse instante, sou a discrepância nesta casa, o elemento obscuro atrapalhando a vida a dois dos Braddock.

— SEJA BEM-VINDO à Elysian Society, sr. Rogalski — digo ao meu novo cliente. — Você espera contatar sua filha, certo?

Minha boca está gordurosa e com um cheiro doce devido ao *gloss* labial rosa. Na foto que me foi dada, o sr. Rogalski, inseguro, está com o braço ao redor de uma adolescente magra, o sorriso dela marcado por um brilho metálico do aparelho dentário com borrachinhas rosa.

— Na verdade, estou aqui para contatar você.

O sr. Rogalski se encaixa no modelo de solteiro semianônimo que apimenta minha clientela. É um homem de meia-idade avançada, olhar cabisbaixo como o de um cachorrinho. Eu o classificaria como um divorciado cujos problemas com a esposa, até então velados, vieram à tona com a morte da filha. Mas a voz dele, esse conhecimento desdobrado ao máximo, como se fosse um fio, faz-me reconsiderar.

— Estou aqui para fazer algumas perguntas — diz ele. — Não precisa tomar isso. — Ele gesticula para a flor de lótus. — Eu gostaria que você estivesse totalmente presente. Acha que pode dar conta?

— Acredito que o senhor não tenha compreendido bem os serviços que oferecemos aqui.

O sr. Rogalski suspira e coloca a mão na parte da frente da jaqueta. Ele retira o que parece ser uma carteira fina, abre-a para mostrá-la a mim. Finjo saber quais sinais indicariam a autenticidade do documento, analisando a seriedade do símbolo da polícia sobre um fundo azul-claro.

— Compreendo. — Recosto-me na cadeira. Estou totalmente desperta agora, uma sensação de cautela percorre toda extensão do meu corpo. Apesar disso, fico curiosa. — Não sei se serei de grande ajuda, detetive.

— Deixe que eu decida isso — diz Rogalski. — Primeiro, qual o seu nome?

— Pode me chamar de Eurydice.

Ele ergue as sobrancelhas e solta um assobio baixo.

— Nome proveniente de um mito, certo? — Ele não espera minha resposta. — Você sabe da história por trás dele?

— Estou familiarizada — respondo, apesar de tê-la esquecido. Não me lembro se a personagem foi aquela que fugiu com um cisne ou a que comeu sementes de um fruto na vida após a morte, condenando a si própria a ficar aprisionada.

Ele olha em volta do quarto com certa intensidade, como se tivesse acabado de se dar conta de onde estamos.

— Há quanto tempo está trabalhando aqui?

— Cinco anos.

— O que a fez buscar um emprego aqui? Caso não se importe com a pergunta.

— Eu precisava trabalhar — digo. — A Elysian Society estava contratando.

— Simples assim?

— Simples assim. — A mentira surge com facilidade.

— E você gosta daqui — diz Rogalski. — É muito bem tratada pela sua chefe, pela, ah, a sra. Renard. — Ele semicerrou os olhos como se acompanhasse uma cola invisível.

— Ela é uma empregadora maravilhosa.

— Você tem certeza? Alguém que peça a você para fazer isso?

Fico em silêncio.

— Quando você encontra seus clientes, ocorre apenas conversa, certo? — pergunta. — Sem contato físico.

— Correto.

— Me perdoe pela franqueza, srta. Eurydice, mas esse trabalho... não é de cunho sexual?

— Claro que não — respondo; um calor sobe pelas minhas veias.

— Ouvi dizer que este lugar deve ser sofisticado, ou algo que o valha. Tudo de forma respeitável e honesta. Mas, para ser franco, há potencial para algo um pouco... — Ele busca por uma palavra. — Impróprio. O fato de homens usarem seu corpo em favor de suas namoradas e esposas nunca a incomoda?

— Não — afirmo. — Não é assim que funciona, de forma alguma.

— Então, como são os seus clientes, os homens? Você alguma vez chegou a notar tendências violentas? Possessivas, obsessivas, é, sei como é isso tudo.

— Nossos clientes não são possessivos. Não são obsessivos. Eles vêm até aqui para se reconectarem às mulheres que amam.

— Sua esposa morre e você não segue em frente? Você a fica arrastando de volta ao sentar em um quarto com uma moça bonita num vestido que mal cobre seu corpo e finge que está conseguindo um desfecho para a situação? — Seus olhos movem-se diretamente para meus seios.

Resisto à vontade de puxar o decote.

Ele sorri como se o meu mero silêncio houvesse determinado algo.

— Quando você se senta aqui nesse quarto, deve ouvir, por acaso, muita informação particular. Estranhos se abrindo até as tripas para você.

— As informações que nossos clientes compartilham nestes quartos é confidencial. Não ouço nada do que dizem.

Ele abaixa a cabeça e me encara por baixo das sobrancelhas.

— Mas você não está sentada bem aí?

Ao responder sou fria como gelo:

— Posso perguntar o motivo da sua visita?

— Estou aqui por conta do caso Laura Holmes. Ouviu falar dela?

— Nesse caso, detetive, acredito que posso esclarecer essa confusão — digo. — Quem quer que tenha trabalhado com a sra. Fowler, fez isso sem o nosso conhecimento. Esse caso não tem nenhuma relação com a Elysian Society.

— Bem, encare isso da minha perspectiva. O que temos é uma pista que pareceu ter a ver com o seu típico trabalho maluco. Metade das vezes em que alguém aparece com uma pista assim, é inútil. Apesar disso, dessa vez o tiro saiu pela culatra, porque no fim das contas, contém alguma informação válida. Mas isso não quer dizer que esteja em plena vista.

Aperto as mãos com tanta força que consigo sentir as juntas.

— Ainda não há nada conclusivo, mas Fowler nos deu informação o bastante para seguirmos com a investigação. Melhor do que o material com o qual estávamos trabalhando antes. Então a pergunta é: alguém dentro deste lugar sabe mais sobre a morte dessa garota do que admite?

Dobro meus dedos para dentro e pressiono as unhas de uma mão contra a outra até a pele começar a doer.

— Os trabalhadores daqui podem estar escondendo alguns segredos significativos — prossegue ele. — Você fica enfiada aqui o dia todo ouvindo os pensamentos particulares das pessoas. Confissões profundas e sombrias.

— Como expliquei antes — minhas palavras trincam sob o peso da impaciência —, as conversas que os clientes têm com os entes queridos ficam entre eles e ninguém mais.

— Talvez — diz Rogalski. — Ou talvez alguém daqui entreouviu um belo de um segredo, uma informação significativa, e então contou à Fowler.

— Se você não acredita que o trabalho feito aqui é verdadeiro, não há muito que eu possa dizer. — Meu coração bate descompassado e rápido demais. — Nunca perdemos nosso tempo dando razão aos céticos.

— Isso é muito nobre da sua parte. — Rogalski solta uma risada. — As pessoas ficam totalmente desconcertadas pelo luto, e querem gastar dinheiro com qualquer coisa que faça se sentirem melhor, e você está aqui esperando com seu vestidinho curto e apertado. Se aproveitar dos que sofrem com o luto, isso é... — Ele faz com os dedos uma arma, o dedão levantado e apontando para cima e dá um único puxão. — Fácil como tirar doce de criança.

De modo impulsivo, ergo a mão e limpo o *gloss* labial.

— Posso falar com clareza?

— Por favor. É isso que espero.

— Se eu fosse você, não julgaria o que acontece aqui dentro quando vive uma vida tão inalterada pela morte. — Minha raiva se manifesta para forçar as palavras boca a fora.

— E o que a faz pensar que a minha vida tem sido tão inalterada, srta. Eurydice?

— Se tivesse vivenciado a perda na mesma intensidade que nossos clientes, não imagino como poderia ter vindo aqui e tentado distorcer isso que fazemos em algo... — Procuro a palavra certa. — Predatório.

Rogalski cruza os braços sobre o peito.

— A garota na fotografia que me entregou — digo. — Ela é a filha de algum amigo? Uma sobrinha? — Olho para baixo e vejo minha mão borrada de rosa. — Imagino que você mesmo tenha comprado esse *gloss*.

— Comprei a caminho daqui. Ele se chama, ah, Sugarplum Fantasy. Nada que eu permitiria minha filha usar, para ser franco.

Toco meus lábios.

— Preciso que vá embora.

Rogalski me encara por um tempo antes de levantar. Seu andar sossegado e arrastado fica fora de contexto dentro do quarto. A presença dele me sufoca; o cheiro do hálito, as unhas irregulares, o botão que falta no bolso da jaqueta dele.

Ele para e estende a mão na minha direção, alguma coisa branca se sobressai por entre os dedos. Aceito automaticamente. Um cartão de visita.

— Se em algum momento estiver com um ânimo que inspire honestidade, por favor, entre em contato. Gostaria de ouvir o seu lado da história.

Coloco o cartão na mesa de canto.

Ao chegar à porta, ele hesita e então se vira.

— Você deveria saber que está errada sobre um aspecto — diz Rogalski. — Aquela na foto era de fato a Madison. No aniversário de 11 anos. Ela completaria 21 esse ano. Estaria crescida, uma verdadeira adulta. Madison queria muito crescer. Sempre com pressa de que isso acontecesse.

Fico muito quieta na cadeira.

— O que aconteceu?

— Não importa o que aconteceu — diz Rogalski. — A maioria finge ser solidária quando pergunta, mas há uma parte perversa do cérebro deles que só quer saber da história. Todos nós somos assim.

Estou como um oceano imóvel. Uma noite sem estrelas.

— Tive a chance de pedir perdão pelo meu envolvimento com o que houve, e sou grato. Não sinto gratidão por muito na minha vida, mas por isso... — diz ele. — Eu sinto. — Ele abre a porta. O corredor adiante está completamente calado, assim como o interior das minhas pálpebras.

— Detetive, eu estaria disposta a ajudá-lo a contatar sua filha — digo. Sentada ali no quarto 12 usando meu vestido branco, de repente desejo desesperadamente que ele tente. Quero vivenciar toda aquela cena previsível de engolir o comprimido para depois despertar naquele breve momento em que um estranho olha para mim como se me amasse. — Talvez dessa forma você entenderia o que fazemos aqui. Assim você acreditaria.

Mas Rogalski sorri, paciente.

— Prefiro não fazer isso, srta. Eurydice. Agradeço pela oferta e tudo o mais, mas dizer adeus uma vez foi mais do que o suficiente para mim.

Aguardo a chegada de Jane. Quando ela entra, forço-me a falar algo antes de perder a coragem.

— Jane — digo. — Devo informar que o cliente que acabou de sair, Arnold Rogalski, veio até nós sob um pretexto falso. Ele é um policial.

Jane inspira entre dentes, fazendo um chiado agudo.

— Suponho que devêssemos nos resguardar contra algo desse tipo. — Ela se joga na cadeira do cliente. — Vamos precisar tomar mais cuidado — diz ela, como que para si própria. — Pare de assumir clientes novos, pelo menos por um tempo. — Ela me encara. — Que tipos de perguntas ele fez?

— Ele estava investigando problemas entre os corpos e os clientes. Ele parecia preocupado que nós estivéssemos nos aproveitando deles. Tirando vantagem de informações particulares.

Jane sorri com um canto da boca.

— Um cético. Isso é um alívio. Ao menos ele está preocupado em proteger o próprio ego. Não vai escavar muito fundo por aí. — Ela suspira. — Odeio isso, Eurydice. Não consigo expressar o quanto. Toda essa atenção negativa.

Algo no seu tom exausto e de confiança me faz confiar nela, ou talvez seja o fato de estar sentada diante de mim, vestindo uma blusa sem mangas que exhibe seus ombros queimados de sol, fazendo-a parecer exatamente como um dos meus clientes.

— Você contou para a sra. Renard que eu comprei as flores de lótus? — pergunto.

Ela ergue o olhar para mim, fixo em um ponto. Todo seu jeito inofensivo se esvai, e me arrependo de ter dito alguma coisa.

— Não.

— Obrigada — respondo.

— Não fique toda confortável. É para salvar minha própria pele que mantive o bico calado. Mas Renard não é uma mulher paciente. Estamos ficando sem opções. Quando chegar o momento decisivo, posso não ter escolha.

— Receio que iria passar uma imagem ruim — digo. — Se ela soubesse que eu comprei as pílulas logo antes de a história virar notícia.

— Passaria uma imagem ruim — concorda Jane. — Especialmente porque Fowler se dirigiu a você em um primeiro momento.

Passo a língua nos lábios.

— Se você quer provar sua inocência precisa descobrir quem trabalhou com Fowler — diz Jane. — Não há outra forma de lidar com isso. Você não é nenhum ser sociável, mas não deve ser tão difícil. Contou para mais alguém que ela veio até você?

Aquele dia se desenrola na minha memória. O sorriso sarcástico da sra. Fowler em conjunto com o zíper em forma de coração; a doçura afetada dela enquanto tentava me subornar a canalizar a

Desconhecida Esperançosa; e depois disso. Recordo de uma baforada de fumaça de cigarro, uma risada. E então a ficha cai. É claro, rápido e óbvio, tão puro que parece a solução de tudo. Apenas após um instante eu começo a ver a sua verdadeira natureza complicada.

Jane me observa, seu olhar aguçado por trás das lentes dos óculos.

— Alguma coisa? — pergunta.

Dou de ombros com um sorriso desgostoso no rosto.

— Nada — respondo. — Esse dia é um borrão.

— Bem, é uma pena. Pensei que estivéssemos no rastro de alguma coisa.

NO DIA SEGUINTE, aguardo por Ana na sala de espera. Antes que ela tenha a chance de se sentar, eu a paro na entrada do cômodo. Seus olhos ainda estão enevoados por causa dos comprimidos e sinto sua pele fria ao tocar seu ombro.

— Preciso vê-la a sós — digo em voz baixa.

— Meu Deus, Edie. Eu sempre soube que você tinha uma queda por mim, mas isso foi bastante direto.

— A provocação dela não soa natural; tem um toque de desânimo que me fez sentir envergonhada por ela. Quando eu não respondo, sua voz se torna mais contida. — Certo. Me siga.

Imagino que ela vá me guiar até o banheiro, mas eu a sigo pelos corredores, passando pela sala de Jane, pelo bloco das suítes de encontro, até chegarmos a uma porta sem identificação alguma, escondida em um canto. Ana olha ao redor teatralmente, sua boca em forma de O e os olhos arregalados, antes de abrir a porta e entrar. Hesito ao ver nada além de um vão escuro depois do batente, e então vou atrás dela.

Escuridão. O ar que bate contra minhas pernas é gelado; ar viciado que pressiona meu nariz e olhos, pesado como um pano úmido. Essa combinação faz uma onda de pânico percorrer minha pele. Sinto-me afogar, incapaz de encher meus pulmões por completo. Um nome surge na minha cabeça como se fosse um grito primitivo. Ouço um clique suave à minha frente. Uma luz rala permeia o ambiente. Estamos paradas em frente a uma escada de concreto, suas extremidades plenas de teias de aranha. Ana sorri para mim, dois degraus acima.

— Você não sabia que isso existia?

Forço-me a respirar normalmente, apesar de o ar ser abafado e terroso, pesado demais.

— Não venho aqui sempre. — Ana se senta no degrau, trazendo os joelhos até o peito. — Mas é a melhor forma de se conseguir alguma privacidade neste lugar. Isso se for usado ocasionalmente. — Ela ergue um pedaço de teia entre o indicador e o dedão, examina-o e depois descarta no começo escuro da escada. — Você disse que queria me ver a sós. Aqui estamos. A sós.

Sento-me. A sensação do cimento contra minha pele é tão fria que chega a arder.

— Você trabalhou com a Fowler por causa do dinheiro?

Ana me encara. Antes que ela pudesse colocar sua típica armadura, vejo emoção genuína brotar no seu rosto: uma mistura de alívio e surpresa, como se ela finalmente tivesse sido destituída de um peso enorme.

— Eu falei pra você sobre Fowler logo depois de rejeitá-la — prossigo. — Na minha presença, ela mencionou que dinheiro não seria problema. Ela deve estar pagando muito bem. E eu sei que você precisa do dinheiro.

Segue-se um silêncio profundo no qual estudamos uma à outra.

— Bem, veja só quem caiu na real — diz Ana. Ela solta um riso áspero. — O que provocou esse milagre, Edie? Você transou com alguém?

— Sei que você quebrou outras regras, Ana. Eu apenas quero ouvir por mim mesma.

— Meu Deus, você está mesmo acreditando nessa baboseira? Sei que é uma puxa-saco, mas achei que fosse no mínimo mais inteligente.

— Não tente me distrair do assunto em questão.

— É tudo uma encenação, Edie — diz Ana, transbordando impaciência. — Renard nos chamando na sala dela, com aqueles grandes olhos tristes, funciona como uma cortina de fumaça. Ela quer nos distrair, um bando de crianças fofoqueiras, para que não notemos o que está acontecendo.

— E isso seria...?

— Há mais nessa história do que ela nos conta — diz Ana. — Pense no que Laura Holmes estava usando quando a encontraram. Um vestido de verão. Um único brinco de diamante.

Uma nota breve e sinistra soa no fundo da minha mente.

— Isso não quer dizer nada — replico. — Um vestido e uma joia? Isso poderia descrever praticamente qualquer mulher nessa cidade.

— Bem, poderia descrever você — diz Ana. — Poderia descrever a mim. Um vestidinho detestável e então um pertence bonito, uma coisa que nós nunca conseguiríamos comprar por conta própria.

Imagino Laura em um vestido translúcido, com os ombros à mostra, os olhos fechados.

— Você trabalhou com Fowler e agora as coisas não estão mais sob seu controle — digo. — É assim que está justificando isso? Inventando suas próprias teorias para que dessa forma não seja considerada responsável?

Ana mantém a expressão fria como uma rocha.

— Nossos clientes estão sendo prejudicados pelo que Fowler está fazendo — continuo. — Isso nos faz parecer irresponsáveis e negligentes.

— Você vai correr direto para Renard, não vai?

— Não quero fazer isso.

— Ah, mas você vai — diz Ana. — Você vai porque acha que é o certo. E você é sempre tão rápida em fazer o que é certo.

Fecho os olhos contra o desdém dela.

— O que você vai fazer, de qualquer forma? — questiono. — Se sair da Elysian Society, vai ficar com o Rob? Você vai... — Não consigo terminar a frase. A possibilidade parece esmagadora demais, tentadora e aterrorizante na mesma proporção.

— Se serei forçada a canalizar de modo permanente? — pergunta.

Após um instante, balanço a cabeça em concordância.

— Talvez sim — diz. Ouço um farfalhar enquanto ela se levanta, e um estalo seco quando apaga as luzes. Mesmo com os olhos fechados, sinto a escuridão se aprofundar e perder a textura. Ela passa por mim de forma tão rude que acaba por pisar em cima das minhas pernas, como se eu fosse um objeto inanimado. A sola do seu pé encontra minha coxa, pisando atrapalhadamente; me contraio de dor, mas não me mexo.

— Você adoraria isso, não é mesmo? — A voz dela agora flutua acima de mim. — Você adoraria me ver rebaixada ao seu nível. Mais morta do que viva.

— PEDI QUE HENRY e o bebê saíssem — explica Viv. — Podemos fazer uma conversa só de meninas.

Ela serviu limonada rosa em duas taças de champanhe. A doçura acentuada se acumula em uma bolha no fundo da garganta. Viv Damson me surpreendeu hoje ao telefonar para requisitar outra visita. Depois da última vez, eu não confiaria em mim para entrar na casa deles novamente. Porém, quando ela mesma me ligou, pareceu um sinal.

— Ultimamente tenho passado por momentos difíceis. — Ela pega a taça e rodopia o líquido rosa. — O segundo aniversário do que aconteceu é no final do verão.

— Como você lidou com o primeiro?

— O Ben era menor na época — diz Viv. — Ele não estava dormindo bem. Ficávamos indo e voltando do consultório do pediatra. Nós mal nos lembramos do aniversário naquele ano. O que a gente podia ter feito?

Levo um instante para perceber que ela fez uma pergunta genuína.

— Podiam ter compartilhado lembranças dela um com o outro — digo. — Olhado fotos. — A limonada deixa uma camada doce em meus dentes.

Viv dá de ombros. Ao olhar com mais atenção, noto sua postura tensa, um braço envolvendo o corpo dela, as pernas entrelaçadas. As sobrancelhas não estão escurecidas hoje. A cor natural delas é de um loiro quase branco, deixando a composição do rosto desprovida de um formato, como se ela estivesse desaparecendo aos poucos.

— Ajudaria falar sobre isso agora, Viv? — pergunto. — Sobre suas experiências no decorrer daquele final de semana, e a última vez que passou com Sylvia antes de aquilo acontecer.

— Ah, não sei. — Viv esboça um riso, como se quisesse recuperar uma leveza que nunca chegou a existir. — Céus, não me lembro de muita coisa. Henry e eu tínhamos acabado de nos casar e então a gravidez. Foi como... Como se tudo estivesse começando, sabe o que eu quero dizer? Tipo, “Ah! Aí está”. — Ela encara um ponto além de mim, a janela coberta com cristais de neve feitos com papel-cartão, resquícios do inverno. — Minha vida. Começando.

A sala de estar dos Damson tem paredes amarelas, uma samambaia, vários bichos de pelúcia jogados no chão me observando com olhos de vidro estáticos. Eu me pergunto como a casa dos Braddock estaria agora caso nunca tivessem ido ao lago naquele mês de agosto. Se eles se tornassem um daqueles casais que enchem as capas de revistas sobre criar filhos, que varrem farelo de biscoito do tapete.

— O que me lembro daquele final de semana é que me senti mal por ela — diz Viv.

— Como assim?

— Patrick e Sylvia pareciam tensos — diz Viv. — Para Henry e eu, aquela foi uma viagem improvisada. Estávamos comemorando a gravidez. Imaginei que Patrick e Sylvia estariam lá por algum motivo semelhante. É um local romântico, para os aniversários de casamento. Mas eles estavam infelizes. Não entendi.

Vejo a mão dela sobre o colo, mexendo na barra da blusa; seus dedos se entrelaçam na seda como se ela estivesse tentando rasgar um pedaço.

— Eles estavam brigando? — pergunto.

A incerteza perpassa suas feições, como se ela tivesse esquecido que eu estivesse ali.

— Ah, não exatamente. Eles não estavam fazendo aquelas coisas de casal: tocar um ao outro, piadas internas. Henry e eu éramos recém-casados, e os Braddock já estavam juntos havia anos. Talvez esse fosse o motivo. — Ao longe, ouço máquinas rangerem levemente. — Esse tipo de coisa me faz ser grata por ter alguém como Henry. Isso soa como algo horrível?

— De forma alguma.

Seus dedos ficam imóveis. Viv relaxa o braço e seu rosto se ilumina.

— Ele tem sido meu porto seguro. Depois que ela se foi, ele esteve aqui para mim em tempo integral. Se perder Sylvia me ensinou alguma coisa, foi que... — Ela pausa. — Que preciso valorizar meu marido.

Termino a limonada. Uma parte dela deve secretamente ter ficado muito feliz quando Sylvia morreu, por fim dando chance a Viv de sentir pena de um casal como os Braddock.

— Você tem alguém especial em sua vida, Lucy?

A pergunta me desperta. Uma fala familiar, em tom de desculpa, se forma por trás dos meus lábios, *estou solteira no momento*.

— Estou em um relacionamento novo — digo, em vez disso. — Estamos saindo há apenas algumas semanas.

— Ah, essa é a melhor fase. Vocês ainda não se cansaram um do outro. — Ela ri, exibindo a língua rosa e os dentes brancos demais. — Não me surpreende. Você parece uma mulher apaixonada. Esse brilho.

Olho de relance para meu braço como se minha pele pudesse se iluminar. Pequenos focos de luz saindo de cada poro.

— Devido à sua área de trabalho, deve ser algo realmente especial. — Ela prossegue antes que eu possa reagir: — Trabalhar junto de pessoas em luto deve tornar você sensível à necessidade de apreciar o momento.

A porta da frente do saguão se abre com um baque e um ruído. Viv levanta imediatamente; um instante depois, Henry empurra um carrinho para dentro da sala de estar. Uma estrutura grande e sofisticada de lona e metal, com as rodas cheias de lama e grama. No meio do carrinho, Ben me lança um olhar significativo. Quando Henry me vê, suas feições adotam uma desconfiança contida.

— Bom, eu preciso ir embora — digo, enquanto Viv dá um beijo em Henry. Ela se adianta para jogar os braços ao redor do pescoço dele de modo teatral e infantil, assim como quando fica na ponta dos pés.

— Lucy está apaixonada — anuncia Viv.

— Parabéns — diz Henry, seu tom de voz oscila entre polido, por Viv estar ali, e um tanto seco, para o meu gosto. Viv, ao notar que está sendo provocada, aperta o braço dele.

O bebê deixa escapar um emaranhado de sílabas.

— Ben se comportou direitinho? — pergunta Viv.

— Sim — responde Henry —, mas fiquei esgotado. Você vai ter que tomar conta dele pelo resto da noite.

— Como foi o trabalho hoje? — pergunta Viv, cheia de simpatia.

— O mesmo de sempre. Acumulando trabalho, como de costume. Consertando os erros alheios. — Ele está suado, com as bochechas coradas e os cabelos despenteados; consigo sentir o cheiro carregado do ar lá fora impregnado nele, o odor forte do suor.

— Por causa de... — Viv para e lança um olhar oblíquo para mim.

— Não foi por causa de Braddock, dessa vez — diz Henry. Estava embalada no processo vago e prolongado de me preparar para ir embora, alisando a saia com as mãos, olhando para o sofá para checar se não havia esquecido nada meu para trás. Porém, ergo os olhos bruscamente à menção do nome de Patrick, um gesto tão óbvio que tenho certeza de que perceberam.

— Ele está melhor? — pergunta Viv.

— Anda diferente nos últimos dias. — Henry agacha para desafivelar o filho do carrinho. Noto que as juntas das mãos dele são cobertas de pelos e os dedos mais largos e curtos que os de Patrick. — Talvez também esteja apaixonado. Talvez seja contagioso.

Em pé na sala de estar dos Damson, sinto-me tanto vulnerável quanto em evidência. Meu corpo está ocupando espaço demais.

— É muito cedo para ele se apaixonar novamente — diz Viv.

Henry levanta em um movimento surpreendente e fluido para sua estrutura, segurando Ben próximo ao peito. Fico surpresa com a imagem de Henry Damson com o bebê. Algo faminto e com garras desperta dentro de mim, com o desejo de se aproximar e tomar tudo que está dentro dessa casa.

— É muito cedo? — questiona Henry; contraio-me de volta à atenção. — Quero dizer, você deve saber — ele diz para mim. — Por ser uma especialista.

Mantemos contato visual por um longo instante, até Viv começar a emitir sons e agitar-se próxima ao cotovelo de Henry, agarrando a barra da camisa de Ben.

— Cada um possui um tempo diferente para seguir em frente após o luto, sr. Damson — digo. — Mas certamente é possível.

VOU PARA A casa dele. Já está anoitecendo. Depois de sair da casa dos Damson, eu estava quase em casa quando peguei uma rua errada, seguida de outra. Dirigi na direção oposta à minha própria vida.

Ao entrar na vizinhança de Patrick, uma grande tranquilidade toma conta de mim. Conheço as casas dos vizinhos dele. De um lado os telhados antiquados, do outro o terreno estéril, simples e sem árvores. E há a casa dele. Nossa casa. As enormes janelas frontais estão escuras e descobertas essa noite.

Estaciono do lado oposto da rua.

Do outro lado, uma janela se ilumina. Patrick entra no cômodo, como se subisse em um palco. Conheço os detalhes que suavizam seus traços. Os cílios longos que se sobrepõem, seu hábito de limpar a garganta em tossidas curtas. Mas, a distância, ele volta a ser um estranho bonito. Intimidante, irreconhecível. Observo-o cruzar o ambiente e parar próximo ao puxador da cortina. Ele vira a cabeça e diz algo. Dá risada.

Antes de tentar encontrar algum sentido para isso, mais alguém entra no cômodo.

É ela. Eu. Os cabelos negros como uma mancha de tinta, presos para trás com um prendedor de casco de tartaruga. Seu pescoço longo e vestido em tom pastel são tão chocantes para mim quanto se ela estivesse pingando água e totalmente nua com insetos saindo pela boca e ervas daninhas correndo por ela como se fosse um véu de noiva.

Recosto-me como se tivesse sido fisicamente empurrada para trás, minha mente se torna um vazio em ebulição.

Patrick começa a puxar as cortinas para bloquear a visão das janelas. Ao passo que a parte visível do quarto diminui, a mulher se posiciona atrás dele. Desajeitada, ela segura uma taça de vinho. Posso vê-la com mais clareza desse ângulo. Ela é menos bonita do que Sylvia, o rosto muito em evidência devido à maquiagem pesada. E ela é mais baixa e mais velha. Uma substituta insatisfatória.

E, ainda assim, ali está ela, com ele. As cortinas se fecham, cobrindo esse impulso. Patrick está escondido da minha visão.

TARDE DA NOITE, me vejo desfocada pela exaustão que se recusa a ceder ao alívio do sono. Sentando-me sob a luz azulada da televisão, olho novamente as fotos dos Braddock. Após ter entrado na casa deles reconheço com mais facilidade o cenário. É uma intimidade desconexa. Sentei no mesmo sofá no qual

Sylvia se acomodou, sorrindo, com um prato de bolo de aniversário. Passei pela mesma porta na qual ela fez uma pose, seus cabelos escuros em cascata nas costas.

A casa parece diferente nas fotos. Maior. Mais iluminada. Como se a presença de Sylvia preenchesse os cômodos, exigindo mais espaço, atraindo para si a luz do sol. A casa que conheço agora é modesta e silenciosa. Não pareço ser capaz de trazê-la de volta à antiga glória.

Acima de mim, ouço o ruído apressado de passos, e o tilintar agudo de chaves caindo no chão. Uma risada muda, e então o ressoar de um baixo. Olho para o teto, os ruídos se movendo de um lado para o outro. Poderia estar enterrada abaixo deles. Ouvindo a música e a vida de outro universo.

A fala cadenciada do apresentador chama minha atenção. Ouço outra vez o nome: *Laura Holmes*. Aumento o volume, a voz do repórter fica gradualmente mais forte, e, de repente, retumbante.

— ... *Autoridades verificaram a identidade do corpo descoberto em março. A vítima é Laura Holmes, uma jovem de 19 anos de idade, desaparecida do seu último endereço conhecido desde dezembro. Ao seguir novas informações acerca do assassinato de Holmes, Candace Fowler, cuja pista ajudou as autoridades a descobrir a identidade da vítima, anunciou publicamente que não mais estará envolvida na investigação.*

Aguardo por mais detalhes, porém a tela fica preta. Um comercial substitui o apresentador. Um ruivo sem graça bebe refrigerante em seu escritório para então se transformar em uma loira com busto grande em uma praia, seu rosto empolgadamente alheio.



QUANDO CHEGO AO hotel que o sr. O'Brien havia especificado em uma manhã cinzenta, o ar estava permeado de uma garoa tão fina que chegava quase a ser invisível. Estava na expectativa de um lugar caro: um quarto com visão ampla da cidade, um porteiro com olhos esquivos. Mas, em vez disso, reconheço o nome de um hotel barato de beira de estrada, pronto para atrair famílias esgotadas. Encontro um estacionamento silencioso, a piscina cercada acumula água sobre sua lona.

Quando o sr. O'Brien telefonou essa manhã, eu me permiti acreditar que o noticiário recente o tivesse desencorajado. Mas ele me disse o número do quarto e me fez repeti-lo duas vezes, instruindo-me a encontrá-lo aqui *pontualmente ao meio-dia*. O cochichar da sua voz me fez sentir suja. Imaginei a esposa dele, com o rosto coberto de suor, em algum outro canto da casa: lavando a louça, dobrando as roupas.

O quarto 2B está localizado no canto da disposição do hotel, os quartos são apertados uns contra os outros. Coloco a mão na maçaneta. A porta está destrancada; entro no quarto.

Por mais simples que seja, o espaço está abarrotado. Uma cama com uma colcha macia, uma pintura aquarela de uma campina emoldurada. Algo não está certo. Minha mão se atrapalha na maçaneta. A mulher se levanta da cadeira em que sentava.

— Por favor — diz ela, com uma urgência suave. — Não vá embora. Preciso falar com você.

Ela é mais baixa do que eu, a blusa justa na barriga. Assimilo-a. Sinto como se já a conhecesse, apesar de isso não querer dizer nada. Todos me parecem familiares ultimamente.

— Meu marido não pôde vir.

Claro.

— Sra. O'Brien — digo, apesar da minha mente ser preenchida com o primeiro nome dela. Lindsey.

Lindsey permanece em pé, desconfortável e inquieta.

— Podemos apenas conversar? É tudo o que eu preciso fazer, dona. Depois disso vou deixar você em paz.

Sento na beirada da cama. Ela se acomoda na cadeira com uma rigidez desconfortável. Cruzo as pernas. Lindsey lança um olhar em direção aos meus joelhos uma única vez, seus olhos profundos e discretos como uma criança se esgueirando para dar uma espiada em uma revista pornográfica.

— Seu marido enviou você? — questiono.

— Não. — Lindsey é rápida, como se defendesse a honra dele. — Foi minha ideia. Descobri onde ele estava indo durante todo esse tempo. — Ela torce os dedos uns nos outros no seu colo. Reparo no brilho agitado do anel de casamento, muito formoso para as mãos robustas. — Ele me disse que estava fazendo sessões para aprender a lidar com o luto. Quis acreditar, mas sabia que havia algo errado. Ele ficou tão irritado quando Margie morreu. Só parecia piorar. Não consigo me lembrar da última vez em que ele sequer me tocou. Mesmo um abraço, ou um beijo na bochecha.

Aperto as mãos contra minhas coxas.

— Quando vi aquele local no noticiário certa noite, eu apenas... apenas soube. Eles estavam dizendo se tratar de um lugar no qual as pessoas podem se comunicar com os mortos? Ficar em contato com seus entes queridos? Foi então que eu soube o que estava acontecendo.

As paredes parecem estar se fechando.

— Ao menos Ken não brigou comigo. Logo confessou. E ele disse... — Ela estreita o olhar para mim. — Ele disse que essa era a primeira vez que vocês dois se encontrariam desse forma. Isso é verdade? Você

precisa ser honesta comigo. Não vou tomar nenhuma atitude. Apenas preciso saber.

Manchas avermelhadas estão começando a surgir por baixo da gola dela. Olho diretamente dentro dos olhos de Lindsey O'Brien.

— Ele está sendo sincero — digo. — Esta era a primeira vez que nos encontraríamos aqui. Em todas as outras, seu marido esteve comigo no meu local de trabalho.

— Ah, meu Deus — sussurra ela. Não consigo distinguir se está aliviada, ou se se dá conta do tom ridículo e humilhante de seu alívio. — Ah, meu Deus.

— Tudo o que aconteceu entre seu marido e eu foi inocente. Ele só quer falar com a sua amiga de novo.

Ela fixa o olhar em seu próprio colo.

— Me desculpe, sra. O'Brien.

— Você não tem motivo para se desculpar, dona. É o seu trabalho, não é? Você tem que fazer seu trabalho.

Foco o olhar na aquarela acima da cama: a campina parece cheia de bolhas, como um plástico queimando, a parte do oceano tão escura quanto um fruto apodrecido. É uma paisagem composta por diversas partes, uma representação bruta de um lugar que nunca existiu.

— Margaret não o amava — diz Lindsey. — Isso provavelmente não importa pra você. Porém, eu queria lhe contar.

Isso me surpreende.

— Ken a amava — diz Lindsey. — Notei isso no primeiro mês saindo com ele. Era óbvio para todos.

— Você sabia que ela não retribuía o sentimento?

— Ela me disse que não — diz Lindsey com uma gentileza cuidadosa, como se fosse eu quem precisasse de proteção. — Margie e eu nos dávamos melhor do que Ken imaginava. Houve muitos momentos de confidências. Certa noite, bebemos muito e tudo veio à tona. Ela não queria envergonhar a mim ou ao Ken. Tinha um coração bondoso. Mas ela me contou como se sentia.

— Você nunca contou isso para o seu marido — presumi.

— Não. — Lindsey arregala os olhos. — Não, para que feri-lo? — Então ela mira meu corpo abertamente, seu olhar ponderado alternando dos meus tornozelos ao pescoço em um ritmo lento que poderia ter uma intenção sexual se não fosse pelo pesar que expressavam. — É bom que você seja tão magra.

— E por que diz isso, sra. O'Brien?

— Bem, não por conta dele — diz ela. — Por Margie.

Mudo de posição sobre a coberta da cama, fios soltos pinicam a parte interna das minhas coxas. Nas fotos, Margaret era toda cheia de ângulos e vãos.

— Margie se esforçou tanto para ser magra assim — diz Lindsey. — Eu tenho os genes da minha mãe. Poderia ficar sem comer pelo resto da vida e ainda assim não ficaria magra daquele jeito, então eu pensei, bem, por que não me divertir? Mas eu sei que Ken gostaria que eu me aplicasse.

Eu inalo o ar espesso e parado do quarto de hotel. Cheiro de cigarros sobrepostos a produtos de limpeza sobrepostos ao cheiro de cigarros, impregnando o ambiente.

— Eu me pergunto se isso a incomoda — diz Lindsey —, que ele a esteja trazendo de volta. Ela pensou que tivesse fugido do corpo, mas aqui está novamente, de volta onde começou. É por isso que estou feliz que seja magra, dona. Para que seja familiar a ela.

— Sra. O'Brien — digo ao levantar da cama. — Seria melhor para nós duas deixarmos esse lugar para trás de uma vez por todas e prosseguirmos com as nossas vidas. De acordo?

Ela estremece como se tivesse acabado de acordar.

— Ah, sim — responde. — Sim, de acordo.

O sr. O'Brien havia depositado a esperança de uma vida nesse quarto; a chance dele de estar com Margaret. Eu estou fechando a porta para tudo isso, a coberta esticada sobre o colchão, os selos plásticos colocados meticulosamente para cobrir as bocas dos copos. Apesar disso tudo, sinto uma palpitação de lamento ao me afastar do local, ao saber que retirei Margaret do seu alcance tão logo os dedos dele começavam a se fechar ao redor dela.

Próximo ao carro de Lindsey, um SUV quadrado com uma flor de plástico na antena, ela abre a porta e então olha para mim, hesitante.

— Deveria agradecer você — diz, quase em tom de pergunta.

— Pelo quê?

— Por fazer isso tudo não ser tão horrível quanto poderia — diz Lindsey. Ela esfrega a parte de trás do pescoço, olhando para mim através dos cabelos loiros marcados por mechas mais claras. — Você deve me achar bem patética. Meu marido deseja uma mulher morta mais do que a mim.

Resisto ao impulso de me aproximar e tocar sua mão, empurrar uma mecha para trás da orelha dela. Algum gesto que a lembrasse da sua própria importância, da sua existência bela e perseverante.

— Bem. — Lindsey solta um suspiro profundo. — Não a culpo se pensar isso. — Ela abre mais a porta do carro e eu percebo vários bloquinhos plásticos de brinquedo espalhados pelo banco do passageiro e uma mamadeira com leite dentro. Meu coração bate descompassado. Não havia me dado conta de que os O'Brien eram pais. — Você nunca mais verá meu marido.

— Nunca — concordo.

— ESTÁ LIVRE amanhã à noite? Vem pra cá. Quero ter um encontro de verdade, um bom jantar.

A tranquilidade do afeto dele derrete o ressentimento que andava crescendo dentro de mim desde a outra noite. Mas eu me contenho. Quase nem atendi o celular quando vi o nome dele aparecendo no visor. As acusações pressionam contra meus lábios. *Eu o vi com ela. Ela estava lá, em nossa casa.*

Quem era ela?

Quem é ela?

— Mas se você não puder — acrescenta Patrick —, eu entendo.

— Não, quarta-feira à noite está perfeito — digo. — Vou levar os ingredientes. E deixe que eu cozinhe.

— Não me dei conta de que você cozinhava.

— Talvez eu não tenha mencionado.

— Ainda há muito que eu não sei a seu respeito — diz Patrick. Ele soa genuinamente surpreso.

NA QUARTA-FEIRA PELA manhã, Dora vem ao meu encontro. Havia acabado de encerrar um atendimento com a srta. Milroy, uma mulher melancólica e difusa cuja mãe faleceu em sua infância. Estou confusa por causa da flor de lótus e tenho uma sensação de que algo flutua por trás das minhas pálpebras. Quando Dora bate no batente da porta e entra no quarto 12 sem ser convidada, meu olhar foca nela como se fosse uma aparição de um sonho, conjurada de forma inexplicável no cenário errado.

Dora senta-se na cadeira do cliente. Ela se empoleira na beirada, com os joelhos levemente separados, uma das pernas inquieta. Ela abre um sorriso hesitante.

— A sra. Renard gostaria de vê-la — diz. — Eu me voluntariei para vir buscá-la.

À medida que o efeito da flor de lótus se esvai, olho para ela com mais atenção. Ela está diferente, as maçãs do rosto mais pronunciadas, os cachos menos definidos e murchos. Ela está se descaracterizando. Um rosto na multidão.

— Obrigada por vir me avisar, Dora.

— Há outra coisa que gostaria de falar com você. — Ela abaixa a voz a um sussurro agora, pronunciando as palavras com pressa. — Quanto tempo levou para você se mudar do apartamento?

— Do apartamento — repito. Monto na cabeça o significado daquilo. — Em Sycamore? Talvez um ano. Não levou muito tempo.

Os olhos de Dora se voltam para o teto como se ela estivesse fazendo cálculos.

— Algum problema? — pergunto.

— Não — responde ela, rápido demais. E então, após uma pausa: — É só que... Eu fico encontrando coisas que as meninas que moraram lá antes de mim deixaram para trás. É pavoroso. Como se não tivesse espaço para mim.

Uma fagulha de impaciência se acende dentro de mim. Sinto vontade de dizer a ela que talvez nunca tenha a chance de se libertar das influências dos outros que perduram em nós, e que alguns de nós estamos destinados a rastejar pelas carcaças de outras vidas deixadas para trás, sem nunca merecermos nosso próprio espaço. Mas não falo nada. Relembro o quão solitário o apartamento em Sycamore era, como um desenho desajeitado que uma criança faz do seu lar: cama e mesa, cadeira e luminária.

— Eu entendo que você gostaria de ter sua independência — digo, forçando-me a ser gentil. — Lembre-se de que a sra. Renard está cuidando de você. Não é o lugar mais fascinante para se morar, mas é barato e seguro.

Dora morde o lábio inferior, seu olhar demonstra desconfiança.

— Apenas seja paciente — prossigo. — Continue concentrada em seu trabalho.

— É. Bem. Quem não tem nada não pode se dar ao luxo de ficar escolhendo muito, não é? — Ela escorrega para fora da cadeira e vai em direção à porta. — Enfim. É melhor você checar o que ela quer.

A SRA. RENARD olha para cima assim que entro na sala. No mesmo instante registro a presença de mais alguém. Jane está em pé ao lado da mesa, com os dedos entrelaçados em frente ao seu corpo. Sinto o impulso de girar nos calcanhares e voltar, um instinto de fuga.

— Você gostaria de me ver? — pergunto. Sinto uma palpitação de ansiedade correr pelo meu corpo.

— Entre — diz a sra. Renard. — Tranque a porta.

Deslizo a trava para o lugar com um clique forte, um sinal de pontuação em meio ao silêncio. Jane não sustenta meu olhar. A cada vez em que tento fazer contato visual, seus olhos desencontram dos meus.

— Sente-se — a sra. Renard ordena.

O forro da cadeira é exagerado, macio demais. Poderia afundar no estofado e nunca mais emergir, seria reduzida a um amontoado de tecido branco e mechas loiras.

— Estou certa de que tem alguma noção do motivo pelo qual chamei você aqui hoje, Eurydice. Havia depositado uma grande parcela de confiança em você — diz a sra. Renard. — Imagine o quanto me desaponta saber que ela foi desperdiçada.

A voz dela adquire um leve tom de desaprovação. É como se estivéssemos discutindo sobre alguém que mal conhecemos.

— Sempre fui generosa com você — prosseguo. — Mas, quando chegou ao meu conhecimento que você fez a compra de flores de lótus pelas minhas costas, para fins pessoais, percebi que era o momento de começar a tratá-la como qualquer outro funcionário. Como alguém em quem não posso confiar.

Olho para Jane mais uma vez; ela está fitando o chão, como se não fizesse parte da conversa.

A sra. Renard me examina com o olhar por um longo e tenso momento, sem dizer nada.

— Você tem algo a dizer em seu favor?

— Comprei aquelas flores de lótus para um cliente diferente — digo. — Você tem todo o direito de estar desapontada comigo, sra. Renard, mas...

— Você está se encontrando com Patrick Braddock?

Fecho os olhos, sem ficar muito surpresa.

— Foi isso que Leander deu a entender — diz a sra. Renard.

Um sentimento de resignação se move lentamente pelas minhas veias. Lee: é claro. Lee, salvando-me de mim mesma. Encurralando-me em um canto para o meu próprio bem.

— Você retirou um cliente pagante de dentro daqui e começou a encontrar com ele sob seus próprios termos — diz a sra. Renard. — Você acha que entende melhor do que eu de que os nossos clientes realmente precisam, o que querem de você, mas está errada. Essas coisas nunca acabam bem. Você não é o primeiro corpo a me trair.

— Você vai me demitir? — pergunto.

Por um momento, deixar a Elysian Society parece tão atraente que fico surpresa. Mas então Patrick volta ao primeiro plano na minha mente. Não sei como nosso relacionamento seria sem a Elysian Society. Parece muito cedo e delicado para eliminá-la da equação, como mover uma pessoa machucada quando a ferida ainda é recente.

— Tente encarar os fatos da minha perspectiva — a sra. Renard diz. — Você solicitou flores de lótus pelas minhas costas. Se trai a Elysian Society dessa forma, quem garante que não será capaz de fazer pior?

— A Fowler nem está mais trabalhando com as autoridades — digo.

— Mas o estrago já está feito — diz a sra. Renard.

As palavras saem da minha garganta, empurradas pelo impulso do desespero:

— Eu sei quem trabalhou com a sra. Fowler.

— Ah, é mesmo?

Fico em silêncio. Sinto minha pulsação bater nos ouvidos.

— Me dê um nome — ordena ela, em voz baixa.

— Foi Ananke. Ana. Ela admitiu para mim. — E me preparo para justificar tudo. Para observar que Ana sabia sobre a sra. Fowler, que ela precisa de dinheiro, que tem um histórico de trabalhar com clientes fora da Elysian Society.

Porém, em vez disso:

— Já suspeitava. — A sra. Renard recosta na cadeira. — Apenas gostaria que ela mesma tivesse me contado.

Jane ergue a mão para coçar a parte de trás do pescoço, sem cruzar o olhar com o meu.

— Sra. Renard, Ana estava apenas tentando ajudar — explico.

— Talvez. Mas ela demonstrou um desprezo imperdoável pelo que fazemos aqui. Ela colocou essa instituição em perigo, e em troca de quê? Nada. — Ela sorri com um triunfo sutil.

— Você tinha dito que ela precisava ser protegida. Não é por isso que queria descobrir quem trabalhou com a sra. Fowler? Não para puni-la, mas para ajudá-la.

— Ela receberá ajuda. — A sra. Renard está distraída; estende a mão para o telefone sobre a mesa. — Obrigada, Eurydice. Fico feliz por ver que sua lealdade não mudou tanto quanto imaginei.

Assisto enquanto ela leva o telefone ao ouvido, encaixando-o contra a bochecha proeminente. E então compreendo que a sra. Renard não vai me pressionar a respeito de Patrick Braddock. Essa é minha pequena recompensa por ser leal à Elysian Society: receber a permissão para ter meus pequenos vícios. Receber a permissão de tê-lo.

Todas as pistas deixadas por Ana e sua ênfase no vestido de verão e no brinco se amontoam na minha mente. Analiso a sra. Renard atrás da mesa. Desse lugar escondido ela comanda toda essa operação, dá as ordens, reconforta os clientes, demite os corpos. Não consigo acreditar que nunca considereei a

possibilidade de ela estar ciente do fato de Ana frequentar quartos de hotéis, de Jane vender flores de lótus. Sobre Patrick e eu.

— Jane — diz a sra. Renard. — Você poderia, por gentileza, indicar a saída para Eurydice?

No caminho para o saguão, Jane não diz nada. Ela começa a descer o corredor em direção à sua própria sala até que, em desespero, entro na sua frente. Penso que talvez ela passe por cima de mim. Mas ela finalmente me olha com uma fria indiferença. Como se eu não passasse de um mero obstáculo em seu caminho.

— Precisamos conversar — digo.

— Eu avisei que não poderia proteger você caso isso significasse arriscar minha posição aqui. Estou certa de que pode compreender isso. — Há um ar desagradável subentendido no tom de voz dela.

Decido ignorar e digo:

— Preciso de mais flores de lótus.

— Hoje não é seu dia de sorte. Renard está fechando o cerco por aqui, não reparou?

A implicação disso me atinge com força, como se fosse um punho fechado.

— Como conseguirei mais?

— Não é problema meu.

— Por favor — peço. — Não é o que você está pensando, Jane. Não se trata de dinheiro. Eu estou apaixonada por ele.

As palavras entre nós são claras e iluminadas, como se eu pudesse pegá-las com as mãos em concha e observá-las jogar luz nas juntas dos dedos.

Estou apaixonada por ele. Estou apaixonada por ele.

— Apaixonada? — repete Jane, em tom quase respeitoso. Acredito que ela também sinta isso: em meio a esse espaço, com o ar saturado do luto de estranhos e a dor silenciosa da perda, há algo extraordinário que resplandece vida e promessa. — Puxa — diz Jane. O ambiente subitamente se altera, retomando o controle de antes. — Se você soubesse quantas vezes já ouvi isso, entenderia o motivo de eu não dar a mínima.

TROUXE UMA GARRAFA de vinho à casa de Patrick hoje à noite; um frango cru coberto por plástico, uma garrafa de vidro com alcaparras salgadas, dois limões e azeite de oliva.

— O que você vai cozinhar?

— Uma receita que a minha mãe costumava fazer. — Abro uma das portas do armário abaixo do fogão, à procura de uma panela. Toda a louça está coberta por uma camada de poeira; uma aranha se esconde quando exposta à luz.

Quando me levanto, Patrick está me observando.

— Você e sua mãe ainda são próximas?

De repente me dou conta de que estruturei uma parte da minha própria história ao pontuar grandes diferenças em relação a quando conheci Patrick em março. Lembro-me de mim mesma quando garotinha, meu rosto comprido e melancólico, cabelos tão claros, quase brancos, tal qual a imagem negativa de uma criança de cabelos negros.

Ao notar que não dou resposta alguma, Patrick se manifesta, hesitante:

— Acabei de dizer a coisa errada.

Sorrio, como se me desculpasse, balançando a cabeça.

— Ela mora longe — explico. — Não conversamos com frequência. Não há um motivo ao certo, apenas a vida interferindo.

Os olhos de Patrick se tornam reflexivos

— Não vejo minha família há um bom tempo. Você pisca, e em um belo dia se dá conta de que já passou um ano. Ou mais. É fácil perder contato com as pessoas. — Pausa. — É fácil para eles perderem contato com você.

Ele fala de forma branda, mas a leveza das palavras dele soa errada, como se ele já estivesse tão acostumado a esse isolamento que deixou de ser estranho. Em pé na cozinha, penso nas fotografias, minha porta de entrada para a vida dos Braddock: tantos rostos espalhados por aquelas imagens. Um elenco rotativo de protagonistas e coadjuvantes. Todas aquelas pessoas deram corpo à vida dos Braddock, refletindo sua beleza e felicidade na época. Os olhos como espelhos.

Contrastando com aquelas fotos superlotadas de pessoas, a vida atual de Patrick é extremamente vazia. Sua casa faz eco; seu corpo solitário se arrasta pelos cômodos. Não há fotos que não sejam de Sylvia expostas nas paredes. Não há envelopes com endereços escritos com a caligrafia íntima de amigos ou pais. Deve ser por isso que foi tão impactante ver a mulher de cabelos negros. Ela se mostra tão fora de contexto que por isso se torna de relevância inquietante.

Patrick pega um dos limões e joga o fruto de uma mão para a outra.

— De qualquer forma, não é tão ruim perder o contato com pessoas que não estão ali para você — digo. A imagem dos Damson surge na minha mente. — Acredito que seja melhor focar no futuro. — Removo o plástico que cobre o frango: a carne rosada reluz com cristais de gelo.

— Mulher sábia.

Fico em silêncio, pensando naqueles rostos. Dou-me conta de outra coisa, tão súbito quanto um soco. Cada um daqueles sorrisos naquelas fotos deve significar algo específico para Sylvia, um rastro de memórias queridas. Os amigos dela, primos, colegas de quarto da faculdade; espalhados pela cidade, pelo mundo, lamentando a ausência dela. Percorrem o cenário infinito e monótono do luto e encontram ao

acaso lembretes de como ela os faz falta. Sylvia está voltando a um mundo sem essas vidas. A vida dela, dessa vez, é mais limitada. É apenas grande o bastante para os dois. Ele e ela.

Patrick se estica acima de mim para pegar um copo. O corpo dele tensionado contra minhas costas, o hálito na minha orelha, e já me sinto entregue. Não consigo me mover. Seu braço pressiona firme contra meu ombro.

O BANHEIRO TEM o pé direito alto e paredes brancas. O ar contém um traço de amônia e o sabonete próximo à pia está endurecido e deformado.

O ruído abafado e o tilintar da louça ecoa pelo assoalho enquanto Patrick lava a louça no andar de baixo. Ele ainda não mencionou a estranha. Estive olhando ao redor, furtiva como uma esposa desconfiada, em busca de um resquício que pudesse dar margem a uma conversa. Um borrão de batom na beirada de um copo, um fio de cabelo negro enrolado no ralo da pia. Mas é como se ela nunca tivesse estado aqui. Ela andou por esses cômodos sem deixar nenhum vestígio da sua presença física.

Vou até o armário de remédios e as portas espelhadas dividem meu reflexo em dois ao abri-las. Nas prateleiras rasas, uma lâmina de barbear e um frasco vazio de medicamento prescrito. Remédio para dormir. Agachando, abro cada gaveta abaixo da pia: nada, nada, nada. E então no fundo, um objeto solitário. O movimento de abrir da gaveta fez com que fosse de um lado para o outro. Um único brinco, um pino simples de ouro.

Estendo a mão para pegá-lo. A prova de que uma mulher esteve aqui, nesta casa, invadindo meu espaço. Imagino-me descendo as escadas e exibindo esta evidência com o intuito de forçar Patrick a dar explicações: quem é ela? Por que ela está na minha vida?

Entretanto, fico confusa. Talvez o brinco seja meu. Talvez o tenha usado algumas semanas atrás e o esqueci aqui. Ou talvez tenha pertencido a Sylvia, um remanescente utilitário, negligenciado por anos. Devolvo o brinco à gaveta.

Quando retorno para a cozinha no andar de baixo, Patrick está perto da pia e olha ao redor.

— Se perdeu lá em cima?

— Desculpe — digo.

— Você sabe que estou apenas provocando. Minha casa é sua casa.

Não consigo falar. Vou até ele e envolvo os braços na sua cintura; sinto-o estático frente ao meu toque. Inclino a cabeça no ombro de Patrick e fico surpresa com a facilidade com a qual nos encaixamos. Como se eu tivesse formado entalhes nele e ele cuidadosamente tivesse mudado o formato do meu corpo durante o sono.

ACORDO NA CAMA de um estranho. O rosto dele próximo ao meu parece abatido e sombrio; os olhos se agitam por baixo da pele fina das pálpebras. A mão dele em meu quadril é pesada o bastante para me pressionar.

Esforço-me para apoiar o peso do corpo nos cotovelos. Meu cérebro é invadido por uma onda de pânico incessante: *saia daí saia daí saia daí*.

Procuo pela porta. Ao meu lado, o estranho murmura algo e se vira.

A sonolência se esvai lentamente do meu cérebro, e, então, de forma rápida, estou de volta ao quarto de Patrick. Estou nua, os lençóis se enrolam nos meus tornozelos como se fossem ervas daninhas. Na mesa de cabeceira, o envelope com as flores de lótus está meio aberto. Restam apenas duas. O esgotar delas é constante como uma ampulheta, a areia vai escorrendo até o momento em que não tiver mais nada a oferecer.

No corredor, respiro mais facilmente. Depois de colocar a camisa de Patrick sobre os ombros, passo pela cozinha e pela sala de estar. Automaticamente desvio os quadris para evitar bater no canto de uma mesa de apoio. Meu pé sabe qual degrau range para assim poder evitá-lo ao subir.

No segundo andar da casa sei qual porta discreta devo abrir e entrar. O cômodo está abarrotado de coisas. Caixas estão empilhadas aleatoriamente em um canto, cuspidando um amontoado de papel. Eu poderia abrir as caixas e encontrar as partes do corpo de Sylvia, etiquetadas e envoltas em plástico bolha, impecável como um manequim. O tronco esguio dela, a cintura fina, o rosto lindamente esculpido, prontos para serem montados.

Dentro da primeira caixa, muitas roupas emboladas, em cores elegantes e padrões delicados. Vestidos de seda, suéteres macios como uma penugem, sapatos graciosos como os de uma boneca. Nunca havia me dado conta do quão pequena Sylvia era. As fotos me deram uma noção abstrata de seu corpo, mas segurar essas roupas é um choque. Ao colocar uma camisa rendada sobre meu próprio corpo percebo exatamente o ponto no qual somos diferentes na estrutura, o excesso de ossos e carne que teria de eliminar para ser como ela. As roupas liberam um aroma suave e floral de sabão em pó. Aqui e ali persiste um toque amargo de roupas que nunca foram usadas.

Vasculho as outras caixas. Joias caras emaranhadas, algumas presas a correntes e brincos atarraxados como anzóis. Caixas de DVDs. Romances de capa dura: clássicos, títulos que mal reconheço. Um celular em desuso com a tela toda marcada por impressões digitais. Parece que tudo foi encaixotado sem cerimônia nenhuma. Em uma das caixas, um vidro de esmalte rachou e uma crosta vermelha se acumulou em um suéter branco.

Então encontro um livro quadrado com a capa acetinada, com margaridas impressas em tons pastéis. Viro as páginas. Vazias, marcadas apenas com pequenas ilustrações e pedaços de palavras. PRIMEIRAS MEMÓRIAS. PESSOAS QUE EU AMO. Um diário de bebê. Algo escorrega do meio das páginas e cai no chão. Pequeno e liso, um plástico reluzente. Pego-o do chão e coloco no bolso da camisa de Patrick.

Quando ouço um barulho na porta, não fico nem um pouco sobressaltada.

— Aí está você. — A voz dele está carregada de cansaço, mas tem um traço de alarme. Suspeito que Patrick esteja fingindo estar mais grogue do que de fato está. Ele se aproxima e senta no chão próximo a mim. — Faz meses que não venho aqui.

— Você colocou tudo isso aqui? — pergunto.

— A mãe dela deveria me ajudar. Depois de um tempo, fiz sozinho. Não conseguia continuar entrando no banheiro para dar de cara com a escova de dentes dela. — As caixas se amontoam acima de nós, com as tampas em ângulos diferentes. — Ela deixou tanta coisa para trás.

Pergunto-me se o cliente de Ana, Rob, possui um cômodo assim na casa dele. Todos os pertences da sua amada falecida aglomerados em um lugar, à espera. À espera de que Ana dê aos objetos um propósito novamente.

— O que você está fazendo aqui? — questiona ele.

— Eu estava procurando o quarto da foto. Aquela do batom.

Patrick esquadrinha meu rosto.

— Ela estava usando batom em várias fotos.

— Era uma cor específica — digo. — Aquela mais escura. A cor que você me deu.

Patrick dá de ombros, impaciente.

— Ela estava nua. — É apenas aí que me dou conta do quanto isso estava me incomodando: uma ansiedade latente, a necessidade de uma explicação. — Eu me lembro dela. Uma polaroide, diferente das outras. A maioria das pessoas não incluem fotos assim. Ela estava nua, usando o batom escuro.

Patrick tamborila as juntas dos dedos na extremidade da caixa mais próxima, um som abafado que penetra minha cabeça.

— Ela estava nua quando a encontraram — diz ele. — Depois de se afogar.

No silêncio do quarto, a lua e a luz da rua se misturam, brancas contra as cortinas, e suas palavras soam absolutamente erradas. São pesadas, abruptas como socos lançados.

— Eu não fui identificar o corpo — diz Patrick. — Não queria aquela versão dela na minha mente.

— Quem identificou?

— Um amigo — diz Patrick. — A família dela ainda não tinha ido ao lago. Não queria contar até que soubéssemos. Henry havia ficado para trás depois que Viv foi para casa. Ele se voluntariou.

O impacto acerta em cheio meu crânio. Imagino o corpo inchado de Sylvia, o rosto com proporções caricatas, feia pela primeira vez na vida, e Henry ao seu lado nesse estado vulnerável. Para reconhecê-la pela última vez e dar a ela a dignidade de um nome. De repente, fico furiosa com Patrick por não ter sido ele a fazer isso. A traição é tão chocante quanto água fria invadindo meus pulmões.

como pôde não olhar para mim?

me ver

— Quando selecionei as fotos para enviar a você — diz Patrick —, mal estava prestando atenção. Era doloroso demais. Entreguei quaisquer que estivessem jogadas por perto. Ela sempre tinha muitas. Toda a nossa vida documentada. — Ele se endireita e alonga, vejo a pele esticada sobre as costelas por um segundo. — Traz aquela foto pra mim? Talvez eu possa descobrir.

A raiva ainda bloqueia minha garganta, não consigo falar.

Patrick para na passagem da porta. Absorvo-o: os traços alongados de seu tronco. Os músculos retesados dos ombros dele. Por baixo da frieza da fúria que cresceu em mim, fazendo-me ficar estática no lugar, derreto. Por fim, acabo cedendo. Rachando como gelo.

— Você vai voltar pra cama?

— Claro — respondo.



A CASA ESCONDE bem seus segredos, mas a atenção a atacou nos pontos vulneráveis. Nesse momento, tudo se esclarece. A casa que alojou o corpo de Laura Holmes estava abandonada, mas não vazia. À noite, os quartos por vezes ecoam um pulso de vida temporário. Andarilhos, sem-teto temporários ou permanentes, fugitivos recém-chegados na cidade antes de seguir viagem: todos entravam e saíam da casa, gravitando em seu silêncio. Os cômodos continham restos de mobília. Um sofá florido com o estofado mordido por ratos, uma mesa de jantar com uma crosta grossa de poeira.

A casa havia sido construída em terreno invadido. Porém, de acordo com o adolescente que se apresentou recentemente, era um local pacífico. Um refúgio. Os visitantes eliminavam quaisquer evidências da sua presença ali, evitavam atrair atenção. Depois do condomínio iniciar a construção, as peregrinações à casa abandonada continuaram, ainda que de forma mais cautelosa e então se reduziram até uma parada conclusiva.

Assisto a um vídeo no telejornal. Os cabelos do menino são ruivos com pontas repicadas; ele insiste que nada perigoso chegou a acontecer lá dentro. A descoberta do corpo da Desconhecida Esperançosa representou uma traição tanto para todos que chegaram a frequentar a casa quanto para os vizinhos ricos e reservados.

— Tive medo de me apresentar antes. — Os olhos dele vão de um lado para o outro, inquietos. — Mas assim que começaram a usar o nome verdadeiro dela, pareceu mais... Não sei. Mais real.

Então compreendi o motivo de a sra. Fowler ter recuado, mesmo após a sua insistência constante em resolver o caso. A Desconhecida Esperançosa era alguém sem nome, uma menina angelical que brotou do ar e sua morte foi um mistério tão grande que carregou consigo todos os perigos em potencial; Laura Holmes é uma mulher específica, um desajuste sombrio perambulando de cidade em cidade. E agora a descoberta do cadáver naquela casa causa menos estranheza do que as consequências finais e intensas de várias transgressões de menor intensidade. Imagino o quão desgostosa a sra. Fowler deve estar com seu envolvimento no caso. Sua piedade se tornou fúria, por gastar seu tempo com alguém como Laura. Uma mulher que deve ter se envolvido com os tipos errados. Descartada em uma casa abandonada.

Ao desligar a televisão vou até o quarto. O vestígio que caiu de dentro do diário de bebê está em cima da cômoda, próximo ao retrato do casamento deles. Levei-o para casa comigo, sem contar a Patrick. De todos os resquícios de Sylvia, esse é o único que seu marido não entregou a mim pessoalmente.

Uma haste fina de plástico envolta em uma sacola plástica. Na ponta da haste, um pequeno painel em baixo relevo mostra, num borrão, duas linhas rosadas. Uma delas está mais clara enquanto a outra está bem forte em contraste com o fundo branco. Um teste de gravidez.

Duas linhas para um resultado positivo.

Duas linhas indicando uma segunda presença.

Não é possível saber há quanto tempo esse teste foi feito. Se Sylvia observou essas duas linhas aparecerem muitos anos atrás ou se aconteceu recentemente. Não mais do que um mês antes de viajar para o lago Madeleine, ou uma semana, um dia. Não sei se ela chegou a contar para Patrick; talvez tenha ficado guardado junto ao livro, preso dentro da caixa em um lugar fora do alcance de seu olhar.

Apenas sei que quando olho para as duas linhas tenho uma única e simples reação. A ligeira e tenra agonia de uma chance perdida.

TENHO FICADO SONOLENTA em meus intervalos entre os atendimentos, na sala de espera. O cansaço me abateu durante esses dias. Sempre que engulo uma flor de lótus no quarto 12 sinto que ela cobra um preço adicional. O comprimido tem que deixar de lado a presença gentil de Sylvia; afrouxar o aperto dos dedos dela, aliviar sua curiosidade. Fico exausta depois.

Hoje sinto alguém pairar bem na minha frente. Uma tristeza engraçada toma conta de mim como uma nuvem passageira. Abro os olhos.

— Lee — chamo.

— Já faz algum tempo que não nos vemos, Edie. Como tem passado?

— Por que você fez aquilo? — pergunto. Lee inspira, balança a cabeça como se estivesse esperando pela pergunta. — Eu disse para você que Patrick Braddock não era uma ameaça.

— Não sei se isso é relevante ou não, mas eu nunca mencionei seu nome quando fui até Renard. — Lee se senta próximo a mim. — Estava apenas perguntando sobre Patrick Braddock. Esperava que ela pudesse me tranquilizar.

— E tranquilizou?

Ele hesita.

— Ela verificou os registros dele. Patrick não agenda um atendimento já há muitas semanas.

— Lá vai você outra vez — digo. — Não há nada com o que se preocupar.

— Desculpe, Edie. Sei que se importava com ele, como cliente.

— Ele não é o primeiro cliente a ir embora da Elysian Society. E não vai ser o último.

A pele dele ainda carrega vestígio da colônia de um atendimento recente. O cheiro é rico e encorpado. Olho para as mãos dele nas próprias coxas, na leve reentrância em sua garganta e sinto um calor subir pela minha pele. Sentir-me dessa forma em relação a Lee é confuso, a reação errada transferida para meu peito como se fosse o coração pulsante de um estranho. Imagino o que Patrick pensaria se soubesse que meu desejo por ele está se espalhando, indiscriminado, recaindo sobre o corpo mais próximo.

— Apenas saiba que estou aqui pra você — diz. — Caso precise de algo.

— Eu sei bem disso, Lee. Obrigada.

— QUAL O seu nome?

— Sylvia — respondo.

O rosto da recepcionista permanece tranquilo ao erguer o olhar. Relaxo; deve haver mil mulheres chamadas Sylvia nesta cidade.

— Sou uma velha amiga — acrescento, perversa, com a intenção de conquistar algum privilégio.

Ela sorri, desinteressada e educada.

Sigo a recepcionista por um corredor. Piso de ladrilho, paredes cor de pedra alinhadas com notícias de jornal emolduradas e placas em relevo. Com o canto do olho, noto que o rosto de Sylvia está na parede, apenas uma ou duas vezes, porém, eu diminuo o ritmo para estudar as imagens.

No primeiro recorte, os Braddock posam juntos em uma escada. Ver Patrick em uma foto cujos traços ainda não memorizei, com toda a sua jovialidade, se destaca em uma explosão de novidade. Suponho que deva ser uma fotografia bem mais velha, talvez do primeiro ano de casados deles. No entanto, a legenda sugere que a imagem tem apenas dois anos. Foi tirada meros seis meses antes de ele perder Sylvia.

A outra tem a indefinição colorida de uma foto espontânea. Uma mesa repleta de pessoas erguendo taças, os olhos capturados com muito brilho e sem foco. Vejo Henry Damson com o rosto distorcido por ter se mexido. Levo um instante para identificar os Braddock e entender o motivo: estão sentados separados, cada um de um lado da mesa. Patrick esboça um sorriso abstrato, como se estivesse

automaticamente obedecendo a uma ordem. Do lado oposto, o sorriso forçado de Sylvia é agitado demais, tão óbvio quanto se fosse uma máscara presa à parte inferior do seu rosto. O olhar pensativo dela vaga acima do sorriso, mirando diretamente meus olhos.

A recepcionista abre uma porta.

— Sr. Braddock, alguém está aqui para vê-lo. É uma tal de Sylvia?

Quando entro no escritório, Patrick está bastante estático por trás da mesa, inclinando para a frente como se estivesse prestes a se levantar. Ele não diz nada. Mal me dou conta da recepcionista fechando a porta atrás de mim. Sorrio, com o intuito de tornar tudo aquilo uma piada. Não por conta do choque que os traços de Patrick demonstram e tentam esvair, mas por causa do que vi ali apenas um segundo antes: esperança.

— É você — diz ele, por fim.

— Sou eu.

— Você disse a ela que seu nome é Sylvia?

— Foi o primeiro nome que me veio à mente.

— Você deveria ser mais cuidadosa. As pessoas daqui conheceram Sylvia. Eles vão notar, Edie.

O que está acontecendo entre nós beira tanto a cortesia que tento me convencer de que está tudo bem conosco.

Patrick esfrega a testa.

— Eu só... — Ele para de falar. — Não acho que você compreende o tamanho do problema que poderia ter me arrumado.

— Sinto muito.

— Não, não sente.

— Claro que sinto. Nunca foi minha intenção aborrecer você.

Ele não responde por um longo momento.

— Isso tudo é um erro — diz ele.

— O que você quer dizer?

— Pedir que você seja ela, desse jeito, é... — Patrick faz um gesto abrupto e frustrado ao erguer a mão.

— É errado. Ouvir você usar o nome dela, aqui, em um lugar assim. No mundo real. Não sei. O que estou forçando você a fazer? O que estou fazendo comigo mesmo?

Ao sentar, a sensação do couro contra minhas coxas é fria e escorregadia. O escritório de Patrick toma forma ao nosso redor, alto e estreito, alinhado por prateleiras. As lombadas dos livros estão uniformes demais, como réplicas de papelão em estandes. Uma samambaia está morrendo no parapeito da janela.

— Patrick — digo.

Ele ergue os olhos na minha direção, vislumbro o cansaço retido neles.

— Está tudo bem — digo. — Não farei isso de novo. Não se preocupe.

— Por que você veio aqui, afinal?

É uma desculpa fraca, mas fico agradecida por tê-la agora.

— Trouxe a foto. De Sylvia. Você pediu pra ver.

Patrick leva as mãos dobradas à boca, seu olhar desviando para a porta do escritório fechada.

— Está bem — diz. — Me deixe ver.

Puxo o zíper da bolsa e retiro Sylvia da escuridão. Hesito antes de passá-la por cima da mesa para as mãos do seu marido. Em meio a essa iluminação forte, o corpo nu dela parece vulnerável demais. Ao pegar a foto, Patrick é brusco e objetivo. Seu rosto não entrega nenhuma emoção. Ele poderia muito bem estar examinando provas para o tribunal ou um documento legal.

Patrick vira a foto e lê a mensagem na parte de trás. Suas feições se tornam tensas.

— Você a reconhece?

— Não muito bem. — Ele devolve a foto para mim. Eu a aceito, incerta se deveria ficar satisfeita ou magoada por ele não querer ficar com ela. — O cômodo — diz ele. — O cômodo é familiar.

— Ela pode ter deixado a foto pra você — sugiro. — Como um presente.

— Talvez. — Do outro lado da mesa, Patrick fecha os olhos como se algo o tivesse ferido.

Do lado de fora, no corredor, alguém grita boa noite. Há um rastro de vozes abafadas e passos ao longe.

— Você não pode aparecer onde trabalho — diz ele.

— Ninguém sabe quem eu sou. Eu apenas disse que era uma velha amiga.

Ele dá risada, e eu compreendo. A ideia dos Braddock terem amizade com alguém como eu, pálida e desinteressante, um vago fantasma de pessoa: é engraçado. É uma piada.

— Por que você não quer ser visto comigo? — pergunto. — Sou um segredo?

— Não sinto vergonha de você.

— Não foi isso que perguntei.

Um músculo próximo à mandíbula dele se contrai.

— Então você fala sobre mim? — Patrick levanta e sua cadeira arranha o chão. Ela dá a volta na mesa. À luz do fim de tarde, seus traços franzidos parecem severos. — Seus amigos e família. Eles sabem o que fazemos juntos?

Em resposta, estendo a mão para o rosto dele, mas Patrick intercepta meu gesto segurando meu pulso. Ele me puxa para que eu levante. Sinto a rapidez da respiração dele. A minha própria também acelera. Tento me mover para envolvê-lo em meus braços, mas ele me empurra para que eu fique na altura da mesa. A mão dele sobe a minha coxa.

Assim de perto, noto que os olhos dele estão mais enevoados do que de costume. Ele bebeu. Levo um momento para reconhecer o cheiro de álcool no ambiente, em seu escritório, em um fim de tarde.

O contato das mãos dele em mim parece pesado e desajeitado, sem a precisão costumeira.

— Você não a quer? — pergunto.

Patrick hesita. Ele mexe a cabeça em um movimento rápido, sem falar. Quando ele ergue minha boca até a dele, seu hálito acre e quente, forço-me a ignorar.

Quando acaba e estou ofegante, tomo conhecimento de que meu corpo está voltando a mim aos poucos (o local dolorido nas minhas costas que estava pressionado contra a mesa, a leve dor de cabeça que começa a se manifestar atrás dos olhos), também ignoro o sentimento agudo de solidão que toma conta de mim.

Patrick se move ao redor da mesa e o vejo abrir uma das gavetas para recuperar a carteira de suas profundezas.

Já me tornei imune à vergonha de quando esse momento chega. Aprendi a navegar perfeitamente por entre as duas camadas do nosso relacionamento: o imediatismo do nosso tempo juntos e o distanciamento de ser paga por serviços prestados. Não gastei nada do dinheiro que ele me dá. Jogo as notas em uma gaveta da cômoda, escondidas da vista, e esqueço a existência delas. Uma oferta de paz no altar do coração de Sylvia.

No entanto, hoje estendo a mão sobre a mesa e paro o gesto de Patrick, agarrando seu pulso com força o bastante para sentir a disposição dos ossos.

— Não.

Ele fita minha mão e segue pela extensão do meu braço até chegar ao meu rosto, meus olhos.

— Tem certeza?

— Você nem esteve com ela, Patrick.

— Bem. — Ele remove a mão da carteira, pesando o que eu havia acabado de dizer. — Na próxima, então.

Observo-o do outro lado da mesa, abotoando-se e fechando o zíper. O ar ao redor dele ainda carrega um traço de álcool.

— Você me contaria caso algo estivesse errado, não contaria? — pergunto.

Patrick não responde e eu não volto a perguntar.

DO LADO DE fora o céu noturno está turvo. As luzes da rua mal conseguem espantar a escuridão.

— Eu conheço você, não é mesmo?

Viro-me, com o coração batendo na garganta. Tenho a impressão de que ele estava esperando por mim, em pé na entrada do beco. Ele vem para a luz com os olhos fixos, como se fosse eu quem representasse perigo.

— Sr. Damson. — Pergunto-me se Henry estava no escritório quando Patrick e eu estávamos juntos. Se ouviu alguma coisa.

— Olá, srta. Woods — diz ele. Noto uma certa malícia em sua voz, mas poderia ser apenas uma sensação proveniente da culpa que sinto. — Não imaginaria dar de cara com você aqui. Estava procurando por mim?

— Na verdade, não.

Henry lança um olhar ao prédio do qual acabei de sair.

— O que a traz até aqui, então?

Não respondo.

— Quero que pare de ir a nossa casa, srta. Woods.

O tom de voz dele é tão informal que levo um momento para compreender o sentido das palavras.

— Há algum problema? Estava tendo um bom progresso com a sra. Damson.

— Viv tem piorado desde que você começou a aparecer — diz Henry. — Tínhamos deixado o passado no passado. E então você veio até nossa casa e a fez pensar sobre aquilo. Forçou Viv a responder perguntas sem sentido algum. Ela está ficando depressiva novamente. Está até mesmo afetando Ben. Não vou passar por isso de novo, não quando estávamos alcançando a luz no fim do túnel.

Meus pulmões se contraem.

— Tive a impressão de que sua esposa apreciou a chance de falar sobre tudo. É melhor tratar esses assuntos do que se esconder deles...

— Ninguém está se escondendo — diz Henry. — Não me diga o que é o melhor para minha esposa. Já passei por isso com ela antes. Sei do que ela precisa. Se vier novamente a nossa casa, teremos um problema. — Ele fecha os olhos; quando os abre, se força a voltar do limite da raiva a que havia chegado. — Direi a Viv que você já finalizou o seu estudo. Todos nós deixaremos isso para trás. De acordo?

Há um barulho em algum lugar atrás de nós. Ambos viramos, alertas como uma coruja. A rua à nossa frente está pontilhada de janelas iluminadas. Quando saí do escritório, Patrick ainda estava trabalhando, alegando que precisava pôr um projeto em dia. Tenho uma visão rápida de Patrick descendo as escadas e dando de cara com Henry e eu juntos.

— Muito bem, sr. Damson — digo. — Respeito sua decisão.

Ele se vira e começa a ir embora, meu cérebro tem um surto de pânico. Sylvia se agita por meu corpo como uma prisioneira, esmurra as janelas, tenta abrir todas as portas, arranha e bate.

não me dê as costas

não vá embora agora

— Sr. Damson — chamo. — Poderia me fazer um favor?

— O quê? — pergunta com relutância.

— Um tempo atrás, você disse que os Braddock eram infelizes. Gostaria que explicasse melhor o que quis dizer.

— Você já sabe o que eu quis dizer.

Poucos passos nos separam em uma distância crepitante.

— Ele a tratava mal — diz Henry. Ele é descuidado com a sua confissão. Ela se lança da sua boca, de forma rápida e insignificante, tal qual uma moeda que cai no chão. — Não era incomum ele a trair.

— Entendo. — A surpresa que deveria sentir, não existe. Apenas um espaço oco se abrindo por trás dos meus olhos. — Bem, agradeço pelo seu tempo.

— Claro. — Henry sorri de forma quase educada. — Espero que tenha sido de alguma ajuda, Sylvia.

O mundo à minha volta balança com violência, para então voltar a se firmar.

— Perdão?

Por um instante, o rosto dele nas sombras muda. Vejo Henry Damson como se eu estivesse deitada embaixo dele, seus traços de repente ficam intensos demais na luz fria e hospitalar que nos cerca, eliminando os detalhes. Estou estática como uma borboleta presa por um alfinete.

— Esse é o seu nome, não é? — Seus olhos semicerrados carregam um ar de quem sabe o está dizendo.

— Tenha uma boa noite, Sylvia.



LEMBRO-ME APENAS DE uma única pista do lugar onde Ana mora. A avenida Poplar é uma linha reta de postos de gasolina e pequenos centros comerciais, sombrios na iluminação tênue do sol. Passo por campos lotados de ervas daninhas e loteamentos por construir antes de encostar próximo ao condomínio de apartamentos à direita, e desligar o motor. O condomínio lembra aquele em que moro. Fileiras de portas idênticas marcadas por tentativas frustradas de esboçar individualidade. Uma cadeira de plástico, um carrinho, um capacho de boas-vindas com uma orelha. Parada próxima à calçada, observo com atenção as aberturas das janelas, em busca de algum sinal de movimento.

O sol se põe às minhas costas, projetando luz vermelha e laranja na lateral do prédio. Ao olhar para baixo meus olhos esbarram no verso branco da foto de Sylvia. A beirada dela sai de dentro do porta-luvas.

Hesito e então tiro a polaroide de lá. Mesmo depois de tudo que cresceu entre nós, Sylvia ainda me deixa deslumbrada e sem fôlego por um instante. Uma representação tão pura da diferença entre uma mulher comum e uma estonteante. Aquela pele luminosa, os cabelos negros partido sobre os ombros. O batom escuro demais fazendo da sua boca tão intensa quanto um segredo.

E dessa vez eu vejo. Uma sombra se derrama na extremidade da colcha. Contra o tom de roxo vivo, essa sombra é sutil. Mas eu noto que há um corpo específico bloqueando a luz. A sombra é irregular e alongada.

Alguém estava com ela.

Um barulho do lado de fora do carro me distrai. Deixo a foto cair ao virar na direção do som. Uma mulher passa por cima da calçada próxima ao condomínio de apartamentos, com ambos os braços segurando um saco de lixo. Fico impressionada com seu andar acelerado, a forma curiosamente desafiadora com a qual ergue a cabeça. Como se estivesse provando a qualquer um que a observasse que ela está bem.

Saio correndo do carro e chamo:

— Ana?

A mulher continua andando com passos um tanto quanto vacilantes, como se a minha voz fosse uma na multidão, me dirigindo a ninguém em particular. Ela segue na direção de um beco.

Toco o ombro dela quando a alcanço.

— Ana.

Ela se vira. Dou um passo atrás, examinando seus traços em busca de alguma marca reconhecível. As feições dela lembram as de Ana, porém, parece mais velha, realçadas pelo batom vermelho grosseiro. Seus cabelos estão um tom de loiro mais claro do que os meus, duros e brilhantes como os de uma boneca.

Ela vem na minha direção. Um passo, outro. O olhar perdido e vazio que ela sustenta me faz querer implorar por seu perdão, *Você não deveria estar aqui*.

Quando está bem próxima a mim, tão próxima que a minha pele se aquece com o hálito que sai da sua boca, ela ri. É a risada de Ana, e então eu relaxo, sentindo-me tanto furiosa quanto tola.

— Deus, parece que você viu um fantasma. — Ana passa o saco de lixo de uma mão para a outra. — Você se incomoda se eu der um fim nisso? Está mais pesado do que parece. — Assisto enquanto ela desliza o saco por debaixo da tampa de um contêiner de lixo e então dá um passo atrás, limpando as mãos na parte superior das coxas.

— Estava limpando meu guarda-roupa — diz Ana, voltando-se para mim. — Tantas coisas que nunca vou voltar a usar. Há algo muito libertador em apenas... — Ela abana um braço — ... deixar tudo ir. — Ela me encara de cima a baixo. — Enfim. Do que se trata isso?

Agora que a encontrei tudo o que poderia dizer fica preso em um nó na minha língua.

— Precisamos conversar.

— É meio tarde pra isso.

— É importante.

— Como vou saber se você não está aqui de novo para fazer o trabalho sujo dela? — Ana empurra para o lado os cabelos da testa com ambas as mãos.

— Não tem a ver com a sra. Renard.

— Ela sabe que você está aqui?

— Claro que não.

Ana me avalia por mais um tempo. Dependendo de qual traço eu decidir focar, posso fazer dela uma estranha novamente. O cabelo quase branco ou a boca vermelha, ela é uma estranha. Seus olhos escuros e intensos, é Ana outra vez.

— Está bem — cede. — Só Deus sabe por que eu ainda confio em você. Fale rápido.

O apartamento dela tem a aparência de que foi abandonado. Um sofá encostado na parede. Além disso, há apenas caixas, sacolas de compras, um prato de papel engordurado no meio do chão. Um quadrado mais escuro se espalha pela parede acima do sofá: um vestígio de um pôster ou pintura.

Ana despenca no sofá, enfiando um pé por baixo do corpo.

— Espero que esteja aqui para implorar pelo meu perdão.

— Me desculpe por qualquer que tenha sido minha participação no ocorrido. — Falo isso com sinceridade, mas as palavras saem da minha boca de um jeito tão artificial que não parecem sinceras.

— Talvez eu tenha entendido errado — diz Ana. O joelho nu desponta por baixo do vestido vermelho. — Você veio me ver pagando pelos meus pecados. Queria se certificar de que eu não tenho mais um futuro.

Um futuro: a sacola de roupas volumosa jogada em meio à escuridão, os cabelos tingidos, o apartamento abandonado.

— Então você vai com ele — digo. — Com o Rob.

Ana fita o chão.

— Desculpe — continuo. — Eu sei que não estaria fazendo isso se eu não tivesse dedurado você.

A cabeça dela se ergue e eu levo um instante para entender a expressão do seu rosto. Olhos brilhantes, bochechas rosadas. Ela está rindo de mim.

— De jeito nenhum — diz. — Nunca mais vou ver esse idiota outra vez. Estou indo embora dessa cidade. — Ela gesticula em direção ao apartamento, como se isso provasse algo indiscutível. — Cidade nova. Como um quadro em branco.

Por um instante não consigo pensar em uma resposta.

— Seria maluquice continuar com aquilo — prossegue Ana. — Me sinto insultada. De uma forma doentia, você me fez um favor ao me dedurar naquele momento.

Sento de pernas cruzadas no chão. O carpete está gasto e arranhado, exalando nicotina velha. O verdadeiro motivo da minha visita fica me beliscando.

— Você sabe, eu não fazia aquilo pelo dinheiro — diz Ana. — Dentre todas as coisas, aquilo era o que mais me incomodava. O fato de você achar que eu o fazia por estar sem grana.

— Você está certa. Eu não devia ter dito aquilo.

— Nunca trabalhei com clientes como Fowler — diz Ana. — Pessoas em busca de publicidade. Os caras com que estava tinham mais a perder do que eu, caso algo vazasse. Justiceiros são diferentes. Você se compromete com eles sabendo que vão abrir o bico. Não há dinheiro no mundo que valha isso.

— Então, por que Fowler?

Ela morde o lábio inferior, deixando uma marca de batom vermelho no canino.

— Aquele rascunho feito pela polícia. Cada vez que o via, permanecia em mim. Tentei tantas vezes tirar aquilo da cabeça, mas quando você me contou sobre a Fowler, foi como destino. Precisava aproveitar aquela chance.

Fico curiosa, mas a minha curiosidade é muda, meio sufocada pelo meu instinto cauteloso. Minha consciência de que é melhor não saber.

— Cheguei tão perto — diz Ana, com um súbito golpe de frustração. — Mas não foi o bastante. Fowler me descartou antes que pudéssemos descobrir algo útil. Apenas me deu as costas. — Os olhos dela se remexem sob as pálpebras fechadas. — Três encontros, duas flores de lótus por vez. Foi horrível. Não conseguia parar de vomitar quando despertava. Mesmo agora, recobro essas memórias. Momentos em que me senti *errada*. Estou trabalhando nisso, mas é algo lento. Tenho de estar superconsciente de quem sou o tempo todo. É como se estivesse reaprendendo a andar. Ficar tão consciente de algo que eu sempre fiz sem esforço algum.

Quase sem querer, olho para minhas mãos pousadas no colo. Minhas mãos, comuns o bastante para serem invisíveis à minha vista. Por um segundo a simplicidade delas, a falta de uma aliança, as unhas sem pintar: tudo me remete a uma estranheza.

— A Fowler gravou os encontros para que eu os pudesse ouvir. Conseguimos descobrir o nome dela. A cidade toda agora sabe — diz Ana. — Mas que grande merda. Não consigo muito mais além disso. Laura não conseguia se lembrar de nada. De como morreu. De quem a matou. A maior parte era bobagem. Fowler ficava fazendo perguntas estúpidas, coisas de detetive que ela viu na televisão: *nos diga quem matou você, como ele era fisicamente*. Houve uma coisa que Laura disse. Quando Fowler começou a reclamar demais, berrando *como você morreu, como você morreu*, Laura disse... — Ana inclina a cabeça para a frente, abre os olhos para encarar os meus diretamente. — Ela disse: “Eu não estava lá”.

Tento me livrar da inquietação que surge dentro de mim.

— Ana, a polícia está afirmando que a causa pode ter a ver com drogas. Aquela casa, ao que parece, atraía viciados. Talvez alguém tenha matado Laura enquanto ela estava grogue. Apagada. Faria sentido, não acha? Ela não estava lá quando morreu.

— Céus, você é tão ruim quanto a Fowler — diz Ana. — Tão ruim quanto os policiais. Não. Pior. Porque, dentre todas as pessoas, você deveria conhecer melhor a realidade.

Ela levanta do sofá, vai em direção a uma das caixas e começa a remexer os papéis dentro.

— Certo, olhe isso aqui. — Ana volta e joga um pedaço de papel amassado em mim. Eu o pego. É uma impressão, uma garota em tons de cinza mirando a câmera diretamente. Seus cabelos são negros e malcuidados. Ela está usando maquiagem demais: os olhos ressaltados com muito delineador, as sobrancelhas desenhadas com o formato de apóstrofes. — Você a reconhece?

— Deveria?

— Essa é uma foto de Laura Holmes. — Os olhos de Ana adquirem um brilho frenético. — Apesar disso, quando encontraram o corpo, ela estava loira, como no rascunho da polícia. Imagine a menina loira. Sem maquiagem. Vamos lá. Você *sabe* quem ela é.

Quase contra minha vontade, reorganizo os traços da moça na minha cabeça. Visualizo os cabelos de Laura tingidos de loiro claro, os olhos dela limpos e suavizados, as sobrancelhas mais finas e leves. Fazendo uma pose em um plano de fundo chapado. Os cabelos presos. Esboçando um sorriso fraco.

— E então? — pergunta Ana.

Olho para ela e percebo o desespero estampado no seu rosto, a necessidade inerente de que eu acredite nela. A fotografia rasgada no escritório de Jane; a expressão resoluta daqueles olhos incorpóreos.

— Thisbe — digo. — Você acha que Laura Holmes era Thisbe.

Ana libera um suspiro rápido, como se tivesse sido liberta de um peso que a esmagava.

— Thisbe alguma vez falou para você qual era o nome dela? — pergunto.

— Não. Nunca. E nunca pensei em perguntar. Mas entende o que eu quero dizer? É muita coisa para que seja coincidência. O vestido de verão, o brinco, o esboço da polícia. E Thisbe estava encrencada. Eu percebi. Só não sabia que era tão sério.

— O que você acha que aconteceu?

— Algum imbecil a matou — diz Ana. — Todos nós já tivemos esse tipo de cliente. Algum cara que controla a esposa até que ela escapa dele morrendo. Ele não consegue aceitar isso, e vai atrás dela de novo. Ou alguém cujo relacionamento ia bem até que decidiu trazer de volta sua namorada, mas não consegue suportar isso, pagar por hora pela afeição dela. Não foram um nem dois clientes que me disseram odiar a ideia de eu estar em contato com outros homens.

Sinto que minha percepção dos fatos se acelera. Por um instante, não consigo reprimi-la. É como tentar levantar quando há uma pressão forte empurrando para baixo, uma vastidão entre eu, a vida e a luz acima.

— De qualquer forma, não importa agora. — Ana soa extremamente cansada. — Tive minha chance de conseguir respostas e não fui bem-sucedida. A única vez em que de fato me importei com alguma coisa referente àquele show de aberrações, e olha só o que acontece. — Um sorriso amargo. — Talvez haja uma lição aí.

De repente, sou lembrada do real motivo da minha visita.

— Ana — digo. — Preciso saber se você ainda tem alguma flor de lótus.

Ela pisca, surpresa.

— Sim. Rob me pressionou. Ele as queria à mão caso levássemos seu plano adiante.

Meu alívio é logo seguido por uma concentração fria. Preciso das pílulas.

— Eu pago por elas, Ana — digo. — Apenas me diga o preço.

Ela olha para mim como se eu fosse uma estranha abordando-a na rua.

— Está falando sério? E o que você faria com as flores de lótus extras?

— Eu não pediria se não fosse importante.

Ana me avalia.

— Então você está aqui porque precisa de um favor — diz ela, como se estivesse dirigindo-se a si própria. — Eu devia ter imaginado.

— Você não precisa mais delas. Seria um bom negócio para nós duas.

— Eu nunca disse que não precisava mais.

Percebo que acabei de realizar um pequeno truque de magia sombrio. Espantei a versão de Ana que era minha confidente e invoquei em seu lugar a mulher que conheci dentro da Elysian Society. Calculista e imprudente. Ela me examina com as mãos nos quadris, seus cotovelos dobrados.

— Então talvez eu não use mais as flores de lótus — diz Ana. — Mas são valiosas. Renard deve ter concorrentes que adorariam botar as mãos nelas.

— Já disse que eu pago qualquer coisa. Apenas aceite essa oferta. Por favor.

— Você vai me contar por que precisa delas? — pergunta. — Senhorita Perfeitinha. Tem que ser por um motivo quente.

Eu mal estou ouvindo. Minha mente está em disparada, uma ideia se desenrolando na minha frente, quase rápido demais para que eu a acompanhe.

— Tudo bem — digo. — E se eu não pagar absolutamente nada pelas flores de lótus?

Ela ri, um som agudo que se esvai rápido.

— Suas habilidades de negociação precisam melhorar.

— Eu vou ajudar você a canalizar a Laura — ofereço. — Do jeito certo, dessa vez. Para que consiga suas respostas.

Ana abaixa a cabeça em direção ao peito enquanto considera a ideia, examinando-a de todos os ângulos possíveis.

— Eu conheci Thisbe — prossigo. — Conheço a Elysian Society e os nossos clientes. Se você estiver certa e Laura de fato tenha trabalhado como Thisbe, então eu saberei fazer todas as perguntas certas. Quem mais poderia fazer isso? — Quando ela dá a entender que vai hesitar, eu pressiono: — A sra. Fowler possuía alguma coisa que pertenceu a Laura?

— Claro que não — diz Ana. — O que foi? Você acha que ela invadiu a sala de evidências?

— Sei onde encontrar algo que pertenceu a Thisbe — acrescento. Vejo a incerteza surgir no rosto dela, ao mesmo tempo que um breve lampejo de esperança. Cravo as unhas nesse fio de esperança. Inclino-me para a frente e encaro Ana sem desviar o olhar. — Ana, esta é a sua chance. Se você se afastar, nunca vai saber. Você não pode recomeçar a vida até ter todas as respostas.

Ela passa a mão pelo rosto, solta uma risada fraca e superficial.

— Meu Deus — diz ela.

Aguardo.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas tudo bem.

Ana desaparece pelo corredor. Quando volta, está segurando um pequeno frasco plástico com um tom de laranja forte e industrial. Um suprimento de flores de lótus para um mês. Mais. Cada nervo do meu corpo se sensibiliza por causa daquele frasco.

Ana chacoalha o recipiente e as flores de lótus batem umas nas outras.

— Não temos muito tempo para levar adiante esse seu planinho — declara. — Estou deixando a cidade, lembra?

Estico uma das mãos com a palma virada para cima.

— Faremos isso amanhã, então. Me encontre na Sycamore, 801. É um condomínio de apartamentos.

— Tudo bem — concorda. — Mas vou ficar com as lótus até então. Para ter alguma vantagem. — Quando vou abrir minha boca para contestar, Ana me interrompe com a voz mais firme: — Não force a barra, Edie. Já estou reconsiderando esse plano todo. Apenas se contente com o que já tem.

Relutante, abaixo a mão.

Ela vai em direção à porta e a abre para mim. A luz do pôr do sol entra no apartamento e faz do vestido dela cor de sangue coagulado.

— Olhe. Independente do que você estiver planejando fazer com elas, cuide-se. Espero que não seja o que eu estou pensando. Espero que não esteja fugindo com algum sr. Solitário para ser a amada morta dele. Porque depois de ter avisado...

— Não se preocupe — digo ao me levantar. — Tomarei cuidado.

Ana ergue um dos cantos da boca em um meio sorriso.

— Claro que vai. O que eu estou dizendo? Estamos falando de você.

— PRECISAMOS CONVERSAR.

— Viv? — Ao som da voz dela no telefone, meu cansaço se torna uma pontada de desconfiança; lembro-me do aviso de Henry para ficar longe da família dele. — Não tenho certeza se deveríamos...

— Henry exagerou — diz Viv. Ela está falando quase aos sussurros. Pergunto-me se o bebê está dormindo por perto ou se ela está tentando esconder a conversa do seu marido. — Ele tem sido superprotetor desde o que aconteceu com Sylvia. É meigo, mas às vezes me deixa maluca.

— Mesmo assim, eu preciso respeitar o desejo do sr. Damson.

Estou no meu quarto, preparando-me para dormir. Em cima da escrivaninha, as lembranças dos Braddock estão organizadas como uma linha do tempo irregular. O retrato do casamento, o batom, o teste de gravidez. E em seguida o envelope com as flores de lótus. O único objeto que eu consigo encaixar na linha do tempo com confiança.

Meu futuro.

— Henry disse que a viu no escritório — diz Viv. — Você está trabalhando com Patrick Braddock?

Sento-me na cama, com a mão livre agarro a ponta do colchão.

— Há coisas que não contei pra você — continua. — Talvez esteja doida. Não tive como contar pra ninguém. Durante todo esse tempo. — Sua respiração é rápida, um ritmo leve, como que o resultado de choro. — Mas se você estiver passando algum tempo com Patrick, há algo que deve saber.

Ainda permaneço em silêncio.

— Lucy? — O desespero na voz dela é como o de uma criança despertando em um quarto escuro, tateando por uma presença próxima.

— Estou aqui — acalmo-a.

— Patrick foi meu amigo durante muitos anos. Eu... Eu costumava brincar no quintal dele. Nunca o magoaria. Mas também me importava com Sylvia. Ela era minha amiga também. Ela deveria ter sido a madrinha de Ben. Em vez disso, Ben nunca chegou a conhecê-la. — Ela pausa. — Deveria aceitar que tudo foi um acidente, mas parte de mim continua acreditando que não foi.

Meu reflexo está preso na janela escura. O galho de uma árvore atravessa meu tórax, seus ramos parecendo pernas de uma aranha se espalham como veias e artérias saindo do coração.

— Não consegui dormir bem quando estávamos no lago — diz Viv. — A gente tinha voltado do restaurante. Sylvia já tinha voltado para o próprio chalé. Henry ainda estava acordado, no quarto ao lado. Eu não conseguia ficar confortável. Tenho dificuldades de dormir sem Henry por perto. Quando ele viaja a trabalho é terrível.

Isso é tão importante para Viv quanto para mim. Há uma calma presente em sua voz que me faz lembrar o tom dos clientes recontando as mortes de entes queridos no quarto 12. Memórias com as quais se preocuparam e lidaram em silêncio até que tivesse se formado uma camada sólida de medo e dúvida sobre elas; é um alívio colocar em palavras uma história assim, e sentir o olhar de um estranho dissolvê-la para deixar à mostra a essência macia e crua de nós mesmos.

— No início, não tive certeza se estavam gritando — diz Viv. — Como se fosse a televisão ligada no quarto ao lado. Eu tinha caído no sono e depois acordado. Talvez eles tenham me acordado. Não sei que horas eram. E eu estava deitada ali, ouvindo, até que comecei a distinguir aquelas vozes zangadas. As palavras não eram claras, mas eu as reconheci. Principalmente as de Sylvia. — Um suspiro estremece. — Era difícil saber se estavam logo depois da minha janela ou se eu os ouvia lá do chalé deles. O som era diferente próximo ao lago. Dava para ouvir tudo.

Vejo a extensão plana de água, as palavras ricocheteando na superfície como lançamentos de pedras.

não faça isso

você não precisa fazer isso

ainda podemos dar um jeito nisso

— Na manhã seguinte, quando tudo aconteceu, fiquei em choque. Não conseguia parar de pensar naquilo. Na briga. E eu me perguntei...

— Você contou isso pra mais alguém, Viv? — pergunto assim que fica claro que ela não prosseguiria.

— Não. Ainda não sei o que ouvi. Poderia ter sido minha imaginação. Um sonho. E Patrick tinha acabado de perder Sylvia. Como poderia acusar alguém?

O bloco do meu apartamento está quieto hoje à noite. Como se todos os outros tivessem sorratamente desaparecido em minha ausência, deixando corredores e mais corredores de quartos vazios, acima e abaixo de mim, deixando meu corpo solitário no centro de tudo.

— Tentei estar presente para Patrick nos últimos anos — diz Viv. — Detestava dar as costas a ele. Mas a todo momento em que estava com ele, me questionava repetidas vezes. Sentia que ele conseguia enxergar através de mim. — Ela pausa. — Ele tem se afastado cada vez mais. Isso me faz sentir melhor, por pior que pareça.

Pelo vão da cortina consigo ver um carro parando no estacionamento. As sombras dos passageiros revelam-se quando a luz interna é acesa: rígidos e estáticos, escorados dentro do carro como bonecos. Então eles começam a se mover, seus gestos são casuais ao soltar o cinto de segurança. A luz dentro do carro se apaga na escuridão.

— Você consegue imaginar um motivo por que os Braddock estariam brigando? — questiono.

— Não sei — responde Viv. — Não. Na verdade, não. Henry me contou... Ele contou a fofoca pra mim. Que Patrick não era fiel a Sylvia. Eu nunca teria imaginado. Sylvia era boa em se manter firme. Nunca pareceu ser uma encenação.

Parada em frente à cama, vou em direção à escrivaninha e toco os objetos, um a um.

— Agora ao olhar tudo em retrospecto — continua Viv. — Percebo que uma memória estraga as outras. Será que alguma coisa daquilo foi real? Sou tão estúpida que não sei nem dizer. — Ela solta uma risada sufocada e distorcida. — Gostaria de voltar a me lembrar deles como costumava. Quero aquelas memórias de volta.

Mudo os objetos de lugar, reorganizando-os como a um quebra-cabeça. Retrato do casamento, teste de gravidez, batom, flores de lótus. Batom, retrato do casamento, teste de gravidez, flores de lótus. Retrato do casamento, batom, teste de gravidez, batom, flores de lótus. Passo o dedo pelo envelope das flores de lótus por um instante e então o movo da sua posição fixa ao final da história dos Braddock para o início.

— Você não pode fazer alguma coisa? — diz Viv.

— Você quer que eu o ajude? — pergunto. — Ou que eu descubra o que aconteceu?

Ela deve ter notado a raiva na minha voz. A linha fica muda.

MEU CLIENTE COÇA o antebraço, deixando rastros finos e esbranquiçados pela pele; pego a mim mesma olhando para eles, hipnotizada.

— Quatro anos — fala, quase para si mesmo.

Lanço um olhar na direção dele.

— Desde a morte da sua esposa, sr. Deehan?

Ele concorda com a cabeça em um movimento seco.

— E desde que comecei a frequentar aqui. Com você. — Dessa vez ele coça o queixo, arrancando a casca de um machucado avermelhado abaixo do lábio. Talvez uma distração na hora de se barbear. O sr. Deehan está vestido de maneira menos formal hoje, trocando sua jaqueta genérica e gravata por jeans e camiseta. — De certo modo, é o nosso aniversário.

Sorrio e tento, como ele, manter a leveza na voz apesar do desespero velado dele.

— De certo modo — repito.

— Barbara e eu ficamos casados durante apenas três anos — confessa. — Isso significa que tenho vindo aqui há mais tempo do que estive com ela.

— Sim, suponho que sim.

— Estive pensando no quão estranho isso é — prossegue. — Nos conhecemos mais tarde na vida do que alguns dos nossos amigos. O relacionamento sempre foi espinhoso. Ambos saíamos bastante com outras pessoas. Nos acostumamos a sempre ficar em busca de algo melhor. Às vezes, via Barb olhando para mim e imaginava que ela estivesse pensando: “Por que ele?”. Dentre todos os homens com os quais ela poderia ter estado. — O sr. Deehan entrelaça e depois libera os dedos, colocando-os juntos para então segurar os joelhos.

— Antes do acidente não estávamos nos dando tão bem. Ela costumava ficar finais de semana fora com os pais e a irmã. Algumas vezes por mês discutíamos sobre um possível divórcio. Ela até agendou um encontro com um advogado. Mas então fazíamos as pazes. Isso começou a fazer parte da nossa rotina. Parei de pensar que isso mudaria. Havia quase se tornado um “esperar pra ver”. Quando uma das nossas brigas seria definitiva? Quando voltaria pra casa e não encontraria mais os pertences dela?

A pulseira cravejada de diamantes cintila no meu pulso, as pedras enfileiradas e pontudas como um zíper. Uma fileira de pequenos dentes.

— Caso o acidente não tivesse acontecido... — diz o sr. Deehan, então pausa e passa a unha do dedão na marca vermelha do queixo. — Não sei onde estaríamos. Não sei se Barbara e eu continuaríamos aguentando um ao outro. Talvez ela já tivesse me deixado há tempos. Talvez eu andasse pela casa e ela estaria tão vazia quanto agora, e eu nem sequer saberia onde encontrá-la. Este lugar... — Ele olha ao redor, para o quarto 12, com olhos cansados, como se eu tivesse removido a venda que os cobria depois de uma longa jornada. — Bem, quando ela está aqui eu sempre sei exatamente onde encontrá-la.

O reluzir da pulseira me remete a pedaços de gelo sendo esmagados entre meus dentes molares. A sensação congelante e dolorosa.

— É muito reconfortante — diz ele.

— Podemos dar início? — pergunto.

A palavra *reconfortante* se aloja na minha mente enquanto engulo a flor de lótus.

BATO NA PORTA. O ar noturno é pesado e quente, a umidade restante se adere à minha pele. A distância, ouço um soar de sirene da polícia até que o som se dissipa e fica mais baixo.

Ana está ao meu lado, inquieta. Uma bolsa grande de lona está pendurada no seu ombro. As raízes dos seus cabelos já começaram a crescer, escuras em uma linha fina onde o penteado se divide. Ela está usando o vestido da Elysian Society como uma criança forçada a vestir roupas formais que dão coceira; ela puxa as alças sem parar.

— Não sei como aturei isso aqui — diz ela, encontrando meu olhar.

O olho mágico se abre. Um segundo depois Dora destranca a porta, inclinando-se pelo vão com os braços cruzados sobre o peito. Ela não parece familiar: calças de moletom, camiseta mostrando a barriga. Seus olhos flutuam vagamente pelos novos cabelos loiros de Ana antes de demonstrar reconhecimento.

— Obrigada por nos permitir vir até aqui, Dora — digo. — Prometo que vamos ser breves.

— Não há problema — fala ao escancarar a porta. Entendo como ela se sente: que não cabe a ela controlar esse espaço, que os limites dele são negociáveis. Estava contando com isso. — Achei que você tinha ido embora — Dora se vira para Ana, incerta.

— Quase — diz Ana. — Ainda não.

Em pé na sala de estar, assimilo o apartamento da rua Sycamore. Ele parece o mesmo. Paredes castanho-acinzentadas. Luminárias leves e turvas que produzem uma iluminação fraca, como se fosse reflexo da luz ambiente de outro lugar. O mesmo sofá gasto, a mesma mesa de jantar com a superfície de madeira fina. Dou-me conta, com certo aperto no peito, que o meu apartamento atual não é muito melhor.

Atrás de mim, Ana pigarreja.

— Edie me contou que você tem encontrado coisas aqui — ela diz à Dora ao tirar a bolsa do ombro e apoiá-la contra a parede. — Dos inquilinos anteriores.

Dora armazenava tudo em uma gaveta do banheiro. Agora, todos os pertences estão alinhados sobre a bancada de fórmica como oferendas para sacrifício em um altar. Dois grampos de cabelo, um ouro-esverdeado e o outro preto. Um tubo de pomada bactericida. Um vidro de esmalte. Ao olhar por cima do ombro de Ana, relaxo. Nenhum desses itens pertenceu a mim.

Os dedos de Ana pairam sobre os objetos; ela estica a mão para o vidro de esmalte. Ela o vira e revira na mão, como se buscasse um sinal palpável do antigo dono. O frasco é pequeno e mal contém esmalte suficiente para cobrir as dez unhas.

— Isso estava preso no duto de ventilação — contribui Dora. — Encontrei quando fiz o ar-condicionado voltar a funcionar.

— Você se mudou durante o mês de março? — pergunto. Ela acena afirmativamente com a cabeça. — Thisbe saiu do apartamento não muito antes. Não acredito que possa ter havido muitos inquilinos no período entre você e ela.

Ana desenrosca a tampa e começa a pintar a unha do seu indicador esquerdo. A textura do esmalte é gelatinosa e grossa, formando pequenas bolhas e pelotas. Quando Ana termina, sua única unha vermelha parece uma ferida: uma mancha coagulada de sangue, como se a unha tivesse sido arrancada.

Na sala de estar, Ana pega duas cadeiras frágeis que estavam próximas à mesa e as coloca, uma de frente para a outra, no meio do cômodo. Ela se acomoda com os joelhos próximos e a coluna ereta. Dou um passo para sentar em frente a ela.

— O que você está fazendo? — Ana pergunta. — Não está se esquecendo de nada? — Quando a encaro, ela volta o queixo em direção à bolsa que trouxe. — Pode me amarrar.

— Você está brincando — digo, perplexa.

— Eu trouxe corda — avisa Ana. — Não é exatamente algo glamoroso, mas vai permitir que o trabalho seja feito. Não precisamos de tantas formalidades. Estamos só entre nós, meninas. — Ela dá uma piscada, mas sua pele está pálida, parece ser uma camada tão fina quanto a de uma geada. É esse sinal de medo que me faz dar conta de que ela está levando isso a sério.

— Ana, não há necessidade... — começo a falar.

Mas Dora passa por mim. Ela se inclina para pegar um rolo de corda barata de dentro da bolsa: amarelo brilhante, escorrendo por entre as mãos dela. Observo em silêncio Dora se mover até onde Ana está sentada. Ágil como se estivesse reposicionando uma peça da mobília, ela pressiona o antebraço esquerdo de Ana contra o encosto da cadeira. Ana não oferece resistência. Dora começa a dar um laço na corda ao redor do braço dela.

— Eu avisei você, vou tomar duas flores de lótus — Ana se dirige a mim. — E o que quer que tenha acontecido à Desconhecida Esperançosa... Bem, não foi nada agradável. É mais seguro dessa forma.

Após um instante, junto-me a elas e amarro o outro braço de Ana contra a cadeira. O braço dela é tão fino e a pele tão macia, fico surpresa. Ela sempre me pareceu ser mais robusta, cheia de confusão e de uma força inquieta.

Talvez Ana tenha notado uma mudança na minha expressão. Ela faz contato visual comigo rapidamente.

— Olha a mão boba, Edie. Isso não é um encontro, sabe.

Dou um nó eficiente e volto à cadeira, para me sentar em frente a ela.

Dora leva as flores de lótus até os lábios de Ana, uma de cada vez, e as coloca dentro da boca. Ela pega o copo, inclinándolo na boca de Ana. Há uma certa gentileza nessa dinâmica, como a hora de dormir partilhada entre mãe e filha. Eu observo a garganta de Ana se mover quando ela engole as pílulas.

— Pense em Thisbe. — Reconheço a suavidade da voz de Ana. É o tom que uso com os clientes. Uma voz imparcial. — Pense em Laura.

Penso nela. O rosto de Thisbe coberto de lágrimas. Nos seus cabelos finos e olhos sinceros. No esboço da polícia, com a beleza delicada estampada por linhas inexperientes, como se fosse um milagre; na foto que Ana me mostrou, os tons de cinza embotados, a maquiagem pesada.

A temperatura no cômodo se eleva. Os pelos da minha nuca se eriçam. Fico gelada, depois febril. O ar fica pesado próximo a minha pele, sufocante. Dora está perto da porta. Eu deveria dizer a ela para procurar um lugar mais seguro, mas, de forma egoísta, desejo outro corpo vivo no quarto comigo.

— Laura? — pergunto.

À minha frente, o corpo se mexe. Os olhos se abrem. Estão desfocados, piscando para assimilar o cômodo à nossa volta. Os lábios se abrem: a escuridão no interior da boca tem camadas cada vez mais profundas.

A boca se abre ainda mais enquanto ela experimenta mover o maxilar. Imagino os dedos de outra mulher subindo pela garganta dela. Suaves e exploratórios, espetando o interior da boca e então se retraindo para voltar ao lugar em que a mulher está esperando.

— Laura — chamo novamente.

Os olhos se encontram com os meus com um esforço lento e arrastado.

— *Eu conheço você* — diz ela. Uma voz que é inquietante e familiar, como uma estranha fazendo uma imitação muito convincente de Ana. Uma sílaba impecável seguida de uma distorcida. Não esperava que ela soasse tão parecida com Ana; seria mais fácil se falasse com uma voz que eu nunca mais voltaria a ouvir.

— *Eu conheço você* — repete. — *Você nunca fala comigo. Mas eu vejo você.*

— E eu vi você — digo. — Conhece o lugar em que estamos?

— *É onde eu fico.* — Ela lança um olhar no apartamento como um todo. O olhar dela encontra o de Dora: segue-se um momento estranho de silêncio enquanto uma estuda a outra. Então o corpo na cadeira se mexe. Apenas um movimento trêmulo, apenas joga os braços para a frente até onde as cordas permitem.

Dora e eu nos entreolhamos.

— Este é o seu lar? — pergunto, tentando redirecionar a atenção do corpo.

— *Lar não. Mas é onde eu fico.*

— Como costumam chamar você, Laura?

Ela balança a cabeça, pressiona os braços nas cordas novamente.

Tento outra vez.

— O nome Thisbe significa alguma coisa para você?

Os olhos dela abaixam para o próprio colo.

— Thisbe? — insisto mais.

— *Odeio esse nome.* — A raiva dela ressoa por todo cômodo. Dora se encolhe.

— Desculpe. Desculpe. — Hesito. — Laura, você pode compartilhar uma memória comigo? Tente se lembrar se houve alguém que a ameaçou. Alguém que assustou você.

— *Essas não são as minhas mãos* — diz ela. — *De quem são?* — Ela gira os pulsos, as mãos se remexem com o movimento. — *Ela não as quer de volta? Diga que vou devolver suas mãos.*

— Houve alguém que fez você se sentir assustada? — Meu peito é invadido pelo desespero.

— *Eu só quero minhas próprias mãos de volta.* — A voz dela está mudando, mais aguda e jovem. É como se a voz fosse uma presença visível na sala, uma trêmula onda de calor distorcendo seu rosto, tornando os traços de Ana suaves demais.

— Eu compreendo. Sou um corpo também.

— *Ela levou minhas mãos embora.*

— Quem as levou? — Dora pergunta, dessa vez. A voz dela é baixa e frágil.

O corpo pressiona contra as cordas outra vez. Dou-me conta do quão finas as amarras são, e quão frouxos os nós foram atados. Dora e eu ainda estávamos encarando a coisa toda como um jogo.

— Por favor — digo. — Estamos aqui para ajudar você.

Ela para de se mover.

— *Ela levou minhas mãos embora* — diz Laura. — *Ela não saía do meu corpo. E ninguém me ajudava.*

— Você canalizou a amada de um cliente — sugiro. — Algo deu errado. Ela não queria ir embora. É isso? — Relembro o boato que surgiu a respeito de Thisbe, tão fraco que poderia removê-lo como a uma teia de aranha. — Você foi possuída — concluo.

— *Foi minha culpa* — diz ela, fechando os olhos.

— Não foi sua culpa. — Fico surpresa com a aspereza da minha voz. — Isso não devia ter acontecido.

Os olhos dela se abrem de repente.

— *Pode acontecer com você também.*

— Quem machucou seu corpo? — pergunta Dora. — Foi um cliente?

Sinto um frio descer pela minha espinha.

— Dora — digo em um tom agudo e instintivo de censura, e o ar ao nosso redor expande e se enche de tensão.

— O quê? — Ela fica ofendida e surpresa. — Precisamos saber.

Na cadeira, Laura tomba a cabeça e esboça um sorriso fraco, confusa como uma criança ao nos escutar.

— Você tem razão — cedo, forçando-me a manter o foco. Minha mente clareia como o céu de inverno, inerte como águas profundas. — Tente se lembrar — digo a Laura. — Lembre o nome dele.

— *Me deixe em paz* — o corpo diz.

— Precisamos saber. É importante...

— *É tarde demais.*

Ela se retorce contra as amarras. Uma parte da corda ao redor do braço dela se afrouxa e cai no chão com um ruído, um baque. Dora emite um som sufocado que sinto na minha própria garganta. O corpo encara a corda amarela em formato de cobra no chão.

Forço-me a permanecer sentada, sem demonstrar pânico.

— Estamos do seu lado — digo a ela.

— *É tarde demais* — repete ao se levantar. Em um movimento rápido, ela liberta o outro braço também.

— Quem fez isso com você? — pergunto, e a resposta surge dentro da minha mente, pulsando como uma dor de cabeça. Eu então desejo que ela diga o nome, traga-o para o nosso conhecimento. Faça-o palpável.

— *Você sabe. Tem que saber.*

Ela diminui o espaço entre nós, esticando de forma experimental uma das mãos de Ana; as unhas curtas dela arranham minha pele.

A sensação de medo faz com que sinta um aperto dentro de mim. Apesar de o corpo de Ana ter parecido pequeno e leve alguns minutos atrás, a mulher à minha frente beira o caos. Laura não tem qualquer suporte no mundo em que vivo; é de uma confusão animal, transbordando raiva.

Ela dá um passo na minha direção. E mais um. Cai de joelhos próximo a mim. A pele dela contra a minha é fria. Meu medo se eleva a um pico gritante e então, tão inesperado quanto, se dissolve. Sinto uma ternura estranha.

— *Você pode me ajudar. Me ajude a sair desse corpo.* — Ela estica um dos braços e passa a outra mão pela pele delicada do antebraço. Tenho a sensação de que deixou uma marca profunda de arranhão no corpo de Ana até que minha mente processe a imagem. Rastros do esmalte; nada além disso. — *Me ajude* — repete com as pupilas translúcidas vidradas nas minhas.

Poderia descascá-la como a um fruto. Encaixar meus dedos por baixo da pele de Ana e empurrar a carne para os lados o bastante para revelar Laura Holmes. Thisbe, usando o vestido branco da Elysian Society. Ou uma versão viva do esboço, a Desconhecida Esperançosa, com os traços do rosto deformados pela má interpretação sutil do desenhista.

Quem será que eu encontraria por baixo da fina superfície da minha pele? Uma versão nupcial de Sylvia ou a Sylvia do batom? Fico admirada com o pensamento de quantas mulheres sairiam de dentro de mim caso eu fosse aberta assim: como em um enxame de insetos, borbulhando boca a fora. As mulheres que vêm se alojando dentro de mim durante esses anos, preenchendo meus vazios até que não haja mais espaço livre para mim mesma.

Laura desmorona em cima de mim. O corpo se agita. Ela esconde o rosto em meu colo, os cabelos desabando pelas minhas coxas. Eu estendo uma das mãos para tocar a cabeça dela. Os cabelos são ásperos ao meu toque, arrepiados como se ela tivesse ficado do lado de fora no ar congelante.

— Eu sinto muito — digo.

— *Por que você me trouxe aqui?*

— Para ajudar você — explico.

— *Não há como ajudar alguém que não quer ser ajudado.* — Laura ergue a cabeça ao sentir meu toque.

Fixamos o olhar uma na outra. Isso me remete às situações em que fiz contato visual com um estranho através de um reflexo, uma janela de ônibus ou o espelho do banheiro. Uma camada visível e

cinzenta de desconexão. Então as pálpebras dela começam a fechar novamente, desiguais e pesadas, como cortinas desniveladas.

O ar do cômodo fica denso e concentra-se todo ao redor do meu corpo. Com a visão periférica, vejo Dora contra a parede, tentando ficar o menos visível possível.

— Laura?

Ela não responde. Os ombros dela cedem.

— Laura.

O ar acima de nós parece ficar mais leve, como se uma agulha tivesse furado a bolha de tensão.

Fico em pé e permito que o corpo dela caia para o lado no chão, como se fosse o de uma boneca. aguardo que se levante novamente. Ela está imóvel e sua respiração, fraca. Quando me convenço de que o corpo no chão pertence a Ana de novo, vou até a cozinha sem olhar para Dora ao passar. Debruçando-me sobre a pia, começo a vomitar. Repetidamente, meu corpo vai aliviando a pressão a qual me submeti.

Patrick e Sylvia. Às vezes visualizo os dois juntos: Sylvia de volta à carne, como se tivesse saído de uma das fotografias para se juntar ao marido. Uma cena estúpida. Romântica a ponto de ser idiota como uma paixonite adolescente. Agora sou forçada a vê-los. Meu próprio rosto movido pelas expressões de outra mulher, meu corpo grosseiro, lento e desajustado enquanto tenta acomodar os impulsos dos músculos de outra pessoa. E Patrick com ela.

Com as mãos em concha levo água da torneira aberta até a boca, bochecho e sinto-a passar pelos meus dentes e língua para então cuspi-la ralo abaixo. Sinto uma leve pressão no interior do crânio, como se fosse uma mão suave em cima da testa durante uma febre. Lentamente, relaxo.

Quando volto à sala de estar, Dora ainda se encontra no mesmo lugar, com o rosto pálido e esgotado. Ana está sentada com as pernas cruzadas no chão. Ela sorri para mim enquanto me inclino no vão da porta.

— Tão ruim assim, é? — pergunta.

— Sei que foi pior pra você — digo.

— Ei, sou mais resistente do que pareço. — A pele de Ana já recobrou a cor natural bronzeada. Manchas de suor se espalham embaixo dos braços. Elas me parecem belas, tal qual orvalho em um fruto fresco. — Então, algo de útil?

Odeio a esperança estampada no rosto dela. Dora encara os próprios pés em silêncio.

— Laura trabalhou na Elysian Society como Thisbe — começo. — Consegui descobrir até aí. Alguma coisa deu errado. Em algum momento ela deve ter trabalhado com um cliente arriscado. Os boatos estavam certos, pelo menos dessa vez. Ela perdeu o próprio corpo e não conseguiu mais retomar o controle dele.

A respiração de Ana é suave e superficial.

— Mas... Desculpe... Ana, ela não conseguiu me dizer se houve clientes violentos, alguém que a ameaçou. Ela ainda não sabe quem a matou. Ela deixou a Elysian Society em janeiro e o corpo não foi descoberto até março. Se ela foi possuída, então semanas das suas últimas lembranças foram perdidas. O corpo dela pode ter estado em qualquer lugar, a qualquer momento, com qualquer pessoa. — Pauso. — Fazendo todo tipo de coisa.

Ana assimila essa informação ao passar a língua sobre o lábio inferior.

— Mas já comprovamos que ela estava trabalhando na Elysian Society — rebate. — Isso deve contar para alguma coisa.

— Poderíamos ir às autoridades — interrompe Dora. — Se contarmos que Laura trabalhou como Thisbe, eles continuariam a investigação, não? Teriam que fazer isso.

— O mínimo que poderiam fazer é checar os clientes com histórico de violência — diz Ana. — Caras que ficaram muito apegados aos corpos. Qualquer um que estivesse pagando por serviços extras.

— Eles provavelmente não nos ajudariam — digo. — Não estão do nosso lado. Um tempo atrás eu falei com um detetive na Elysian Society. Eles acham que somos aberrações. Indignas de confiança.

— Temos que tentar — diz Ana. — Meu Deus, estou arriscando tudo aqui. Se for em vão...

Examinamos uma à outra sem falar nada. O ar no apartamento é como o de um balão estourado. Viciado e espesso.

— Qual é o verdadeiro problema? — Ana pergunta. — Sei que você é apegada à Elysian Society, mas isso... — O olhar que ela dirige a mim é duro e plano como uma moeda. — Estou decepcionada.

— Está bem — concordo. — Farei o possível, mas não posso garantir nada.

Ana dá um longo suspiro e então se levanta com movimentos rígidos e desajeitados, como se estivesse despertando de um longo sono. Na luz fraca, a sua única unha vermelha tem um brilho sangrento. Ela se agacha para vasculhar a bolsa; quando tira a mão de dentro, vislumbro o brilho alaranjado familiar do frasco. Quase tinha me esquecido das flores de lótus.

— Aqui estão — diz Ana, estendendo-o para mim. — Não ia querer que você sáísse daqui sem levar as lótus. Esse é o motivo pelo qual fez isso, não foi?

Odeio a profundidade do alívio que surge dentro de mim quando meus dedos se fecham ao redor do frasco. Quando olho para cima, Ana parece menor, substituída pela sombra de outra garota. Preciso piscar repetidas vezes até que ela volte a ser ela mesma de novo.

— O que há de errado, Edie? — pergunta Ana em voz baixa.

— Nada. — Ergo a cabeça, mantendo o frasco perto do coração. — Obrigada.

— Ele é um cara de sorte. — Ana acena com a cabeça para o frasco.

PARO EM FRENTE à tela, imóvel. Não tinha a intenção de vir até o escritório no andar de baixo, um dos cômodos que Patrick e eu costumamos ignorar durante minhas visitas. Porém, quando vi o rosto dela brilhando pela porta entreaberta, vim em direção a ela sem pensar duas vezes, arrebatada pela curiosidade, como em um transe.

Sou apenas mais uma garota em busca da minha alma gêmea.

Leio as palavras repetidamente. Em vez de atenuar minha reação, o álcool aumentou minha tontura, fazendo-me cambalear por cada canto do cômodo.

Ela se parece tanto com Sylvia... Uma versão mais jovem e vívida de Sylvia; animada e sensual. Sylvia nascida em uma vida diferente, com um bronzeado róseo e um saiote colorido de amarrar. Ela dá um riso forçado para a câmera sem qualquer sombra de dúvida de seus encantos. O braço de alguém repousa sobre seus ombros como se fosse um xale.

— Imaginei que a encontraria aqui.

Viro-me, remoendo a tênue hostilidade na voz dele. Patrick entrou no escritório e parou ao meu lado. Ele estende a mão e fecha a aba, fico encarando a área de trabalho.

— Fiquei casado com Sylvia durante seis anos — diz Patrick. — Antes disso, ficamos juntos por três anos. As pessoas param de contar após o casamento. Esses anos se apagam. O casamento zera tudo. Mas ficamos juntos durante nove anos. Não me lembro mais como é fazer nada disso. — Ele gesticula para a tela.

O que machuca não é ele estar olhando fotos de garotas com o rosto em formato de coração e lábios carnudos exibindo os seios e quadris, como se fossem brinquedos de um catálogo. É ele não se desculpar. Ansiava por explicações atrapalhadas, resistência. Contudo, ele está vagamente enfadado, como se eu fosse alguém sem importância no futuro dele.

— Ela é bonita — digo com a voz dura em uma tentativa de alcançar o mesmo tom casual dele.

— Sem dúvida.

— Ainda assim, parece tão jovem — digo, sem me mover. — Não é jovem demais pra você?

— Não sei — diz Patrick. — Quantos anos você tem?

Um sentimento progressivo de vergonha se desenrola dentro de mim, embora a voz dele tenha soado séria quando perguntou. Quase gentil. Estou ciente de estar sozinha nesta casa com um estranho. É um grande choque que me abala, como se tivesse errado o degrau ao subir uma escada.

— Sempre dissemos que, caso um de nós perdesse o outro, não iríamos ser mártires — diz Patrick. — Sylvia queria que eu encontrasse outra pessoa. Ela queria que eu fosse feliz.

Enquanto ele fala, consigo me lembrar. Das palavras, doces e quentes, da extensão da cama ao nosso redor, os lençóis brancos e folgados que nos uniam. À época, dizer isso ao meu novo marido era um presente que conseguia dar livremente. Havia tão pouca chance de ser cobrada. Prometer a ele uma silhueta vazia, apenas à espera do momento, parecia uma prova de que ficaríamos juntos para sempre.

— Quem era ela, Patrick?

Patrick não diz nada. Por conta do brilho emitido pela tela, percebo bolsas escuras se destacando sob os globos oculares que parecem estar mais afundados. Ele parece velho.

— Eu vi você, naquela noite. Havia uma mulher — digo. — Eu ia surpreendê-lo, mas então a vi. Quem é ela?

— Você deve estar falando de Jenn — diz Patrick, finalmente. Ele é cuidadoso e escolhe cada palavra como se peneirasse vidro. — Ela é a única pessoa que me visita em um longo tempo. Ela só ficou aqui por algumas horas.

— Jenn — repito.

— Você se lembra. Uma antiga amiga. Ela apareceu sem avisar. Acredite, não foi uma visita bem-vinda. Não foi nada planejada. — Ele olha para mim enviesado através dos cílios grossos. — Ela está preocupada comigo. Tentando ser uma boa amiga.

Patrick sai do escritório. Vou atrás e observo o corpo dele desaparecer e ressurgir das sombras, até chegarmos à cozinha. Ele retira a rolha da garrafa.

— Jenn disse que não pareço mais eu mesmo. — Ele serve uma taça; o vinho respinga para fora. — Ela leu um estudo que diz que homens, viúvos, começam a ir a encontros dentro de alguns anos após a perda. Estou me aproximando do segundo aniversário. Dois anos. — Ele dá goles, e seus olhos, sobre a beirada da taça, vagueiam pelo cômodo sem parar.

— Você vai começar a sair em encontros? — pergunto.

— Talvez — diz Patrick. — Um dia.

Meu coração dá um tropeço dentro do peito. Abraço a mim mesma na tentativa de acalmar o movimento inquieto dele.

— E quanto a Sylvia?

— Sylvia — diz Patrick. — Estive pensando a respeito disso.

Disso. Não dela. Uma mera complicação, uma barreira em sua nova vida.

— Jenn quer o meu bem — prossegue. — Ela é uma das poucas que se esforça. A única que vê potencial para eu ter uma vida normal. Estava tentando por causa dela. Vendo se conseguia imaginar uma vida normal com alguma daquelas mulheres.

A moça sorridente na foto é transportada para a cozinha, luz e vida seguem em seu rastro como a cauda de um vestido de noiva. Ela substituiria Sylvia perfeitamente; vistas de costas, com os rostos ocultos, seriam idênticas. Ela poderia usar as fotos antigas de Sylvia como se fossem as próprias, costurando-se, sem deixar nenhuma linha à mostra, à história de uma outra pessoa.

— Não consigo... — Patrick começa a dizer. Pressiona a palma da mão contra a boca, como se tentasse impedir que as palavras se formassem. — Sempre que penso em ter um encontro, um jantar à luz de velas, um filme, o que quer que se tenha que fazer... É impossível. Não consigo sentar de frente para uma mulher e fingir ser alguém que não sou, fingir que poderei um dia ser um marido normal.

— Então, em vez disso, você se senta de frente para mim — digo.

Patrick tenta um sorriso, sem emoção alguma.

— Claro. Suponho que sim.

— O que quer que faça — digo —, apenas não dê as costas a ela novamente.

— Eu nunca dei as costas a ela. — Ele me encara como se eu fosse uma estranha que ele flagrou no meio da noite mexendo no armário de remédios, passando as mãos pela prataria. — Você não sabe de nada a respeito das nossas vidas — diz ele, uma quase pergunta.

— Você me deixa de fora.

— Muito pelo contrário. Nossa, você está dentro da minha casa, você está na minha cama...

— Então por que você não consegue ser honesto?

— Sobre o quê?

Balanço a cabeça.

— Sobre o que, Edie?

Tudo se ergue até a minha língua. As perguntas que poderia fazer; as divergências estranhas que vieram à superfície da vida dele sem seu conhecimento, as reminiscências do seu casamento que estive examinando. A raiva que Viv entreouviu, as duas linhas no teste de gravidez, a imensa extensão do isolamento que Patrick construiu para si.

— Você já fez isso antes? — pergunto, em vez disso tudo. — Com outra pessoa?

Seu rosto fica inexpressivo.

— Não entendi o que você quis dizer.

— Eu sou o primeiro corpo que você usou? Para ver Sylvia.

Certa frieza impregna o ar à nossa volta, espalhando-se aos poucos pelo cômodo.

— Claro. — Ele solta uma risada estranha, que mal poderia ser tida como risada. — Por que você me perguntaria isso?

— Você nunca foi à Elysian Society antes?

— Você foi minha primeira — diz ele, com uma pequena e aguda sugestão de zombaria.

Fico sem fala.

— Edie, do que se trata isso? Realmente acha que usei outros corpos?

O rosto de Thisbe se forma na minha mente, para então se dissolver.

— Mesmo se tivesse, no que isso iria importar? — Quando não respondo, ele prossegue: — Ela é minha esposa. O que quer que tenha acontecido antes de eu ir até você, não envolve você.

— Então você de fato esteve com alguém antes — digo.

— Não. Mas não te fiz nenhum tipo de promessa. Se algo acontecesse entre nós, nada me impediria de ir em busca de outro corpo.

A raiva se faz presente e latente como se fosse um novo órgão a se espremer por baixo das minhas costelas.

— Eu sei que você traiu sua esposa, Patrick.

Ele fecha os olhos ao som das minhas palavras.

— Não consigo fazer isso — diz ele, quase que para si mesmo.

— Por que você esconderia isso de mim?

Patrick balança a cabeça com os olhos ainda fechados.

— Eu nunca traí Sylvia. — O tom de voz baixo que ele usa me passa uma sensação pungente de desconforto.

— Eu sei que traiu — digo. — E se você fez isso com ela uma vez, então não ficaria surpresa se fizesse o mesmo de novo.

Quero que ele fique nervoso. Quero uma explosão de raiva com toda gritaria, choque, calor e selvageria de uma briga. Quero que ele me olhe. Mas quando ele por fim abre os olhos, seu olhar passa por mim. Sinto como se nem sequer estivesse no cômodo.

— Você não tem motivo para confiar em mim. É fácil se esquecer disso, devido ao que fazemos juntos. Fico pensando que isso não importa quando estou com você, porque você é...

Esse silêncio pulsante é uma boa representação do lugar que ocupo na vida dele. Do lado de fora da janela, um pássaro gorjeia repetidamente, um som perfurante que se toma um ritmo melancólico.

— O que você disse, naquela noite? — Patrick pergunta. — Que eu preciso olhar. Que não posso continuar fugindo do passado.

Do outro lado da cozinha, na superfície espelhada do vidro da janela escurecido pelo breu da noite, vejo-nos lado a lado. Versões nossas desgastadas pelo tempo, mais velhos, franzinos e tensos. O espaço entre nós é desproporcional, como se estivéssemos em lados opostos de um abismo enorme.

— É verdade — diz Patrick. — Não consigo evitar. Não tem funcionado.

Já sei o que ele vai dizer em seguida.

— Então iremos ao lago — prossegue ele. — Eu e você. Partiremos amanhã pela manhã.

As palavras saem de dentro da minha boca, mas não pertencem a mim. É um truque de ventríloquo: a voz persuasiva de uma mulher do lado oposto do cômodo, vindo de uma cadeira vazia, de uma gaiola, de um vaso. Da leveza do ar. A fonte dessa voz é uma formalidade, um simples hospedeiro para as palavras. E o que eu tenho de dizer é:

— *Sim, sim, irei com você.*



O LAGO MADELEINE é mais afastado da civilização do que eu esperava. Após sairmos da estrada, estávamos dirigindo por apenas alguns minutos por uma rua estreita e margeada por árvores quando senti uma mudança no ar, batendo contra minha pele tal qual uma corrente elétrica ou as primeiras gotas de chuva. Patrick ocupa o banco do motorista; os galhos das árvores lançam um véu de escuridão sobre sua pele.

Faz anos desde a última vez que saí da cidade. Os troncos finos parecem ficar cada vez mais próximos, e, ao olhar adiante, vejo mais e mais árvores ocupando uma vastidão que me remete ao oceano.

Nessa manhã, reagendi os atendimentos na Elysian Society, deixando tudo de lado para os próximos dois dias. Perderei alguns dos meus clientes assíduos. Meus clientes me adoram por ser previsível, pela forma como estou sempre ali à espera deles. Esta é a primeira vez em cinco anos em que os traí ao negá-los a oportunidade de contatar os entes queridos.

Deveria me sentir culpada. Mas, toda vez em que tento imaginar minha vida além dos próximos dias, minha mente encontra um vazio. Uma parede de névoa, como se meu futuro tivesse sido progressivamente apagado.

— Você receia que as pessoas daqui vão se lembrar de você? — pergunto.

— Você acha que isso vai fazer alguma diferença? — replica Patrick. — Que as únicas pessoas que se lembram estão enfiadas nesse lugar remoto? — As mãos dele apertam o volante com mais força.

A água brilha por entre as árvores de modo rápido e obscuro.

— De qualquer forma, usarei um nome falso — diz.

Olho para ele, mas ainda está voltado para a frente, com uma expressão distraída. Após um instante, concluo que ele não quis dizer nada com isso.

Patrick guia o carro pelo estacionamento. Só há mais alguns carros dividindo o espaço conosco. Eu espero no carro enquanto ele vai até a recepção, percorrendo um trecho curvo da margem com areia grossa, a fileira única de chalés triangulares reluz em meio às árvores. As marcas do clima na fachada cinza dos chalés são perfeitas demais, como se fossem efeitos fabricados. Na garagem, as traseiras dos barcos se sobressaem como os ossos brancos das costelas.

Durante o dia, o lago Madeleine é lindo. Azul como uma pedra preciosa, inundado de sol e reluzente. Da margem, é possível ver as árvores, altas na encosta e mais baixas no declive obscuro adiante. Há uma inocência brutal na beleza das águas, como se não compreendessem os próprios perigos.

Uma sombra cai no meu colo; Patrick dá uma batida na janela.

Seguindo-o pelo caminho entre as árvores, estudo o corpo dele. Estamos sendo corteses um com o outro desde a noite passada. Educados, porém distantes. Dois estranhos unidos por algo maior do que qualquer um de nós. Dormimos um próximo ao outro, sem nos tocarmos. Nessa manhã, quando Patrick estendeu a mão para pegar um copo e ela encostou no meu braço, nós nos afastamos como se tivéssemos levado um choque.

Apenas dois chalés parecem estar ocupados. Há embalagens amassadas de protetor solar no corrimão da varanda, próximas de toalhas úmidas de cores chamativas. Em uma das janelas, as cortinas estão erguidas em um arco torto. Toda vez em que acho que vamos parar, Patrick continua andando. E então eu o vejo. O segundo chalé do final da fileira. É idêntico aos demais, com sua estrutura em forma de A e

varanda florida. Nossos passos levantam poeira e movimentam os seixos. Viro em direção ao chalé como se já tivesse vindo aqui mil vezes, meus músculos são guiados por um impulso automático.

Ouçó Patrick me chamar; paro, confusa.

— Vamos ficar no próximo.

— Pensei que ficaríamos no mesmo — digo. Apenas alguns metros à frente, o lago encontra sua margem, lentamente encobrindo a vegetação e os seixos pálidos. — O mesmo daquele mês de agosto.

— Foi naquele que ficamos — diz Patrick, gesticulando à frente em direção ao último chalé da fileira. Quando não ofereço resposta alguma, ele afirma: — Edie, acredite em mim. Eu me lembro.

Ao entrarmos no chalé, eu paro próximo ao batente. Mais ninguém esteve dentro desse espaço desde que Sylvia e Patrick o deixaram, dois verões atrás. O chalé é impregnado da quietude de uma casa em uma cidade fantasma, parecendo encolher diante da súbita invasão. Em algum momento do passado deve ter sido exótico: uma suíte de lua de mel respeitosa. Uma borboleta de vidro está pendurada sobre a lareira, as asas cobertas de poeira. Uma coroa de flores acima do sofá exala uma memória de delicadeza. Cada parte da mobília, cada decoração, parece imutável dentro do seu próprio espaço, como vespas preservadas em âmbar.

Patrick abre as cortinas. A poeira se ergue no ar, um véu cintilante contra o sol, para então se assentar e sumir. Devido à grande quantidade de luz que entra pelas janelas enormes o lugar volta à normalidade.

Ando pelo corredor estreito depois da cozinha. Há três portas do lado esquerdo. Abro uma de cada vez. Um lavabo em tons pastéis, o chuveiro dentro de um box de vidro; um armário coberto de poeira; e um quarto. Paredes brancas, cobertor florido, uma cama de estrutura rebuscada e antiquada.

Eu tinha tanta certeza de que encontraria o quarto da fotografia, pronto a revelar seus segredos. Em vez disso, encontro esse lugar desconhecido. É como um truque de mágica cruel. O outro quarto devia estar aqui enquanto eu me aproximava, para então se desmaterializar no momento em que meus olhos o encontraram.

Quando Patrick vem ao meu encontro alguns minutos mais tarde, estou encurvada na cama. Fico em silêncio quando ele se deita ao meu lado. Enquanto seu peso descompensa o colchão e me faz ficar mais perto dele por conta do espaço que ele passa a ocupar na cama, penso: este é o último lugar no qual Patrick e Sylvia conversaram com suas próprias vozes. O último lugar em que eles tocaram um ao outro com seus próprios corpos.

Viro-me e coloco a mão no peito dele. Sinto com clareza o ritmo acelerado do seu batimento cardíaco contra minha palma.

Ele se vira também até ficar em cima de mim, pressionando-me na cama. A mão dele passa pela minha barriga e ergue a barra do meu vestido. Quando ele me toca, fico surpresa com a rapidez com a qual ele me suscita desejo, um beliscão profundo por debaixo da pele. Com algum esforço, contenho-me. É como se estivesse parada no canto do quarto, assistindo a dois estranhos.

Porém, quanto mais minha respiração acelera e mais decidido é o toque dele, mais completo e firme é o meu mergulho de volta à minha pele. Ao mesmo tempo, Patrick volta a ser ele mesmo. O homem que costumava ser quando o conheci. Eu o agarro, por fim, envolvendo meus braços nas costas dele, sentindo o movimento rápido e simples dos músculos dele.

Depois deitamos, sem fôlego, e encaramos o teto.

— Como você se sente por estar aqui? — pergunto.

Patrick me puxa até ele, fazendo com que minha cabeça se descanse contra seu queixo, como um pedaço de quebra-cabeça.

— Estranho. Não, estranho não. — Uma pausa. — É como se tudo o que aconteceu entre aquele momento e agora não tivesse sido real. Estive apenas esperando para retornar.

Do lado de fora, uma explosão de risadas interfere no silêncio do nosso quarto.

— Patrick — digo. — O que realmente aconteceu naquela noite?

A mão dele acaricia lentamente a parte inferior das minhas costas em um pequeno círculo.

— Você sabe o que aconteceu. Vim até aqui com a minha esposa. Queríamos passar algum tempo juntos. Escapar de tudo. Um noite, ela foi nadar sozinha. Ela não era boa em beber. Não era muito boa em nadar. Então eu a perdi. Um erro estúpido. E eu a perdi.

— Aconteceram mais coisas além disso.

Patrick não responde.

— Você não quis que ninguém investigasse a morte dela — prossigo.

O ritmo da mão dele nas minhas costas desacelera até parar.

— Você não conseguiu olhar para ela depois de morta — digo. — Não consegui olhar para sua própria esposa. Você se retirou da vida de todos. Não sabe explicar o quarto da fotografia. E as pessoas... As pessoas ouviram os sons de uma briga. Gritaria. Na noite em que Sylvia morreu.

A respiração de Patrick é baixa e constante contra minha barriga.

— Como você sabe disso tudo?

— Isso não importa.

— Agiu pelas minhas costas. — Ele não soa zangado. — É isso que você quis dizer ao me pedir que não deixasse você de fora?

A verdade é que há mais do que eu disse. Esse fluxo de acusações é apenas uma camada fina que flutua sobre a real evidência: a batida sombria do coração de outra mulher no meu peito, a presença dela como uma membrana viscosa que se agarra às reentrâncias do meu cérebro.

— As coisas não eram perfeitas entre Sylvia e eu. — A voz de Patrick vibra da garganta dele para dentro da minha cabeça. — Quando você ama alguém e tem medo de perdê-la, isso pode te mudar.

Fecho os olhos.

— Eu sei disso — digo.

— Não, não sabe.

Fico quieta.

— Como poderia? — diz Patrick. — Você não sabe o que é perder alguém. Tenho passado o tempo todo com você e mal me contou alguma coisa a seu respeito. Você é só... — Ele me aperta com mais intensidade.

Abro os olhos e me deparo com Patrick me encarando de cima, esquadrinhando minhas feições como se tentasse reconhecer alguém que partiu há muito tempo.

— Não é minha esposa — declara, meio pensativo. — Você nem sequer é você mesma.

Não me mexo.

— Você a quer? — pergunto.

As pupilas dele dilatam, pontos de escuridão se espalhando. Medo ou desejo; não consigo desembaraçá-los. Ele fecha os olhos.

— Não — responde. — Agora só quero dormir.

Observo Patrick até que o peso da sua respiração e a inclinação dos seus lábios me convençam de que adormeceu. Só então consigo dormir. Estive ignorando meu cansaço, e agora ele se acumulou, fazendo minha cabeça pesar e me levando a dormir.

Mas há tempo para um pensamento me ocorrer, carregado do turbilhão da sonolência. Quando Patrick me disse que eu não era eu mesma, o que senti não foi fúria ou humilhação, e nem sequer perda. Foi uma sensação profunda de conforto.

ACORDO. A LUZ no quarto mudou do suave brilho da tarde para a densidade anterior ao pôr do sol. Todas as sombras dentro do cômodo estão inclinadas, como se projetadas por uma luminária que tombou de lado. Sento-me. A cama ao meu lado está vazia. Toco os lençóis: frios debaixo dos meus dedos.

— Patrick?

Não há resposta.

Passo o vestido pela cabeça e suas dobras por um instante me tampam os ouvidos. Indo até a escrivaninha, ajoelho-me próximo às gavetas inferiores e abro a primeira. Coloco a mão dentro. Vazia. A outra gaveta contém apenas uma Bíblia e uma toalha de mãos dobrada. Não sei bem ao certo o que procuro. Todas aquelas noites em que acordei no chão do meu quarto sem motivo: deve haver uma explicação por trás dos acontecimentos. Mas estendo a mão em direção à última gaveta para encontrá-la vazia.

Por um segundo, vejo a mim mesma. Uma mulher ridícula em um vestido jovial demais, ajoelhada no chão do quarto. Em busca de padrões em sonhos, peneirando os resquícios da tragédia de alguém. Com esperança de encontrar respostas em lugares inofensivos e vazios porque tem medo demais de investigar diretamente a fonte de sua dor.

Levanto. A foto. O corpo dela na cama, nu, o batom lustroso, a franqueza do olhar dela no meu.

Na minha mente, o corpo dela se transforma. Sua pele azulada, as mãos em formato de concha e as pontas dos dedos enrugados, suas feições enegrecidas por veias podres.

Saio em direção à pouca luz do anoitecer. Em pé na varanda, olho em direção ao chalé próximo ao nosso. Está mais para dentro da floresta, envolto por pinheiros, distante da água. As janelas carregam um aspecto particular e obscuro de uma casa vazia ao pôr do sol, como se as sombras do lado de dentro fossem um peso incontestável pressionado contra os vidros.

Meus pés me guiam pelo trecho de grama e escadaria acima. O meu reflexo na janela da frente se torna mais definido conforme me aproximo, como se fosse um rosto lentamente emergindo da água. Quando empurro a porta com o ombro, ela cede com facilidade.

O interior é quase idêntico ao do outro chalé. Apenas alguns detalhes são diferentes. As janelas voltadas para a direção oposta, uma pintura de paisagem em vez da coroa de flores. Minha nuca fica fria e eriçada.

Eu já sei o que vou encontrar por trás da última porta à esquerda. Acendo a luz e o quarto é revelado. O tom escuro da coberta, as linhas das paredes. É o quarto da polaroide. Aquela que Patrick declarou não reconhecer.

Ela deve estar aqui. Ao passar pela cama, corro os dedos sobre o tecido escorregadio. O cheiro do xampu dela nas franhas, fios de cabelo escuros emaranhados na camada de poeira e resíduos acumulados no rodapé. Impressões digitais fosforescentes nas torneiras do banheiro e nos puxadores de gavetas.

Ao me abaixar, retiro a gaveta vazia da cômoda, deixando um buraco no móvel. Inclino-me, com a cabeça curvada contra a lateral da escrivaninha; estico a mão em cada um dos cantos, apalpando o assoalho. Meus dedos encostam em algo. Pequeno e com pontas. Consigo deslizar meus dedos por baixo do objeto, soltando-o.

Uma fotografia. Uma companheira deslocada àquela que ainda está dentro do meu apartamento. Uma polaroide; a mesma margem grossa, só que esta está toda empoeirada.

Aquela foto do batom foi a primeira vez em que fui apresentada ao mistério de Sylvia e à sua ferocidade escondida. Aqui, por fim, está a cena seguinte. O outro passo. O quarto ao meu redor toma dimensões estranhas, refletido de volta para mim na fotografia. Como bonecas russas. O quarto dentro do quarto, o espaço ao meu redor e a versão passada dele, presa e diminuída. Sylvia deitada em cima da cama, tão vívida que poderia virar minha cabeça e vê-la.

E ele.

O responsável pela sombra, despido até a carne, exposto, por fim, no centro da vida dela. Henry Damson. Sylvia está rindo, nua. Está de joelhos, como se tivesse sido pega enquanto trocava de posição. O espelho abrange a curva das costas dela, os ossos da sua coluna. No reflexo atrás dela, há uma visão clara de Henry. Camisa desabotoada. O sorriso dele por baixo da câmera.

SEI ONDE ENCONTRÁ-LO.

Já está escuro. A lua está translúcida, parcialmente encoberta por nuvens. As estrelas começam a surgir como pequenas feridas no céu. O lago parece emitir sua própria luz pálida e fragmentada.

Ando pela margem rochosa, e então entro na trilha que envereda em meio às árvores. O chão coberto das pequenas folhas dos pinheiros cutucam as solas dos meus pés descalços, quebrando com a pressão deles.

A mata parece ficar mais fechada quanto mais entro nela, aventurando-me para mais longe do senso de civilização que a área dos chalés proporciona. Os insetos e sapos fazem um barulho tão pulsante e esmagador que me sinto escondida em meio aos ruídos.

Levo vinte minutos até alcançá-lo. Patrick está sentado próximo à água encostado em um tronco de árvore. Ele está em um pequeno pedaço de terra que se estende a partir da trilha principal. Não parece estar aflito; poderia ter sido recortado para cá de um dia nublado de verão, cercado por muitas pessoas. Apenas o brilho esbranquiçado da lua revela a real estranheza da cena. Ele não fica alarmado quando me aproximo por trás.

Uma coroa de flores em memória a alguém está pendurada no tronco. As flores são rígidas e de tecido, de um tom festivo de amarelo, como o de cobertura para bolo. Seu estado esfarrapado se destaca. Camadas de manchas de água e pétalas rasgadas e caindo.

— Foi aqui que a encontraram? — pergunto.

Passa-se um bom tempo até que Patrick responda.

— Um dos amigos dela deve ter pendurado isso — diz ele. — Ou os pais dela.

Desse ângulo há uma vista clara do lago. A distância entre nós e a outra margem é imensa. Quando comparada à imensidão das águas, a coroa é inadequada. Essa tentativa de tornar a morte de Sylvia um marco discreto.

Sento ao lado de Patrick, com cuidado para não encostar.

Ele, por fim, se volta para mim.

— Sabe — diz ele. Com tranquilidade, mas sem abrir precedentes para discussão. — Sylvia tinha a mesma expressão no rosto, naquela noite.

— Patrick. Por que você não me contou?

— Você nunca confiou em mim. Entrou na minha casa, dormiu comigo, mas começou a duvidar de mim. Então me arrastou até aqui para descobrir o que aconteceu. — Ele volta a encarar a água. — Como se descobrir o que aconteceu fosse consertar alguma coisa.

— Foi você quem quis vir até o lago, Patrick. Não eu.

— Nada disso foi ideia sua. Você tomou cuidado em relação a isso. Na primeira vez em que deixei a Elysian Society, você me trouxe de volta. Fez com que parecesse minha ideia. Eu deveria ter previsto isso, naquele momento. Deveria ter fugido. — Ele encosta a testa contra o punho. — Quis acabar com isso. Às vezes fico enjoado com isso tudo. E toda vez, lá está você, pronta a me convencer a ficar. Você não desiste.

Mesmo nesse momento, quero me aproximar dele. Parte da vitalidade de Patrick se esvaiu desde que o conheci. Ou talvez seja a transformação dentro de mim, o véu de encantamento que foi tirado dos meus

olhos para revelar a sua verdadeira natureza. Contudo, apesar dos fatos, meus dedos ficam inquietos e desejosos de empurrar para o lado os cabelos que cobrem a testa dele.

— Ver uma pessoa como realmente é... Não é simples.

— O que você fez com ela? — pergunto.

Patrick abre um sorriso rápido e indecifrável. Ele estende e abre uma das mãos, como se fosse libertar um vagalume preso. Em meio à escuridão, meu cérebro demora para processar isso até encontrar algum sentido no que estou vendo. Uma flor de lótus. Aquela pequena pílula fina, mais familiar para mim do que o ar que respiro.

Sinto meu coração bater na garganta. Vejo minha mão se estender para aceitar a pílula. Os olhos de Patrick estão focados na minha boca enquanto a deslizo por entre os dentes. O mundo fica estático, profundo e silencioso. À luz da lua, o limite que separa a água e a terra é uma linha fina e brilhante. Imagino a mim mesma a enfiar os dedos por baixo desse limite e levantar a água como se fosse um alçapão para entrar num espaço preenchido pela luz.

O comprimido pesa na minha língua. Engulo-o. Antes mesmo de apagar, posso senti-la adentrando minha pele. É tão fácil agora, tão esperado. Como uma mulher colocando uma luva. Não estou sendo destituída da minha própria pele. Estou entregando-a à verdadeira dona.

Eu me vou, mais e mais longe, viajando por dentro do corpo, pelos ossos salientes da coluna e pelo pulsar dos órgãos avermelhados, o som úmido do batimento cardíaco sob a água. Silêncio.

E, então, nada.



EU QUERIA VIR aqui.

Não foi ideia da outra mulher vir até o lago. Na verdade, não. Nem sequer foi uma inspiração vinda dele, apesar de ele ter sonhado com esse lugar desde aquela noite.

Inicialmente, estávamos naquele quartinho simples. Irreconhecível o bastante para ser em qualquer local. Então, fomos mais a fundo em nossa antiga vida. Ele me levou para dentro da nossa casa. Nossas posses em comum se apresentavam com os mesmo padrões; tudo o que tinha de fazer era tocar uma delas para liberar um rastro de memórias. Nenhum deles parecia adequado. Até mesmo os lugares que mais amava — o jardim coberto por copas de árvores, a extensão pálida do nosso quarto — fizeram com que me sentisse desorientada e sufocada.

Eu vim até o lago exatamente oito vezes durante a vida. Mantive a conta com cuidado, e cada visita proporcionava algo estranho e radiante que me fazia passar as semanas seguintes apreciando. Deveria ter sido sete vezes. Contudo, não consegui resistir a vir até aqui naquele mês de agosto. Mesmo sabendo que seria errado. Mesmo compreendendo o que aconteceria... Que seria o fim, que algo em nossas vidas teria de mudar... Vim até aqui uma última vez. Nunca fui embora.

Quero fazê-lo assistir ao que ele fez. Fazê-lo olhar, desta vez.

Tudo é igual. O lago, a lua, o silêncio perfurante, o corpo dele ao lado do meu. O passado é implacável, o tempo gira no seu próprio eixo. Não para suavizar ou se render à revelação de novas chances, mas, sim, para restringir, confinar nossas verdadeiras formas. Submetendo nossos corpos às mesmas atitudes.

À medida que nos direcionamos às águas que nos esperam, um pensamento passa pela minha cabeça. Um furor de compaixão pela mente e coração silenciosos que partilham esse espaço comigo.

Gostaria que ela não tivesse de estar aqui.



MEUS OUVIDOS SE enchem de água. Meus braços flutuam próximos a mim. Vejo a superfície distante do lago. Um manto feito de um material diferente. Uma camada de gelo.

A superfície está flutuando para longe, sem parar, como se estivesse subindo constantemente e eu fosse o ponto fixo, imóvel.

Posso ir à superfície. Digo isso a mim mesma. Meus pulmões estão inchados dentro de mim, pinicando e queimando nas extremidades. É tão quieto aqui embaixo que me faz esquecer que sou alguém. Meu estômago está inquieto. Meus pulmões se expandem até não caberem mais nos limites do meu corpo. Fecho os olhos.

Está tudo acontecendo outra vez.

Senti falta disso. Mantive isso fora da minha mente, recusando-me a permitir que me lembrasse. Todavia, agora que se fez presente, sei o quanto quis sentir tudo novamente. Só mais uma vez. A tranquilidade do inevitável. Tudo descamando, parte por parte. Cada vez mais rápido. Sem peso algum, sou destituída do meu passado e meu futuro, das minhas escolhas. Sou uma batida de coração suspensa, à beira de se extinguir.

Um nome se forma na minha língua.

Ele dispara por mim. Uma consciência do meu corpo à minha volta, tudo eletrificado com um desejo urgente de respirar. Eu abro os olhos.

É um impulso profundo, alheio, me devorando por completo, preenchendo cada parte do meu ser: *vai*.

Não tenho chance de examinar a sensação. Estou subindo sem parar, na direção das faixas de luz fracas que identificam o mundo da superfície. Movo-me com tanta agilidade e segurança que uma corrente parece me carregar. Vejo a mim mesma como se estivesse assistindo de longe. Essa pequena e pálida vida contra a escuridão.

A camada de luz está logo acima de mim agora. Perto suficiente para eu poder estender meus dedos e atravessá-la.

E então ele está ali. Sua sombra bloqueia o luar. Ele se estica na minha direção de modo que eu sinta a força e a solidez das suas mãos, totalmente deslocadas nesse lugar feito de sons brandos e impressões flutuantes.

Quase não tenho tempo para registrar que ele me segura, e então estamos acima da superfície da água. O ar é gélido como a lâmina de uma faca, fina e sobressalente. Cada respirada que dou é brutalmente generosa, como se estivesse exposta ao ar de um planeta desconhecido. Tenho um acesso de tosses e engasgos.

Ele está se movendo, de modo lento e desajeitado, de volta à margem. Tudo está em declive e tremulante, o mundo girando feito uma bola de gude no chão. Pressionada de forma desajeitada contra o corpo dele, sinto a tensão dos seus músculos, e, por um milagre, o peso e extensão do meu próprio corpo. Minha percepção ainda está presa aos meus membros.

Estamos nos aproximando da margem. A lua no céu agora se endireitou. Ele está com água até a altura dos ombros. Quando para, me inclino em sua direção, agarrando-o. O outro nome se dissolve em minha língua.

— Sinto muito — diz ele, perto da minha orelha. A voz dele é ardente e clara; como se estivesse ouvindo a voz de um ser humano pela primeira vez. — Eu sinto tanto, Sylvia.



A TERRA EMBAIXO de mim e o tronco de árvore no qual apoio as costas são extremamente reais. A casca grossa do pinheiro e o solo espesso. Sinto vontade de estender o braço e agarrar o mundo com as mãos. Estou intoxicada pelo meu corpo: pele e ossos e sangue, a umidade e o pulso vacilante. Poderia ficar aqui para sempre.

A distância, na outra margem, clarões esparsos surgem entre as árvores.

Patrick está encostado no tronco da árvore à minha frente, seus dedos estão entrelaçados entre o topo dos joelhos.

— As coisas não estavam indo bem — começa, como em resposta a uma pergunta. — Quando Sylvia e eu nos casamos, ela era a pessoa mais cheia de vitalidade que já tinha conhecido. Ela me fez ser uma pessoa melhor. As pessoas me tratavam diferente quando eu estava com ela.

— Ela estava grávida — digo.

Patrick respira com algum esforço, como se enfrentasse uma dor física.

— Ela esteve. Uma vez.

Apoio a palma da mão no chão próximo a mim, apreciando a suavidade da terra sob os meus dedos. Enfio as pontas dos dedos no solo úmido e argiloso. Por um momento, estou prestes a falar — então ele prossegue, e eu engulo as palavras de volta.

— Estávamos casados havia alguns anos. Não havia motivo para não ter filhos. Um dia ela entrou no quarto sorrindo entre lágrimas e me mostrou o teste.

Depois de começar a trabalhar na Elysian Society, meu cérebro desenvolveu uma quietude específica. A habilidade de adentrar a história de um estranho sem me envolver. Hoje à noite, volto a um estado primário. A história de Sylvia consiste de um panorama tão íntimo quanto minhas próprias memórias.

— Ela começou a ter sangramento — prossegue Patrick. — Quando estávamos a caminho do médico, eu ficava dizendo a ela que não era nada de mais. Mas ela já sabia o que estava acontecendo. Não olhava para o meu rosto. Nem sequer me deixou ir junto para a sala de exame. Aquele foi nosso mês mais difícil. Eu ficava dizendo todas as coisas erradas. Uma vez disse a ela que ao menos nós já sabíamos que ela conseguia engravidar. Só precisávamos tentar de novo. Sylvia reagiu como se... eu a tivesse agredido. Eu não conseguia entender.

“Não voltou a acontecer, e não acontecia de jeito nenhum. Estávamos tentando de tudo. Gastávamos muito tempo, dinheiro e energia e falhávamos constantemente. Era como se aquela primeira gravidez tivesse sido nossa única chance e nós a tivéssemos perdido, e então nunca mais teríamos outra. Eu vi uma versão totalmente diferente da minha esposa. Toda essa tristeza que não tinha me dado conta de que existia dentro dela. Ela mal saía da cama. Você tem alguma ideia de como é isso?”

Enterro os dedos mais fundo na terra.

— Não — respondo.

— Nós não sabíamos o que estava acontecendo — prossegue Patrick. — Os médicos nunca conseguiam nos dar respostas diretas. Era o que eu queria. Algo que pudéssemos consertar. Um problema em que pudéssemos nos concentrar. Mas não havia uma explicação de verdade. O corpo delas apenas... não queria. Eu repousava minha mão na barriga dela à noite e imaginava que seria capaz de ir além da sua pele para consertar o que estava errado. Ela parecia tão pequena e tudo estava ali, embaixo da minha mão. Mas eu não conseguia fazer nada por ela.

“Estávamos esgotados. Era difícil manter aquele mesmo carinho em frente às outras pessoas. As pessoas comentavam. Agora eu odeio a mim mesmo por isso, mas naqueles tempos eu me ressentia de Sylvia, por ela não ser mais forte e feliz. Eu fiz vista grossa. Esperei que ela voltasse a ser quem costumava ser.”

As estrelas são diferentes quando vistas daqui. Pontos indefinidos de luz, há mais estrelas do que céu, em dimensões variadas e inquietas como a superfície do mar tocado pelo vento.

— Eu estava trabalhando muito — explica. — Sylvia se esforçava para se concentrar em outras coisas. Ela estava considerando a ideia de voltar a fazer o curso de fotografia, dessa vez para levar a sério. Eu ainda conseguia identificar aquela tristeza dentro dela. Mas ela estava tentando escondê-la, e eu permitia que fizesse isso. Eu queria que ela escondesse aquele lado de mim. — Patrick abre os olhos. — Isso se arrastou durante um ano. Quando Sylvia pediu para irmos ao lago naquele final de semana, eu encarei como mais um sinal de que as coisas estavam melhorando.

A foto. Ela volta à minha mente, cada detalhe nítido e vivo. Sou grata pela imagem: prova que veio antes de sua explicação. Para me preparar para o que estava por vir.

— Os Damson estavam aqui. Isso mudou as coisas. Estávamos fazendo o mesmo de sempre, bancando o casal feliz. Mesmo quando estávamos sozinhos um com o outro, parecia que estávamos sendo vigiados. Não pude ir ao jantar com eles naquela noite. Sentar lá e ser o marido encantador. Quando eles retornaram, Sylvia já tinha bebido demais.

“Ela disse que não estávamos sendo sinceros um com o outro já há um bom tempo, e queria mudar isso. Mas ela precisava ser honesta. Ela não queria nenhum segredo entre nós.”

Patrick faz uma pausa.

— Estar com Henry dava a ela a chance de ser alguém diferente. Com ele, não estava falhando em nada, não estava pensando no futuro. Ela podia ser seu antigo eu. Ou quem sabe... talvez tenha dito que podia ser alguém novo. Esqueci qual das alternativas. Ambas.

Levanto e vou de encontro a ele, envolvendo-o com meus braços. Sinto um arrepio profundo: o seu corpo está todo encharcado, e a sensação de frio emana dele.

— Tudo o que minha esposa queria era que eu a visse em seu estado mais infeliz e despedaçado. Ela queria que eu a visse assim e ainda a amasse.

— Você nunca soube sobre Henry e ela? — pergunto.

Patrick emite um som que parece uma risada abafada, um barulho que sinto no peito dele.

— É como se eu tivesse esperado que ela me contasse. Quando ela o fez, pude encarar o fato diretamente. Os Damson estarem aqui não foi coincidência. Ela o seguiu. Quando fui confrontar Henry, ele estava nos esperando. O que quer que ela tenha dito ou feito mais cedo naquela noite, ele deve ter sabido que ela me contaria.

Aperto os braços ao redor dele.

— Viv estava dormindo — continua Patrick. — Foi nesse momento que Sylvia me contou que Viv estava grávida. Fiquei naquele lugar com minha esposa e com ele. Não havia nada que pudesse dizer ou fazer para corrigir as coisas. Henry ficava dizendo que tínhamos de seguir em frente. Eu sentia essa grande diferença entre nós. Henry e Viv... Em algum momento, pelas minhas costas, eles se tornaram muito reais. E Sylvia e eu estávamos aos destroços. Quando Henry nos disse para esquecermos o passado, ele estava se alegrando com a desgraça alheia. Henry sabia que ele seguiria em frente, com Viv e o bebê deles. E sabia que não poderíamos. Ele estava nos expulsando das nossas próprias vidas.

— Sylvia ainda queria ficar com você — digo. — Ela disse a você que queria um novo começo.

— Eu não acreditei. Caso Henry estivesse disposto a ir embora com ela naquela noite, não teria olhado para trás nenhuma vez. Eu disse a ela que a estava deixando. Disse que ela não era nada. Sem valor. E que

estava feliz de nunca termos tido um filho, porque não ia querer que meu filho crescesse com uma mãe como ela.

A dor que sinto é como uma faca meticulosa abrindo uma cicatriz.

— Depois disso, tudo se tornou um borrão — prossegue Patrick. — Sylvia não estava chorando. Ela não erguia a voz além de um sussurro. Toda a vida se esvaiu dela. Os olhos dela eram... Eu não conseguia olhar diretamente para eles. Como se ela já tivesse dado um passo para fora desse mundo, em direção a outro lugar. Ela apenas deu as costas e saiu.

— Você não a seguiu?

— Não — diz Patrick. — Um de nós deveria ter ido atrás dela. Ela estava fora de si, de tanta tristeza, e tinha bebido. Ela não nadava muito bem. Saí alguns minutos depois. Eu estava voltando ao nosso chalé quando a vi. Ela já estava com água na altura da cintura, tirando o vestido. Ao vê-la de uma distância, fazendo uma coisa daquele tipo, ela poderia muito bem ser uma estranha. Aquela bela mulher nua parada em meio à água. Nem parecia ser real.

Ao olhar em direção à água, posso ver Sylvia vindo em nossa direção. Submersa até a cintura, o tórax em um contraste elegante com a escuridão, os seios nus movendo-se com o balanço das águas do lago. Os olhos dela fixados em nós. Em mim.

— Henry e eu nunca fizemos um acordo consciente de esconder o que aconteceu — diz Patrick. — Viv estava com ele no dia seguinte. O lago estava lotado de pessoas. Não conseguíamos nem sequer fazer contato visual sem que alguém pudesse notar. Foi uma concordância silenciosa. Henry pareceu pensar que eu iria embora. Sairia da empresa, da cidade. Desapareceria, assim como ela. Sei que ele odeia me ter por perto.

— Ele identificou o corpo?

— Eu deixei — diz Patrick, com desinteresse. — O que isso importaria? Me lembro de Viv agir como se ele fosse um herói por isso. Como se fosse bondade. Eu sempre pensei que... essa era a forma de ele demonstrar que ela foi mais dele do que minha. Eu não o impedi.

A forma como Henry falou sobre Patrick, a forma rápida, arrogante e impaciente; ele deve enxergar Patrick como um fantasma, circundando as fronteiras da vida que os Damson criaram para si, e carregando a memória amarga de Sylvia com ele por cada cômodo em que entra.

— E a família dela queria culpar esse lugar — diz Patrick. — Eles queriam algo que explicasse a perda dela. Fui eu quem os desencorajou a abrir uma ação judicial. Não queria as pessoas se debruçando sobre os detalhes. A família dela respeitou o meu desejo, mas isso foi o início do fim. Paramos de nos encontrar. Todos que costumavam fazer parte da nossa vida conjugal foram sumindo. Não fiz nada para impedir.

Sua clavícula faz pressão contra minha bochecha enquanto estou recostada nele.

Patrick vira a cabeça na minha direção, e seu hálito quente e inquietante toca minha pele.

— Agora você finalmente sabe tudo a meu respeito. Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa viva. Então, e você? — pergunta. — Tem algum segredo obscuro?

Ele está me provocando, cansado e pesaroso. Por estar sentada próxima a ele nesse lugar banhado pelo luar, me dou conta do quão fácil seria contar tudo. Me abrir: mostrar as partes estranhas, tão cheias de cicatrizes e distantes dentro de mim mesma que mal parecem ser minhas.

— Minha vida tem sido bastante pacata — respondo.

— Você tem sorte. Uma vida pacata e honesta. Você não sabe o que isso significa até ser privado dela.

Não consigo responder.

— Eu finjo que todos esse segredos são para não expô-la — continua Patrick. — Sylvia não ia querer que as pessoas soubessem o que realmente aconteceu. O melhor é deixar que pensem que foi um acidente bizarro, uma daquelas tragédias sem sentido pela qual podem ficar obcecados. Mas as pessoas

percebem a minha culpa. E eu de fato a matei, mas não do jeito que pensam. — Ele se mexe, inquieto. — Quase seria melhor se fosse.

— Você estava com o coração partido, Patrick. Não estava pensando com clareza. — Quando ele não me responde, eu pergunto: — Você se desculpou?

— Não. No começo, estar com você, com ela... ajudava. Nossas conversas pareciam com as que tínhamos no começo do relacionamento. Os anos em que estávamos apaixonados. Na verdade, nós não discutimos sobre aquela noite. Não podia colocar o que tínhamos a perder. E então você começou a mencionar o lago, e a me pressionar para vir até aqui. Eu cedi.

— Estávamos na água — digo, quase em tom de pergunta.

— Geralmente há o suficiente de você para amenizar a presença dela — diz Patrick. — Hoje à noite, você engoliu a flor de lótus e ela estava completamente aqui. Você não estava em lugar nenhum. Eu pensei que, caso nós revivêssemos aquela noite, eu poderia desfazer o que aconteceu. Eu iria até minha esposa, da forma que deveria ter feito naquela noite. Mas ela estava na água. E era forte. Houve um momento em que você ficou submersa e eu tive certeza de que não voltaria à superfície. Sylvia seguraria você lá embaixo até morrer também.

Volta a mim, em uma confusa mistura de ausência de som, fraturada pela escuridão, a sensação das mãos deles no meu corpo. Seus braços me envolvendo com força. E percebo: Patrick não sabe o que aconteceu enquanto eu estava enfiada bem fundo, na barriga do lago. Quando me achou, ele não tinha como saber que eu já me encontrava em uma trajetória constante em direção à superfície, meu corpo iluminado pelo desejo de respirar. Se ele tivesse procurado por mim antes, não teria me encontrado. Eu estava tão longe de seu alcance. Tão longe.

Houve um momento em que algo mudou dentro do meu cérebro. Uma fagulha teimosa que se espalhou pelos membros, impelindo-me para fora das trevas em que eu estava afundando.

Estudo Patrick. Ele seguiu sua esposa, dessa vez; ele a tirou do lago. Vejo todo o alívio em seu esgotamento, o triunfo cauteloso, reunidos nos olhos dele. Seu passado finalmente apagado e reescrito.

— Você me salvou, Patrick. — As palavras saem fortes, como se eu não tivesse dúvidas. Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dele. — Você salvou Sylvia.



NO MEU APARTAMENTO, esquadrinho o espaço com novos olhos. Negligenciei minha casa nos últimos meses. Uma blusa usada está pendurada no espaldar do sofá, com as mangas dispostas como se fizesse parte de um contorno de cena de crime. Da televisão ouço um jingle comercial e alegre ressoar na sala de estar vazia. Da louça acumulada na pia sinto um cheiro azedo.

Quando entro no banho, fecho os olhos. O medo se apodera dos meus músculos: memória do tempo em que fiquei submersa. Então relaxo, sentindo-a recuar como um animal à espreita.

Patrick e eu nos separamos essa manhã sem qualquer menção de quando nos veríamos novamente. A ideia de perguntar se nos veríamos outra vez não me passou pela cabeça. Agora isso me soa natural. Uma parte específica do meu mundo. Senti o carinho quase reverente na forma em que ele olhou para mim, a gentileza com a qual me deu um beijo de despedida.

Eu tenho várias flores de lótus. O bastante para reconstituir uma parte da vida de alguém. Apagar as partes feias e reiniciá-la, retornando aos momentos mais agradáveis. No quarto, enquanto seco os cabelos avisto a fotografia que está próxima à mesa de cabeceira. O retrato do casamento do casal Braddock, exibindo, pelo sorriso reluzente de Sylvia, toda aquela esperança. Aquela parece a versão mais autêntica dela que acabou por ficar presa dentro da outra mulher que se tornou. As encarnações assustadas, frustradas e irritadas. A mãe de luto, a mulher intensa e entristecida envolvendo Henry em seus braços para então esquecer de todo o restante.

Aquela primeira mulher, otimismo puro. Esta é aquela que eu poderia trazer de volta. Aquela a quem poderia guiar escuridão afora. Me recordo do que Patrick tinha dito na noite passada, naquele universo distante que ocupamos no lago. Quando Sylvia trouxe meu corpo de volta à superfície da água.

O momento em que fez frente à pressão do tempo, recusando-se a permitir que esse segundo corpo afundasse no mesmo espaço solitário que o primeiro.

Pressiono o rosto com uma das mãos, a pele ainda úmida e cheia de gotas d'água do banho. Eu me encho de gratidão por ela ter me dado essa chance. Na mesma intensidade na qual os segredos do coração dela foram expostos para mim, Sylvia também conhece os meus. Ela sabe o que já fiz, as partes de mim que escondi de todos os outros. E, ainda assim, ela devolveu o ar a meus pulmões. Ela fez o batimento do meu coração retomar seu ritmo; e soltou uma lufada morna em minhas pálpebras, convencendo-as a se abrir tal qual pétalas de flor.

NA SEGUNDA-FEIRA APÓS meu expediente na Elysian Society, estou cansada. Um mero dia fora da rotina já afetou minha habilidade de imergir por completo no trabalho. Eu me sinto, outra vez, como uma nova trabalhadora. O fluxo constante de esperança dos meus clientes consumiu o oxigênio do meu cérebro. Estou preparada para voltar para casa e dormir. Quando vejo a silhueta de um homem em pé próximo ao meu carro à luz do fim de tarde, olhando em uma direção que não a minha, paro.

Ele ergue o olhar. É apenas Lee. No mesmo instante, ajusta a postura: endireita os ombros e abre um sorriso em contraste com os olhos sérios.

Eu me aproximo dele enquanto vasculho a bolsa pelas minhas chaves.

— Olá, Lee — digo. — O que você faz aqui fora?

— Queria conversar. — A luz do pôr do sol é uma mistura estranha de claro e escuro, tudo fica iluminado de uma forma vaga. — Eu procurei por você ontem, mas não a encontrei.

Coloco a chave no fechadura do carro.

— Deve ter sido apenas um desencontro.

— Me diga que isso não tem a ver com Patrick Braddock.

Congelo.

— Talvez você não esteja mais se encontrando com ele aqui — prossegue ele. — Mas eu não sou ingênuo. Eu sei que o que está acontecendo geralmente não ocorre dentro desse prédio.

Eu deveria ir embora e deixar Lee com essa pergunta suspensa no ar. Porém, alguma coisa me impede. Uma afeição inesperada por ele brota no meu peito. Durante todos esses anos ele foi um dos poucos que tentou entender uma versão de mim que vai além do vestido branco.

— Eu tenho me encontrado com Patrick — cedo. — Na casa dele, como sua esposa. Como Sylvia.

— E é isso que você realmente quer?

Abro minha boca para dizer, *é claro que quero isso*, mas não há certeza nesse pensamento. Sou traída pelos meus desejos. Uma vez conquistado o que desejava, tudo o que restou foi mais desejo, o próximo tomando o lugar do último tal qual um demônio indo de hospedeiro em hospedeiro. Eu deveria ter me lembrado que desejar é assim. Sempre indo cada vez mais fundo em um caminho de novas complicações, insaciável. Por um momento sinto falta da antiga versão de mim: a mulher que havia ensinado a si mesma a parar de desejar.

O rosto de Lee, contra a luz, está inexpressivo.

— Eu odeio ver você envolvida nisso — ele diz. — Você é melhor do que o que ele pode oferecer. Você não é farinha do mesmo saco que os Braddock.

— Talvez você não me conheça assim tão bem.

— Eu sei que você está apaixonada por Patrick.

Não consigo nem sequer abrir a boca para contestar.

— E sei que pode ser que Patrick não seja capaz de retribuir o sentimento.

Considero a ideia de ferir Lee, apertando o pescoço dele com as mãos. Fico chocada com o quão real essa imagem é, desdobrando-se em cores na minha mente. A sequência de violência inesperada quase me deixa enjoada.

— Há uma cliente com quem venho trabalhando desde que comecei — diz Lee. — Ela me disse um tempo atrás que ia se casar. Eu desejei felicidades e me despedi. O casamento ocorreu há alguns meses. Ela já voltou aqui muitas vezes desde então para falar com seu marido. Seu primeiro marido; imagino que seja isso que ele se tornou. Eu não faço perguntas, mas fico preocupado. Eu não tenho certeza se o novo marido dela sabe das visitas. Talvez ele as aprove. Ou então apenas as tolere.

Um grupo de corpos sai do prédio, deslocando-se próximos uns aos outros, em silêncio e inclinados. Entre eles, uma mulher mais velha lança um olhar perfurante na direção de Lee e eu, juntos.

— Então, o que você faria? — pergunta Lee gentilmente. — Caso Patrick seguisse em frente, casasse de novo. Tivesse filhos com alguém novo. Se ele continuasse a vir para contatar Sylvia, aceitaria isso sem problema?

— Ele não faria isso.

— Você tem sua própria vida, Edie. Não precisa compartilhar a vida de outra pessoa. — Ele toca minha mão.

Lee leva uma vida comum. Um amante comum, livre e pouco exigente. Eu encaro a mão dele na minha pele: a ausência das sardas douradas de Patrick. A ausência da aliança de casamento de Patrick. De modo incerto e pequeno, algo desperta dentro de mim. Não o desejo que sinto por Patrick se apoderando de mim num segundo, mas, sim, uma faísca calorosa e vulnerável. Uma fagulha que eu precisaria nutrir.

Retiro minha mão rapidamente.

— Preciso ir embora.

— ESTOU FELIZ QUE você veio hoje à noite — diz Patrick, seu peso se movendo contra o meu. — Eu não tinha certeza de que viria. Depois...

— Eu quis vir.

O som de risadas surge em tom crescente do lado de fora. Os vizinhos de Patrick estão dando uma festa; eu percebi ao estacionar. A iluminação feita com lanternas de papel, o zumbido e a mistura de vozes.

Parece ser o tipo de evento ao qual os Braddock teriam comparecido como casal, andando pelo espaço de braços dados. Esbanjando sorrisos charmosos e contando piadas leves sobre o quanto demoraram no caminho, *presos no trânsito*. Por um instante melancólico quis me juntar à festa. Senti vontade de colocar meu vestido verde e adornar meu pescoço com joias, e então sentir a mão de Patrick repousar na curva da minha cintura. Todos aqueles olhares registrando nós dois, juntos, a curiosidade fútil deles ao examinar a substituta de Sylvia.

Agora estamos deitados a sós na cama, banhados por um toldo de luz fragmentada e colorida das lanternas lá de fora, ampliadas em um ângulo contra o teto. Quando a brisa sopra, as manchas brilhantes de luz se agitam e balançam.

— Eu entenderia se você me odiasse — diz Patrick. — Após saber de tudo.

Sinto meu coração apertar.

— Eu não odeio você, Patrick.

— Eu sinto o peso disso. — Ele prossegue como se não tivesse me escutado. — Essa barreira entre mim e as outras pessoas. Eu não consigo me aproximar sem imaginar o que elas pensariam caso me ouvissem dizer aquelas coisas.

— Você não teve a intenção de fazer nada daquilo. Foi o que você disse. Um momento terrível. Que não define tudo o que aconteceu antes dele.

O silêncio de Patrick é inquieto, permeado de incerteza.

— Posso perguntar algo?

Ele se mexe e sorri, meio distraído.

— Claro, claro que sim.

— Você perdoou Sylvia?

Ele se apoia nos cotovelos, encarando-me.

— Pelo quê? — pergunta ele. — Por causa de Henry? Ou por me deixar da forma como fez?

— Tanto faz. As duas coisas.

Ele se recosta novamente em um gesto impaciente, colocando o braço por cima dos travesseiros.

— Por muito tempo, fiquei obcecado pelo perdão dela. Achava que eu a compensaria e seguiria em frente. Mas... eu me pergunto. Se eu tivesse dito aquelas coisas, naquela noite, e Sylvia tivesse acordado na manhã seguinte, será que eu a perdoaria pelo que fez? Talvez eu só a tenha perdoado para trazê-la de volta.

Eu me forço a encarar o pensamento com calma, aquele que esteve enfiado no meu cérebro desde que descobri sobre Henry. É possível que nunca tenha estado apaixonada por Patrick. Meu coração é tão simples e tolo que só deseja o que outro alguém possui. Eu me sinto atraída pelo próprio desejo em si, e

não pelo homem por trás dele. Até mesmo a luxúria emprestada de outra pessoa serve. E agora o amor de Sylvia por seu marido diminuiu, deixando-me sozinha.

Porém, o mais simples detalhe dele, até mesmo uma pinta preta na base de seu pescoço, me causa desejo.

— O que você quer... — Paro para organizar os pensamentos. — O que você quer é uma chance de se apaixonar novamente. Do seu jeito. Sem a sombra do passado se esgueirando, sem esses erros.

— E isso não é o que todos querem? — Ele fala baixo e com pesar. Ele não faz ideia, ainda, do quão importante esse momento é.

— Patrick, eu posso trazer Sylvia de volta por um período de tempo mais longo. Você poderia passar mais tempo com ela. Não apenas alguns minutos por vez, mas todos os dias. Da forma como costumava ser.

Próximo a mim na cama, sinto o corpo dele ficar tenso.

— Se for isso que você deseja — acrescento quando ele não me responde.

— Eu não entendo. — Patrick é tão cuidadoso quanto um homem que negocia com uma arma encostada na cabeça. — Trazê-la de volta de vez?

— Não de modo permanente, mas por um tempo. Um mês — respondo. — Mais tempo. O bastante para que você tenha Sylvia com você de novo, sem interrupção. Você poderia abraçá-la à noite. Acordá-la pela manhã. Fazer as coisas que imagina ter sentido falta.

— Mas você estaria tirando horas da sua vida. Semanas. Meses, talvez. Eu não compreendo por que faria isso.

— Porque eu sei como é. Sei como é perder alguém que você ama. Perde também todas as possibilidades que compartilhava com aquela pessoa.

De repente, do lado de fora, uma voz se sobressai do murmúrio e barulho dos festeiros. A voz esbanja uma jovialidade desesperada, como se o falante estivesse tentando por muito tempo provar isso e só tivesse uma chance: *O coração quer o que quer.*

— Como você saberia disso? — pergunta Patrick.

— O quê?

— Como você poderia saber como é perder alguém? — Ele está um tanto confuso, como se eu tivesse cometido um pequeno erro burocrático. Soletrado meu nome errado ou falado um dígito incorreto da minha data de aniversário.

Não consigo responder. Tenho sido tão meticulosa. Tão constantemente cautelosa que a própria cautela em si se tornou invisível, como se eu nunca tivesse conhecido nada além dela. Como se tivesse nascido me escondendo. E agora deixei transparecer minha essência sombria com tanta casualidade como se tivesse derrubado um copo. É um erro tão grosseiro que parece ser de outra pessoa.

— Por conta dos meus clientes — digo. — Já faz cinco anos que estou cercada pela morte.

Para meu alívio, ele acena com a cabeça. Eu me permito relaxar novamente. Aos seus olhos, essa indiscrição nem deve ter importado, ofuscada pelo fator principal.

— Se eu puder dar isso a você e Sylvia, então vou dar. — Eu me viro para ele. — Ficarei feliz em fazer isso.

No teto acima dele, uma luz vermelha pulsa e tremula. A risada de uma mulher entra no quarto como uma brisa.

— Você vai ao menos pensar nisso? — pergunto.

— Sim. Vou pensar.



EU SEI EXATAMENTE quando ir até ele. O momento do dia em que ele está com a guarda baixa. Sexta-feira no final da tarde, o céu preenchido por nuvens longas e escuras. Eu estaciono o carro no final do quarteirão e vou a pé até a casa deles. Ao me aproximar, noto que o carrinho de bebê não está no lugar habitual próximo à porta. A entrada para carros está vazia. Um cachorro de algum dos vizinhos late sem parar.

Em vez do visual discreto de Lucy Woods, ou meu uniforme da Elysian Society, escolhi usar um vestido preto e justo. Um modelo frente única com tiras delicadas. O batom de Sylvia cobre meus lábios.

Toco a campainha. Uma música abafada ecoa de dentro da casa, a linha do baixo cortante como uma voz irritada e enrolada. Toco de novo. Após um segundo o som é interrompido de forma abrupta. Passos se aproximam; a porta se abre.

Ele estava esperando ouvir um discurso de vendedor, um vizinho enxerido. Ele está sorrindo de modo educado demais, as mãos fechadas em punhos próximas aos quadris. Fica parado na entrada todo acanhado. Quando ele me reconhece, fica mais tenso.

— Posso entrar? — pergunto.

— Viv não se encontra no momento.

— Tudo bem. Preciso falar com você.

Atrás dele, o suporte para casacos está abarrotado de objetos. O casaco acolchoado de Ben, um chapéu de praia, um guarda-chuva feito para parecer um sapo. Folhetos coloridos de supermercado espalhados próximos à caixa de correio. É um cenário simples e agradável. Henry não se enquadra dentro desse espaço.

— Eu disse pra você ficar longe de nós — avisa ele.

— É sobre Sylvia.

Ele fica em silêncio por um instante longo demais, como se estivesse suprimindo de propósito qualquer reação à minha menção dela.

— Fracamente, não tenho nada para dizer a você sobre Sylvia Braddock. — Percebo seu tom formal ao usar o sobrenome dela. — E eu não tenho tempo para...

— Eu estive no lago.

Ele olha ao redor rapidamente, de modo instintivo checa se alguém entreouviu nossa conversa. Estamos a sós; as casas vizinhas estão em silêncio exceto pelo barulho constante e implacável dos latidos.

— Apenas entre.

Eu passo próximo o bastante dele para sentir o odor de desodorante. Henry fecha a porta atrás de mim. Sem dizer nada, ele me conduz até a sala de jantar, na qual se posiciona perto da entrada, o que cria a sensação de que está prestes a sair. Como se esta fosse minha casa, e ele, um visitante apreensivo. Eu me acomodo em uma das cadeiras da mesa de jantar. Uma tigela com cereal está em cima dela e anéis rosados flutuam e se sobrepõe na superfície do leite.

— Como tem passado sua família nos últimos dias? — pergunto.

Ele ri.

— É sério? — Então ele endireita as costas, entrando no meu jogo. — Minha esposa está bem. — Seu tom é educado demais. — O bebê está bem. Todos estão ótimos.

— Fico feliz.

O sorriso exagerado dele se desfaz, revelando sua tensão.

— Vamos direto ao ponto — diz Henry. — Terminar com isso logo.

— Preciso saber sobre seu relacionamento com Sylvia Braddock.

— Ela era uma amiga. — Rápido e casual: ensaiado. Ele estava prevendo isso. — Uma amiga de família.

Você sabe disso.

— Isso é o que você me contou até agora, sim — concordo com ele.

Henry alterna o peso do corpo para o outro pé.

— Você não é uma investigadora ou algo do tipo, é? Todas essas perguntas... Você precisa de uma daquelas lanternas. — Ele abre o punho em minha direção, os dedos esticados indicando os raios examinadores de uma luz de interrogatório.

— Henry, eu já sei — afirmo. — Você não precisa mais esconder.

Ele me encara.

— Você pode me contar o que aconteceu entre você e Sylvia — digo. — Não vai lhe causar mal algum agora.

Talvez tenha sido o tempo trabalhando na Elysian Society que modelou a minha voz à intensidade certa, ao tom persuasivo de um soro da verdade. Henry parece quase aliviado. Eu me dou conta de que ele não teve como falar sobre isso com mais ninguém.

— Comece do princípio — digo.

— Nós nos conhecemos através de Patrick. Nos entrosamos, mas no começo éramos apenas amigos. Os Braddock já estavam casados há anos. Eles me tratavam como a um irmão mais novo. Como solteiro. Nada acontecia. Um flerte, talvez. Coisa inocente. Ela estava sendo gentil com um cara sem namorada.

“Tudo começou cerca de três anos atrás. Logo depois de eu começar a namorar Viv. Eu sei como isso deve parecer. Não foi de propósito, não da minha parte. Sylvia me apresentou à Viv. E Viv é ótima, nos demos bem logo de início. Mas foi como se me ver com outra mulher tivesse clareado as coisas para Sylvia. Ela tinha que me ver com outra pessoa antes de saber que me desejava. Ter a atenção dela me lisonjeava... E muito. Você chegou a vê-la, certo?”

— Eu a vi.

— O lago Madeleine foi ideia dela. Longe o bastante para que ninguém nos reconhecesse. Inventávamos desculpas. Viagens a trabalho, finais de semana com amigos. Sylvia quase queria ser pega. Ela era descuidada. Tiramos fotos. De novo, ideia dela. Polaroides. Eu sempre ficava aterrorizado com a possibilidade de uma delas cair nas mãos erradas, mesmo que Sylvia sempre ficasse com elas. Ela geralmente destruía a maioria bem na minha frente, no dia de irmos embora. Nada era real para ela até que visse uma foto daquilo. O contrário do que deveria ser.

Do lado de fora, o cachorro continua a latir em um ritmo cadenciado, como uma máquina produzindo um barulho automatizado. O cheiro na sala — um forte odor de manjeriço e de tomates enjoativos — denuncia o jantar da noite anterior. Penso nos dois vestígios do tempo no lago que permaneceram intactos sem o conhecimento de Henry.

— O relacionamento com Viv foi ficando mais sério — diz Henry. — Nós nos casamos depois de um ano e pouco e tornamos isso oficial. Eu não podia viver uma vida dupla. Eu havia visto como era o casamento de outro casal e queria isso para mim. A coisa real. E não tomar emprestado o deles.

Sinto uma onda forte de indignação. Não estou certa a quem ela pertence.

— Eu tentei terminar tudo — continua Henry. — Sylvia ficava dizendo que ela já estava casada, por que isso deveria me impedir? O meu casamento era mais importante do que o dela? — Ele corre uma das mãos pelos cabelos. — Isso tudo parece uma coisa que outras pessoas fazem. Estranhos.

O remorso em sua voz é evidente. Cuidadosamente engehado para soar autêntico, mas com um tom de provocação velado: Henry buscando ser notado, admirado.

— E então o bebê — digo, recusando-me a cair na dele.

— O bebê. — Ele hesita; quando volta a falar, a voz está mais calma. — O bebê mudou as coisas. Eu parei de atender as chamadas dela, parei de vê-la. E planejei um final de semana com Viv no lago. Eu queria mandar uma mensagem para Sylvia.

— Ela seguiu você. Com Patrick.

— Nada mais justo. — O sorriso rápido de Henry estranhamente se destaca como se fosse um membro amputado do seu corpo. — Ela estava sedenta por sangue. Ficou o tempo todo conosco durante o final de semana. Isso me deixou maluco. O Patrick foi um inútil. Eu acabei ficando sozinho com Sylvia e minha esposa, fingindo que tudo estava normal.

Eu mal comi hoje. Meu estômago e cabeça são preenchidos pela sensação de fome.

— Viv contou sobre a gravidez para Sylvia. Não fazia parte do meu plano. Sabíamos fazia apenas algumas semanas. Retornamos e Viv foi dormir. Ela ainda estava se adaptando à gravidez. Ela dormia um sono muito pesado. Graças a Deus. Não precisava saber quando os dois vieram bater na porta, tentando me arrastar para briga deles.

— Briga deles — repito.

Henry deve ter notado minha ênfase sutil na segunda palavra. A boca dele se contorce.

— Eu fiquei fora dela. Não era minha briga. Eu não poderia tomar partido e consertar um relacionamento com aquela quantidade de problemas. Eles pareciam estar bem, mas conversando com ela eu me dei conta do quanto eles estiveram escondendo. Eu não poderia assumir aquilo. Eu tinha minha própria vida. — Uma pausa. — Eu *tenho* minha própria vida.

Eu lanço um olhar ao redor. Uma fotografia emoldurada de Ben recém-nascido, seu corpo encolhido como em um botão de flor. As sandálias de solas escurecidas de Viv, largadas de qualquer jeito perto do batente da porta. Era isso que requeria a ausência de Sylvia: o encanto sufocante de uma vida comum.

— Por que você não a seguiu? — pergunto.

Logo de cara ele sabe o que eu quero dizer. Passa ambas as mãos pelo rosto.

— Seguir Sylvia teria passado a mensagem errada, eu teria sido puxado de volta à situação toda.

Água escura se espalhando ao redor da minha cintura, se expandindo em círculos brilhantes, anéis banhados pelo luar.

— Todo dia eu penso nela lá fora. Sozinha. Esperando que alguém a seguisse. Mas eu não fazia ideia. Você precisa acreditar em mim. Eu não fazia ideia do que ela iria fazer.

Um alerta surge na minha cabeça, pequeno e rápido demais para que eu pudesse examinar por completo suas implicações.

— Mas deu tudo certo para você, não deu? — pergunto, em vez disso. — Se Sylvia tivesse acordado no dia seguinte, você ficaria sempre preocupado que ela expusesse você. Que mencionasse sobre isso com Viv ou um amigo. Como ela morreu, não precisa se preocupar.

Henry me observa, seus olhos estão ocultos.

— Um tempo atrás você me disse que Patrick era infiel à Sylvia — digo abruptamente.

Ele dá de ombros.

— Você mentiu pra mim.

Ele parece perturbado com essa súbita troca de assunto.

— Isso não importa mais.

— Essa é a mentira que você tem contado a si mesmo, não é? — Estou tão calma que quase pareço gentil. — Dizendo isso a qualquer um que queira ouvir. Para você não basta destruí-los e sair impune.

Você também precisa se livrar da sua culpa. Você precisa transferi-la para Patrick.

Encaramos um ao outro. Meu olhar é duas vezes mais penetrante que o dele. Como a irregularidade de um cômodo lotado de pessoas que encaram um único objeto. Ele também deve perceber isso; rompe contato visual para olhar o chão.

— O que você quer que eu faça a respeito? — ele questiona em voz baixa e áspera. — Sylvia não ia querer que eu arruinasse minha vida. Ela sabia qual o significado de família para mim. — O cachorro de repente silencia lá fora. — Patrick não tem nada a perder — prossegue Henry, sua voz mais alta no vazio que nos cerca. — Ninguém sabe o motivo de ele ainda estar aqui. Sem amigos. Sem vínculos. Ele deveria ter ido embora à essa altura. Ele é um peso morto na empresa, faz trabalhos que deveriam ir para estagiários adolescentes. Eu iria embora se fosse ele. Sou eu quem tenho uma vida a proteger.

Eu rio. O som deixa nós dois alarmados.

— Você vai me dizer quem você é? — pergunta Henry, agora de forma hostil. — Você entra na minha casa. Você está perseguindo minha família. Para quê? Para descobrir que eu traí minha esposa?

Passo a língua pelos lábios, sentindo de leve o gosto penetrante do batom.

— Agora você sabe — diz Henry. — Você sabe o que eu fiz, você sabe que acabou. O que quer que esteja fazendo, pode seguir em frente.

Ouve-se o som do carro estacionando na entrada. Pneus arranhando a calçada, o zumbido do motor que se transforma em silêncio. A porta se abre.

— Eles chegaram. — E então Henry vem na minha direção de forma bruta, como se estivesse expulsando um animal selvagem. — Não podem vê-la aqui. — Ele me segura pelo cotovelo, erguendo-me.

A porta do carro bate. Um segundo depois, ouve-se um rangido enquanto outra porta é aberta. Imagino Viv se inclinando sobre o assento do carro, murmurando para o filho enquanto desafivela e liberta Ben do cinto.

A mão de Henry é como um nó apertado na parte inferior das minhas costas, guiando-me para a cozinha. Há uma porta no final de um pequeno corredor. Eu me desvencilho de Henry e viro para encará-lo. Sua expressão facial é tensa como um punho fechado, seus olhos marejados e duros. Nossos corpos estão tão próximos um do outro que sinto o calor brotar do dele.

— Talvez eles devessem me ver aqui — digo com prazer. — Quanto você contou a ela?

— Não faça isso.

Ouvimos o som de passos subindo as escadas. A voz abafada de Viv cantando e falando com o bebê.

Estudo Henry. Barba rente à pele, o surpreendente volume de sua boca; o castanho claro superficial de seus olhos, como um café fraco. Sylvia deve ter olhado esse rosto com amor.

O retinir e estalo das chaves na porta da frente.

— Vá embora — pede. — Por favor.

Eu dou um passo e ficamos tão próximos que nossos quadris e peitos se tocam suavemente. Henry fica imóvel, segurando o fôlego. Ouvimos a porta se abrir, o baque seco de sacolas pesadas despejadas no chão.

— Alguém em casa? — chama Viv.

Eu deslizo minha mão pelo corpo dele. Pela barriga, cintura. Pressiono a mão em seu corpo e sinto-o se agitar em seguida. Henry me segura pela cintura, puxando-me para mais perto com a urgência de um homem dentro de um sonho. O nome dela fica na ponta da língua.

Os passos de Viv ecoam pela sala de estar, claros e presentes contra o piso.

Eu me afasto do marido de Viv, deslizando porta afora. Desço as escadas do fundo; passo pelo portão sem fechá-lo atrás de mim, deixando bater contra a lateral da casa e voltar; passo pela entrada, pelo sedã

de Viv. Não me importo, agora, se Viv olhar para o lado de fora e vir o choque bruto do passado, lançando recordações no futuro dela.



ESTOU PRESTES A entrar no quarto 12 para encontrar com meu primeiro cliente do dia. O sr. Watts, cuja irmã mais nova faleceu tanto tempo atrás que sua única fotografia está desgastada pelo tempo e amarelada. Alguém toca meu ombro e me impede de prosseguir. Eu me viro, confusa.

Jane, de forma profissional, estende a mão e esfrega o polegar com força contra meus lábios. Eu sinto a pele dela, um gosto amargo de sabonete líquido. É um momento que causa tanta surpresa que fico completamente parada, como uma criança obediente sendo cuidada por uma mãe impaciente.

Jane afasta a mão e estende o dedão como se estivesse exibindo uma prova ao tribunal. O dedo dela está todo borrado de batom.

— Ainda usando seu batom favorito? — pergunta. — Os seus outros clientes não vão gostar muito dessa cor vulgar.

Instintivamente, toco minha boca.

— Eu me esqueci. Me desculpe, Jane. Isso não vai se repetir.

— Por que você está aqui? — pergunta ela.

Estou bastante ciente do quanto estamos vulneráveis, em pé na entrada do quarto 12. Qualquer um poderia nos ver. No restante do corredor escuro, algumas portas estão fechadas, mas outras encontram-se entreabertas, à espera de clientes e corpos. Percebo algo proveniente do quarto 10: um apelo, um soluço.

— Mesmo depois de toda aquela confusão com Ana e Renard, você simplesmente continua voltando. Sumiu naqueles dias e eu pensei que tinha ido embora. Mas aqui está você.

— Eu não vou abandonar meus clientes — digo. — Eles contam comigo.

Ela faz um barulho profundo com a garganta.

— E quanto a você? — pergunta. — Conta com seus clientes?

Meu rosto fica vermelho, me constringe a forma simples com que ela me decifrou. Jane está certa. Não há motivo algum para eu voltar. Mas eu não tenho certeza de que outra maneira poderia preencher meus dias. Todo esse espaço que vai surgindo dentro de mim, debaixo da minha pele, sem ter o alívio seguro das flores de lótus.

Jane estende a mão e dá um tapinha no meu antebraço, um gesto sem afeto algum.

— Você não é a primeira pessoa que usa esse lugar para se esconder. E não será a última. Mas você é, com certeza, a que mais tem durado. Eu admito, estou curiosa pra ver o que seria preciso para te afugentar.

Fixo a atenção na palavra *esconder*. Meu corpo está com a sensação de ter sido virado do avesso, tudo o que ficava protegido no escuro de repente revelado à luz corrosiva.

— A sra. Renard contou a você? — pergunto.

— Contou o quê?

Não consigo saber se há um tom de desafio velado em sua voz ou não.

— Nada — digo. — O que quer que você pense a meu respeito, Jane, estou aqui pelos meus clientes. E é isso.

Ela lança um olhar para a mancha de batom em sua pele, e então esfrega o dedão na saia.

— Vou pedir que seu próximo cliente entre, Eurydice.

— NÃO TEM muito um clima de lar — digo. Paro na soleira, com a chave na fechadura, hesitante. — Não cheguei a decorar, ou...

— Edie, está tudo bem — ele diz ao tocar o espaço entre meus ombros. — Estou feliz por você ter me convidado.

Deixo a porta abrir aos poucos. É um apartamento tão pequeno que é possível tomar conhecimento dele inteiro parado na soleira. Eu o limpei recentemente. De alguma forma isso torna o espaço mais triste, o cheiro forte de desinfetante de limão permeando todo o ambiente. Isso simboliza que eu tentei impressioná-lo, mas, ainda assim, o lugar é inadequado. O espaço que ocupo é uma mera fração da casa dele.

Patrick me segue para dentro. Acima de nós, a música que um vizinho toca vibra como o disparo de uma metralhadora.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Há alguns anos.

— E você ainda não desempacotou tudo? — Ele está provocando; gesticula para a fileira organizada de caixas junto à parede.

— Ah. Isso tudo são informações dos clientes.

O rosto de Patrick enrijece de modo intencional e sério. Ele lança novamente o olhar sobre as caixas sem marcação. Imagino a cena pelo olhar dele, e as caixas se multiplicam. Tantas outras vidas e outras mortes e outros corpos. Eu me pergunto se ele está confuso por essa evidência visual resumindo quanto tempo dediquei aos entes queridos de estranhos.

— Você gostaria de beber alguma coisa? — pergunto. Insegura, hoje à noite, no caminho de volta para casa do trabalho, procurei e comprei a mesma marca de vinho que Patrick sempre tem em casa.

— Claro. — Ele sorri. É quase como se ele estivesse me fazendo um favor. Eu me sinto como um criança dando uma festa do chá para um adulto indulgente.

No entanto, quando volto da cozinha, ele não está mais ali. Segurando com força as duas taças de vinho, me apresso pelo corredor para encontrá-lo no meu quarto. Meu coração se esvazia. Ele está parado no centro, cercado por fotografias espalhadas. Fotos na minha escrivaninha, na mesa de cabeceira, em um leque no chão e também no parapeito da janela. Não pensei em escondê-las. Elas são uma parte tão natural da paisagem que é a minha vida que meus olhos não mais registram as memórias dos Braddock.

— Patrick, eu sinto muito... — começo.

— Por que sentiria?

— Você não está chateado?

Ele parece confuso.

— Eu dei as fotos para você.

O laranja estridente do frasco cheio de flores de lótus está evidente na minha escrivaninha. Já faz quase uma semana que voltamos do lago Madeleine. Estamos evitando o assunto de quando será a próxima vez em que ele verá a esposa.

Patrick se inclina para pegar uma foto do meio da minha cama desfeita. Ele a examina antes de virar a polaroide para mim.

— Onde você encontrou esta?

Sylvia e Henry.

— No lago — digo. — Ela deve ter deixado isso para trás por acidente, em uma das visitas.

Ele solta a foto. A esposa dele flutua até o chão.

Minha hesitação dura apenas um instante.

— Eu fui vê-lo — digo. — Henry.

Patrick me encara.

— Você não tá falando sério. — E então: — Ele sabe quem você é? O que fazemos juntos?

— Não — respondo rapidamente. — Não. Ele sabe que nos conhecemos, mas... mas não sabe sobre ela.

— Não menciono que andei visitando a casa dos Damson regularmente, que sentei com Viv e nos aprofundamos nos resíduos da vida particular de Patrick.

— Edie. — Patrick inspira, deixando o ar sair em um suspiro pesado. — Você não pode fazer isso. Ele não faz parte disso. Ir atrás dele só vai me trazer problemas.

— Depois do que você me disse, eu tive que falar com ele.

— Não seja tola. — Ele está cansado, a irritação tão breve que não transparece qualquer aspereza. — Henry e eu estivemos evitando um ao outro. É uma merda, mas é uma trégua. Agora que você o procurou, não sei como ele vai reagir, o que fará...

— Algo que ele disse me incomodou — digo. — Ele disse que odiava pensar que Sylvia estava lá fora na água, completamente sozinha. Mas você deixou o chalé logo depois dela. Você não disse para Henry onde estava indo. Como ele sabia que você não foi atrás da sua esposa?

Patrick esfrega a mão na boca.

— E se ele a seguiu? — pergunto. — Ele sabia que ela estava sozinha. Ele sabia que você não estava com ela, porque ele foi atrás dela. Talvez Henry esteja mais envolvido com a morte dela do que admite.

— Não — diz Patrick. — Não pense assim. Nós sabemos o que aconteceu. — Ele faz uma pausa e, quando fala de novo, seu tom é gentil. — Eu sei por que está dizendo isso. Você não precisa.

— Por que estou fazendo isso?

— Você está tentando me ajudar. Me livrar da culpa. Mas eu sei o que fiz. Eu a magoei e a perdi. Foi minha culpa que ela tenha morrido naquela noite.

Levo a informação em consideração, surpresa demais para argumentar.

— Ou talvez você esteja fazendo isso por si mesma — prossegue ele. — Provando que eu não afastei Sylvia. Você não consegue ficar comigo até convencer a si própria de que ela queria viver, e que queria viver comigo. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha; a intimidade inesperada do toque da ponta dos dedos dele me aquecem a têmpora. — Caso você tenha mudado de ideia, vou compreender.

— Sobre nosso plano?

— Eu quero fazer isso. Eu ia contar hoje à noite. Mas se tomei a decisão tarde demais...

— Patrick — digo, e todo o restante desaparece.

— Nós iremos embora. Deixaremos esse lugar pra trás. Não há nada aqui pra mim, não tem havido há tempos. Caso Sylvia tivesse permanecido comigo, teríamos nos mudado e encontrado um novo começo em algum outro lugar. É o que podemos fazer agora. — Ele pausa. — A menos que você tenha um motivo para ficar.

A Elysian Society; o quarto 12; meu leal vestido branco. Meus clientes. Será que algum vai de fato sentir minha falta? Ou será que vão dar de ombros, suspirar, e conformados com a pequena inconveniência seguiriam em frente, ao próximo corpo? Imagino o mundo sem o perfume e as joias de outras pessoas. Sem o amor de estranhos constantemente me cercando sem me tocar de verdade.

— Eu quero ir — digo. — Claro que sim.

O ESCRITÓRIO DELA está vazio na manhã de hoje, a porta se abre ao meu toque. É a primeira vez que vim ao escritório da sra. Renard e o encontrei abandonado. Sem a sua presença, o espaço parece ter

encolhido. Uma caixa torácica sem um coração. As lombadas dos livros deixam de ser artefatos místicos e viram lixos surrados; os vidros das janelas estão cobertos de pó.

Quando a sra. Renard volta, estou à espera dela. Ela para na soleira, olhos sem expressão, que então se arregalam de leve. É possível notar que ela está incomodada por me ver. Eu endireito a postura na cadeira.

— Eurydice — diz a sra. Renard, fechando a porta ao passar. Tomando seu lugar atrás da mesa, as mãos dela vagam por um instante sobre os papéis e canetas, como se checasse se eu não tinha tocado em nada. — Eu não estou preparada para atender ninguém hoje.

— Estou aqui para falar sobre Thisbe.

A expressão dela não se altera.

— Eu não me lembro de nenhuma Thisbe.

— Ela foi embora em janeiro.

— Janeiro? — repete. — Eurydice, iremos agora mesmo à sala de espera e eu pedirei que você diga os nomes dos corpos que estão lá. Corpos que têm trabalhado há anos. Você não será capaz de fazer isso.

— Eu tenho um motivo para acreditar que Thisbe foi morta por um cliente.

O momento se alonga. Eu quero que ela me conforte: afaste esse sentimento de culpa que anda circulando em mim, apague essa outra versão da Elysian Society. Mas a sra. Renard sorri de modo abrupto e insinuante. Fica assustador nela, contradizendo sua costumeira atitude imperiosa.

— Laura Holmes trabalhou como Thisbe — prossigo. — Foi o corpo dela que encontraram. Laura estava possuída quando o corpo dela morreu. Meu medo é que ela tenha fugido com um cliente enquanto estava tomada. Ela nem sabia o que estava acontecendo. E ele a matou.

De repente, a sra. Renard se inclina sobre a mesa, os dedos emaranhados em um nó. Consigo ver o pulso na pescoço dela, rápido e intenso.

— Preciso da sua ajuda — digo. — Você pode verificar quais clientes trabalharam com Thisbe e descobrir quem poderia ter feito isso.

— Eu não pude protegê-la — diz a sra. Renard. — Eu tentei. Acredite.

Eu recosto na cadeira. Meus dedos se contraem instintivamente, como se eu estivesse tentando agarrar uma superfície segura no começo de uma grande queda.

— Ela estava fugindo de si mesma — prossegue a sra. Renard. — Eu já vi alguns desses tipos passarem por nossas portas. Pessoas que esperam ganhar dinheiro rápido antes de passar para a etapa seguinte. Eu fiquei feliz por dar à Thisbe uma chance, mas ela estava xeretando onde não era chamada. Ficando à vontade demais em frente aos seus clientes. Sempre tomei o cuidado de dar aos clientes apenas o suficiente, entende. Dê a eles demais, e quem sabe o que vai acontecer?

Eu tenho uma visão da sra. Renard nos avaliando criteriosamente, pesando-nos como se fôssemos peças de carne. Cortando um dedo mindinho ou uma dobra de cotovelo, organizando lábios ou um único globo ocular brilhante em um prato. Servindo-nos aos clientes com um sorriso vigoroso.

— Thisbe... — recomeça.

— Laura — corrijo. — Chame-a de Laura.

Ela pisca, surpresa.

— Laura, então — diz a sra. Renard, como se agradasse a uma criança. — Laura não era firme em sua própria identidade. Ela era uma presa fácil. Quando alguém quis o corpo dela mais do que ela própria, não houve nem conflito. Tudo aconteceu tão rápido.

A sensação de náusea toma conta da minha mandíbula.

— Eu fui descuidada — diz a sra. Renard. — Admito. Eu faço muito para proteger meus corpos. Mas tenho andado exausta. Esse emprego pode pesar em você, Eurydice, mas não tem ideia de como pesa em

mim. E às vezes eu falho. As vezes eu deixo os clientes errados passarem. Laura pagou o preço. É algo com o qual sempre terei de conviver.

Uma sensação de tontura percorre a parte de cima da minha cabeça.

— Quem era? — pergunto.

Ela não me responde e seus olhos se apertam um pouco.

— O cliente — digo. — Quem era o cliente errado?

— Ah, bem... Isso pouco importa agora, não é? Um homem cuja esposa não era a mulher que ele fingiu ser. A esposa dele era profundamente perturbada, um fato que ele escondeu de mim com muita habilidade.

— Me diga o nome dele.

Um sorriso astuto.

— Sr. Richards. Um cliente novo. Você nunca o conheceu.

O alívio que sinto é tênue e frágil, pontuado com o reconhecimento da traição que acabei de cometer. Eu não deveria ter precisado perguntar. Deveria confiar totalmente em Patrick.

— Por que você não a ajudou? — Espero que a sra. Renard não perceba o tom de decepção que empurra a pergunta para fora da minha boca rápido demais.

— Eu fiz o que pude. Recusei o sr. Richards. Me certifiquei de que Laura parasse de tomar flores de lótus. Algumas pessoas devem ter levado para as ruas. Aquelas operações menores, já os vi fazerem isso... abandonarem os corpos. Deixar a natureza resolver. Errantes e despercebidos. É uma forma covarde. Eu a levei comigo. Para minha própria casa.

Seu tom de voz é ferrenho e desafiador, delicado com um fio. Isso me assusta mais do que se estivesse irritada. É um sinal de que tem defendido a si mesma em sua própria mente, durante todos esses meses.

— O que mais eu poderia ter feito? — pergunta a sra. Renard. — Laura veio até mim sem família, sem histórico. Eu queria ajudá-la. Eu nunca havia feito aquilo antes. Acolher um corpo na minha casa.

Há certa aversão em sua voz, como se ela tivesse aberto sua vida a uma contaminação crescente.

— Eu a mantive no meu quarto — diz a sra. Renard. — Eu a tratei como a uma pessoa normal, tentei me conectar com a pobre criatura. Ela estava calma o bastante no início. Eu lhe dei comida e água. Dei roupas novas. Um vestido de verão, não muito diferente do que vocês garotas usam aqui. Para que ela sentisse algo familiar. Mas aquele maldito brinco... eu não conseguia tirar dela. Toda vez que tentava, ela reagia como se eu estivesse tentando cortar fora a orelha. Deixei. Aquele enfeitezinho brega de Natal. Me insultando.

“Às vezes eu tentava conversar com ela como Laura, para me certificar de que ela ainda estava ali. Mas nossa... Eu já não a reconhecia mais. Eu não conseguia mais distinguir uma mulher da outra. E a expressão dos olhos dela, Eurydice. Era como falar com um animal selvagem. Ela parecia me enxergar e entender e então... puf, voltava direto para o seu próprio mundo.”

— Você podia tê-la ajudado. — Meu peito está apertado. — Laura não merecia aquilo.

— E quanto à outra mulher? É fácil se sentir penalizado por Laura. Mas considere a outra mulher. Ela retorna em um corpo para então descobrir que ele é todo errado para ela. Toda a raiva da vida passada dela colocada em um envelope novo que está se soltando nas bordas. Eu tive de testemunhar isso. Tive de conviver com ela por semanas, se desmantelando. Depois de um tempo, tentou escapar quando eu abri a porta. Tentou me atacar. Ela parou de se alimentar. Eu fiz o que fiz por misericórdia, Eurydice.

Posso sentir cada gota de suor escorrendo pela minha pele.

— Não foi um cliente que a machucou, coisa nenhuma — digo. — Você a matou.

— Não — diz a sra. Renard calmamente, como se apenas agora ela estivesse ponderando a ideia para, então, descartá-la. — Não. Ela já estava morta. Ambas já estavam. Eu não podia simplesmente permitir

que isso continuasse. Eu dei um fim nisso tudo. Não havia outra opção.

Os detalhes do assassinato da Desconhecida Esperançosa — aqueles abordados por apresentadores elegantes, apimentados pelas notícias — voltam à minha mente. Lesões produzidas por golpe contundente; um termo clínico, quando o ouvi pela primeira vez o achei tão simples que se tornou um eufemismo contraditório. Agora preencho os detalhes, dou consistência à cena com unhas e dentes. A sra. Renard com o corpo de Laura; levando-a, sem resistência, pelo pescoço, batendo a cabeça dela contra a parede. Repetidamente, o crânio dela cedendo como a casca de um ovo rachando. Ou então batendo com algum objeto doméstico nela, uma pá, um taco, contra seu peito.

A intimidade da morte dela, a violência necessária envolvida, é um choque que me causa tontura. Eu não consigo olhar para as mãos da sra. Renard em cima da mesa, nuas e obscenas.

— Eu já tinha ouvido outros corpos falarem sobre aquela casa — diz ela. — Havia coletado pequenos dados aqui e ali nas entrevistas com o passar dos anos. Eu nem sabia que estava marcada para demolição. Era perfeito. Uma jogada do destino. Ou foi o que pareceu. Eu ando torturando a mim mesma desde então. Os “e se”. Se a casa não estivesse marcada para demolição, aquela garota da vizinhança não teria saído por aí colocando o nariz onde não era chamada. Se aquela vaca da Fowler não tivesse decidido fazer justiça com as próprias mãos. Se. Se. Mas isso não importa. O perigo já passou.

— Você precisa contar a alguém.

— Por quê? — A sinceridade da pergunta faz meu coração afundar no peito. — Todos seguiram em frente. Não há mais mistério. Uma garota como Laura ser encontrada morta... não é uma tragédia. Nem uma surpresa.

— E se acontecer de novo? Outro corpo acabar possuído?

— Foi um erro único. Coloque em uma balança, pese todo o bem que a Elysian Society tem feito no decorrer das décadas, minha cara, e então ponha isso do outro lado da balança. Uma fatalidade. Uma garota com ninguém no mundo que vá sentir falta dela.

Olho ao redor do escritório, na esperança de encontrar algo a que me agarrar. Mas tudo me escapa, recusando-se a cair em território familiar.

— Caso você esteja se perguntando se deve bancar a heroína, eu vou apaziguar sua consciência — diz a sra. Renard. O tom de voz dela é quase gentil. — Não fará bem algum. Eles podem investigar, mas não podem provar nada. O seu depoimento não será tão significativo. Você não é exatamente um membro respeitado da sociedade. Além disso, quer as autoridades investigando nossos clientes? Pense em todas as pessoas inocentes que serão analisadas como se estivessem sob a lente de um microscópio.

Entendo de uma vez o que ela quer dizer. O rosto dele volta à evidência na minha mente.

— Se você está me ameaçando — digo. — Saiba que o sr. Braddock não fez nada de errado. Não estou preocupada.

No entanto, o desespero que surgiu mais cedo quando perguntei a ela, *Quem era?*, ainda está suspenso no ar como um película oleosa.

— Ah, o sr. Braddock é um cidadão honrado, no fim das contas — diz a sra. Renard. — O tipo de homem que uma mulher como você nunca conheceria sem fazer o que faz. Tremenda sorte a sua, não? Que ele a favoreceu com a sua atenção? — Ela se recosta na cadeira, corre a língua pelos lábios. — Eu presumo que o seu relacionamento com o sr. Braddock esteja se tornando mais pessoal. Você deve saber tudo a respeito dele à essa altura. E ele sabe tudo sobre você.

— Ele sabe o bastante. — A mentira é tão óbvia que o silêncio teria sido menos incriminatório.

— Será que ele estaria interessado em saber mais? — pergunta a sra. Renard, rígida e coloquial. — De acordo com a minha experiência, os clientes vêm até aqui porque têm um espaço limitado em seus

corações. Uma capacidade limitada para acomodar novas pessoas. Mas talvez o sr. Braddock seja diferente. Talvez goste da ideia de conhecê-la melhor. De saber de onde você vem, o que fez.

Meu silêncio se expande, grande o bastante para que ambas entendamos por completo o que ele significa.

— Você vai ficar fora disso — ordena ela.

— Sim. — Ouço a mim mesma dizer, apática e com rancor.

Ela suspira como se tivesse sobrevivido a uma pequena crise e já estivesse pronta para algo mais importante.

— Não se torture por conta disso — diz a sra. Renard.

Olho para ela, esgotada.

— Lembre-se de que a maioria das pessoas que trabalha para mim não têm uma vida sobre a qual falar. São solitárias. Elas não têm seus próprios entes queridos que sintam saudade delas quando morrerem. Que tipo de pessoa concordaria em ser o hospedeiro do amor de estranhos, dia após dia?

Minha mente se volta para o quarto de infância. A grama sob os meus pés, o gosto de bolo de aniversário, o cheiro da minha mãe quando ela me abraçava, os cabelos dela esvoaçando em minha visão periférica. E eu me recordo de memórias posteriores, aquelas que escondi. Permiti que camadas e mais camadas de histórias das outras pessoas sufocassem as minhas.

A sra. Renard se dirige ao quadrado torto de luz da tarde que se acomoda na parede do outro lado do cômodo.

— Na verdade, a melhor coisa para aquela garota teria sido que a deixássemos continuar a ser a Desaparecida Esperançosa — diz ela. — Quando ela era a Desaparecida Esperançosa, as pessoas tinham interesse. Ela era alguém digno de amor. Nunca cometa o erro de pensar que a verdadeira identidade de alguém é, necessariamente, a melhor. Você sabe muito bem disso, Eurydice.



HÁ VÁRIAS PROVIDÊNCIAS a serem tomadas. Patrick pediu uma semana. O contrato de aluguel do meu apartamento expira em três meses; muito tempo até lá. Ando pelos cômodos, avaliando quais partes da minha vida levarei comigo. Tudo parece dispensável, como se eu estivesse aguardando por uma chance para me livrar de tudo.

Pesquisei cidades para as quais poderia desaparecer. Há lugares previsíveis espalhados por aí, mais fantasia do que realidade. Praias banhadas de sol na Califórnia, o eterno cenário cinematográfico da cidade de Nova York, cidades europeias em tons de aquarela. Passo batido por elas, incapaz de encaixar a nós dois nos sonhos de outras pessoas. Em vez disso, olho os lugares banais, lugares para os quais as pessoas se mudam por motivo de necessidade. Imagino nós dois vivendo em um prédio na periferia de uma cidade em ruínas, a estrada passando atrás da janela do quarto. Imagino nós dois enfiados dentro de um lugar coberto por uma neve cinzenta durante meses seguidos, em um estado do norte.

Quando retorno à casa dos Braddock hoje à noite, eu o encontro no andar de cima. Ele está no quarto que guarda os pertences de Sylvia, encarando um pedaço translúcido de tecido branco esticado sobre as caixas. Eu me posiciono ao lado de Patrick. O vestido de noiva.

— Não sei o que fazer com tudo isso — diz Patrick. — Deveria ter jogado fora há muito tempo. Ou doado. Mas me sentiria como se estivesse dando as costas a ela. — O olhar dele passeia pelos limites do cômodo. — É impossível, mas há mais coisas aqui do que antes.

A injustiça disso me impacta: que esse pedaço sem significado da vida de Sylvia tenha vivido por mais tempo do que ela própria. Todas as posses que meus clientes me trouxeram no decorrer dos anos, cada uma vivendo mais tempo do que a pessoa que a considerava significativo.

— Apenas guarde as coisas que eram mais importantes para Sylvia — digo.

— Eu fiz isso. Já entreguei a maior parte delas para você.

Trocamos sorrisos.

— Patrick, por que você me trouxe aquele batom? Na primeira vez em que você foi à Elysian Society. Sylvia quase nunca o usava nas fotos. E ela... — hesito. *Ela claramente escolheu o batom para Henry Damson*, quero dizer. Os lábios dela estavam mais escuros naquelas fotos tiradas no lago.

— Não consigo explicar — diz ele. — Eu andei pela casa naquele dia, tentando escolher o objeto certo para levar. Ainda era meio surreal, como se fosse uma piada. Estava tentando me lembrar o que ela usava, qual joia ela gostava ou qual perfume preferia. Eu encontrei aquele batom caído no fundo do seu armário. Eu me lembrei de vê-la usando uma vez. Quando ela estava se arrumando para sair da cidade. Ela estava se olhando no espelho, e estava diferente. Linda, mas diferente. Foi o momento em que me dei conta do quão pouco sabia sobre ela. Quão separada de mim ela estava.

Toco o braço dele.

— Você quer vê-la? — pergunto, e a expressão dele se atenua como se já soubesse o que eu ia perguntar, como se ele só estivesse esperando por uma chance de dizer sim.

No quarto, depois de aplicar o batom, Patrick estica o dedão para limpar o excesso. A flor de lótus está na cama, próxima a mim, quase perdida em meio aos lençóis amarrotados.

— Você está nervoso? — pergunto; de modo breve, uma memória daquele mundo infinito e sem som debaixo d'água invade meu crânio.

— Não. Na verdade, não. Você está?

Deslizo a lótu por entre os dentes, engolindo-a sem água. O comprimido seco e amargo raspa a parte mais macia da minha garganta, e então eu não estou mais ali.

A LUA ESTÁ cheia hoje à noite. Tão pesada que a imagino despencando bem lá do céu, caindo com um baque úmido próximo aos nossos pés.

— Ela não deveria ter feito aquilo — diz ele. — Foi um choque para mim também.

Não é exatamente um pedido de desculpas. Eu apenas balanço a cabeça, temendo que se falar vou envergonhar a mim mesma. Um tremor indigno de soluço. Um grito espiralado de acusações.

Quando fica claro de que não irei responder, Henry suspira e enfia a mão no bolso para pegar o celular, fazendo um estardalhaço para ver a hora. Viv ainda está dentro do restaurante; ela pediu licença enquanto estávamos saindo, encorajando-nos a continuarmos, irmos em frente. Eu me perguntei se seria assim que as coisas seguiriam dali em diante. Viv vangloriando seu status, as necessidades minuciosas e reservadas que uma mulher estéril nunca poderia entender.

O restaurante tem treliças tomadas por heras, luzes cintilantes enfileiradas nas calhas. Música tocando, leve e baixa, pouco discernível para quem conversava do lado de fora. Somos os últimos clientes a ir embora hoje à noite, sozinhos no estacionamento. Violinos embalam uma melodia romântica acima de nós. Tudo parece uma piada perversa, às minhas custas.

— Claro — diz Henry, como se estivéssemos continuando uma conversa —, mas não pode culpá-la. Ela não deveria ter contado a você. Mas você não deveria estar aqui.

— Você quis que eu viesse — digo.

Um sopro leve e descrente.

Vejo a nós dois como se observasse a distância. Encostados contra o carro como pessoas de metade da nossa idade, a estranheza da noite e o efeito do álcool nos abatendo de uma vez só. Patrick e eu sempre parecemos bem juntos. Nós complementamos um ao outro: meu tom de pele sóbrio contra o bronzeado dele. Mas Henry e eu somos parecidos, quase como irmãos, com rostos que pendem à melancolia quando não estamos nos esforçando para encantar, com cabelos escuros que capturam toda a luz.

— Você mesmo poderia ter me contado sobre a gravidez — digo.

— Meu Deus, eu só descobri há algumas semanas — diz Henry, a impaciência turvando suas palavras. — Não se conta essas coisas para ninguém a não ser amigos íntimos. Família.

Uma piada rodopia ferozmente pela minha cabeça: você pode contar à sua amante? É o tipo de piada que eu poderia ter feito, um mês atrás. Henry gostava dos meus momentos irreverentes, e eu os levava adiante, sentindo-me um tanto quanto culpada, ciente de que isso me separava da total falta de humor de Viv, doce e impressionável.

— Eu merecia saber. — Estou muito exposta nesse vestido branco. — Importa para mim também.

— Certo — diz Henry. — Eu vou reportar cada detalhe das nossas vidas. Vou me certificar de que saiba o que fazemos juntos. A cada vez em que ela escolher algo novo para o quarto do bebê, a cada vez em que tivermos uma consulta. Quer que eu mande vídeos da sala de parto? Conte cada vez em que nosso filho marcar um gol, ou receber uma risada do público?

É uma ofensa profunda. Ele sabe que não quero só um bebê, um recém-nascido, mas tudo. Toda uma vida tediosa e bela que uma criança nos traz. Eu havia usado aqueles exatos exemplos, dolorosamente comuns. As partidas de futebol. As peças na escola.

— Eu sei por que você me apresentou a ela — diz Henry. — Para que pudesse nos ver dar errado.

— Isso é injusto.

— Você não esperava que eu começaria uma vida com ela. Não esperava o bebê. É isso que a incomoda, não é? Você quis um bebê por tanto tempo e agora aqui estou eu, em um relacionamento que deveria ter sido uma piada, e...

Quando ele para de falar, não é por discricção ou por desejo de me proteger da dor. É porque ele já provou seu argumento. Depois de tão pouco tempo, ele criou uma visão de família que eu andei buscando e perdendo. Como se fosse assim, fácil, e como se apenas a minha teimosia fatal me impedisse conseguir.

Uma luz na janela próxima à fachada do restaurante se apaga, e então outra, mais perto. Os insetos estão zumbindo ao nosso redor. Além do estacionamento, as estradas estão escuras e silenciosas, agora tarde da noite. Penso em Patrick, lá no lago, quilômetros distante. À minha espera. Esperando.

Pela primeira vez, eu me arrependo. A dor é quase um alívio, apenas por ser uma dor mais fresca do que as das preocupações que eu andei tendo, pressionando como feridas que não cicatrizam. Eu me arrependo por permitir que meu coração fosse devorado por essa criança imaginária. Eu me arrependo por ignorar Patrick, a realidade de carne e osso de nós dois. Quem nós éramos. Quem poderíamos ter nos tornado.

— Eu preciso contar a Patrick sobre nós — digo.

Espero por seus protestos. Eu me preparo para a raiva dele. Porém, após um instante, ele diz:

— Não, não precisa. — Perfeitamente calmo e seguro.

— Eu não tenho escolha.

— Ele vai deixar você. O que você andou me contando sobre seu marido? Ele não consegue olhar no seu rosto quando você está chorando, ele ignora quando você fica na cama o dia inteiro... Ele não vai deixar isso passar.

Minha embriaguez é como uma camada trêmula atrás dos meus olhos.

— Talvez ele não faça isso — digo. — Mas o que quer que aconteça, eu fui honesta. Se Viv está feliz com você, é porque não o conhece.

— Minha esposa sabe quem eu sou.

A porta do restaurante abre com um baque e então Viv começa a andar em nossa direção, esboçando um sorriso forçado de desculpas, acenando como uma rainha de carro alegórico. Henry dá a volta por onde estou para abrir a porta do carro; compreendo que é para eu entrar. Entro em pânico como se fosse uma refém.

— Esqueça isso — Henry diz para mim em um sussurro rápido. — Não quero ter que ficar olhando por cima do ombro à espera de que você faça algo estúpido.

Ela está atravessando o estacionamento, seu corpo em evidência por causa da luz da rua e, então, envolto pela penumbra. Caso tenha conseguido detectar a tensão que nos rodeava, ela não deixou transparecer.

A raiva repentina dele estreita o espaço entre nós, puxando-nos juntos como a uma corda esticada.

— Eu poderia perder tudo — diz ele. — Você não entende essa sensação.

— Eu tenho tanto a perder quanto você.

Ele ri.

Eu deslizo para o meu assento, para longe dele. O coração palpitando. Observo pela janela enquanto ele se vira para a esposa, todo caloroso, solícito, ao abrir os braços. O rosto dela aparece por cima do ombro dele enquanto se abraçam. E eu os observo a distância, presa em um mundo abaixo dos pés deles.

— EDIE.

quem é essa?

quem é ela?

Do outro lado, no espelho, eu a vejo: uma mulher estranha em nosso quarto. Em nossa cama. Com seus cabelos ressecados, assustada e olhos de cílios claros. O braço dele ao redor dela; a mão dele inclinando o queixo dela para buscar seu olhar.

— Você está bem, Edie? — pergunta ele.

Quero dizer a ele que esse não é meu nome. Mas eu me lembro, lentamente, que é. Meu nome para essa vida com ele. Um nome para cada vida.

— Estou bem. — Minha voz está rouca; limpo a garganta. — Poderia me dar um copo d'água, por favor?

Depois que Patrick sai, afundo de volta nos travesseiros. Quando tomei conhecimento de que Sylvia nos havia trazido de volta para a superfície da água, fiquei grata pela presença dentro de mim que viu meu corpo como algo com valor, algo a ser salvo. Mas agora sei que não foi um mero presente dado de graça. Foi uma barganha, uma trégua; e ela vai pedir algo em troca.



FALTAM QUATRO DIAS para deixarmos a cidade. Sigo minha rotina costumeira nessa manhã. Vestido branco. Cabelos puxados para trás; pele esfregada até ficar rosada no banho. No estacionamento, admiro as paredes cinzentas e as janelas com cortinas fechadas.

Por trás de cada vidraça, um corpo de branco, um arrepio estático, um pertence doméstico. Um estranho pairando no espaço que os separa, buscando uma forma de voltar ao princípio. Cada quarto, uma cápsula do tempo.

Vir à Elysian Society agora adquiriu uma desagradável conotação de obrigação. Depois da nossa conversa, a sra. Renard estará com os olhos voltados para mim. Minha presença obediente aqui é uma absolvição implícita pelo que ela fez com Laura Holmes. Caso eu não viesse, meu súbito desaparecimento poderia desencadear sua vingança fria e ágil. Eu perderia Patrick bem quando estamos prestes a ir embora.

Eu piso fora do carro e vou em direção ao prédio, tentando não lembrar dos olhos de Laura me encarando de dentro do rosto de Ana, ou a sensação dos dedos dela contra mim enquanto ela implorava que a descascasse até a parte mais descarnada de si mesma.

— SRA. OLSEN, eu gostaria de informá-la que é possível que eu não retorne — digo.

Beth Olsen esteve comigo apenas por alguns meses, mas eu passei a gostar dela. Quando ela visita a namorada, é tão respeitosa e séria, como uma aluna refletindo sobre uma pergunta difícil.

Ela pisca na minha direção.

— O que você quer dizer? Há alguma coisa errada?

— Não. De forma alguma. Eu estou apenas... seguindo em frente.

— Você está partindo?

— Quando você começou a frequentar a Elysian Society, alguém deveria ter explicado à senhora que os corpos às vezes vão embora. Caso a senhora queira recomendações de substitutos, eu posso...

— Não, não, eu sei. Eles mencionaram. Mas eu a escolhi porque eles disseram que você não iria a lugar algum. — Ela pausa. — Para ser honesta, eu quis você por causa disso.

— As coisas, de fato, mudam. Sinto muito.

Contar a ela foi um erro. Eu quis sentir o peso que essas palavras teriam. Mas os olhos de Beth ficam grandes e brilhantes de lágrimas.

— Nossa — ela diz suavemente, como se para si própria. — Não consigo acreditar.

— A senhora vai encontrar um novo corpo, sra. Olsen. Nada mudará.

— Tudo vai mudar.

Fico quieta, surpresa pelo pesar exposto em sua voz.

— Me desculpe — diz Beth. Ela ajeita a postura, fecha os olhos e os abre novamente, limpando as lágrimas. — Você não me deve nada. Eu sei. Mas é como se estivesse me pedindo para dizer adeus a ela mais uma vez.

TODA A EXAUSTÃO se instala nos meus calcanhares. Depois do meu dia na Elysian Society, é como se o efeito da última flor de lótus que ingeri nunca se acabasse por completo. Em casa, eu me sento no sofá,

a cabeça pesada; escuto o confronto repleto de gritos entre os vizinhos de cima. Suas vozes se chocam e diminuem em intensidade como se fossem ondas.

O cansaço parece se tornar mais sólido ao meu redor. Não como um prenúncio de cair no sono, mas, sim, uma força que vem ganhando intensidade. Ouço uma batida oca acima, o crescente volume de um grito sem palavra.

Por fim, vasculho o conteúdo do armário de remédios. Encontro um pequeno frasco de pílulas para dormir, comprado anos atrás e nunca usado. O pequeno lacre ainda está intacto; debaixo dele, uma camada de algodão macio.

Coloco duas das pequenas pílulas azuis na palma da mão e as levo à boca.

ESTÁ ESCURO. A escuridão é apenas perturbada pelos postes, cujas poças de luz densas pontuam partes da rua. Os flocos de neve colados na janela da frente estão se soltando. Um ou dois, tortos, balançam de pedaços de fita adesiva, como folhas mortas em um galho.

Através da lua crescente de vidro fosco da porta, o sistema de segurança pisca uma luz vermelha.

O carrinho está na varanda, um par de galochas pequenas, um cisne de cerâmica ocupado por uma samambaia exuberante. Inclinando-me, ergo a planta de sua cavidade na parte de trás do cisne. Algo brilha dentro da cavidade escura e empoeirada. É claro: não importa quais ilusões de segurança possam criar, estão a salvo em suas vidas. Certos de que ninguém pode tirar isso deles.

Destranco a porta da frente. O alarme começa a soar assim que eu entro, mas já sei quais números apertar. A data de casamento. O alarme silencia. A luz vermelha volta a piscar de um jeito simples e reconfortante. Fecho a porta ao passar e subo as escadas.

A porta do quarto deles fica à direita. Bem fechada. Passo por ela rápida e suavemente. O quarto que procuro fica à esquerda. A porta se abre e pela fresta posso ver uma luz pálida e azul refletida na parede, oriunda de um pequeno abajur. Ao deslizar para dentro do quarto do bebê, vejo a câmera escura de um monitor, posicionado para ver através das barras do berço.

O bebê dorme com a barriga para cima. O pijama dele cobre os pés, fechado até o pescoço. Quente demais para o clima de verão, mas a casa está fria por causa do ar-condicionado. As pálpebras do bebê são tão finas, como asas estriadas de insetos. A barriga dele se move por causa de um soluço. Eu me abaixo e acaricio a bochecha dele com um dedo. Pele sem poros, fina e nova.

Se Ben não tivesse vindo ao mundo quando veio, talvez Henry nunca tivesse me deixado. Mais do que Viv, foi Ben quem entrou na vida de Henry e não deixou espaço para mim.

Ele deveria ter sido meu. Poderia ter sido meu. Há certa crueldade em ser substituída por ele.

Coloco meu presente por baixo do colchão, deixando apenas uma extremidade à mostra.

A luz acima invade o cômodo, varrendo as sombras. Não me viro do berço. Ben estremece, contraindo os lábios, mas não acorda.

— Por favor — diz Henry. A voz dele em um tom baixo. — Você não quer fazer nada de que vá se arrepender depois. Não respondo.

— Se Viv acordar, você vai aterrorizá-la — diz Henry. — Saia de perto do nosso filho.

Ele mal contém sua raiva. Ali está, camuflada por suas palavras, como o fluir de água por baixo de uma superfície congelada.

Eu me viro para ele. Ele deve me identificar nas feições dela: o rosto banal dela preenchido com a minha beleza. Ele dá um passo atrás, seus olhos se agitando por mim, reunindo cada pedacinho meu.

As memórias filtradas pelo cérebro de alguém são torcidas e rançosas. Mas eu sou sortuda. Ela é tão austera. Todo o restante é empurrado para os lados, deixando mais espaço para as minhas lembranças.

Eu me lembro de Henry antes de ficarmos juntos. Uma festa. Ele me contou sobre a morte de um colega de sala quando ele era criança. Durante os meses seguintes, contou, estranhos o faziam lembrar aleatoriamente desse garoto. Uma criança que nunca antes pareceu ser significativa para Henry, agora se multiplicava em vários rostos na multidão.

Ele deve ser assombrado por mim. Os últimos 18 meses povoados de lampejos súbitos, velozes e cortantes. Uma garota de cabelos negros em um restaurante; uma mulher com as costas esguias e pescoço comprido sentada em um carro estacionado. Minha risada ecoando, etérea, de um grupo de estranhos. Ele acabou se acostumando, tenho certeza. Ele sabe como esconder esses momentos das outras pessoas. Mas agora estou olhando diretamente para ele, desafiando-o a me ver.

Henry apaga a luz. A luz azul do abajur se espalha contra a parede como uma camada de gelo na janela.

— Eles não fazem parte disso. Venha comigo. Deixe os dois em paz.

Sigo Henry para fora do quarto do bebê, escadaria abaixo. Ele me guia até a sala de estar. As cortinas estão cobrindo a janela, iluminada pela contraluz do poste. Desse ângulo, as sombras dos flocos de neve marcam um padrão desigual ao longo do tecido.

— Então. — Ele me encara, seus braços estão cruzados sobre o peito. — Você está na minha casa, no meio da noite. Me dê um bom motivo por que não deveria colocar um fim nisso agora mesmo.

— Você contou à sua esposa?

— Conteí a ela...?

— Você esteve mentindo esse tempo todo.

Henry fica em silêncio por um longo instante. A luz intensa divide o rosto dele em dois. Um olho exposto, úmido, o outro coberto pela escuridão.

— Eu não sei do que você está falando.

Então me retiro, deixando-a assumir. Ao me recolher, a incerteza dela preenche os espaços. Sinto os músculos dela respondendo, os braços cruzando sobre o peito enquanto ela olha em volta para entender onde está.

#

HENRY E EU examinamos um ao outro. Estar sozinha na casa dos Damson é um choque. Henry parece ficar mais seguro, ocupando mais espaço. Eu encolho; Sylvia e Henry eram dois animais circundando um ao outro. Em contrapartida, sou miúda, encurralada pelo animal maior.

— O que é preciso fazer para manter você afastada? — Henry me pergunta. — Agora vou ter de ficar olhando por cima do ombro todo dia? Toda noite?

— Sr. Damson, receio que eu não...

— Me diga uma coisa. Você é daquele lugar?

— Que lugar? — Uma tentativa inútil de ganhar tempo.

— Apareceu no noticiário há um tempo. Contatando os mortos. Você é um deles?

A resposta negativa murcha na minha garganta.

— Você mentiu desde o começo. Você enganou Viv, mas eu nunca confiei em você. Seja honesta pelo menos uma vez.

— Sim. — Uma sensação de exaustão pulsa por trás dos meus olhos. — Sim, eu sou da Elysian Society.

O olhar de Henry denuncia tanto medo quanto aversão.

— O que ele está fazendo com ela?

— Isso não deveria importar pra você. Não me verá novamente. Patrick e eu estamos nos mudando de cidade.

— Vão para onde? — pergunta. E, então, em tom mais baixo e urgente: — Vai como quem?

— Tudo o que queremos é um novo começo. Estou certa de que você é capaz de entender.

— Sylvia se foi. — Estamos em pé, muito próximos um do outro; eu consigo sentir o azedume do seu sono interrompido. — Ela não vai voltar. O que você está fazendo com ele não é um novo começo. É doentio.

— Você está conseguindo exatamente o que quer. Sua família. Seu emprego, sua reputação. Você nunca mais vai ter que se preocupar com Patrick de novo.

— E o que você ganha com isso? — pergunta Henry. — Quem quer que você seja. Lucy. O que você está realmente ganhando, Lucy? A chance de ser a esposa morta de alguém? — A repulsa na voz dele é úmida e amarga. — Há alguma coisa de errado com você. Não pode ficar com Patrick sendo você mesma porque não há nada aí. — Ele estala os dedos contra minha testa, com força; a dor se manifesta. — Você precisa de Sylvia para ser alguém. Pra ser uma pessoa completa. É isso?

Não respondo.

— Ou é alguma outra coisa — diz ele, quase para si próprio.

Eu o encaro com os lábios contraídos. Ainda estou vestindo apenas minha camisola fina, de tecido pardo, leve e acetinado. A alça escorrega do meu ombro.

— Henry. — O nome dele desce flutuando até nós, proveniente do topo da escadaria; ambos nos viramos. — O que está acontecendo? — Viv está bem acima de nós. Ela fecha o roupão, primeiro próximo à garganta, o tecido se abrindo como um buquê; um gesto de mulher de mais idade. O rosto dela voltado para baixo está oleoso com alguma loção, os olhos arregalados e assustados. — Quem está aí?

— Volte para a cama — diz ele. — Não se preocupe. — Para mim, ele acrescenta: — Você precisa sair daqui. — Henry abre mais a porta, dando-me passagem.

Eu piso na imensidão da noite.

— Prometa que não dirá a Patrick que eu estive aqui.

— Neste momento, eu quero esquecer que isso aconteceu — diz ele, baixo o bastante para que Viv não nos ouça. — Se Patrick quer fazer um jogo doentio com você, transformá-la em sua esposa, isso é problema dele. — Henry começa a fechar a porta. — Isso é o que ele já estava fazendo com Sylvia.



NÓS NOS ENCONTRAMOS no parque. Nessa noite deslumbrante e quente, o parque está lotado de corpos, todos ainda extravasando a inquietação acumulada durante o longo inverno. Chego cedo para esperar por ele, estendo uma toalha sobre a grama. Eu teria me sentido vulnerável, sentada aqui sozinha, mas providenciei duas taças de vinho. Quando o olhar de estranhos paira sobre a toalha, eles tomam conhecimento da segunda taça e parecem satisfeitos. Como se fosse uma sugestão de que outro alguém fosse o suficiente para me legitimar.

Adolescentes vagam em grupos, flertando com agressividade ou relaxando, tão envolvidos como se estivessem sozinhos no universo. Casais na casa dos vinte andam de braços dados, experimentando fantasias decorosas de vida adulta; uma noiva desce a rua pela calçada com seu fotógrafo, seguida por um grupo de damas de honra. Pais desatentos correm atrás de seus filhos. Casais mais velhos abrem caminho pelas multidões, marcos firmes, tal qual linhas em um mapa, cruzando a imensidão.

Quando ele chega, eu o observo registrar e descartar uma mulher após outra até que seus olhos pousem em mim. Todas as suas feições se iluminam com um sorriso. Ele ergue uma mão.

Quando senta perto de mim, registro o sol atrás dele e os músculos visíveis em seus antebraços. Ele se barbeou recentemente, e cheira a sabão em pó e perfume apimentado. Ele já parece mais completo.

Não estou preparada para o que sinto. De certo modo, precisei que meu desejo viesse de Sylvia. Precisei que fosse herdado, passado adiante e bem empregado. É um choque estar sozinha com essa coisa que tudo consome, ainda mais chocante me dar conta de que surgiu de mim, desde o começo.

Então Patrick estende o braço e coloca a mão quente e leve na minha coxa. Relaxo novamente.

— Você vai sentir falta desse lugar? — Patrick me pergunta, quando estamos bebendo.

É champanhe; sinto as borbulhas descerem pela garganta.

— Talvez — digo. — De certa forma.

Um casal caminha tão próximo de nós que as tiras da sandália dela enroscam na borda de nossa toalha de piquenique, puxando-a de leve.

— Você está maravilhosa hoje — diz ele.

Passo uma mecha de cabelos para trás da orelha, murmurando uma queixa. Estou usando um tom novo de batom, testei na farmácia cada uma das cores contra as costas da mão e então coloquei a mão próximo à bochecha. Um tom de pele róseo que realça meus melhores traços. Boca cheia, nariz marcado.

— Sonhei com você essa noite — diz Patrick.

Olho para cima e dou risada. É algo tão vulnerável e doce de se dizer, ofertado sem rodeios.

— Estava em nosso quarto pela manhã, e fui até a janela. Você estava ali, no jardim. Não estava fazendo nada. Não que eu me lembre. Foi mais um sensação. Essa enorme percepção de... — hesita — ... serenidade. De que tudo está certo no mundo.

Eu reflito sobre isso, dando um grande gole da minha bebida.

— Você tem essa qualidade — diz Patrick. Ele ergue sua taça para mim, como um pequeno brinde. As borbulhas se assentaram, rodopiando e subindo nas beiradas.

— Isso é muito gentil.

— Eu estou falando sério. É difícil ser aberto com outras pessoas. O fato de que com você é... Bem, é um ponto forte.

Um grupo de garotas passa por nós, de cabelos longos e iluminados pelo sol, usando vestidos que balançam acima do meio das coxas. Uma delas vira a cabeça em direção a Patrick, seus olhos pousam nele como se eu não estivesse ali. Quando o olhar dela cai em mim, ela dá um sorriso afetado, como se tivesse descoberto algo.

— Patrick — chamo.

Ele deve ter percebido algo no meu rosto.

— O quê?

Tudo o que eu poderia dizer a ele está bem ali. Não apenas na minha língua, mas garganta abaixo, dentro de mim, como se eu tivesse sido esvaziada para então guardar o que sinto por ele. Mas eu não consigo encontrar as palavras.

— Com licença.

Ambos viramos as cabeças, alertas e surpresos. Uma garota com as pontas dos cabelos tingidas de rosa, como se tivesse arrastado os cabelos em tinta fresca está em pé, à beira da toalha. Seus olhos são grandes e inexpressivos, e eu tenho a impressão de que ela vai nos acusar. *Tem algo de errado com vocês dois. Por que estão fingindo ser como o restante de nós?*

A quem vocês estão enganando?

— Vocês estariam interessados numa foto? — pergunta a garota. Há uma bolsa pendurada ao redor do peito, onde ela põe a mão para tirar uma câmera grande de dentro. — Cinco pratas. É uma boa lembrança.

— Você tem autorização para isso? — indaga Patrick.

Tenho a impressão de que ele está falando sério, mas a garota dá risada, jogando a cabeça para trás. Ao olhar para ele, vejo um sorriso em retorno no rosto de Patrick, amigável e generoso.

— Adoraríamos uma — diz ele.

— Certo, pombinhos. — A garota ergue a câmera. — Pronto? Digam xis.

Patrick se aproxima o bastante de modo que nossos quadris ficam um contra o outro. Ele passa o braço pela minha cintura e traz meu corpo para mais perto. A bochecha dele fica perto da minha. Consigo sentir a leve umidade do suor dele, o movimento de seus músculos pressionados contra mim.

A câmera libera um *flash* leve, frio contra a extravagância da luz solar. Após um instante, uma polaroide fininha é lançada de um lado da câmera e paira como se fosse uma asa.

Ela entrega a foto para mim.

— Vocês formam um casal fofo.

Eu encaro o casal capturado pela lente. Fico surpresa: nós não somos incompatíveis. Somos uma dupla coesa, cada qual captando detalhes no outro. Os relances de ouro puro no olhar dele, meu ombro inclinado contra o seu. Inclínamos nossos rostos um em direção ao outro.

Imagino Sylvia olhando para essa imagem. Se ela havia tido alguma premonição certa noite, dois anos atrás. Talvez ela olhasse para nós e pensasse: *Como são felizes*. A felicidade sem complicações que ela desejou para o próprio casamento. Todas as nossas asperezas niveladas a um momento estático e perfeito.

CHEGAMOS EM CASA agarrados um ao outro, extasiados por nosso tempo juntos. A casa está preenchida pelo calor do fim de tarde que entra pelas janelas. Era por isto que eu estive esperando. Minha vida foi reaberta outra vez, revelando um vazio perturbador. É como se eu estivesse trilhando um caminho por um túnel escuro, e apenas o caminho à minha frente está iluminado, e agora eu posso por fim ver todos os cantos. Ver tudo. E isso machuca meus olhos.

— Você está bem? — Patrick toca minha bochecha.

— Eu estava pensando... — digo, e então paro. Sobre o ombro dele, um detalhe chama minha atenção. A sala de estar, visível através da entrada mais distante da cozinha, está vazia. Um trecho de parede bege marcado por quadrados mais claros. Ele retirou as fotografias emolduradas de Sylvia. Sem o sorriso dela se repetindo por toda sala, a parede está deslocada.

— Edie? — chama ele.

— Não é tarde demais para ter um filho — digo.

As sobancelhas de Patrick se inclinam para baixo.

— Você está falando sério?

Eu me lembro do livro que encontrei no quarto do andar de cima, escondido.

— Eu quero fazer isso por você. — E então acrescento, dando-me conta do quanto isso soa como algo secundário: — Por nós.

Depois, na varanda, fico em pé com Patrick. À luz da noite, as dobras das rugas nos cantos dos olhos dele se destacam.

— Seus cabelos — diz ele.

Toco meus cabelos sem pensar.

— Estão brilhando — continua.

Na minha visão periférica, o sol aquece os fios. Penso nos cabelos negros de Sylvia.

— Eu poderia escurecê-los — digo.

— Escurecê-los?

— Se você quisesse.

— Não, eu não quero — afirma Patrick, dando um passo para mais perto de mim. Ele desliza uma das mãos pela base da minha cabeça, entremeando os cabelos com seus dedos. Sinto o seu movimento no meu couro cabeludo.

MAIS TARDE, DOU uma última volta pelo meu apartamento. Estou tentando deixar tudo limpo e vazio, como se estivesse apenas saindo de férias e planejasse voltar aqui depois. O aparelho de televisão está fora da tomada e o piso, aspirado. Eu limpei as bolas de poeira e cascas de insetos dentro das luminárias. Tenho dormido por cima da roupa de cama, para não usar os lençóis limpos e frescos.

Imagino o proprietário andando pelos cômodos quando estiver claro que não vou voltar, avaliando o que restou do tempo que passei aqui. Depois, ele vai dizer à esposa que não acredita que eu vivi quatro anos no apartamento. Ele mal pode dizer que alguém de fato morou ali.

As fotos dos Braddock ainda estão espalhadas pelo meu quarto. Recolho-as e ponho dentro de uma caixa de sapatos, incerta do que farei com elas em nossa nova vida. Não posso abandoná-las, todos esses anos e anos da história dos Braddock.

Ao passo que recolho as fotos dos cantos da minha vida, algo me perturba. Não consigo encontrar a foto do lago. Aquela de Henry e Sylvia. Vasculho as imagens e encontro apenas Sylvia e Patrick, os Damson são um ocasional e diminuto plano de fundo à felicidade deles.

Então encontro o cartão que o detetive Rogalski me entregou. Ele está no fundo de uma pilha de correspondências não abertas; estou prestes a jogá-lo fora, rasgá-lo em pedaços e jogá-lo junto aos outros lixos. Em vez disso, disco o número, sem permitir a mim mesma pensar no que estou fazendo.

— Alô? — Entediado, já impaciente.

— Poderia falar com o detetive Rogalski? — pergunto.

— Sou eu mesmo.

— Quem fala é a mulher com quem você se encontrou na Elysian Society. Algum tempo atrás. — Eu aguardo para que ele processe essa informação, mas permanece em silêncio. — Talvez não seja mais

importante — continuo — mas eu quero que saiba que Laura Holmes trabalhou na Elysian Society. Ela era chamada de Thisbe.

Um longo silêncio. Tenho a impressão de que ele desligou o telefone e fico desapontada e aliviada ao mesmo tempo. Assim como previ para Ana, e como a sra. Renard me alertou, ele vê isso como uma piada. Nada que eu diga tem algum peso no mundo dos vivos, não mais.

Mas então ele expira, o suspiro de um pai desapontado.

— Bem, você demorou. Não podia ter me dito isso um mês atrás?

— Eu posso te dar um endereço — digo. — Um apartamento na rua Sycamore, cuja proprietária é a sra. Renard. Os trabalhadores dela ficam lá, às vezes. Deve ser por isso que não encontrou nenhum registro de Laura Holmes morando na cidade.

Mais uma vez, ele leva tanto tempo para responder que eu tenho certeza de que desligou.

— Eu estou contando isso pra você porque a morte de Laura envolveu a Elysian Society — digo. — Não foi uma coincidência o fato de ela trabalhar ali. Você deveria falar com a sra. Renard sobre o que aconteceu.

— Você estaria disposta a testemunhar? Vir à delegacia para que eu possa ter uma declaração oficial?

O pânico cutuca por baixo das minhas costelas. Na minha cabeça, a delegacia é um território árido, simples e inocentemente hostil. Um lugar em que eu entraria e, no mesmo instante, quem realmente sou seria exposta. Sem nomes falsos. Sem o disfarce da Elysian Society. Toda minha história formando um rastro atrás de mim.

— Se não fizer diferença, eu quero ficar anônima — digo.

Ele ri de leve.

— Nenhuma grande surpresa, suponho.

Amanhã, lembro a mim mesma, estarei longe daqui. Não deixarei rastros.

— Bem — diz ele, por fim. — Vou ver o que posso fazer. Mas pode ser tarde demais. É importante ser franca na hora, jovem. Não se pode imaginar que haverá uma segunda chance.

— Eu compreendo — digo. — Obrigada.



O MEU ÚLTIMO dia se inicia de forma suave, uma luz pura enchendo cada um dos cômodos. Eu ando pelo espaço, hesitante sobre os pertences dela. O livro que Patrick me deu para terminar por ela. Brincos e perfume. Tantas partes pequenas de Sylvia que gravitaram para mim.

Descarto os velhos arquivos de clientes. Suas histórias cuidadosamente redigidas, as fotografias de casamentos, férias, reuniões de família. Liberto-as, caixa por caixa, dentro da lixeira do lado de fora do condomínio de apartamentos. Por fim, acrescento meus vestidos brancos da Elysian Society, vendo-os cair no meio da sujeira.

Chego do lado de fora da casa de Patrick enquanto o pôr do sol queima o céu. Coloquei no portamalas tudo que me importei em trazer. São tão poucos objetos que chacoalham em suas caixas solitárias. Uma caneca de café com a aquarela de um lírio descascando de um lado; um cartão-postal emoldurado de uma mulher em um vestido laranja. Um esforço retroativo de dar algum significado aos últimos cinco anos.

Na boca, uso o batom escuro e vibrante de Sylvia.

A casa dos Braddock está diferente. Menor, ou mais estreita. Menos volumosa. Apesar de que a casa tem se degradado já há meses — as telhas quebradas e deslocadas como se fossem dentes faltando em uma boca, as janelas turvas —, ela parece abandonada pela primeira vez essa noite.

Meu coração fica apertado com a ideia de deixar a casa deles para trás. O jardim que eu poderia ter aparado e cuidado, arrancando sem dó as ervas daninhas para dar espaço para novas flores. As prateleiras plenas de livros que eu poderia ter lido ou relido em nome de Sylvia. A cama que eu poderia ter ocupado.

Toco a campainha, comprimindo os lábios. Sylvia deve ter tido suas próprias memórias relacionadas a essa cor de batom. Agora as memórias dela dividem espaço com as minhas próprias. Ver Patrick na entrada do quarto 12. Os dedos e a boca de Patrick, com urgência entre minhas pernas, trazendo-me a mim mesma de onde eu estive me escondendo.

A porta se abre ao meu toque. O cômodo à frente está tão intensamente iluminado pelo anoitecer que não consigo discernir nada.

— Patrick?

Eu entro na casa dos Braddock, fechando a porta atrás de mim. Então instintivamente tranco-a ao passar. Eu o chamo novamente. Sem resposta. A casa está tão estática quanto se estivesse submersa.

Um brilho opaco na mesa de canto chama minha atenção. Eu o pego. É a aliança de casamento de Patrick. É menor do que eu imaginava. Na mão dele, o anel sempre pareceu pesado o bastante para enraizá-lo. Fico surpresa com sua verdadeira leveza. Giro repetidamente o metal frio na palma da mão.

Eu me aprumo. Deslizo a aliança para dentro do bolso.

— Cheguei — digo.

Nada. Em meus ossos, sinto uma súbita ausência. É tão clara quanto se eu estivesse afundando, a água se fechando acima da minha cabeça. Aqui embaixo, nesse cenário sob a realidade, tudo parece o mesmo. Não consigo encontrar o caminho de volta para a superfície.

APESAR DE ESTAR calma ao me aproximar da casa deles, cada movimento preciso e contido, os Damson reagem à minha presença com uma tensão súbita e atormentada. Viv, virando-se da porta do carro com Ben em seus braços, congela, seu olhar passeia entre o marido e eu.

Henry trava a mandíbula. Ele hesita por um segundo antes de vir na minha direção, afastando-me do meio da entrada para carros.

Eu suponho que algo na minha expressão me denuncia. E que, por baixo da superfície do meu silêncio, estou com o sangue quente, gritando, com os olhos esbugalhados.

— O que você falou pra ele? — pergunto a Henry quando ele está perto o bastante.

— Você precisa ir embora — diz ele.

— Ele não teria ido embora sem mim. Não teria feito isso a menos que você tenha feito algo, a menos que você...

Eu paro, dando-me conta de que Viv se aproximou de nós. Ela está diferente da dona de casa vivazmente arrumada que eu costumava visitar. Hoje está despojada e sem acessórios: as rugas evidentes nos cantos dos olhos e ao redor da boca, os cabelos puxados para trás de qualquer jeito. Ela parece mais velha, estranhamente mais bonita. Pela primeira vez, me sinto intimidada por ela.

— Você está com ela? — ela pergunta ao marido, sem sequer olhar para mim.

Meu cérebro decodifica a pergunta. *Você está com ela?* Como se Henry não fosse capaz de registrar minha presença física. Como se eu fosse invisível aos olhos humanos.

— Claro que não — diz Henry. — Não é hora disso. Leve Ben pra dentro. Eu vou lidar com ela.

— Eu deveria confiar em você? — pergunta Viv.

Henry espera, fitando o cimento rachado da entrada, as ervas daninhas crescendo. O bebê murmura, puxa um fio de cabelo da mãe. Viv por fim olha para mim. Mantemos contato visual por um longo instante. Sinto um momento estranho de tristeza, desapontamento e traição surgir entre nós, atando os três. Então ela se vira e anda de volta para casa, fechando a porta com um leve clique ao passar, mais inquietante do que se ela a tivesse batido.

— Ela encontrou a foto — Henry diz para mim. — Ela sabe.

A polaroide do lago; eu me dou conta do que deve ter acontecido, a memória volta a ficar nítida. Aquela noite em que acordei na casa dos Damson.

— Sinto muito — digo impulsivamente. O sentimento vingativo que pulsa no meu peito pertence à Sylvia e não a mim. Eu teria ficado satisfeita de ir embora e deixar os Damson para trás. Deixá-los cuidar desse emaranhado rasteiro de segredos da forma que quisessem.

— É o que você queria, certo? — pergunta ele.

— Você não precisava ter feito isso conosco — digo. — Poderia ter nos deixado ir embora.

— Não foi por causa disso. Eu já ia conversar com o Patrick.

Eu não consigo discernir se ele fala a verdade ou não. Seria um alívio dissolver essa corrente de eventos que culminou na ausência de Patrick. Pensar que eu não poderia ter colocado um fim nisso, não poderia ter mudado nada. Mas já procuro um momento que seria capaz de ter encaminhado os eventos para uma direção diferente.

— O que você fez? — pergunto.

— Eu contei a ele quem você é — diz Henry. A noite vai adquirindo um tom de roxo mais escuro ao nosso redor, as janelas iluminadas na parte superior e inferior da rua. — Você andou mentindo pra ele.

— Eu não estava mentindo. Ele nunca perguntou.

Henry dá de ombros.

— É a mesma coisa. Então eu contei. O que ele fez com essa informação não me diz respeito.

— Como você descobriu?

— Sua chefe não quis saber de mim — diz Henry. — Ela parece se importar muito com você. Deveria se sentir lisonjeada. Mas a outra mulher... Joan? Jane? Enfim, ela ficou satisfeita em abrir o bico. Se isso faz você se sentir melhor, não foi barato arrancar seu nome verdadeiro e sua cidade natal. Ela não sabia

muito além disso, mas foi o bastante. A empresa costumava contratar um detetive particular para checagem de antecedentes. Mantivemos uma boa relação com ele. Só levou alguns dias para conseguir sua história.

O que quer que exista em registros médicos, documentação, artigos de jornal, é apenas a crosta ressecada da história. Os ossos aparentes. Patrick ainda não sabe das partes que existem apenas no abismo mais profundo e sensível da minha memória. Mas eu não tenho certeza se revelar isso a ele o traria de volta aos meus braços ou o levaria rapidamente para ainda mais longe do meu alcance.

— Eu teria contado a Patrick — digo. — Quando ele estivesse pronto, teria contado.

— Não teria. Você sabia que ele deixaria você.

Deve ter acontecido nessa manhã. Eu estava em casa, levando meu dia, tola de esperança e fantasiando sobre minha fuga. Pronta para colocar o pé na vida nova. E durante todo esse tempo, Patrick e Henry estavam juntos, a quilômetros de distância, e Henry me expôs sem minha permissão. Ele me deixou desnuda e indefesa.

Olhe para ela.

— Eu não podia deixá-lo levar Sylvia — diz Henry. — Ele teve sua chance com ela. Ele não tinha o direito de arrastá-la de volta. — Os olhos dele me surpreendem, mesmo nesse momento: o súbito lampejo de luto. — Patrick não pode fazer isso. Ninguém pode.

— Ele é o marido dela — digo. — Você não sabe o que Sylvia queria.

— Eu a salvei de Patrick — diz Henry, como se ele nem tivesse me ouvido. — E de você, tentando se arrastar para dentro da vida dela porque não aguenta a sua própria. Você arruinou sua vida, e agora quer a de outra pessoa. — Encaramos um ao outro no escuro. — Eu me sinto pior por Patrick do que por você. Não há amor para ser perdido entre nós, mas mesmo ele não merecia isso.

— Para onde ele foi? — Minha voz está pesada.

Ele dá de ombros.

— Eu não contaria a você mesmo que soubesse.

A casa dos Damson é toda quente, cheia de luz. Acesa como uma maquete, janelas descobertas. As fotografias emolduradas pela parede, a lareira com seus castiçais espaçados, uma camisa usada pendurada nas costas de uma cadeira. Viv anda pelos cômodos com o bebê; vejo-os de relance. Na sala de estar, de jantar. E então não os vemos mais. Ela não olha para fora. Viv é uma mulher levando calmamente sua noite.

Minha mente se volta para o que descobri hoje cedo. O que Patrick ainda não sabe; o que Henry não percebe. A parte da equação que ainda não consideraram, ainda um segredo.

— Aquele lugar — diz Henry. — Eles são todos como você, não são?

Eu olho para ele como se estivéssemos separados por camadas de vidro.

— Todos os trabalhadores são como você. Rejeitados. Reciclados de vidas que odiavam.

A sra. Renard vistoriando uma pilha de corpos descartados, troncos rígidos de manequins, joelhos dobrados, olhos de vidro enevoados. Levando-nos para casa, tirando-nos o pó. Acomodando-nos em cadeiras, colocando em nossos rostos as expressões certas. Fazendo-nos ser úteis de novo.

Minha mente está girando, eu me viro para ir embora.

— Espere — chama Henry. Ele não está nervoso agora. Há resignação em sua voz, uma trégua rancorosa. Isso me faz parar onde estou.

Ele vai até o carro deles, abre a porta do lado do passageiro e se inclina para pegar algo embaixo do banco. Eu permaneço no final da entrada da garagem. No final do quarteirão, crianças gritam e dão risada, sons alegres e repetidos que preenchem a noite. Uma mulher jovem, com o rabo de cavalo balançando, passa correndo suavemente, sem olhar para nós.

Henry volta.

— Aqui está. — Ele estende algo na minha direção: uma pasta amarela e fina.

Hesito antes de aceitar.

— O que é isso? — Minhas mãos estão trêmulas. O papel vibra de leve na minha mão, como se algo ali dentro estivesse vivo e lutasse por liberdade.

— Estou forçando você a enfrentar o que fez. Quem você é. Pense nisso como um favor.

Abro a pasta, já ciente do que vou encontrar. Meu eu do passado. Oferecido a mim mesma por um estranho, depois de todo esse tempo; arrastado do lugar onde se escondia por um espectador distante. Por um momento, sou preenchida de ressentimento por Henry invadir minha vida e fazer isso comigo. Ele não tem esse direito. Sinto falta da existência que construí com tanto cuidado nos últimos cinco anos. Um mundo pequeno e controlado o bastante para caber na palma da minha mão, onde ninguém mais teria acesso.

Porém, Henry nunca veio até mim, lembro a mim mesma. Fui eu quem o guiou para dentro da minha vida. Eu o convidei. Abri a porta para um inimigo e então dei as costas enquanto ele saqueava minhas posses.

A BATIDA NA porta abre caminho nos meus sonhos, insistente como uma batida cardíaca. Ao me levantar do sofá, o relógio do fogão marca quatro horas da manhã.

Abro a porta. Ele está no corredor. Olhos de aparência exausta, mandíbula tensa. Eu observo o olhar dele me percorrer por completo. Patrick não esconde o fato de estar me encarando. Estou usando um roupão de seda barata, a bainha alcança a metade das minhas coxas. Ele memorizou como meu corpo nu é, mas agora estou mais exposta em frente a ele do que já estive em sua cama.

Dessa vez, ele sabe o que eu fiz. Ele está me encontrando pela primeira vez.

Tudo no meu corpo se reorganiza na presença de Patrick. Desejo e alívio frenéticos, seguidos por sua sombra inevitável: o medo de perdê-lo, e quão tola fui por chegar a desejá-lo.

— Entre, Patrick — digo ao abrir mais a porta.

O apartamento está imerso na escuridão. Nas sombras, ele parece granulado, como se fosse uma memória.

— Eu dirigi por cinco horas antes de fazer o retorno. Deveria ter continuado adiante. Mas aqui estou.

— Ele mantém a distância entre nós; consigo sentir a inquietação de seu corpo do outro lado do cômodo.

— Eu queria ouvir da sua boca. Devo isso a você.

Sentamos nas extremidades do sofá, rígidos e cuidadosos, mantendo a postura bastante ereta e as mãos tensas sobre o colo.

— Eu sei seu nome. Seu nome verdadeiro. — Uma pausa. — Eu sempre gostei dele.

— Gostaria que você continuasse me chamando de Edie — digo. A ideia de ouvir meu nome verdadeiro na voz de Patrick é insuportável no momento.

— Você teria me contado seu nome, em algum momento?

— Eu o deixei para trás. Não pertence mais a mim.

— E Edie pertence a você?

— Por enquanto. Sim.

Com o canto do olho, sinto que ele se vira para me encarar. Tenho a impressão de que vai me fazer mais uma pergunta. Mas ele fica em silêncio por tempo o bastante para que eu me dê conta do quanto isso é difícil para ele. Qualquer simples pergunta virá seguida de uma trilha de outras tantas, se emaranhando, cada uma estragando o vazio no qual ele confiou por meses. Sou eu quem devo alcançar o local frio e imensuravelmente profundo onde estive esperando.

Por fim, devo ser aquela a arrastar a mim mesma de volta à superfície.

— Eu não consigo me lembrar da primeira vez em que aconteceu, — começo. — Outras pessoas tinham que me contar o que eu tinha feito. Eu tinha apenas 13 ou 14 anos. Uma criança. Eu era tímida, demorei para me desenvolver. Todos me achavam uma pessoa simpática. Quieta. O tipo de garota para a qual nunca aconteceria nada. Um certo dia aquilo apenas despertou em meu cérebro. Eu estava bem, e então lá estava. Não sabia como lidar com aquilo. Estava completamente despreparada para algo tão grandioso. Pela primeira vez, eu não estava tentando fazer nada. Queria fazer uma pausa de tudo, apenas. Dormir por um tempo. Eu tive uma visão de dormir por dias e acordar diferente. Voltava a ser como era antes. Feliz e tranquila.

“Quando minha mãe me encontrou, ela não sabia que era um acidente. Às vezes eu ainda acho que, se ela tivesse acreditado em mim, eu poderia ter deixado isso tudo para trás.”

Aquela outra vida que eu poderia ter levado se apresenta, tão gentil e comum e impossivelmente distante que não me permito pensar nela de forma próxima demais.

— Minha mãe me tratava de forma diferente. Eu apenas não era mais a garotinha dela. Outras pessoas descobriram, da forma que as coisas se espalham em cidades pequenas. As pessoas mudaram também. Eu deixei de ser uma garota simpática e me tornei suspeita. Falavam comigo como se eu pudesse explodir. Deixei de fazer parte das festas do pijama ou de aniversários. Não estavam tentando me rejeitar. Na verdade, não. Apenas me viam como um tipo diferente de pessoa. Alguém que não se interessaria por essas coisas. Alguém que não queria participar desse mundo.

As formas de Patrick no escuro são inflexíveis, impossíveis de interpretar.

— As coisas foram assim durante a maior parte da minha adolescência — prossigo. — A cada manhã, eu acordava pensando que tudo poderia melhorar. Eu seria feliz de novo sem qualquer tipo de aviso. Na verdade, fazia sentido. Não havia um bom motivo para aquilo ter começado. Quem sabe poderia sumir do mesmo jeito.

“Mas se tornou parte de mim. Eu não conseguia me lembrar de uma época em que não era assim. Eu me afastei das outras pessoas. No começo minha mãe tentou ficar do meu lado. Mas depois de um tempo ela ficou impaciente. Eu com certeza a frustrei. Eu ficava preocupada de ser um fardo. Tentava ser o mais independente possível, confiando apenas em mim mesma. Eu tirava notas boas, fui aceita em uma escola razoável. Parecia uma chance de um novo começo.”

O rosto da minha mãe se forma na minha memória. O resguardo cuidadoso na expressão dela quando interagíamos, uma cordialidade fria que me magoava mais do que a raiva. Na época, eu pensava que era escolha dela se ausentar, mas, agora, me pergunto se também não tenho culpa: eu a impedia com minhas mãos em seus ombros para então ficar ressentida por ela não me abraçar.

— Quando eu tinha cerca de 18 anos — continuo —, depois de começar a frequentar a faculdade, eu tentei de novo. Dessa vez, era mais intencional. Ninguém me encontrava. Minha colega de quarto estava fora da cidade. Eu acordei na minha cama como se nada tivesse acontecido. Havia nevado durante todo o dia, e a luz no quarto era tão vívida. Eu achei que estava sonhando até que encontrei o frasco de pílulas vazio. Meu corpo havia se recomposto. Apesar de tudo, eu ainda estava ali. Eu ainda estava ali.

Eu fico esperando que Patrick diga algo.

— Foi quase como um jogo, dali em diante. Ver se meu corpo se entregaria em algum momento. Eu tentei duas outras vezes. A cada vez que retornava, tudo parecia mais distante. Como se estivesse retornando a uma cópia mais confusa da vida. Eu não conseguia encontrar o caminho de volta a uma versão nítida. Depois que minha colega de quarto me encontrou, ela me obrigou a consultar um terapeuta. Tomei remédio. Passei pelo processo. Mas mesmo quando as coisas ficavam um pouco mais fáceis, eu ficava preocupada de se tratar apenas de uma questão de tempo. E então eu não me permitia desejar coisas. Eu sentia medo de como seria quando não pudesse ter uma vida normal. Tentava manter minhas expectativas baixas... Foi a coisa mais gentil que fiz por mim mesma.

Há certo conforto em ouvir a história se desenrolar sem lágrimas ou raiva. Eu poderia muito bem estar contando a história de um estranho.

— Depois da faculdade, eu me mudei — digo. — Apenas a algumas horas de distância. Tudo ainda parecia igual. A mesma arquitetura, o mesmo clima. Mas ninguém ali sabia quem eu era. Era como reiniciar a mim mesma. Eu comecei a acordar. Ainda controlava meu desejo, mas comecei a aprender a me satisfazer com uma vida simples. Apenas grande o bastante para mim. Gerenciável.

A outra parte da história se aproxima. Eu a sinto pesar no meu corpo; um núcleo de apreensão, como se estivesse andando sobre o gelo em direção a pedaços que vão ceder debaixo dos pés.

— Daniel trabalhava do outro lado da rua — conto. — Às vezes tomávamos café ou almoçávamos na mesma lanchonete. Eu gostei dele por meses antes mesmo de me dar conta do que estava acontecendo. Para a maioria das mulheres da minha idade, teria sido uma simples paquera. Nem sequer digna de atenção. Mas para mim, foi... enorme. Eu não tinha nome para isso. Era como se tudo dentro de mim voltasse à vida. Àquele ponto, nós reconhecíamos um ao outro o bastante para dizer oi. Eu podia escolher quais partes de mim revelar a ele. Ao contar a ele sobre a minha vida nesses pequenos pedaços, comecei a ver a mim mesma de forma diferente.

“Ficar interessada por Daniel reorganizou todos meus planos. Desejar isso, permitir a mim mesma querer isso, havia tornado tudo uma possibilidade. O tipo de vida que eu nunca me permiti querer... Não era nada glamoroso ou empolgante. Um marido, uma casa, um bebê. Mas permitir a mim mesma querer isso, depois de tanto tempo pensando que eu não poderia tê-los? Era inebriante.”

Eu fico esperando que o quarto se ilumine. Na imprecisão das primeiras horas da manhã, ele parece um esboço. De certo modo é mais fácil falar enquanto estou escondida, uma mera silhueta.

— Daniel e eu começamos a passar mais tempo juntos. Eu o beijei uma certa noite depois de algumas bebidas. — Regressando no tempo, vejo uma garota com uma maquiagem otimista, um vestido que era não só barato demais, mas também formal demais. Trajes afetados e casuais de escritório em um bar qualquer. — Eu queria ver como era fazer algo que eu queria. Ele retribuiu o beijo. Depois disso, estávamos juntos. Simples assim. Como se sempre tivesse sido fácil desse jeito.

Ouçó um longo suspiro do outro lado do sofá. Eu me pergunto se Patrick ficou magoado por essa memória. Toda uma história que tinha sido enterrada bem debaixo dos nossos pés desde o princípio, dividindo espaço com Sylvia.

— As pessoas não compreendiam por que Daniel iria me querer — digo. — Ele havia morado naquela cidade por toda a vida. Todos tinham previsto com quem ele se casaria desde a infância. Eu era uma novata. Talvez parecesse injusto que eu pudesse chegar e levá-lo. Eu não me importava. Eu era egoísta. Eu o desejava e era recíproco. Era perfeito. Nunca contei a ele sobre meu passado, é claro. Não queria que Daniel olhasse para mim de um jeito diferente. E não soava como mentira. Eu era, de fato, uma nova pessoa com ele. Nós dois não tínhamos que nos preocupar com o que outra garota havia feito durante outra vida.

Ouçó passos no corredor do lado de fora: os murmúrios mal disfarçados de um casal embriagado brincando com discricção. Dando risada, um beijo molhado, um murmúrio brincalhão de repreensão. Eu aguardo pelo clique da porta se fechando antes de continuar.

— No verão, descobri que estava grávida — digo, equilibrada e firme, sem me alongar no assunto. Uma simples verdade: *estava grávida*. — Estávamos juntos havia apenas alguns meses. As pessoas diziam que eu tinha enganado Daniel para que isso acontecesse. Mas foi uma decisão que tomamos juntos. Eu estava cansada de me refrear. Queria apenas me aproximar e adotar essa vida, antes que escorresse por entre meus dedos. E Daniel era tão jovem. Não pensava nele como alguém tão jovem na época, mas agora vejo isso. Ele estava apaixonado por mim e eu era selvagem. Cheia de vida. Como ele poderia saber que aquele brilho era apenas um lado meu?

Patrick começa a falar, uma sílaba rápida e incerta. Então ele para.

— A gravidez ia bem no começo — continuo. — Eu era saudável. O bebê era saudável. Os primeiros meses passaram rápido, e eu convenci a mim mesma de que conseguiria. Quando já estava com quatro ou cinco meses de gestação, eu comecei a ter lampejos do meu antigo eu. Isso me assustou, mas pensei que, uma vez que o bebê nascesse, eu ficaria melhor. Que isso mudaria as coisas. As pessoas me disseram que mudaria. Eu olhava para ela e sentia o amor mais intenso que já tinha sentido, e isso fazia tudo ficar bem de novo.

— Ela — repete Patrick. — Uma menina?

— Sim. Quando descobri que era uma menina, as coisas já estavam dando errado. Daniel estava ocupado com o trabalho, mas eu tinha sido dispensada do meu emprego; eu ficava sozinha em casa todos os dias. Eu não era mais tão divertida quanto antes. Ele começou a inventar desculpas para passar mais tempo com os amigos, pessoas que eu não conhecia. Não estávamos juntos há muito tempo e, naquele momento, talvez nós dois estávamos nos dando conta do que... do quanto aquilo era grandioso. Do quanto era permanente. Eu tinha problemas para dormir. O médico não me recomendou tomar medicação. Quando eu estava deprimida, o sono era tudo para mim. Era uma pausa daquele peso e tristeza. Eu ansiava por isso durante todo o dia: o momento em que poderia esquecer tudo por um tempo. Então, quando deixei de conseguir dormir, tudo acumulou. Dias e noites eram o mesmo. Tempo demais para minha mente ficar obcecada sobre as mesmas questões, revolvendo as coisas. Toda vez em que eu liquidava um medo havia um momento de alívio, e então eu me afundava nele de novo.

“Depois de algumas semanas dessa insônia, eu estava fora de mim. Eu estava preocupada que Daniel estivesse me traindo. Estava preocupada que ele não me amasse mais. Pensei que os pais dele tentariam tirar o bebê de mim, porque claramente eu não poderia ser uma boa mãe. Então me preocupava que ninguém ia querer mais nada comigo. Todo medo e tristeza que eu havia deixado para trás voltava com mais força. Eu havia tentado assumir uma vida que não me pertencia. As coisas não poderiam permanecer daquele jeito. O destino tinha que restabelecer o equilíbrio.”

Patrick faz um movimento como se quisesse se aproximar.

— O Daniel percebeu — digo. — Eu me tornei uma pessoa completamente diferente. Encurralada e desesperada. Eu descontava tudo nele e ele, em mim; às vezes o via me observar. Como se ele tivesse acabado de pôr os pés na casa dele e dado de cara com essa mulher estranha e aterrorizante. Tentamos nos preparar para o bebê. Saímos para comprar roupas e um berço. Isso apenas fez as coisas parecerem mais reais. Todos os outros casais fazendo compras pareciam tão estáveis e felizes... Parecia que Daniel e eu éramos os impostores. Brincando de ter uma vida de verdade.

Patrick já deve saber. Henry deve ter trazidos provas: recortes impressos dos jornais, a foto do fichamento de quando fui levada em custódia. Aquela imagem que me assombrou durante todos esses anos, uma mulher que não era exatamente eu. Pele sem textura ou cor, olhos vazios e desfocados. Ele deve saber o que estou prestes a dizer: eu o sinto ficar mais tenso, preparando-se para um golpe.

— Eu comprei pílulas para dormir — continuo. — Àquela altura, eu estava com sete meses de gestação. Estava óbvio para qualquer um que estava grávida. Eu fiquei receosa que eles não iam querer me vender o remédio. A pessoa no caixa me perguntou quando o bebê nasceria, mas ela não me impediu. Eu estava preparada para dizer que era para outra pessoa. Em casa, escondi as pílulas na gaveta. Apenas por saber que elas estavam ali, já me sentia confortada. Quando as coisas ficavam bem ruins, quando Daniel não voltava para casa durante toda a noite, eu pensava nelas. Apesar disso, eu não as tomava. Prometi a mim mesma. Esperaria até depois de o bebê nascer.

De repente, Patrick se inclina para a frente, cotovelos entre os joelhos, dedos entrelaçados pressionados contra a testa baixa. Ele está bastante estático nessa posição, os olhos fitando o chão.

— Era tarde da noite — digo. — Eu já estava há tempo demais sem dormir. Provavelmente 36 horas ou mais. Tentei lidar com isso ao focar em um momento por vez. Mas havia sempre essa consciência do tempo me aguardando além daquilo. Eu comecei a quebrar. Era como se tivesse esquecido onde estava. Estava sozinha novamente, isolada da minha própria vida, e eu só tinha a mim mesma para me preocupar. Não estava grávida. Nunca tinha conhecido Daniel. Naquela noite, eu virei meu antigo eu, todas as minhas escolhas foram apagadas, e peguei as pílulas para dormir. No início, prometi a mim mesma que tomaria apenas uma ou duas. Apenas o bastante para me acalmar e ajudar a dormir. Mas ao passo que

engoli algumas, comecei a entrar em pânico por achar que não fariam efeito. Então eu tomei mais. Muitas. Não sei quantas ao certo.

Silêncio. Patrick não diz nada. Não esboça reação nenhuma.

— Eu ainda não sei quanto tempo passou até que eu acordasse — digo. — Estava no hospital. Daniel havia me encontrado. Eu estava em uma cama de hospital, cercada por fios. Não conseguia me mexer sem que algo apitasse. O bebê estava bem, eles disseram, mas eles teriam que nos monitorar. Daniel não vinha me ver de jeito nenhum. Nem uma vez. Os pais dele vieram me visitar. Eles estavam preocupados com o bebê. Achei que eles ficariam furiosos comigo, mas foram solidários. Talvez eles tenham se dado conta do quanto as coisas estavam sendo difíceis para mim. A mãe dele até se sentou e conversou por alguns minutos. Ela queria que eu soubesse que estaria disposta a ajudar depois de o bebê nascer. Isso me fez sentir um pouco melhor. Eu ainda estava tentando colocar todas as peças do quebra-cabeça no lugar. As enfermeiras e médicos ficavam me dizendo o quanto eu tinha sido sortuda, que o que eu tinha feito não havia ferido o bebê. Eu tinha saído impune disso. Quase comecei a acreditar.

“Tudo aconteceu uma semana depois que eu acordei no hospital. Tarde da noite. Tudo parecia estar bem, e de repente não estava mais. Eu estava sangrando. Havia muito sangue. Talvez pareça estranho que eu fique chocada ao ver sangue. Mas eu não estava acostumada com isso. As pílulas me fizeram sair do próprio corpo. A dor estava me segurando ali.”

Hesito. Pela primeira vez, fico incerta se devo prosseguir.

— Foi um parto de emergência. Ela já tinha morrido. Não tive nem a chance de olhar para ela. Eles devem ter presumido que eu não ia querer vê-la. E eu compreendo. Eu a matei. Foi minha culpa. — Pauso. — É minha culpa.

A dor não é tão aguda quanto imaginei que seria. Após ser sufocada durante cinco anos, deveria ser enorme, insuportável. Uma ferida negligenciada escondida por baixo de uma manga, a infecção se alastrando para a corrente sanguínea. Mas, em vez disso, encontrei uma mera cicatriz. Minha dor se curou sem mim. Eu me sinto traída, quase em pânico. Eu quero aquele frescor de volta.

— Deitada ali, depois, as pessoas nem olhavam para mim. O olhar delas passava direto pelo meu, não importava o quanto eu tentasse manter contato visual. Como se eu fosse apenas um espaço vazio no quarto. Uma máquina com defeito. Eu tive que bisbilhotar para descobrir o que tinha acontecido. Descolamento prematuro da placenta, disseram. Eu não sabia o que isso significava. Não tinha me machucado tanto... Estava me recuperando, ao menos fisicamente. Devo ter ficado ali deitada por dias, e era a coisa mais estranha do mundo. Enquanto eu estava grávida, não notava muito o bebê se mexer. Mas uma vez que ela tinha partido, eu me senti tão imóvel e achatada. Eu ficava me perguntando, onde ela está? Por que não está se mexendo? E então tinha que me lembrar, repetidas vezes. Esse instinto que eu nem tinha me dado conta de ter... agora estava me assombrando.

A postura de Patrick não se alterou: o ângulo acentuado de sua coluna, a inclinação de seu pescoço.

— Semanas se passaram, e eu não tinha certeza do que aconteceria em seguida — prossigo. — Era impossível imaginar. Eu estava completamente isolada. As drogas me faziam sentir ainda mais entorpecida. Quando os policiais entraram no quarto, eu mal entendia o que eles estavam dizendo ou fazendo. Levou um bom tempo para eu juntar as peças e entender que estava sendo responsabilizada pela perda do bebê. Os pais de Daniel queriam que eu fosse punida pelo que tinha feito. O bebê teria sobrevivido se eu não tivesse tido uma overdose; era o que eles estavam dizendo. Depois disso, tudo se tornou um borrão... Ficar na cela da delegacia não era muito diferente do que ficar no hospital. Esses lugares estranhos e solitários nos quais eu não era exatamente real. Eu era apenas um problema a ser resolvido.

A foto do fichamento. Olhar sem interesse algum para a lente negra da câmera suspensa à minha frente. Meu rosto inexpressivo, meu olhar indiferente. Apenas depois eu me perguntaria sobre as implicações daquela foto. Eu a encontrei anexada ao meu nome verdadeiro, em um site de notícias locais: eu mal reconheci a pessoa na foto. Um rosto registrado no estado mais bruto e preservado para sempre. Tudo o que eu queria, naquela época, era fugir daquela garota e de tudo relacionado a ela.

— Deve ter sido Daniel quem os convenceu de retirar as acusações — digo. — Um descolamento prematuro de placenta pode acontecer com qualquer uma. Pode acontecer com mulheres que fizeram tudo com perfeição, que foram cuidadosas durante toda a gestação. Foi isso que me ajudou. Mas o caso já tinha chamado a atenção da mídia. O bastante para colocar meu nome em evidência. Talvez você tenha ouvido falar disso... Seis anos atrás, talvez. Não sei até onde a história se espalhou.

Ele balança a cabeça, um movimento quase imperceptível. Não sei dizer se ele está negando, ou se não consegue falar.

— Depois de me liberarem, eu voltei à nossa casa. Daniel não estava lá. Andei pelos cômodos e peguei algumas coisas que talvez precisasse. Roupas e artigos de higiene, dinheiro. O berço ainda estava no quarto. Eu não conseguia passar por ele sem pensar nela. Minha pobre garotinha.

As palavras me alarmaram, se formando sem que eu me desse conta. *Minha pobre garotinha.*

— E então você veio para cá. — A voz de Patrick está rouca, como se fosse ele quem estivesse falando durante esse tempo todo.

— Eu tentei ir para algumas cidades diferentes. Trabalhos temporários, qualquer coisa que aparecesse. Nada era exatamente certo. Quando ouvi falar da Elysian Society, parecia ser só mais um trabalho. Mas era exatamente o que eu precisava. Ao tomar a flor de lótus, dava um passo atrás da minha própria pele e tudo ficava mais suportável. Uma dia eu parei para me dar conta de que já fazia um ano, e então dois anos. Eu não tenho sido feliz como um corpo, não exatamente. Mas estive segura durante todos esses anos.

— Ele nunca veio à sua procura?

— Eu costumava pensar que ele viria. Não teria sido muito difícil me localizar. Nos primeiros meses, eu o imaginei passando pela porta. Voltando para mim. Agora eu já não acho que isso vai acontecer. Ele não quer saber de mais nada que remeta a mim. Eu não o culpo por isso. Espero que ele tenha se esquecido. Espero que esteja feliz com outra pessoa.

Patrick ajeita a postura. Um mergulhador subindo à superfície, tentando encontrar seu rumo nesse mundo áspero.

— Então você acredita nisso? — pergunta ele.

— Acredita no quê?

— Que você teria perdido o bebê de qualquer forma.

— Eu não sei. Provavelmente nunca vou saber de verdade.

— Você tinha escolhido um nome para ela?

— Lucy — digo.

Ele engole em seco.

— Eu não entendo como você pôde fazer isso. Você sabe o que Sylvia teria feito pra ter a chance de ser mãe? Você a teve, e você... a destruiu.

— Patrick, eu estava desesperada. Eu não estava pensando no bebê. Eu queria sumir. Eu nem tinha noção de que estava grávida quando engoli aquelas pílulas. Foi um momento de tanto pânico que teria feito qualquer coisa para pôr um fim nele.

Do lado de fora, a escuridão é iluminada por um tom de rosa gradual.

— Você escondeu tanta coisa de mim — lamenta Patrick.

Eu não respondo. Estou incerta de que ainda restou alguma palavra dentro de mim.

— Eu estava esperando que você me dissesse que foi um erro — prossegue ele. — Mesmo depois de eu ver a foto. Eu vim até a sua porta pensando que talvez Henry tinha inventado tudo. Um último recurso para magoar a mim e à Sylvia.

Meu peito dói, uma dor que se espalha pelos músculos, como se para expelir as palavras do meu corpo fosse preciso força física.

— Mas ele estava sendo gentil comigo — continua Patrick. — Ele foi mais sincero comigo do que você.

Cedo pela manhã, os ruídos do trânsito são espaçados: os ocasionais barulhos e estrondos de um caminhão que esteve rodando a noite toda. Passando por cidades silenciosas, cidades embaladas pelo sono.

— Eu não sei como não percebi isso antes. — A voz de Patrick beira a dúvida. — Você é exatamente como ela.

Mesmo agora, as palavras carregam uma carga espontânea de deleite. Ser comparada a ela. Assumir a mulher de cabelos negros das fotos, sua beleza descomplicada. Mas eu sei o que ele realmente quer dizer com isso.

— Aquela noite no lago. Foi ela? Ou você?

— Não tenho certeza — digo em um tom de voz baixo.

— Você faria aquilo de novo. Não posso conviver com esse temor. À espera de que isso aconteça.

— Estou diferente agora. Faz cinco anos. Eu sou uma nova mulher.

— Mas algo assim... Não some simplesmente.

Uma luz fraca desliza pelo chão. É uma ilusão de ótica: indistinguível quando a observo, porém mais brilhante a cada vez em que desvio o olhar, para então voltar a encará-la.

— Eu não deveria ter feito isso com você — diz Patrick. — Era uma fantasia, tentar ter minha esposa de volta. Você fez com que isso parecesse possível. Como se fosse algo que eu merecesse.

Aperto mais o roupão fino e brega contra meu corpo.

— Você queria ter um filho comigo — diz ele, com a voz cheia tanto de assombro quanto de aversão. — Meu Deus.

Sem pensar, coloco a mão na barriga. Na mesma rapidez, retiro-a, tentando esconder o gesto. Penso onde estaríamos caso tivéssemos deixado a cidade esta noite... Se nós já estivéssemos há muitos quilômetros de distância, abraçados em uma cama de hotel. A paisagem noturna do lado de fora da janela totalmente desconhecida para nós, a espera de se revelar pela manhã enquanto dávamos partida em busca da próxima cidade. Caso nós tivéssemos ido, eu estaria contando a ele agora. Eu tinha preferido esperar até que tivéssemos escapado da cidade.

Eu só descobri esta manhã. Estava curiosa sobre o peso que sentia no quadril, a tontura que por um instante me fazia vacilar quando levantava rápido demais. Sensações que não tinham nada a ver com Sylvia. Eu sabia; antes mesmo de ver a segunda linha, eu sabia. Outra chance. Eu guardei o teste, uma pequena evidência. Mas agora que o meu passado foi derramado no meu presente, toda esperança que eu podia ter oferecido a Patrick se tornou suja e desagradável.

Se eu contar agora, temo sua ira, seu desapontamento: uma paródia cruel do que eu desejei para nós. Recordo o tom reverente que permeava sua voz quando sugeri que ele e Sylvia poderiam ter o que lhes faltou. Abro minha boca para contar — mas não consigo formar as palavras.

— Patrick — digo em vez disso —, não há nada que nos mantenha na cidade. Somos tão livres quanto ontem. Somos as mesmas pessoas. Eu ainda posso fazer isso por você e Sylvia.

Por mais um instante, eu me permito acreditar que isso vai convencê-lo. E que ele dirá: *Você tem razão. Está tudo perdoado. Vamos.* E adentraremos o futuro juntos. O passado perdendo força. Uma vez numa cidade nova, posso contar, e ele olhará para mim com novos olhos, verá nosso futuro com olhos não maculados pelo que aconteceu antes de nós.

Porém:

— Eu não posso — ele diz.

Na tela empoeirada da televisão, posso distinguir nossas formas, lado a lado.

— Eu também me culpo por isso — prossegue, após um momento. — Eu permiti que você mentisse para mim.

Fico em silêncio, as palavras presas na língua. Não há nada que eu possa dizer. Ele irá embora. Eu já sinto a ausência dele se aproximando, cada vez mais perto. Eu me dou conta de que Patrick não sabe o quanto ele estará dando as costas à sua esposa. Ele acredita que ela está encolhida no fundo da garrafa com as flores de lótus, confinada como um espírito enclausurado de um conto de fadas. Invocada apenas quando a pílula é engolida.

Ele não sabe que ela está comigo. E que assistirá pelo meus olhos enquanto ele se afasta de nós. E apesar de não ter refletido sobre os motivos pelos quais escondi isso de Patrick, de repente fico muito grata de ter mantido nosso laço desconhecido.

Patrick se levanta. Eu também; sinto-me fraca por um instante, a exaustão se canalizando pela garganta e estômago antes de se manifestar no cérebro. Ele é um estranho novamente. Minha familiaridade com o corpo dele, seus maneirismos, o som de sua voz: tudo foi retornado a ele e enclausurado.

À porta, hesitamos.

— Verei você novamente? — pergunto.

Patrick traz seu olhar ao encontro do meu com relutância.

— Não.

— Para onde você vai?

— Qualquer lugar. Não importa.

Após um segundo, Patrick agarra minha cintura. Ele me puxa em sua direção até que ficamos pressionados um contra o outro. Sinto sua pulsação rápida e severa por todos os cantos do meu corpo. Curvando a cabeça, encosto minha testa contra o peito dele. Ele dá um beijo no topo da minha cabeça.

Nenhum de nós fala por um longo tempo.

Então Patrick me solta. Ele se vira e vai embora. Não olha para trás.

Eu fico parada na entrada, sozinha. Lembro-me do tempo que passei no lago. Deitada na cama. O cheiro do chalé, como pétalas de flor secas, meladas e empoeiradas ao mesmo tempo. As pás do ventilador acima de nós, a colcha branca emaranhada entre minhas coxas. A mão de Patrick na minha barriga. Ele disse: *Você nem sequer é você mesma.* E eu presumi, à época, que era uma acusação, ou o horror crescente de uma constatação.

Apenas agora, em pé com as costas contra meu apartamento vazio, que eu posso compreender isso pelo que realmente foi. Uma declaração de amor.

NA PRIMEIRA VEZ, foi inevitável. A coisa mais fácil do mundo de se ignorar.

Eu tentei. Li artigos de revista que me advertiram e prometeram ensinar-me como amar meu corpo, passo a passo. Tinha ouvido histórias tristes sobre o corpo humano quebrando de formas complexas, e tinha prometido que não mais tomaria minha saúde como algo garantido. Eu iria me regozijar com o milagre dos meus pulmões vigorosos, pernas levemente musculosas, batimento cardíaco forte.

Mas no fundo da minha cabeça, eu sabia que essas coisas eram ilusões. Tentativas de tornar-se hospedeiro debaixo da minha pele de forma tão delicada e luxuosa quando colocar um vestido novo. A verdadeira experiência era grande demais e comum o bastante para que fosse destilada em chavões abstratos.

Meu corpo, naquela primeira vez, estava tão constante que eu tive de quebrá-lo em pedaços muito pequenos para poder experimentá-lo com totalidade. Um nó de dor na têmpora ao acordar. Uma coceira na sola dos pés. A mão de Patrick na parte inferior das minhas costas. Uma gota de suor escorrendo lentamente na base do meu pescoço. Os pelos dos meus braços eriçados por conta de uma brisa. Os olhares de estranhos se agitando na minha direção.

As fotografias ajudaram. As fotos me permitiram dar um passo atrás e examinar a mim mesma de modo imparcial. Eu corria o dedo sobre minha imagem, presa naquela composição estática, e em resposta a isso, meus pensamentos se alinhavam.

E então eu me tornei uma história triste. Meu corpo me traiu, afundando além do meu alcance. Eu desci o mais fundo que consegui e, ainda assim, meus dedos não se fechavam ao redor de nada. Meu interior se recusava a se fazer conhecer por mim mesma. Aquela foi a época de me sentar em quartos estéreis, usando vestidos finos como papel, um objeto danificado para ser avaliado, pesado e dedilhado. Uma época de evitar que meus olhos caíssem nas barrigas firmemente infladas na sala de espera, cuja circunferência madura indicava o sinal de um mecanismo perfeito e ajustado bem dentro delas. Enquanto isso, eu era um equipamento cheio de ruídos, engrenagens soltas.

Depois disso, eu me tornei outra coisa. Outra pessoa. Um corpo que se comportava de uma forma que nunca imaginei ser possível. Fazendo coisas que eu nunca permitiria a mim mesma querer fazer. A boca de Henry, um choque elétrico nas minhas coxas; os dedos dele, um lembrete teimoso de que minha carne ainda tinha outras utilidades. Outras fontes de prazer. Quando eu estava com Henry, olhando para mim mesma como se a distância, eu pensava: essa pode mesmo ser eu? Eu posso ser essa mulher? Nunca tive certeza se sentia terror ou deleite ao pensar isso.

Para mim era doloroso demais tocar meu marido. Junto ao meu, o corpo dele fazia parte daquela equação sem solução.

Mesmo enquanto o oxigênio se esvaía do meu sangue e a água gotejava em meus pulmões, durante aquele momento claro e brutal em que aceitei o que estava acontecendo, ainda não sabia como sentir falta de meu corpo. Eu sentia falta do mundo: o cimento morno debaixo de pés descalços, música ressoando de dentro de um carro que passa, a estranha extravagância no ar durante a mudança das estações. Eu sentia saudades de Patrick, da forma que éramos antes e de como deveríamos ter sido. Mas eu não senti falta do meu corpo no momento em que o deixei.

Precisou tudo isso acontecer.

Eu retornei em uma carne diferente, chocante com toda sua novidade. Inicialmente, eu só ficava nela por curtos períodos de tempo, confusa e enjoada. Muitas sensações: uma proximidade excessiva. O erro de estar tão entrelaçada com uma estranha. As palavras formadas com esforço por uma língua enorme e úmida, expelidas por entre dentes grandes e pesados. O pulsar frenético de sangue nas orelhas dela. A consciência enlouquecedora de tanta pele, a coçar, vibrar e doer sem parar. Eu abri caminho. Fiz a mim mesma ficar e falar.

Acomodar-me na pele dela levou um tempo. Era um instinto primordial. Lampejos bruscos e caóticos de estar dentro dela, intercalados com o vazio. Apesar disso, com o passar do tempo, eu me tornava cada vez mais desperta. Eu me alongava.

Por um longo tempo, ela era meramente funcional. Eu vi a mim mesma com um corpo novamente e queria a mais simples das segundas chances. O impulso sobrepujou todo o restante: retornar para o meu momento final. Fazê-los me enxergar, dessa vez, já que durante tanto tempo o olhar deles passou direto por mim. Mas com o passar do tempo, a sede de vingança se enfraqueceu e reduziu.

Eu queria mais. Queria passar pela vida novamente. Caso sentisse falta das pessoas que amei na primeira vida, seria uma dor compreensível. Não posso vê-las outra vez. Mas esse novo corpo, com todas suas limitações, carrega consigo a liberdade delirante e estranha de uma segunda chance.

Tive de compreendê-la. De forma paciente e meticulosa, senti suas limitações. Dessa vez, não posso ignorar a especificidade de ter um corpo. É sempre extraordinário. Um estupor.

Com ela, vejo o mundo de um ponto de vista diferente. Tudo é menos intenso do que eu me lembrava. Aprendi a segurar objetos com mãos que são mais delicadas e alongadas do que as anteriores. Nossa língua reage a gostos salgados de modo mais vívido, atenua os sabores adocicados: o oposto do meu primeiro corpo. À noite, nossos sonhos são uma explosão de cores em vez de preto e branco.

Quando abraçamos Patrick, nossa boca se alinha com a dele. Antes, eu tinha de ficar na ponta dos pés, como se fosse uma criança. Foi uma revelação estar a par dele, em equilíbrio. Tudo nele se ajustava com tudo em mim. Ele ficava menor, mais fácil de entender, e eu poderia perdoá-lo.

Agora.

Agora: ele se foi novamente. Ele a deixou, do jeito que eu sabia que ele faria. Ele nunca soube como olhar sem hesitar.

Mas eu estou aqui. Estou aqui, estou aqui. Estou apaixonada pelos gostos e cheiros e sensações que vão além da normalidade de ocupar um corpo, surpresas promissoras. Eu quero absorver tudo. Qualquer momento em que sinto essa escuridão se insinuando sobre ela, entorpecendo o seu cérebro, abafando os seus olhos, sabendo que ela quer escapar, compartilho esse encanto. Essa gula.

Deseje, digo a ela.

Deseje tudo.

E ela me dá ouvidos.



SEM NADA QUE interrompa a luz fria e clara de fevereiro, os raios de sol entram pelas janelas, despidos, para pousar simetricamente e formar quadrados pela extensão do cômodo. Paro logo após a entrada. O lugar é sujo, mantendo toda a teimosa dignidade de uma casa há muito negligenciada. Mas a claridade pura desse cômodo — as paredes brancas, a simetria oblíqua da luz do sol ao longo do piso de madeira — dá espaço para algo grandioso no meu peito. Eu estou viva na certeza de que estou fazendo a escolha certa. Adentrando o futuro certo.

— É uma rua silenciosa — diz a agente imobiliária. Ela esteve na retaguarda, uma presença vagamente educada, expressando-se apenas nos momentos certos.

Eu me viro e sorrio.

— Sim, logo percebi.

— Não há muito barulho de trânsito. O parque pelo qual passamos dá a você alguma privacidade, mas está apenas há um quarteirão ou dois dos vizinhos mais próximos. — Ela adentra mais no cômodo, os saltos batendo. A sombra dela forma uma bolha ligeira contra os quadrados iluminados pelo sol. É um pequeno desapontamento, como uma primeira pegada desajeitada na neve fresca. — É um equilíbrio entre as comodidades residenciais e aquela sensação agradável de isolamento. Tenho a impressão de que você deseja algo assim, acertei?

— É exatamente o que eu quero.

— Essa casa está no mercado há algum tempo. — A agente é neutra: vestido preto, cabelo curto e arrumado, maquiagem em cores moderadas. Eu consigo imaginá-la se vestindo diariamente, certificando-se de que está não específica o bastante para complementar qualquer espaço em que entrar. — É um daqueles lugares únicos que só precisa da pessoa certa. Eu tenho um bom pressentimento a seu respeito.

A casa é antiga, tem dois andares. Tinta branca que com o tempo foi ficando acinzentada, como um sombreamento a lápis e rabiscos ociosos às margens do papel. A varanda apertada e desigual, como se estivesse afundando gradualmente no chão. Próximo a um lado, crescem árvores frondosas, de modo que olhar para o leste, de qualquer janela, implica em ver uma aglomeração de galhos.

Estendo a mão para passar a ponta dos dedos nas paredes. A estrutura interna é arejada e, ao mesmo tempo, acolhedora, os cômodos se conectam como um quebra-cabeça quase completo. Espaços amplos, com ângulos inesperados e recantos profundos. Tomo conhecimento de todos os detalhes. Não daria muito trabalho. Limpar as marcas de fezes de camundongo, repintar as paredes e lavar as janelas até que o vidro fique transparente. A casa é velha o bastante para parecer uma memória, uma lembrança meio apagada de infância. Ela esbanja um silêncio generoso: *entre*.

Bem-vinda à casa.

— Você é nova aqui, estou me recordando corretamente? — pergunta a agente.

— Eu me mudei na semana passada — digo, olhando para fora pela janela mais próxima. Através das camadas de sujeira, a vista é perfeita. Uma rua íngreme, um pequeno parque público cheio de arbustos que cresceram em demasia e alguns bancos de concreto. A residência mais próxima é apenas o topo de um telhado, surgindo por entre o alto das copas das árvores. Em tempos mais quentes, com os galhos cheios de folhas, até mesmo aquela parte deve ficar escondida.

— Ah. — A agente lança um sorriso para mim. — Emprego novo?

— De certa forma. Espero dar início ao meu próprio negócio.

— Ah, uma empreendedora. Você tem amigos e família na região?

— Na verdade, não. Mas espero fazer contatos. — Dou um sorriso. — Na verdade, é por isso que vou sair mais cedo do que havíamos estabelecido. Vou encontrar alguém hoje à tarde.

Ela aguarda um instante para que eu dê mais detalhes, mas fico em silêncio.

— Bem, eu espero que esteja gostando da cidade até agora — diz a agente, um rápido indício de que a conversa está chegando ao fim. — Bem, como não estamos com muito tempo, gostaria de mostrar os quartos. Você vai ficar impressionada com a quantidade de espaço que vai ter pelo preço cobrado. Mais espaço do que você saberá ocupar, imagino.

Eu a sigo escadaria acima, íngreme e larga, a madeira escura e manchada reluzindo à luz do sol. Mal estou escutando ao fluxo empolgado de detalhes e argumentos da vendedora. Ela não precisa dizer mais nada; na minha cabeça, essa casa já é minha. Nossa. Eu coloco a mão no bolso do casaco, meus dedos automaticamente encontram a flor de lótus guardada lá dentro.

EU GUARDEI A foto daquela noite ofuscada de luzes no parque. Costumava afastar Sylvia e deixar apenas nós dois. Patrick e eu. Encontrando-nos uma década atrás, ou mais, quando ambos estávamos limpos de todo o futuro. Eu tentava calcular o que nós realçaríamos um no outro. O que poderíamos ter tido, enquanto ainda havia tempo para nos tornarmos versões diferentes de nós mesmos.

Porém, a fantasia nunca foi certa. Com o tempo, passei a compreender o que realmente teria acontecido. Teríamos sido vagos e demasiado jovens, cruzando caminhos sem nos dar conta um do outro. Não haveria nada ao que se agarrar; um passado de superfícies lisas e escorregadias. Nós nos conhecemos quando estávamos ambos embrutecidos e despedaçados, nossos corações esfarrapados o bastante para se prender um ao outro.

Mesmo que Patrick pensasse que me amava por conta do meu vazio infinito, deve ter havido uma parte dele, escondida até mesmo de si próprio, que reagia às nossas semelhanças. Aos rastros de destruição coincidentes que deixamos em nosso caminho. O que aconteceu permaneceu conosco, uma força que guiou meus passos a este momento.

A esta casa. A estes movimentos, como os de um sonhador por debaixo de minha pele. À Sylvia.

Sylvia.

Ela continuou comigo. Eu continuei com ela. Não há sentido em nos desatar. Parei de questionar quais impulsos vêm de mim e quais vêm dela.

Houve um tempo, logo após ele ir embora, em que eu achei que ela também fosse me abandonar. Eu passava os dias em uma sala de interrogatório, meu reflexo paciente em um borrão no canto do olho. Eu falei em repetidos detalhes sobre a Elysian Society. Sobre a sra. Renard; sobre Thisbe. As flores de lótus.

As palavras caíam da minha boca como se fossem folhas: secas e frágeis. Era chocante como eu estava solitária na minha própria pele. Nada além de espaço. As pessoas que entravam e saíam da sala de interrogatório deveriam saber o motivo de eu estar ali. A curiosidade casual não era rude, mas eu a sentia ferroando minha pele. Meu papel na Elysian Society por muito tempo foi proteção. Foi desorientador ter isso voltado contra mim, minha máscara plácida virada do avesso para revelar um rosto de aberração.

Certa manhã, tentei passar o batom de Sylvia, na esperança de que isso seria um lembrete reconfortante de quando os Braddock eram totalmente novos para mim. Quando meu mundo foi aceso e crepitava com essa estranha possibilidade. Mas o batom tinha estragado, exalando um cheiro podre e ensaboado. Por fim, eu o joguei fora.

Ela retornou na primeira vez em que senti um movimento. Foi só alguns meses depois de Patrick ter ido embora; a palpitação foi um pequeno choque, acontecendo logo assim que eu tinha começado a dormir. Uma leve inquietação, fora do meu controle, profunda abaixo do meu umbigo. Meio sonolenta, imaginei um peixe dourado nadando. Suas barbatanas batendo nas laterais do vidro. Então eu me lembrei do que aquilo realmente era. Estava acontecendo bem mais cedo do que da última vez. Minha memória muscular se agitando, fazendo-me lembrar. E, por um instante, eu entrei em pânico.

Não conseguiria fazer aquilo de novo. Não poderia encarar isso. Com o Patrick, eu tinha tanta certeza de ter mudado, mas não tinha. Não o bastante. Os mesmos impulsos horríveis me subjugariam, não deixando espaço para a volta.

Na pulsação entorpecida do momento, eu a senti novamente. Outra presença aquietando meus músculos. Meu temor se dissolvendo em uma sensação de quietude como se tudo se abrisse à minha frente.

À nossa frente.

Eu penso em Laura às vezes, transformada em Thisbe, transformada na Desconhecida Esperançosa, distanciando-se cada vez mais de sua própria identidade. Não sei como seria possível evitar sua sina. É fácil imaginar Sylvia me devorando viva. Me combatendo até que nos misturássemos em um vazio, anulando uma a outra. Nos primeiros meses, meus sonhos eram plenos dessas imagens. Meu corpo com o rosto de Sylvia, descartado em uma casa vazia. Eu acordava com a pele gelada e aos berros, o cômodo pulsando ao meu redor.

Mas eu estou aqui. Ela está aqui. Há um peso reconfortante na presença de Sylvia dentro de mim, os espaços vazios que preencheu dentro de mim. As fissuras em que eu costumava cair, em que meu corpo se tornava algo sem profundidade e oco, se tornaram fontes de calor. Tudo o que eu preciso fazer é chamá-la; quando estou exausta, Sylvia assume nosso corpo e me deixa descansar.

No momento eu me questiono como pude viver sozinha na minha própria pele. Parece uma solidão impossível.

SAÍMOS PARA A varanda. Essa cidade tem um clima mais ameno do que a que deixei para trás. Apesar de ainda ser o meio do inverno, a camada de neve no chão é tão fina quanto um lenço derrubado, já derretendo em alguns pontos. Um bando de aves sai voando de uma árvore próxima, um jato de tinta súbito precipitando-se pelo céu. Enquanto a agente se atrapalha com seu molho de chaves enorme, eu olho para cima, para as fileiras estáticas e silenciosas das janelas. Tudo apenas à espera de começar.

— Mais alguém vai precisar ver a casa antes de você tomar uma decisão final? — pergunta, virando-se da porta.

Ela é discreta demais para abaixar o olhar, mas eu coloco as mãos na barriga, confirmando para ela o que não foi dito.

— Não — digo. — Somos só nós.

O movimento aparece, respondendo ao meu toque. Um chute rápido próximo à minha costela, seguido por uma palpitação, como uma mariposa presa.

— É claro. Compreendo. — E então ela sorri, adulando. — Seria a casa perfeita para um pequenino. Tanto espaço para correr e se desenvolver.

— Eu também acho.

— Manteremos contato, então?

— Com certeza — digo.

A agente imobiliária sorri. Ela estende a mão para tocar meu ombro, seus dedos são leves e familiares. As pessoas têm se comportado assim desde que a gravidez começou a ficar evidente: uma afinidade com

meu corpo.

— Bem, eu admito, tenho um fraco por essa casa. — A voz dela se atenua a um tom de confiança pesaroso. — Alguns possíveis compradores renunciaram a ela. Devo te dizer o quanto me faz feliz saber que você vai dar um sopro de vida nesses cômodos.

Eu dou uma última olhada para trás enquanto me afasto dirigindo, e tento ver a casa como um estranho a veria. As paredes altas e brancas, os galhos nus marcando uma das laterais. As janelas já transbordam com algo próximo o bastante de vida.

QUANDO EU TIVE a ideia eu só queria falar com uma pessoa. Tive a coragem de ligar para ele na noite anterior à minha saída da cidade. Estava morando em um quarto de hotel barato, sendo impossível voltar ao meu apartamento. Temia que se eu pisasse novamente naqueles cômodos como se ainda pertencesse àquele lugar, mesmo que apenas por um dia, nunca mais sairia de lá. O quarto de hotel era pequeno, com cortinas grossas como estofamento e beges, que bloqueavam toda a luz. Eu poderia me encolher na cama e imaginar que era qualquer hora do dia. E que qualquer coisa estava acontecendo do lado de fora.

Seis semanas obscuras e impossíveis haviam passado, indo rápido demais e então devagar demais. Seis semanas desde que Patrick me deixou. Era bem tarde da noite ou bem cedo pela manhã e eu estava grogue, furiosa, prestes a jogar o frasco com as flores de lótus na privada. A ideia surgiu na minha cabeça. Era tão simples e completa que quase me fez rir.

Eu puxei o frasco para perto da minha barriga, pressionando-a com força. Com cuidado, revisei a ideia, circundando-a para avaliar seu tamanho e esboço. *Por que não?* Eu pensei, e então novamente: *por que não?* E a cada vez eu sabia com mais certeza de que faria aquilo.

Lee atendeu no segundo toque.

— Edie? — Sua voz permeada de cautela.

— É bom falar com você novamente — falei.

— Eu não achei... — Ele para, e no curto espaço de silêncio que se segue, eu o ouço sentar-se. — Eu não achei que fosse ter notícias suas novamente. Você está bem?

— Sim. Eu estou bem.

— Você está com ele. — Uma afirmação.

Eu estava prestes a dizer que estava morando sozinha, mas a inverdade disso me golpeou.

— Não — simplesmente disse. — Não estou mais com Patrick. Nós nos separamos.

— Entendi. — Lee hesita. — Bem, andei pensando em você. Eu torcia para que estivesse bem. Eu deveria ter feito algo, mas eu estava...

— Não foi tão ruim — falei. — As autoridades fizeram o que foi possível. Não havia motivo para ter mais pessoas inocentes envolvidas.

— Eles trataram você bem?

— Foram gentis o bastante.

— Foi corajoso da sua parte, tentar ajudar Thisbe. Ainda é difícil de acreditar no que aconteceu, mas eu deveria ter suscitado de algo. Todos nós deveríamos. — Ele pausou. — Você não sabe o que aconteceu com Renard?

A sra. Renard desapareceu não muito tempo depois da minha ligação para o sr. Rogalski. Ela escapuliu silenciosamente. O prédio da Elysian Society apareceu trancado certa manhã. Era como se ela sempre tivesse tido um pé fora da própria vida, meramente aguardando o sinal para se apressar para a próxima.

Algumas semanas depois de a polícia me informar que eu não mais seria útil, eu permiti que a minha curiosidade tomasse conta de mim. Passei de carro pelo prédio da Elysian Society. Já tinha começado a esmaecer na mesma degradação suave dos outros prédios da vizinhança; dava a impressão de que a sra.

Renard tinha fornecido toda a importância e vitalidade do prédio, e sem ela em seu centro, a estrutura murchava. Pensei em meus clientes. Tentei imaginar onde estavam, espalhados pela cidade, o luto deles, mais uma vez, quente e fresco.

— Ela não disse nem uma palavra para mim antes de ir embora — eu contei a Lee. — Ela está por aí, em algum lugar.

Ficamos em silêncio, ponderando sobre isso.

— Você sente falta? — perguntei.

— De certa forma. Depois de uma semana após ir embora... menos... Não parecia real. Há aquelas coisas que você faz que sempre fazem sentido. Mas algo assim, no momento em que você para e olha para trás, não parece ter sido possível.

Sento na beirada da cama de hotel.

— Lee — falei, e então contei a ele. Apertando contra o peito o frasco com as flores de lótus, conto a ele. De todas as pessoas que conheci, até mesmo Ana, ele é quem entenderia o que isso poderia significar. O que estava em jogo: tanto a promessa quanto os perigos.

Lee me escuta, seu silêncio uma presença atenta do outro lado da linha.

— Não tenho certeza, Edie — disse ele, após eu terminar. — Você acha sensato? Talvez seja hora de a Elysian Society terminar. Você tem outros talentos, poderia...

— Eu serei diferente — disse, interrompendo-o. A tranquilidade era tão profunda, limpa e fresca que me fazia nunca querer deixá-la para trás. — Não será no mesmo lugar. Farei com que seja mais pessoal. Menos regras. Regras melhores. A sra. Renard perdeu de vista o que significava a Elysian Society em sua definição mais simples.

— Que seria?

— Conexão.

Ele não responde, mas o silêncio de Lee havia se tornado uma rendição. Abri de súbito as cortinas pesadas do hotel, e os faróis de um carro no estacionamento refletiram na parede. Eles formaram dois círculos brilhantes, reluzindo como os olhos de um animal, antes de se apagarem.

— Eu guardei dinheiro durante anos — falei. — Não havia nada com que queria gastá-lo. E eu tenho todo o tempo do mundo. — De frente para a cama, no espelho grande que abrange todos os lados da pia do hotel, meu reflexo está facetado como em um diamante.

— Você mesma continuaria trabalhando como um corpo? — perguntou ele.

— Não, eu cansei disso. Pra ser sincera, está na hora de seguir em frente. Eu serei a dona do lugar. Posso oferecer aos corpos e aos clientes algo que a sra. Renard não podia. Eu sei exatamente o que é ser um corpo.

— E as flores de lótus?

— Eu guardei algumas. — Meus dedos apertaram o frasco. — Vou encontrar outro fornecedor.

— Você assumiria muita responsabilidade — comentou Lee.

Havia um tom gentil de desafio na voz dele. Era exatamente o que eu esperava. Algo que me fizesse dar um passo atrás, e me forçasse a esclarecer meu plano súbito e extravagante para torná-lo um caminho certo e claro.

— Lee, eu compreendo se não quiser se envolver com isso, mas eu ficaria feliz se pudesse contar com você.

— É por isso que me ligou?

— Eu também queria conversar com você de novo.

Eu quase pude ouvir o sorriso dele, apesar de haver tristeza no silêncio que pairou entre nós.

— Onde você vai abrir o negócio? — perguntou ele. — Você não vai ficar aqui. Não depois disso tudo.

— Não. Aqui não. Vou escolher um lugar novo. Qualquer lugar. Um novo começo.

A GRAVIDEZ É diferente dessa vez. Nada como o pânico imprevisível da primeira. Estou lúcida e resoluta; na maior parte do tempo, meu corpo fica leve com energia. Estou generosa. E não subjugada por algo além do meu controle, mas poderoso. De início, aguardei a antiga impotência tomar conta do meu cérebro. A cada manhã, acordava e me preparava para me esvaír.

Mas isso nunca aconteceu. E eu me tornei mais confiante, mais segura. Eu compreendo meus próprios limites. Sou capaz de aproveitar a sensação da gravidez. Reaprendendo a mudança de formas do meu corpo. Sentindo os movimentos cheios de vida que estão gentilmente fora de sincronia com os meus próprios, um padrão silencioso pontuado no decorrer dos meus dias e noites.

O deslumbramento de Sylvia é um ritmo suave e firme. Quando ela escorrega para trás dos meus olhos ou para a ponta dos meus dedos, sou preenchida pelo que isso significa para ela. A surpresa dela se mistura com a minha. Fico comovida com o deleite de Sylvia, maravilhando-me com ele, e então ela se desconecta e minha admiração de repente se concentra em mim mesma. Fico fascinada com a minha própria habilidade de existir, destemida, dentro dessa vida.

CHEGO NA HORA em que combinamos. Eu a deixei escolher nosso ponto de encontro: um pequeno café. Cortinas com acabamento de crochê cobrindo janelas de vidro laminado. O interior está quente, competindo com o brilho acinzentado e constante do céu de inverno, e lotado de corpos nessa manhã de final de semana.

Ao sair do carro, me mexo com a graça dosada e cuidadosa que desenvolvi durante os últimos meses. O bebê se agita, um nó em uma corda, a mão por baixo do cobertor ao acordar.

A garota é um contraste às pessoas ao seu redor, a maioria delas relaxando ou conversando, perdidas em meio a papos, encarando telas de celulares. Ela está alerta, sua postura é tensa e cautelosa. Ela examina a multidão, seu olhar se demorando em cada estranho, um por vez. Mas ela não parece me ver até eu parar bem ao lado de sua mesa, pacientemente esperando.

— Ah — diz ela. — Você é...? — A moça se ergue um pouco e então para, nervosa. — Desculpe, desculpe. Por algum motivo eu não esperava que você estivesse...

— Está tudo bem — digo, sentando-me em frente a ela. — Jessica, certo?

— Isso. Isso, sou eu. Nós conversamos por telefone? — Jessica está na casa dos vinte anos, seus cabelos ruivos e brilhantes descem pelas costas em uma trança. A roupa dela é uma tentativa atrapalhada de se aproximar de um traje profissional: blazer liso por cima de um top rendado.

— Obrigada por me encontrar hoje — agradece ela.

— Você parece nervosa — digo gentilmente. — Não há motivo para isso.

Ela ri, toca os cabelos, ao mesmo tempo encabulada e aliviada.

— Eu não sabia como me preparar para algo assim — diz Jessica. — Você não deu muita informação.

— Não se preocupe — digo. — Isso não é uma entrevista tradicional. É uma forma de sabermos mais uma sobre a outra. Apenas para ver se nossos objetivos são os mesmos.

Jessica acena com a cabeça repetidamente. Eu reparo que ela está amassando a borda de um guardanapo de papel, ela deve ter seguido meu olhar. Os dedos dela congelam.

— Para ser honesta, fiquei surpresa de ser contatada por alguém — prossigo. — Eu acabei de colocar um anúncio. Por que você me procurou, Jessica?

— Bem, eu ando à procura de um emprego há um tempo. Nada me inspira de verdade. Mas quando vi seu anúncio, fiquei curiosa. Parece diferente, eu acho.

— Você sabe o que o trabalho envolveria?

— Um pouco — responde Jessica. — Eu tenho uma ideia geral.

— E você acredita ser apta a esse tipo de trabalho?

— Talvez. — O contato visual dela comigo vacila; noto os cílios acobreados, tão pálidos que são quase um brilho fugaz. — Eu acho que sim — acrescenta.

— Eu preciso fazer uma pergunta pessoal, Jessica — digo, apoiando-me sobre a mesa. — Você é feliz com a sua vida?

Se ela fica surpresa, esconde rapidamente. Ela encara a borda da caneca manchada de café, aparentemente considerando de verdade a pergunta.

— Sim — responde. — Na maior parte do tempo.

— Algumas pessoas vão usar um trabalho como esse para se esconder — aviso. — Mas eu não quero isso. Eu quero pessoas que sejam fortes. Confiantes. Pessoas que não vejam isso como uma forma de fugir de seus corpos ou de suas vidas, mas uma forma de ajudar os outros enquanto permanecem verdadeiros a si mesmos.

Depois de um instante, Jessica sorri.

— Sabe de uma coisa? Quando eu vi o seu anúncio, eu pensei que poderia ser mesmo uma forma de fazer a diferença. Estender a mão às pessoas que sofrem com uma perda.

As outras respostas dela até o momento foram tingidas de hesitação. Ela tem lançado olhares para mim em busca de dicas, como uma criança ansiosa. Mas dessa vez, a voz dela fica mais firme e positiva, sua autoconsciência vertendo.

— Eu não quero que esse seja um trabalho temporário. — Eu me recosto e instintivamente pressiono as mãos contra a barriga, deleitando-me com seu peso e calor. — Eu quero conhecer meus trabalhadores. Um trabalho assim pode prejudicar você, caso não seja cautelosa. Eu gostaria de mudar isso.

E ficamos sentadas juntas enquanto eu lanço um olhar para o futuro, descrevendo-o a ela, descrevendo-o para todos nós, já permitindo desejar tudo o que me aguarda lá.

Tenho muito a agradecer pelo entusiasmo e sensibilidade da minha agente, Alice Whitwham, e a Zoe Pagnamenta. Agradeço repetidamente à minha maravilhosa editora, Jennifer Barth, que fez este romance ser mais corajoso e ousado. Agradeço a toda a equipe da Harper.

Gostaria de agradecer a David Jauss, meu professor mais antigo de escrita criativa. Sou muito grata ao programa MFA da Washington University em St. Louis. Agradeço a Marshall Klimasewski, Kellie Wells e a todos os meus outros professores atenciosos. Agradeço a todos os meus inspirados colegas que influenciaram minha criatividade e minha curiosidade. Um agradecimento especial para Kathryn Davis, que tão generosamente me ajudou a encontrar confiança para perseverar como escritora.

Agradeço a Franklin Sayre, que leu e respondeu a um rascunho do romance quando minha fé neste projeto estava começando a falhar. E também à Janelle Barr Basset, por sua amizade calorosa e espirituosa durante este processo.

Agradeço aos meus sogros, Tim e Karen, por apoiarem minha família nos pequenos e nos grandes detalhes. Aos meus vários irmãos, genros e cunhadas por serem divertidos, inteligentes e sempre dispostos a papear sobre livros. À minha irmã, Anna, por ser uma das primeiras leitoras. E à minha avó por seu orgulho e apoio.

Agradeço a todos que me apoiaram e encorajaram durante esta jornada.

Um agradecimento de coração aos meus pais. Ao meu pai, Russel: obrigada por cultivar meu amor por ler e escrever sendo um escritor e acadêmico apaixonado. À minha talentosa mãe, Teresa: obrigada por me criar em uma casa onde perseguir uma vida criativa era algo esperado.

A Miles: você é o garoto mais engraçado e esperto do mundo, e estou sempre orgulhosa de você.

E, finalmente, gostaria de agradecer a Ryan com todo o meu coração. Você foi decisivo para fazer deste romance o que é, com seus insights perspicazes e sua fé inabalável e inacreditável em mim.

SARA FLANNERY MURPHY cresceu no Arkansas, onde dividia o tempo entre Little Rock e Eureka Springs, uma pequena comunidade de artistas em Ozark Mountains. Sara recebeu seu MFA em escrita criativa na Washington University em St. Louis. Ela vive em Oklahoma com o marido e o filho. *Possessões* é seu primeiro romance.



PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Giuliana Alonso

TRADUÇÃO
Paula Cremasco

COPIDESQUE
Társio Abranches de Albuquerque

REVISÃO
Balão Editorial

DIAGRAMAÇÃO
Balão Editorial

DESIGN DE CAPA
Jaya Micelli

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Júlio Moreira | Equatorium

IMAGENS DE CAPA
Andreas Kuehn | Getty Images
Imagehub88 | Getty Images

FOTO DA AUTORA
Averi Blackman

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System